

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

CLAUDIO ROBERTO GONÇALVES DE AMORIM

**A IDENTIFICAÇÃO DO SAGRADO NA FEIRA LIVRE DO BAIRRO VILA
NOVA EM SÃO MATEUS: UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DE
FEIRANTES E FREGUESES.**

SÃO MATEUS

2015

CLAUDIO ROBERTO GONÇALVES DE AMORIM

**A IDENTIFICAÇÃO DO SAGRADO NA FEIRA LIVRE DO BAIRRO VILA
NOVA EM SÃO MATEUS: UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DE
FEIRANTES E FREGUESES.**

Dissertação apresentada à Faculdade
Vale do Cricaré para obtenção do título de
Mestre em Gestão Social, Educação e
Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Desenvolvimento
Regional.

Orientador: Prof. Dr. Damián Sánchez
Sánchez

SÃO MATEUS

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus - ES

A524s

AMORIM, Claudio Roberto Gonçalves de
O Sagrado da Feira Livre do bairro Vila Nova em São Mateus: um estudo sobre o perfil de feirantes e fregueses. / Claudio Roberto Gonçalves de Amorim – São Mateus - ES, 2015.

289f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Damián Sánchez Sánchez

1. Práticas Tradicionais. 2. Uso do espaço. 3. Bens Simbólicos. 4. Sagrado. I. Título.

CDD: 306.072

CLAUDIO ROBERTO GONÇALVES DE AMORIM

**O SAGRADO NA FEIRA LIVRE DO BAIRRO VILA NOVA EM SÃO
MATEUS: UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DE FEIRANTES E
FREGUESES**

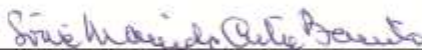
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovado em 09 de Setembro de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. DAMIÁN SÁNCHEZ SÁNCHEZ
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Prof.ª Dr.ª SÔNIA MARIA DA COSTA BARRETO
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. ORLANDO CHIARELLI NETO
Centro universitário do Espírito Santo (UNESC)

Dedico ao criador de todas as coisas, Deus, ao meus pais e familiares, ao meu mestre e orientador neste mestrado, aos amigos, pelo apoio e confiança nos momentos de leituras, pesquisas de campo em que me ausentei de sua companhia, aos feirantes e fregueses que me reportaram com suas histórias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, essa força espiritual superior, que me impulsiona e conduz todos os dias de minha vida, não sendo diferente quanto à realização deste trabalho. Muito obrigado, meu Pai, pelas inúmeras vezes que esteve ao meu lado e em tantos momentos me carregou nos braços.

Agradecer especialmente aos meus pais, Renilda Gonçalves de Amorim e Gildasio Ferreira de Amorim, pelo apoio, incentivo e pela compreensão durante dois longos anos de “ausência”, pela demonstração de sabedoria e grandeza ao suporte de nossa família. Pelas inúmeras palavras de incentivo e carinho, que me auxiliaram e deram-me força para a conclusão deste estudo. A minha irmã, Regiane Maria G. de Amorim, pelo apoio, carinho, amor incondicional.

Aos amigos espero compensar-lhes das horas de brincadeiras interrompidas, dos passeios frustrados, da ausência em momentos marcantes.

Dirijo um agradecimento especial ao meu orientador, Damián Sánchez Sánchez pelo apoio, incentivo e acompanhamento dos meus passos até a presente data neste trabalho com grande orientação, aprendizado e apoio em todos os momentos necessários, ensinando-me que: “o aprendizado só é verdadeiro quando for baseado na premissa de confiança e cumplicidade entre mestre e aprendiz”, meu muito obrigado. Aos professores Dr^a Sonia Maria Costa Barreto e Prof. Dr. Orlando Chiarelli Neto pela colaboração neste trabalho.

Aos feirantes e fregueses sem a qual as atividades e estudos perderiam o sentido, pois foi através desta relação que identifiquei meu desejo em pesquisa-los.

À Faculdade Vale do Cricaré, pela oportunidade de qualificação e titulação no Mestrado e todos os professores, e em especial os professores José Fernandes e Marcus Nunes pelo aprendizado ao longo deste curso.

A Prefeitura de São Mateus e ao 13^o Batalhão da Polícia Militar do Espírito Santo no apoio ao levantamento de dados.

E a todos aqueles, que mesmo não citados, contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

“Não há nada nesta vida que tenha maior valor do que o alimento, pois é dele que se alimenta o corpo, fazendo caminhar a alma”.

(Jonas Bonomo, freguês da feira livre do Vila Nova).

RESUMO

As atuais feiras livres no Brasil nos encaminham a um espaço para atendimento das necessidades de feirantes e fregueses a partir dos produtos comercializados. Assim entendemos que a feira livre do Vila Nova desenvolve práticas tradicionais locais, como é o caso da tapioca na folha de bananeira, além de frutas, legumes, verduras, desta forma buscamos desenvolver uma reflexão sobre esta feira livre, no tocante ao perfil de seus frequentadores (feirantes e fregueses), articulando-os com a história do passado e presente desta sociedade como um processo de construção de conhecimento, que servirão de aporte e resgate de valores existentes diante da resignificação do “sagrado”. Destacamos sua importância como espaço contemporâneo, não apenas enquanto locus de atividades mercantis, mas, sobretudo, como espaço diversificado, de bens simbólicos e com práticas culturais plurais. Para tanto, conversaremos com moradores do bairro onde ela ocorre, com feirantes, fregueses e seus pioneiros. Esta feira livre representa uma experiência singular de sociabilidade e de uso do espaço, se desenhando como uma busca por aceitação social daqueles frequentadores, que para este trabalho esta sociedade local, trata-se do “sagrado” da feira. Apresentaremos ao final desta pesquisa com o perfil de feirantes e fregueses oportunizar o desenvolvimento econômico regional, através de caminhos que de continuarão a construir para a feira livre do Vila Nova seu “sagrado”, devido à sua existência, insistência e relevância.

Palavras-Chave: Práticas Tradicionais. Uso do Espaço. Bens Simbólicos. Frequentadores. Sagrado.

ABSTRACT

Current fairs in Brazil in the forward space to meet the needs of merchants and customers from commercialized products. So we understand that the free fair of Vila Nova develops local traditional practices, such as the tapioca in banana leaves, and fruit, vegetables, this way we seek to develop a reflection on the open market, in relation to the profile of their goers (stallholders and customers), linking them with the history of past and present of this society as a process of knowledge construction, which will serve as input and rescue existing values before the redefinition of "sacred." We highlight its importance as a contemporary space, not only as locus of business activities, but above all as diversified, of symbolic goods and plural cultural practices. To do so, we talk with residents of the neighborhood where it occurs with merchants, customers and its pioneers. This free fair is a unique experience of sociability and use of space, being designed as a search for social acceptance of those regulars that for this work this local society, it is the "sacred" of the fair. Will present at the end of this research with the fairground profile customers and provide the opportunity for regional economic development through ways that will continue to build for the free fair of Vila Nova its "sacred" because of its existence, persistence and relevance.

Keywords: Traditional Practices. Use of space. Symbolic goods. Goers. Sacred.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Comércio pelo Porto	38
Fotografia 2: Chegada de produtos pelo Porto.	39
Fotografia 3: A chegada de produtos movimentava o Porto.	39
Fotografia 4: Comércio entre os casarios do Porto.....	40
Fotografia 5: Concentração de pessoas na Praça S. Benedito.....	42
Fotografia 6: Praça São Benedito em 1950.	43
Fotografia 7: Feira da Igreja Velha.....	44
Fotografia 8: Ampliação da Av. Jones dos Santos Neves.	48
Fotografia 9: Construção da 1ª etapa do Mercado Municipal	48
Fotografia 10: Construção do Mercado Municipal em 1967.....	49
Fotografia 11: Inauguração do Mercado Municipal 1ª Fase.....	50
Fotografia 12: Inauguração do Mercado Municipal 1ª Fase.....	50
Fotografia 13: Feirante no mercado de piso após a inauguração em 1970.	51
Fotografia 14: Inauguração final do mercado municipal em 1970.....	52
Fotografia 15: Operários trabalhando a fase final do Mercado Municipal.	52
Fotografia 16: Governador Paulo Hartung ladeado do ex-prefeito Lauriano na assinatura da ordem de serviços para a reforma do Mercado Municipal.....	53

Fotografia 17: O ex-prefeito Lauriano na assinatura da ordem de serviços para a reforma do Mercado Municipal.....	54
Fotografia 18: O mercado municipal visto de dentro após as reformas em 2005.	54
Fotografia 19: O mercado municipal visto de dentro após as reformas em 2005.	55
Fotografia 20: Ocupantes do Pé Sujo na década de 1960.	58
Fotografia 21: Ocupantes do Pé Sujo na década de 1960..	59
Fotografia 22: Ocupantes do Pé Sujo na década de 1960.	59
Fotografia 23: Barraca de peixes.	60
Fotografia 24: Fiscalização de barracas na Feira livre.....	61
Fotografia 25: Amocim Leite com moradores do Vila Nova inaugurando o ponto de água do Chafariz (encanada).....	65
Fotografia 26: O pioneiro Carmelito lembra do início da feira.....	67
Fotografia 27: Belmiro ladeado de sua esposa, lembra-se das histórias da feira livre.	69
Fotografia 28: Feira livre do Centro da Rua Coronel Mateus Cunha.	72
Fotografia 29: Barraca de hortifrutigranjeiros (verde) e de Carnes(vermelha).	74
Fotografia 30: Inauguração do Ceasa Norte.....	77
Fotografia 31: Produtos vendidos no Ceasa Norte.	77
Fotografia 32: Gerente de Mercados e Feiras Livres de São Mateus.....	80
Fotografia 33: Feira Livre do Guriri.	80

Fotografia 34: Feira Livre do Caic.....	81
Fotografia 35: Vista das barracas em 1995.	83
Fotografia 36: Prefeito Amadeu comprando produtos em uma barraca padronizada.	83
Fotografia 37: Rua principal da Feira livre do bairro Vila Nova, São Mateus-ES.	91
Fotografia 38: Dinamismo no trabalho da feira.	106
Fotografia 39: Encontros entre conhecidos na Feira.	108
Fotografia 40: População da Feira livre do bairro Vila Nova, São Mateus-ES.	112
Fotografia 39: Comercialização de todos os tipos.	175
Fotografia 40: Diversidade de produtos.	177
Fotografia 41: Criação de amizades por feirantes e fregueses.....	178
Fotografia 42: A Tapioca, Beiju, Biju na folha de bananeira	192

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição percentual das feiras livres capixabas por macrorregiões.	37
Gráfico 2: Distribuição por faixa etária.	119
Gráfico 3: Distribuição da população por sexo.	120
Gráfico 4: Distribuição por estado de origem (nascimento).	122
Gráfico 5: Distribuição por grau de instrução.	123
Gráfico 6: Tipo de escola que estudou.	125
Gráfico 7: Sobre a etnia da população da feira da Vila Nova.	126
Gráfico 8: Distribuição de feirantes e fregueses (as) que são moradores da cidade de São Mateus.	127
Gráfico 9: Distribuição de feirantes e fregueses (as) por opção religiosa.	128
Gráfico 10: Distribuição de feirantes e fregueses (as) que foram vítimas de algum tipo de violência na feira (física, moral, verbal, material, sexual).	129
Gráfico 11: Distribuição de renda dos feirantes e fregueses.	130
Gráfico 12: Origem dos produtos comercializados pelos feirantes.	132
Gráfico 13: Distribuição dos feirantes por tempo venda na feira.	134
Gráfico 14: Distribuição dos fregueses por tempo como consumidores da feira.	135
Gráfico 15: Distribuição dos feirantes e fregueses com seus familiares/agregados que vão junto à feira vender/comprar.	137

Gráfico 16: Nível de Satisfação com a feira para feirantes e fregueses.	138
Gráfico 17: Distribuição dos feirantes e fregueses pela escolha do domingo como o melhor dia na continuidade/existência na realização da feira.	139
Gráfico 18: Distribuição dos feirantes e fregueses pela escolha de um dia “EXTRA” no fortalecimento da feira.	140
Gráfico 19: Qual a distância da sua casa até a feira para feirantes e fregueses.	141
Gráfico 20: Os produtos que você vende (feirantes) e que compra (fregueses) tem agrotóxico.	142
Gráfico 21: Formas de recebimento dos feirantes.	143
Gráfico 22: Agregar a forma eletrônica de recebimento (feirantes) e pagamento (fregueses)	144
Gráfico 23: Fregueses que planejam suas compras antes de ir à feira.	145
Gráfico 24: Qualidade dos produtos comprados e vendidos na feira em relação aos últimos 10 anos.	146
Gráfico 25: Percepção de feirante e fregueses sobre a continuidade da feira nos próximos anos.	149
Gráfico 26: Percepção dos fregueses sobre os motivos de escolha da feira para comprar na feira.	150
Gráfico 27: Distribuição dos feirantes e fregueses que mantêm alguma comunicação na relação de venda e compra de produtos.	151

Gráfico 28: Qual o veículo de comunicação utilizado pelos feirantes para manter os fregueses informados dos produtos de sua barraca.....	152
Gráfico 29: Origem do ponto de feira do feirante.	153
Gráfico 30: Além da atividade de feirante você tem outra ocupação.	155
Gráfico 31: Que ocupação funcional tem além da de feirante.....	156
Gráfico 32: Você contribui com o INSS ou MEI.....	157
Gráfico 33: Controle de Receitas e Despesas do feirante.....	158
Gráfico 34: Tempo de permanência de feirantes e fregueses na feira.....	160
Gráfico 35: Quanto gastam os feirantes e fregueses por domingo na feira ..	161
Gráfico 36: A prefeitura ajuda na construção da feira.	163
Gráfico 37: As policias civil, militar e ambiental apoiam as atividades da feira.	163
Gráfico 38: Atuação da Associação de feirantes é percebida por Feirantes e fregueses	164
Gráfico 39: Distribuição dos produtos comercializados por feirantes e comprados por fregueses na feira.....	165
Gráfico 40: Você vai a todos os domingos na feira do Vila Nova?	205
Gráfico 41: O feirante pretende ampliar seus negócios na feira do Vila Nova e o freguês gostaria de que eles fossem ampliados.	207
Gráfico 42: Alguma vez pensou em deixar a atividade de feirantes, assim como o freguês pensou em deixar de comprar na feira.	207

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos municípios capixabas.	36
Tabela 2: distribuição das feiras livres por região no Espírito Santo.....	36
Tabela 3: Percurso e metragem da Feira Livre do Vila Nova.....	88
Tabela 4: Quantidade de Feirantes e Fregueses entrevistados por gênero.	89
Tabela 5: Percentual de Feirantes e Fregueses entrevistados.....	89
Tabela 6: Grupos e quantidades de itens pesquisados por grupos.	99
Tabela 7: Grupos pesquisados com valor total e média da Feira Livre do Vila Nova e dos Supermercados de São Mateus-ES.	100
Tabela 8: Preços dos produtos por grupo das barracas com valor total e média.	101
Tabela 9: Preços dos produtos por grupo dos supermercados com valor total e média.	102
Tabela 10: Planos econômicos por década x salário mínimo x cesta básica desde o início da feira.....	204

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Rotas comerciais do Condado de Champagne.....	27
Mapa 2: Mapa da vista do percurso da extinta feira do Centro – Rua Coronel Mateus Cunha.	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C.	Antes de Cristo
BR	Rodovia Federal
CAIC	Colégio Dora Arnizaut Silvaes
CARITAS	Entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar.
CD	Compact Disc (ou Disco Compacto)
CEASA Norte	Central de Abastecimento de Alimentos público estadual na região norte do Espírito Santo.
CEASA/ES	Central de Abastecimento de Alimentos público estadual do Espírito Santo.
Cemitério Central	Cemitério público mais antigo de São Mateus
CIA	Companhia
DVD	Digital Versatile Disc (ou Disco Digital Versátil)
Escambo	Troca de produtos por produtos sem a circulação de dinheiro
FAO	Org. das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
FLV	Feiras de Frutas, Legumes e Verduras
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEMA	Instituto Estadual de Meio Ambiente
INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia
IME	Instituto de Engenharia Mecânica
IPHAN	Instituto do patrimônio histórico e artístico Nacional
Folha Acadêmica	Jornal Mateense de circulação diária
Km	Quilômetro
Lei 948/2010	Lei de Posturas da cidade de São Mateus
MinC	Ministério da Cultura do Brasil

PAN	Partido dos Aposentados da Nação
PCES	Polícia Civil do Espírito Santo
PMES	Polícia Militar do Espírito Santo
PMSM	Prefeitura Municipal de São Mateus
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
Pç São Benedito	Praça
PI	Propriedade Intelectual
QR-Code	Quick Response-Code ou Código de Resposta Rápida
Sebrae	Serviço Brasileiro de apoio a micro e pequenas empresas
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
1.1 O SURGIMENTO DA FEIRA LIVRE	24
1.2 O SURGIMENTO DA FEIRA LIVRE NO BRASIL	29
1.2.1 <i>A feira e seus frequentadores (feirantes, fregueses e moradores do bairro).....</i>	<i>32</i>
1.3 UM CAMINHO AINDA A SER MAPEADO PELO PAÍS.....	33
1.4 AS FEIRAS LIVRES DE HOJE NO ESPÍRITO SANTO	35
2 AS FEIRAS DE SÃO MATEUS	37
2.1 CONSTRUINDO O “SAGRADO” AO LONGO DOS ANOS	37
2.2 AS FEIRAS NA PARTE ALTA DA CIDADE.....	40
2.2.1 <i>A feira da Praça São Benedito no período de 1916 até 1947</i>	<i>41</i>
2.2.2 <i>A feira da Igreja Velha no período de 1947 até 1963.....</i>	<i>43</i>
2.2.3 <i>A feira da Rua Dr. Moscoso com a Avenida Jones dos Santos Neves no período de 1963 até 1972</i>	<i>44</i>
2.3 SURGE O MERCADO MUNICIPAL DE SÃO MATEUS – 1ª ETAPA	46
2.3.1 <i>A primeira etapa de 1967 a 1968 – conhecida como Wilson Gomes.....</i>	<i>46</i>
2.3.1.1 <i>Enfim inaugura-se a primeira etapa do Mercado Municipal</i>	<i>49</i>
2.3.2 <i>A construção e inauguração da segunda etapa de 1969 a 1970 – conhecida como Gualter Loureiro.....</i>	<i>51</i>
2.3.3 <i>O abandono público do Mercado Municipal</i>	<i>52</i>
2.4 NASCE UM BAIRRO: DE “PÉ SUJO” SE TRANSFORMA EM “VILA NOVA”	55
2.4.1 <i>Período de 1965 a 1972.....</i>	<i>55</i>
2.5 A MOTIVAÇÃO DA ORIGEM DA FEIRINHA DO VILA NOVA	60
2.6 OS PRIMEIROS ANOS DA FEIRA LIVRE DO VILA NOVA	62
2.6.1 <i>A trajetória histórica da feira do Vila Nova</i>	<i>63</i>
2.6.1.1 <i>Período de 1974 até 1976.....</i>	<i>63</i>
2.6.2 <i>Período de 1976 até 1989.....</i>	<i>65</i>
2.6.3 <i>Período de 1990 até 2008.....</i>	<i>69</i>
2.6.3.1 <i>A feira que surgiu de uma briga: Rua Coronel Mateus Cunha</i>	<i>72</i>

2.6.4 O período de 2009 até 2012 - Revitalização das Barracas.....	73
2.6.5 Em 2013 – A chegada do CEASA NORTE	75
2.6.6 O período de 2013 até 2015 – A feira se transforma em interesse de muitos	78
2.6.6.1 A coordenação de Mercados Municipais e feiras livres na cidade.....	79
2.6.6.2 O surgimento de duas novas feiras livres	80
2.6.7 O acompanhamento da Polícia Militar.....	81
2.6.8 A padronização das barracas como forma de organizar a feira	82
2.6.9 A criação da Lei 948/2010 – Lei de posturas que estabeleceu a prática da feira livre e outras disposições	83
3 CAMINHOS DA FEIRA LIVRE DO VILA NOVA.....	85
3.1 DO INÍCIO ATÉ OS DIAS ATUAIS DA FEIRA LIVRE DO VILA NOVA.....	85
3.2 PERCURSO HISTÓRICO DO ESPAÇO DA FEIRA LIVRE DO VILA NOVA.....	86
3.3 PERCURSO CONTEMPORÂNEO DA FEIRA LIVRE DO VILA NOVA	87
3.4 A ABRANGÊNCIA ESPACIAL DA FEIRA LIVRE	90
3.5 O PAPEL ECONÔMICO DA FEIRA LIVRE	93
3.6 A CONTRIBUIÇÃO SOCIAL DA FEIRA LIVRE	105
3.7 O NASCIMENTO DA CULTURA NA FEIRA LIVRE	111
3.7.1 Os dois tipos de feirantes encontrados na feira do Vila Nova	115
4 CONSTRUINDO O SAGRADO:	
PERFIL DE FEIRANTES E FREGUESES.....	117
5 IDENTIFICANDO O SAGRADO	167
6 A FEIRA É LUGAR ONDE TODOS QUEREM ESTAR	197
REFERÊNCIAS.....	209
APÊNDICES	219
ANEXOS	252

1 INTRODUÇÃO

Ao pesquisar a origem da feira livre, percebemos que não se trata de uma ocorrência atual, uma vez que está se fez presente há milênios atrás, sendo possível encontrar referências de vendas ao “ar livre” em escrituras bíblicas do início da era cristã. Na Bíblia Sagrada (1979), o Evangelho de São Marcos no capítulo 11 e versículo 15 menciona a ocorrência de vendas em frente e dentro do templo de Jerusalém, onde Jesus Cristo teria expulsado os vendilhões, de modo que “havendo chegado ao templo, começou a lançar fora os que vendiam e compravam, derrubou as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos que vendiam pombas”.

A palavra feira que tem origem do latim *feria*, com significado de dia de festa, designando o local escolhido para efetivação de transações de mercado em dias fixos e horários determinados. Para entendermos melhor, trata-se de um formato tradicional de varejo, que não possui lojas físicas e, por essa razão, ocorre em instalações provisórias montadas nas vias públicas, localizadas em pontos estratégicos de cidades, em dias e horários determinados. As feiras e mercados são identificados como elementos importantes na estruturação social do meio urbano, pois são constituintes de uma dinâmica específica de ocupação do espaço. O aparecimento das cidades (entre 3500 a 3000 a.C.) está relacionado estreitamente às feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial.

Assim a feira livre do Vila Nova é um espaço estruturador da cidade de São Mateus, de sua formação urbana e também aporte cultural, destacando-se pela importância, que assumiu na contemporaneidade, não apenas enquanto locus de atividades mercantis, mas, sobretudo, como territórios diversificados, de bens simbólicos, com práticas culturais plurais, identitárias e memoriais remetendo seus atores ao “sagrado”. A feira livre é, ao mesmo tempo, uma instituição fragmentada e articulada, “fruto” dos processos produtivos desenvolvidos pelos agentes sociais que, ao se apropriarem materialmente e

simbolicamente dos espaços, evocam uma multiplicidade de sociabilidades e territorialidades, de trocas materiais e imateriais (sagrado).

Esta feira livre pode ser, portanto, um indicador da dinâmica econômica do município de São Mateus. Por esse motivo, a feira livre do Vila Nova não é apenas uma feira de um bairro, mas de toda a cidade e foi escolhida como objeto deste estudo, onde se pretende traçar o perfil dos feirantes e fregueses da feira elencando estes ao “sagrado” para seus atores (frequentadores). Planeja-se também estudar a diversidade de produtos ofertados, bem como estabelecer uma comparação entre os preços praticados na feira com aqueles dos mercados varejistas existentes na mesma região. Também é um dos objetivos deste estudo promover o resgate da história das feiras livres da cidade de São Mateus, especialmente da feira do Vila Nova, utilizando para este fim tanto referências presentes na literatura, como também a coleta de informações em campo através da realização de entrevistas, conversas e questionários para a obtenção de depoimentos, narrativas, dados, documentos e imagens dos pioneiros na fundação desta feira, assim como de fregueses que acompanharam a sua fundação e seu desenvolvimento.

Além disso, diante da vida moderna e das grandes redes de varejo, pretende-se entender como a feira livre do bairro Vila Nova conseguiu manter-se até hoje “viva”, mesmo com todas essas mudanças ao longo do tempo e deste modo, identificar o “sagrado” da feira, ou seja, aquilo que a fez sobreviver. Em consulta à literatura verificou-se a inexistência de estudos e pesquisas nesse sentido, sendo necessários estudos sobre esta temática, justificando o desenvolvimento desta pesquisa.

Por todas essas razões, entende-se que este estudo contribuirá para a construção de conhecimento, resgatando a história, os valores e o desenvolvimento desta feira livre objeto deste estudo, podendo futuramente contribuir na proposição de políticas públicas e melhorias à comunidade. A referência teórica para os estudos tem sido de autores que recorreram a pesquisas e estudos sobre as feiras livres, e diferentes manifestações da ocupação do espaço urbano, sendo possível construir uma interpretação mais

próxima daquilo que permeia o espaço ocupado pela feira livre do Vila Nova, em São Mateus-ES. Nesse sentido, buscou-se também obter informações oficiais junto à Prefeitura Municipal de São Mateus-ES, assim como à Polícia Militar do Espírito Santo, ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e também ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; além dos Jornais, Tribuna do Cricaré, Jornal Folha Acadêmica, A Gazeta, conforme solicitações enviadas e presentes entre os Apêndices E – K deste trabalho. Além desses, outras fontes foram consultadas e serão exploradas no decorrer desta pesquisa.

A metodologia desta pesquisa será a exploratória, como também a busca por documentos oficiais¹ e em outras fontes, cujas informações que trazem se fizeram necessárias para a compreensão, em detalhes, da dinâmica atual da feira. Foram aplicados duzentos questionários para fregueses e cem questionários para feirantes, além de vinte questionários para moradores do bairro Vila Nova e quatro questionários para os pioneiros (feirantes que começaram a feira, mas já não atuam nela), apresentados assim: feirantes que comercializam na avenida Brasil e rua Estados Unidos principal eixo da feira do Vila Nova; fregueses em geral nos mesmos locais; assim como os moradores foram visitados em dias de realização das feiras para que as respostas pudessem compor o sentimento destes sobre a mesma; já com os pioneiros (fundadores da feira), tivemos que localizar estes através de depoimento dos moradores e feirantes atuais, localizando um na cidade de Teixeira de Freitas na Bahia (João Costa Palmeira), o segundo no próprio bairro Vila Nova (Carmelito Souza Neto), o terceiro na cidade de Governador Valadares (Jessé Gomes dos Santos) e por fim no bairro liberdade em São Mateus (Belmiro Pereira Sena). As entrevistas gravadas foram nosso método e depois transcritas em trechos, respaldando nosso trabalho dissertativo. O desenho de nosso trabalho foi se delineado numa perspectiva de discutir as ressignificações do “sagrado” para esta feira livre, assim como seus processos de constituição de diferenças e identidades, e de ocupação de espaços, que culminam na riqueza de sentidos encontrados nela.

1 Consideram-se como fontes documentais: tabelas estatísticas, jornais, e-mails, documentos oficiais, fotografias, dentre outros. (GODOY, 2005).

Para a construção desta pesquisa exploratória utilizaremos documentos oficiais¹ e outras fontes, cujas informações que trazem se fizeram necessárias para a compreensão, em detalhes, da dinâmica atual desta feira. Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008). Ainda para Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade etc.

No primeiro capítulo desta dissertação abordaremos “O UNIVERSO HISTÓRICO DA FEIRA LIVRE”, onde serão apresentados os fundamentos teóricos, que instituem o quadro conceitual da feira livre, assim como apontaremos alguns estudiosos com os quais nos identificamos e que servirão de aporte para o desenvolvimento desse estudo. Em seguida, abordaremos o surgimento da feira livre no Brasil, a conceituação de feira, feirantes e fregueses, chegando ao levantamento realizado junto às prefeituras capixabas das feiras livres presentes hoje no estado do Espírito Santo, distribuídas por macrorregiões e os municípios onde elas estão, chegando enfim a feira livre do Vila Nova e aos dois tipos de feirantes existentes nela. Abordaremos também uma solicitação feita ao Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio acerca das feiras presentes no país.

No segundo capítulo abordaremos os “AS FEIRAS DE SÃO MATEUS E A DO VILA NOVA”, assim como seu surgimento, além do percurso histórico.

No terceiro capítulo apresentaremos os “CAMINHOS DA FEIRA LIVRE DO VILA NOVA”, com seu percurso histórico e contemporâneo, além da abrangência espacial e econômica.

No quarto capítulo apresentaremos a “CONSTRUÇÃO DO SAGRADO E O PERFIL DE FEIRANTES E FREGUESES”.

No quinto capítulo apresentaremos “A IDENTIFICAÇÃO DO SAGRADO” onde discutiremos o perfil de feirantes e fregueses.

No sexto capítulo e último, apresentamos as considerações finais acerca do significado de “SAGRADO” para esta feira livre e também discutiremos os resultados dos perfis de feirantes e fregueses.

Assim a dissertação é concluída com as considerações finais a partir dos resultados alcançados no percurso da pesquisa e na elaboração da dissertação, firmando o argumento acerca das trocas simbólicas no território da feira livre do Vila Nova, como ferramenta que construiu o “sagrado” para seus frequentadores (feirantes, fregueses e moradores do bairro).

1.1 O surgimento da feira livre

O homem vem historicamente procurando compreender os fenômenos da natureza para reverter ao seu favor os resultados do trabalho. Assim, apropriando-se dos resultados do trabalho e transmitindo as experiências passadas, foi que permitiu aos grupos e às sociedades futuras desenvolverem ações, que se dirigiam para esse objetivo comum, ou seja, a continuação da espécie. Nesse sentido, as feiras livres aparecem como resultante das atividades humanas, que se dá pela construção das práticas cotidianas num determinado grupo, espaço e tempo. Por volta de 500 a.C., essa atividade já era realizada no Oriente Médio, e deste o poder público interveio afim de disciplinar, fiscalizar e claro, cobrar impostos.

As feiras livres nos remetem ao período em que o homem deixou de ser nômade e fixou-se sobre a terra. É a partir desses fatos históricos que esse passa a sentir a necessidade de trocar o excedente da sua produção. Destarte o fato de existirem registros de comércios dessa natureza 2000 a.c. Nesse momento histórico, conforme Mumford (1982),

surgem duas formas clássicas de mercado: [...] a praça aberta e o bazar coberto, a rua de barracas ou de lojas possivelmente já havia encontrado sua configuração no meio urbano por volta de 200 a.C. no mais tardar. Mas, pode ser que fossem procedidas pela forma mais antiga de supermercado, dentro do recinto do templo. (MUMFORD, 1982).

Atribui-se à idade média, a oficialização das feiras, tendo em vista que na época dos faraós, quer dizer, no período escravagista, bem como na fase do feudalismo, não existiam tão acirradamente as feiras, por causa da produção para auto-consumo. O sistema de trabalho da comunidade dos faraós era estritamente voltado para produzir; e, em seguida consumir, porque os faraós não tinham interesse em produzir para revenda; mas, a manutenção dos escravos que deveriam produzir os bens de luxo para aqueles que detém o poder. Este período de auto-consumo, também aconteceu na fase feudalista, pelo tipo de manutenção que era comum para as pessoas que viviam nos feudos, que exerciam uma espécie de escravismo.

Para confirmar que as feiras tiveram realmente sua consolidação na idade média, escreveu Souto Maior (1978) que:

“...as influências das atividades comerciais de Bizâncio foram vis não somente para a Idade Média, mas até para a Idade Moderna, pois o renovado contato comercial com o Oriente foi uma das causas principais do aparecimento de muitas cidades do Ocidente europeu e a concorrência comercial estimulou os descobrimentos e a expansão da civilização européia no século XVI”.

Por volta 1.117, a palavra “feira” foi utilizada para caracterizar uma reunião de compradores e vendedores, em determinado local e hora, com a finalidade de comercializar diferentes produtos (HOUAISS, 1992). As primeiras referências às feiras aparecem em meio ao comércio, às festividades religiosas e aos dias santos. A palavra latina feria que deu origem à portuguesa feira, significa dia não santo, feriado. Nessa época, o comércio de alimentos era comum, bem como todos os artigos de troca, animais, vestuário, utensílios e os festivais de manifestações artísticas: música, poesia, artes dramáticas, malabarismos etc.

Godoy (2005) afirma que as feiras sempre revelaram um aspecto comercial, onde mercadores de terras distantes juntavam-se, trazendo os seus produtos para trocar por outros. O fluxo de pessoas aumentou tanto que os locais onde se realizavam algumas feiras acabaram se transformando em cidades. Sato (2012) diz que a intensificação do comércio provocou o aparecimento das feiras, que eram realizadas estrategicamente em áreas onde rotas comerciais se cruzavam, dando início ao surgimento das feiras medievais. Esses espaços de comércio tornaram-se tão importantes que, durante os dias de sua realização, interrompiam-se guerras, garantindo a paz necessária para que os vendedores pudessem trabalhar, além de se converterem em espaços de celebrações e festas.

O surgimento das feiras foi acompanhado de uma demanda das pessoas, por oferecer um ambiente onde se pudesse agregar a maioria dos produtos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, vendendo ou trocando excessos por outros produtos dos quais se tinha falta. É importante destacar que as autoridades tinham grande interesse na colocação de feiras em suas regiões, porque elas contribuíam para o aumento do fluxo de recursos e de pessoas nas mesmas, bem como seriam negociados os produtos da própria comunidade.

A constituição do excedente de produção na história, como afirmara Marx (2004)², está diretamente ligada à divisão social do trabalho, que levou ao surgimento de diversas funções especializadas à sociedade, tais como o sacerdócio, a administração, a própria função militar e assim ao surgimento de atividades que possibilitariam um escoamento do excedente, como as feiras-livres.

Para Sousa (2004), a formação de excedentes de produção é “a principal causa da origem das feiras”. Segundo o autor, o intercâmbio das mercadorias se deu pelas necessidades de uns e o que sobrava de outros, ocorrendo, inicialmente, entre grupos e posteriormente em lugares, onde se poderiam

² De acordo com Marx, o processo do trabalho possui três componentes: o trabalho, atividade orientada para superar uma carência, o material ou objeto do trabalho, a matéria a ser trabalhada, e os instrumentos de trabalho, ou seja, os meios de produção. Há processo porque os três componentes são momentos de um todo, o trabalho.

encontrar as mercadorias que se necessitava, ou mesmo que não se pudesse produzir, primeiramente em espécie (mercadorias por mercadorias) e depois com a utilização de dinheiro (mercadoria por dinheiro).

Essas trocas comerciais possibilitaram a padronização dos meios de troca e foram decisivos na superação do modelo feudal. Seu início aconteceu em áreas que eram rotas comerciais e estas se cruzavam, daí as feiras livres ainda estimulavam nas cidades a criação de uma estrutura bancária que regulasse o câmbio e a emissão de papel-moeda. Um forte exemplo é o condado de Champagne, pois sua localização estratégica (conforme mapa 01) era foi fator que garantiu destaque e progresso às feiras da idade média, como as de Troyes, Lagny-sur-marne, Bar-sur-aube e Provins, localizadas naquele condado, no nordeste francês, situadas entre as importantes rotas comerciais do Norte e Mediterrâneo.



Mapa 1: Rotas comerciais do Condado de Champagne.
Fonte: Wikispaces (2015).

O apoio do Conde de Champagne, através da concessão de proteção e salvo conduto aos mercadores, apoio à armazenagem das mercadorias, isenção de impostos e perseguição aos comerciantes desonestos, foi fundamental para a expansão das feiras livres na idade média. Este apoio, no entanto, tinha como objetivo precípuo o aumento dos ganhos da classe dominante, representada pela burguesia e pelo clero. Mesmo esta atividade comercial tendo sua importância para a realeza, aos nobres e para o povo em geral, era vista pela igreja como um exercício de transgressão à lei divina, sendo todo mercador considerado um pecador, um escravo do vício e amante do dinheiro. Dizia-se na

época ser difícil não ser pecador quando se tinha por profissão comprar e vender (PEDRO; COULON, 2003).

As feiras livres atuais reciclam espaços geográficos, criando possibilidades para a sobrevivência de feirantes, pequenos produtores rurais e prestadores de serviços, que possibilitam também a concentração e circulação de fregueses nesse ambiente e nos comércios circunvizinhos ao local de trocas. Assim, fregueses por buscam alimentos frescos, presumivelmente cultivados sem ou com menor uso de defensivos agrícolas e também com preços mais acessíveis, onde muitos fregueses como é o caso de parte da população de São Mateus são levados a preferir a realização de compras na feira livre aos mercados varejistas tradicionais.

Inegavelmente, as feiras livres contribuíram para o desenvolvimento regional de muitos lugares e até mesmo da formação dos mercados, quer seja oligopolístico ou mesmo monopolístico; e, neste sentido, é que se percebe o desaparecimento das tradicionais feiras livres que determinam preços ingenuamente, entre fregueses e feirantes. Portanto, o movimento voluntário entre feirantes e fregueses é a melhor forma de mercado para atender a todos, sem prejuízo á alguém; mas, com ganhos para todos os agentes participativos da economia naquela época até os dias atuais.

Segundo VIEIRA (2004), as feiras livres constituem-se em uma prática comercial muito antiga, que garantia o suprimento de gêneros alimentícios das cidades. Embora percebida como modelo comercial, que utiliza práticas de negociações não muito utilizadas na contemporaneidade, pois preservam características medievais, as feiras ainda hoje promovem o desenvolvimento regional e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

Como é o caso do município de São Mateus com a feira do Vila Nova, quanto menor é o município, mais importante a feira para o desenvolvimento regional será, pois dará garantias a comercialização da produção familiar, da pequena agroindústria e de produtos artesanais, bem como movimentará a vida econômica da cidade e influenciará no aumento populacional do município.

A feira também favorece outros setores da economia, por meio da circulação de capital pelos feirantes, que, após a comercialização de seus produtos, costumam comprar, à vista, em vários estabelecimentos do município, tais como supermercados, lojas de roupas, sapatos, produtos agrícolas, farmácias, material de construção, etc.

Contemporaneamente as feiras veem diversificando a oferta de produtos. As que conhecemos hoje dispõem de hortifrutigranjeiros, artesanato, quitandas, produtos importados, ou seja, desde produtos sofisticados até mínimas coisas para as camadas mais populares. Elas representam um ponto de encontro entre feirantes e fregueses, além de frequentadores eventuais e turistas para realizar todo o tipo de troca de produtos. As feiras livres constituem o princípio fundamental dos mercados modernos.

1.2 O surgimento da feira livre no Brasil

A primeira referência sobre uma estrutura similar de comercialização no Brasil, remonta ao ano de 1687, quando a então Prefeitura de São Paulo oficializou a venda de “gêneros da terra, hortaliças e peixe, no terreiro da Misericórdia”.

Estas evidências de feiras livres desde os tempos da colonização. No Brasil Colônia, desenvolveram-se da mesma forma que tantas outras na Europa. Elas localizavam-se em grandes pátios em frente a um marco, como uma igreja ou um largo, um terreiro (terreno), e eram rodeadas por inúmeras casas comerciais. Nelas, eram vendidos os produtos da região e apesar da modernidade, resistiram em muitas cidades do interior do país, é o único local de comércio da população, funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento. Estas são uma das mais antigas formas de varejo com presença generalizada e desempenham um papel importante na venda, principalmente de produtos hortícolas (verduras, legumes e frutas) na maioria dos centros urbanos (MALUF, 2002).

Um marco aqui no Brasil é a feira de Caruaru, onde surgiu no século 18, com a transformação da fazenda Caruaru em ponto de pernoite de boiadeiros, tropeiros e mascates, que percorriam o estado de Pernambuco, com isso surgiu o comércio de itens e serviços ligados ao gado, dando origem à feira. A cidade surgiu no entorno da feira, o lugar ganhou ainda mais importância com a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, em 1781, o que fez da região um atrativo para os habitantes dos arredores. As festas religiosas também foram fatores importantes para impulsionar o crescimento da feira e do município. Ao longo dos séculos 19 e 20, com a chegada da estrada de ferro da rede ferroviária do Nordeste e mais tarde as rodovias, Caruaru se tornou o polo comercial mais importante da região e é conhecida até hoje como capital do Nordeste.

A primeira estrutura mais assemelhada às atuais feiras livres, remete-nos ao final do século XVIII e início do século XIX, com o desenvolvimento de praças de comércio para abastecimento, especialmente dos tropeiros, nos arredores dos locais onde ocorria o pouso das tropas de gado (ABRAMOVAY, 2000). Então, esta estrutura de comercialização a varejo cresceu por todo o território brasileiro, desempenhando um papel muito importante no abastecimento urbano dos mais diversos tipos de produtos agropecuários.

Luiz Mott³ (1976) caracterizou as feiras coloniais brasileiras em dois tipos: a feira-mercado e a feira-franca. A primeira realizava-se semanalmente aos sábados, numa área restrita, que se destinava ao abastecimento alimentar da população circunvizinha. Já a segunda, era bi-anual, e atraía vendedores e compradores oriundos de regiões longínquas para comercializar bens como gado dentre outros. Esta modalidade deixou de existir na segunda metade do século XX.

Ainda no Brasil, em 1910, através de uma intervenção do poder público, como tentativa de aproximar fregueses e feirantes, minimizando as

3 MOTT, deu subsídios para a história do pequeno comércio no Brasil e as feiras regionais.

irregularidades no fornecimento de gêneros alimentícios, que eram adquiridos cotidianamente, o que contribuiu, também, para o desenvolvimento das feiras e, conseqüentemente das cidades, trazendo um melhor entendimento de todos os agentes envolvidos nesse movimento. Para PINTAUDI (1981), os espaços das feiras foram se reproduzindo afim de atender às demandas de circulação, distribuição e troca de produtos. Assim como BRAUDEL (1998) não se pode conceber uma história simples e linear do desenvolvimento dos mercados e feiras livres. Nesse ponto, o tradicional, o arcaico, o moderno, o moderníssimo está lado a lado. Comparado ao comércio nos espaços fechados, o comércio da feira tem uma descontinuidade que é expressa na produção cotidiana desse espaço de vendas, variando de acordo com o uso e apropriação do espaço por feirantes e fregueses.

PEIXOTO (1945) destacou a importância das feiras de tal modo que influíram nos nomes dos dias de semana:

Arcaica e constante, a instituição das feiras foi fenômeno sociológico e econômico tão importante para troca e aquisição de mercadorias, e ocasião de se encontrarem homens e mulheres, que determinou em nossa língua a mudança dos nomes tradicionais dos dias da semana, que a baixa- latinidade se propaga aos povos românico.

Apesar das obras citadas, a bibliografia brasileira sobre tão cotidiano tema é bastante incipiente, persistindo a situação observada por Luiz Mott, na década de 70 do século XX:

"pouquíssima coisa havia sido escrita sobre as feiras no Brasil: algumas monografias sobre poucas feiras famosas, alguns artigos introdutórios assinados por geógrafos e antropólogos sobre as feiras do Nordeste".

Ferretti (2000) afirma que,

[...] após 1970 o interesse dos antropólogos sobre feiras e mercados no Brasil aumentou [...] apesar do crescente interesse da Antropologia Econômica pelas feiras e mercados, e das inúmeras pesquisas que têm sido realizadas sobre mercados da África, Ásia e América Latina, pouco se tem escrito a respeito desse assunto sobre o Brasil.

Neste sentido, Carmo (1996) destaca para o fato de que na década de 1960 no Brasil, 87% das vendas a varejo eram realizadas pelo segmento especializado dos empórios, mercearias, armazéns e feiras livres e somente 13% pelo segmento diversificado (supermercados). Já ao final dos anos 1990, a situação se inverte drasticamente, oportunidade em que o segmento diversificado passa a responder por 84,5% das vendas e o setor especializado por apenas 15,5%. Celeste et. al. (2001)⁴, retratam, igualmente, a perda de espaço das feiras livres, quitandas, sacolões e outros tradicionais canais de comercialização a varejo, para as redes de supermercados, devido a estes oferecerem, segundo este autor, melhor preço e qualidade.

1.2.1 A feira e seus frequentadores (feirantes, fregueses e moradores do bairro)

Os significados de feira e de seus frequentadores (feirantes, fregueses e moradores do bairro onde ela acontece) nasceram da mesma etimologia⁵. Assim feira era uma reunião de vendedores (feirantes) e compradores (fregueses) em determinado local e hora, com a finalidade de comércio. Desta forma feirante é aquele que vai a feira para vender e o freguês é aquele que vai a feira para comprar, não se esquecendo que os moradores onde a feira acontece podem ser fregueses ou não, em grande parte sim, porém esta classificação não é encontrada nas pesquisas ao qual pesquisamos. Nas pesquisas estudadas para a laboração deste trabalho, a discussão fica em grande parte estacionada no aspecto comercial, e detalhes como estes não são percebidos.

4 et al. é uma abreviação de et alii (outros, masculino plural), usada em citações bibliográficas quando a obra possui muitos autores.

5 Etimologia é o estudo da origem e da evolução das palavras. Disciplina que trata da descrição de uma palavra em diferentes estados de línguas anteriores, até remontar ao étimo.

Aqui no Brasil o MDS⁶ (2007), informou em relatório que as feiras livres constituem um exemplo de espaço de comercialização que foge ao esquema usual de distribuição dos outros programas comerciais, como supermercados, sacolões e mercados. Seu caráter é temporário e sua estrutura possibilita grande capacidade de adaptação a diversas situações.

Segundo Sato (2012), o termo feira ganhou mais importância na idade média, pois neste período os nomes dos dias da semana vinham de deuses pagãos como Lua e Marte, porém o Papa Silvestre II decidiu usar os numerais (primeiro, segundo, terceiro, etc), seguidos de “feira”. No latim, feira era feria e significava data festiva. Era nessas ocasiões que as pessoas aproveitavam para fazer negócios (iam à feira). Daí vem segunda-feira, terça-feira. Feria também significava “que não era dia santo”. Sagrados eram o sábado e o domingo. Sábado, para os cristãos, é o dia que Deus descansou e vem da palavra shabat (descanso, em hebraico). Nesse dia, as pessoas descansavam para, no domingo (o Dia do Senhor), homenagear a Deus.

O significado de feirante pelo dicionário Aurélio (2002) é dado como aquele que comercializa na feira, o negociante; mas pode-se dizer que o feirante é muito mais que um feirante, e o seu papel vai além do fornecimento de frutas e legumes. Muitos deles representam um elo cultural importante, ligando o mundo rural ao mundo urbano. Neste também o termo freguês é aquele que vende ou compra habitualmente. Por outro lado, a população em geral, reconhece como fregueses apenas aqueles que compram e como feirante aqueles que vendem seus produtos.

1.3 Um caminho ainda a ser mapeado pelo país

6 Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) foi criado em janeiro de 2004, com a missão de promover a inclusão social, a segurança alimentar.

Durante a investigação do tema feira livre para este trabalho, verificou-se em consulta ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (conforme ofício 7/2014, página), que havia um trabalho em andamento sobre o tema. Desta forma, fizemos a solicitação destes dados para a obtenção de maiores explicações sobre o tema de feiras livres por este órgão oficial do país. Assim, remetemos um ofício ao órgão que após 05 meses da consulta, nos remeteu uma resposta em forma de correspondência, com registro no Ofício Circular 7/2014/SCS/MDIC, de 25 de novembro de 2014, informando que havia um calendário Brasileiro de Exposição e Feiras, publicado anualmente, afim de fomentar esse setor produtivo e também para a divulgação dos produtos e serviços brasileiros, incrementando a competitividade da economia brasileira. Porém a definição de feiras e exposição para este órgão público federal não conversava com as práticas regionais locais por todo o país assim como a da feira livre do Vila Nova.

A Secretaria de Comércio e Serviços vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, nos confirmou neste ofício do trabalho que eles desenvolveram contemplava apenas feiras e exposições temáticas e com durante especifica, e com interesse de fomentar produtos e serviços brasileiros de grande dimensão. Esse ministério confirmou ainda que desde 2008, emite esse calendário e que na edição anual de 2015 mais de 300 eventos haviam sido catalogados. Também nos foi enviado esse calendário de forma gratuita.

Assim não há nenhum órgão público brasileiro que tenha mapeado as feiras livres e a partir disso feito um trabalho de consistência na formação, educação e resgastes culturais regionais. Há um trabalho em curso do IPHAN⁷ ainda pouco consistente na nomeação de patrimônios culturais materiais e imateriais pelo país, que reconheceu algumas feiras livres, como a de Caruaru⁸, mas ainda é cedo para dizer se este trará resultados de fato.

7 IPHAN é um órgão do Ministério da Cultura que tem a missão de preservar o patrimônio cultural brasileiro.
8 Feira de Caruaru está instalada no Parque 18 de Maio em Caruaru município de Pernambuco e deu origem a cidade com seu nome, possui 40 mil m² e divide-se em três principais seguimentos: a Feira do Artesanato, a Feira da Sulanca e a Feira Livre. Numa das maiores feiras ao ar livre do mundo, o turista fica fascinado com tanta diversidade, com a manifestação popular e com a gastronomia exótica.

Posteriormente, foi encaminhado um e-mail ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, alertando sobre essa diferença entre feiras e exposições. Nesse sentido, o Ministério informou que a etapa de incluir feiras livres nesse calendário não tem prazo e tampouco sabe-se se ocorrerá. Fato este que cria uma lacuna para que eventos como a Feira Livre do Vila Nova se organizem e se coloquem em reconhecimento como a de Caruaru em Pernambuco.

Tal busca de informações, foram iniciadas a partir das investigações feitas na própria feira, onde se percebeu que haviam fregueses e feirantes de todos os lugares do Brasil nesta feira, assim a feira livre do Vila Nova é um evento grandioso que ocorre em São Mateus, com grande visibilidade de identidade capixaba, levando sua história a muitos lugares.

O turista, Leonardo Castro, engenheiro civil, declarou que:

“Lá no Rio de Janeiro temos as feirinhas de bairro, mas não como essa aqui do Vila Nova. Essa aqui é grande demais, acho que tem 1(um) quilometro de extensão. Vim a São Mateus para uma reunião de negócios na segunda feira e cheguei hoje cedo. Daí perguntei no hotel se tinha algum lugar para ir e o atendente me disse desta feira e aqui estou eu”.

O empresário do setor de açúcar, Flávio Cavalcante, Administrador de empresas, declarou que:

“Temos muitas feiras em Manaus, elas só não são tão organizadas e grandes como essa”.

1.4 As feiras livres de hoje no Espírito Santo

De acordo com os registros oficiais das setenta e oito (78), prefeituras espírito-santenses pesquisadas (conforme tabela 1 e 2), existem

aproximadamente 143 feiras livres no estado⁹. Tais informações foram solicitadas por e-mails e assim recebemos as respostas de cada prefeitura supra reportada por funcionários públicos de carreira. Estes nos responderam com exatidão, falando quantas eram as feiras locais e onde se realizavam em suas cidades. Aqui abre um campo enorme de descobertas que poderão ser explorados em pesquisa futura. Assim, buscamos visualizar todo o estado de forma organizada e para melhor compreensão foi utilizada a lei estadual 9.768/11, que estabelece a distribuição de macro e microrregiões do estado¹⁰, distribuindo assim os 78 municípios capixabas chegou-se as feiras livres hoje estabelecidas no estado do Espírito Santo.

Tabela 1: Distribuição dos municípios capixabas.

Macrorregiões	Microrregiões	Quantidade de Municípios
Metropolitana	Metropolitana, Sudoeste Serrana e Central Serrana	19
Norte	Nordeste e Noroeste	16
Central	Centro-Oeste e Rio Doce	16
Sul	Central Sul, Caparaó e Litoral Sul	27
Total de municípios		78

Fonte: AMORIM (2015).

O período de coleta de dados ocorreu nas 78 prefeituras capixabas ao longo de 7 meses, iniciados em agosto de 2014. A distribuição dos municípios por macro e microrregião podem ser visualizados nas tabelas 1 e 2, que demonstram as quantidades de feiras estabelecidas no estado do Espírito Santo até janeiro de 2015.

Tabela 2: distribuição das feiras livres por região no Espírito Santo.

Macrorregiões	Quantidade de municípios Por macrorregião	Quantidade de Feiras livres
Metropolitana	19	62
Norte	16	49

9 Foi enviado e-mail a todas as prefeituras do Espírito Santo no período de julho/2014 a maio/2015 onde todas responderam informando da existência das feiras existentes nos 78 municípios capixabas.

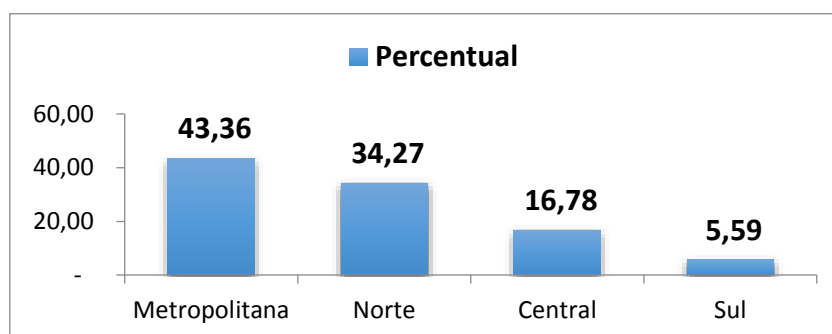
10 Dispõe sobre a criação de Macrorregiões de Planejamento e Microrregiões de Gestão Administrativa. Alterada pelas Leis n.º 5469/97, 5849/99, 7721/04. Revogada pela Lei nº 9768/2011.

Central	16	24
Sul	27	8
Total	78	143

Fonte: AMORIM (2015).

O maior número de feiras livres atualmente ocorre na região metropolitana do estado do Espírito Santo que é onde concentra-se também o maior número de moradores, mas logo a seguir está a região norte que é onde localiza-se a cidade de São Mateus (conforme gráfico 1). Não é possível comparar estas feiras com outros períodos devido a não existência de publicações, justificando inclusive a metodologia deste trabalho que é exploratória e que buscará ao final deixar uma contribuição às futuras pesquisas neste campo. No norte do Espírito Santo, em São Mateus esta tradição foi trazida por portugueses e teve momentos diferentes.

Gráfico 1: Distribuição percentual das feiras livres capixabas por macrorregiões.



Fonte: AMORIM (2015).

2 AS FEIRAS DE SÃO MATEUS

2.1 Construindo o “Sagrado” ao longo dos anos

Entre os séculos XVI e XVII, a principal atração da cidade de São Mateus era a comercialização de escravos e pequenas especiarias, conforme relatado no livro da história de São Mateus de Eliezer Nardoto e Herinéia Lima (1999). Estes autores afirmam que seguindo para o século XVIII e XIX a atração do comércio da cidade ainda continuava sendo a negociação dos escravos, todavia, a comercialização de pedras preciosas, madeira de lei e artigos da agricultura, como o café e a rapadura da cana-de-açúcar, eram os principais produtos disponíveis (NARDOTO E LIMA, 1999).



Fotografia 1: Comércio pelo Porto
Fonte: NARDOTO¹¹ (1997)

Eles afirmam ainda que com a abolição da escravatura e já no início do século XX, o comércio sofreu modificações e passou a oferecer mais produtos ligados à agricultura, vestuário e pecuária. Fato é que entre os séculos XVI até a metade do XX, a comercialização de rua, ou seja, as feiras livres em São Mateus, ocorriam no atual Sítio Histórico do Porto de São Mateus, onde grande parte dos produtos chegavam pelo Rio Cricaré (conforme as fotografias 1, 2, 3 e 4), do ano de 1916 do acervo pessoal do escritor Eliezer Nardoto.

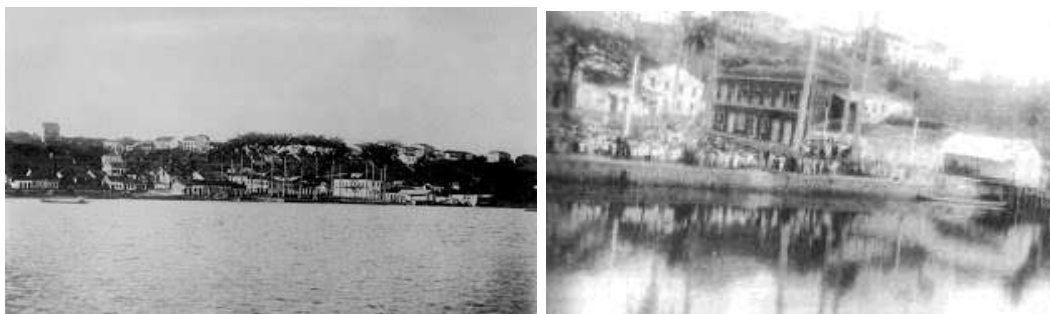
11 Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas pelo autor como parte de seu acervo pessoal.



Fotografia 2: Chegada de produtos pelo Porto.
Fonte: NARDOTO12 (1997)

Durante nossa pesquisa nos deparamos com muitas histórias como a narrada pela moradora Benedicta Menegussi Duarte¹³, 88 anos de idade, que com muito saudosismo narrou algumas histórias vividas por ela e seus familiares na metade do século XX. Ela disse que quando tinha 14 anos, em 1941 já ajudava seu pai na venda de produtos no Porto. Assim resumiu,

“esperávamos carne de porco, de boi, frutas, legumes, verduras, tudo que se podia comer pelo rio Cricaré. Tudo descia de barco das regiões rurais da cidade. Recebíamos isso e então vendíamos. Carne naquela época era artigo de luxo. Eu mesma ajudei meu pai a vender carne lá no Porto, ”.



Fotografia 3: A chegada de produtos movimentava o Porto.
Fonte: NARDOTO (1997)

12 Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas pelo autor como parte de seu acervo pessoal.

13 Benedicta Menegussi Duarte é professora aposentada. Afirma ter vivido a época de vendas de carnes e outros comércios no Porto na década de 1940.

Outro morador natural de São Mateus e freguês, Antônio das Neves Caldas¹⁴, de 86 anos e que até hoje compra em feiras inclusive na do Vila Nova, os produtos chegavam pelo rio Cricaré, vindos principalmente da região dos quilômetros, onde as famílias de origem italiana se estabeleceram e ali produziam para seu consumo e para a comercialização do excesso. Este lembra que seu pai ia ao Porto comprar carnes, verduras e legumes.



Fotografia 4: Comércio entre os casarios do Porto.
Fonte: NARDOTO (1997)

Assim, o comércio de rua de São Mateus foi construído na condução histórica da cidade, sendo trazido até a presente data.

2.2 As feiras na parte alta da cidade

Através de levantamentos bibliográficos encontramos uma citação sobre os comércios de rua, mercados ou feiras livres, que aconteciam em São Mateus. Neste levantamento encontramos o artigo da professora Maria do Carmo de Oliveira Russo, com o tema: “A escravidão na manutenção das estruturas agrárias e no contexto socioeconômico de São Mateus/ES (1850 - 1888)” supra apresentado na IV Conferência Internacional de História Econômica em 2012,

¹⁴ Antônio das Neves Caldas é morador da cidade de São Mateus e diz ter ido com seu avó no Porto comprar Carnes e Verduras no início 1940.

na cidade de São Paulo, a autora fez um levantamento histórico, bem como de valores envolvidos, o que nos remete a uma tradição para comércio de rua na cidade de São Mateus. Outro autor que apresenta algo sobre os comércios de rua em São Mateus é Nardotto¹⁵, no livro: “História de São Mateus: Comércio de escravos em São Mateus, 1999”, onde este retrata o mercado municipal e a feira livre do Vila Nova como viés de abastecimento da cidade. Tais citações demonstraram que ao final da escravidão e do regime de venda de escravos em São Mateus-ES, a população branca passou então a comercializar suas mercadorias ligadas a produção agrícola na parte alta da cidade, deixando assim o antigo ponto de vendas que era o sítio histórico do Porto.

2.2.1 A feira da Praça São Benedito no período de 1916 até 1947

Após a abolição da escravatura, as famílias ricas passaram a morar na parte alta da cidade, o que levou também os feirantes e outros comerciantes a realizar suas tradicionais trocas (escambo) e comercializações de produtos neste local, a parte alta da cidade. Alguns registros tratam de locais diferentes, mas são ao mesmo tempo locais próximos. Um destes seria onde até hoje está situada a Praça São Benedito, conforme a fotografia 5 do ano de 1947. Esta feira livre da praça São Benedito teve duração entre os anos de 1916 até 1947 (conforme as fotografias 5 e 6), sendo que esta acontecia todos os sábados e é creditada pelo senhor José Reis da Silva¹⁶ de 89 anos, morador da cidade, atualmente residente no bairro Santo Antônio, como um dos principais canais de abastecimento de alimentos da cidade na época. Segundo ele, seu pai e avó contavam que os produtos chegavam pelo rio Cricaré vindo dos sítios e fazendas localizadas nos quilômetros e ainda relatou que estes mesmos traziam carnes bovina e verduras para vender.

15 Eliezer Orlandi Nardoto, historiador e autor de várias obras, é um inconformado com as fraudes históricas. Amante da rica cultura popular de São Mateus e ocupa lugar de destaque no mundo cultural da cidade.

16 José Reis da Silva é morador da cidade e afirma ter ido com seu pai e avó comprar na feira da Praça São Benedito. Segundo ele lá também era local dos principais eventos da cidade.

Segundo José Reis da Silva esta feira livre da Praça São Benedito precisou mudar de local a pedido dos padres da igreja Católica. Sendo assim, esta feira permaneceu por trinta e um anos neste mesmo local.



Fotografia 5: Concentração de pessoas na Praça S. Benedito em 1942.
Fonte: NARDOTO¹⁷ (1997)

Outros moradores da cidade como o senhor Belarmino Chaves de Araújo¹⁸, lembram que a praça São Benedito era usada para os principais eventos da cidade, inclusive as festividades católicas e cívicas (como o 7 de setembro). Diante disso o local passou a concentrar muitos eventos e pessoas, passando a incomodar a Igreja Católica que acredita na santidade do local, e então solicitou às autoridades da época para que a feira livre fosse removida daquele local. Belarmino disse:

¹⁷ Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas pelo autor como parte de seu acervo pessoal.

¹⁸ Belarmino Chaves de Araújo, morador de São Mateus, diz que ouviu dizer pelo seu pai que foi a Igreja Católica que solicitou as autoridades da época a feira livre da Praça São Benedito.

“a feira tava incomodando os padres porque tinha negro, tinha bêbado, tinha gente desocupada que fazia barulho e atrapalhava a missa, daí acho que pediram pra tirar de lá”.



Fotografia 6: Praça São Benedito em 1946.
Fonte: NARDOTO¹⁹ (1997)

Alguns dos entrevistados acreditam que foi por pedido da igreja católica na época que a feira da Praça São Benedito tenha sido transferida para a Rua Manoel Andrade.

2.2.2 A feira da Igreja Velha no período de 1947 até 1963

Com a mudança da feira livre da praça São Benedito, outro local tornou-se necessário para realização desta, uma vez que estas eram o principal meio de abastecimento da cidade. Então, as autoridades da época levaram a feira livre para a Rua Manoel Andrade, local situado em frente à Igreja Velha e ao Cemitério Central da cidade, conforme a fotografia 7. A feira da rua Manoel

¹⁹ Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas pelo autor como parte de seu acervo pessoal.

Andrade teve duração entre o final de 1947 e o ano de 1963, completando apenas 16 anos. No início desta ela ocorreu num terreno de Américo Silves próximo onde hoje está a rodoviária, porém acabou se firmando nos arredores da Igreja Velha. No seu último ano (1963) de funcionamento, os feirantes foram transferidos para a avenida Jones dos Santos Neves, nas proximidades de onde atualmente está situado o Banco do Brasil; já que naquele ano iniciavam-se as obras de construção do Mercado Municipal (pavimentação e alargamento das ruas que eram estreitas).



Fotografia 7: Feira da Igreja Velha início dos anos 1950.
Fonte: NARDOTO²⁰ (1997)

Rosimar Pereira²¹, feirante hoje, declarou que seu pai trazia verduras de Conceição da Barra no início de 1960 para vender nesta feira e ele dizia que era muito lucrativa.

2.2.3 A feira da Rua Dr. Moscoso com a Avenida Jones dos Santos Neves no período de 1963 até 1972

Com a saída em 1963 da feira livre da Rua Manoel Andrade daquele local, outro precisava existir para manter o suprimento de alimentos da cidade. Isso envolveu uma forte questão antropológica que persiste até os dias de hoje, pois

²⁰ Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas pelo autor como parte de seu acervo pessoal.

²¹ Rosimar Pereira é atualmente feirante aos Sábados em Conceição da Barra município vizinho de São Mateus e no Domingo vem para a feira do Vila Nova.

até hoje se passamos na frente do banco do Brasil de segunda a sexta-feira encontraremos feirantes vendendo suas especiarias.

Ainda naquela época, muitos feirantes receberam a promessa de que saindo da Rua Manoel Andrade e também com a construção do Mercado Municipal ganhariam um espaço para vender seus produtos, fato este que anos depois da construção do Mercado Municipal não ocorreu pelo espaço da primeira fase do mercado municipal ser pequena e a priorização deste foi para os vendedores de carnes.

Então estes feirantes realocados para a Rua Dr. Moscoso próximo ao local que hoje está o Banestes, foram seduzidos pela ideia de que em algum momento receberiam seu espaço no mercado municipal e isso foi concebido pelo vereador da época Nicanor Motta²² em 1960. Nicanor não queria deixar morrer a tradição das feiras na cidade e então definiu que ela ocorreria na rua da sua casa (depoimento oral do historiador Sebastião Maciel de Aguiar²³, em 25 de julho de 2015 no Museu AfricaBrasil).

Com o tempo esta feira foi se movendo na Avenida Jones dos Santos Neves até chegar à onde está o Banco do Brasil. Estas constantes mudanças tinham o objetivo claro dos feirantes de ficarem mais próximos ao Mercado Municipal que estava em construção, além de volumar pessoas, podendo sobrar alguns trocados para eles na venda de seus produtos. Ainda assim com a entrega da primeira etapa do Mercado Municipal os espaços foram cedidos para os comerciantes de carnes, ficando outros artigos para a segunda etapa.

A feira livre da Avenida Jones dos Santos Neves funcionou entre os anos de 1963 até 1972, tendo assim uma duração de 10 anos. Os feirantes neste período esperavam que a segunda etapa do Mercado Municipal pudesse lhes trazer um espaço organizado e com maiores possibilidades de vendas, todavia

²² Nicanor Motta foi vereador em São Mateus na década de 1960.

²³ Sebastião Maciel de Aguiar é um dos historiadores mais importantes da cidade de São Mateus na atualidade.

como lembra o senhor João Costa Palmeira (pioneiro na Feira Livre do Vila Nova), este fato não aconteceu.

Disse João Costa Palmeira,

“o que aconteceu foi que realmente o número de clientes aumentou, mas somente para aqueles que eram da cidade foram ocupando os espaços do Mercado Municipal, pra gente que era nordestino só se alguém vendesse o seu local. E você acha que alguém venderia? Não, não, não venderia”

Ressalta ainda João Costa Palmeira que esse também foi um dos motivos que fizeram com que alguns feirantes começassem a procurar outros lugares para iniciar uma nova feira. No caso dele, nas proximidades da sua casa no bairro Vila Nova junto com seu amigo Carmelito Souza Neto (pioneiros)²⁴.

Por outro lado, os feirantes que conseguiram seu espaço no chamado mercado de piso na época (vender sobre o chão), conseguiram se estabelecer e ainda hoje há filhos e netos destas pessoas que estão lá no mercado Municipal.

Até hoje existem feirantes e ambulantes que vendem artigos de armarinho, eletrônicos e artigos diversos podem ser encontrados na Avenida Jones dos Santos Neves, nas proximidades do banco do Brasil, herança antropológica das práticas da década de 60(1960).

A promessa de terem seu espaço no Mercado Municipal o que mais tarde não ocorreria como é o caso do feirante, Ronaldo de Jesus²⁵, conhecido como “carioca” que disse,

“meu pai veio atrás de trabalho na Petrobras, daí não arrumou. Resolveu virar feirante, comprando coisas de produtores e saindo pra vender. Eu ajudei ele e aqui onde está o Banco do Brasil era o nosso lugar”.

2.3 Surge o mercado Municipal de São Mateus – 1ª Etapa

2.3.1 A primeira etapa de 1967 a 1968 – conhecida como Wilson Gomes

24 João Costa Palmeira e Carmelito Souza Neto são pioneiros da feira livre do Vila Nova. Foram eles que começaram o movimento desta feira que já dura 41 anos.

25 Ronaldo de Jesus, o “carioca” trabalha todos os dias na frente do Banco do Brasil como ambulante.

Na metade do Século XX, as feiras livres perdiam espaço em São Mateus, dando lugar, em 1968, ao Mercado Municipal (fotografia 8, 9 e 10), que para o prefeito da época, o Sr. Wilson Gomes, seria um lugar²⁶ onde todos os feirantes teriam melhores condições para a venda dos seus produtos, como vimos anteriormente por um dos pioneiros da feira do Vila Nova, João Costa Palmeira, porém isso não ocorreu. Não é somente as feiras livres que marcaram a história da cidade, mas há também a Folia de Reis, o Jongo e as festas católicas de bairros e destas é que nos relatos de alguns moradores como a Sra. Luzia Cesconetto Miranda se originaram algumas das feiras de rua que apresentamos neste trabalho.

A Sra. Luzia disse:

“tinha uma festa católica, nela nos confraternizávamos, brincávamos, ríamos, e festejávamos com comidas e bebidas, e quando acabava alguns daqueles participantes resolviam continuar a vender seus produtos como forma de sobrevivência, eram tempos difíceis” - entrevista gravada em 10 de fevereiro de 2015, no quilometro 41, Nestor Gomes, São Mateus”.

Uma forma de fortalecer o comercio de “rua”, só que agora dentro de um espaço construído é que deu origem a construção do Mercado Municipal uma vez que esse “sagrado” foi construído ao longo dos anos, deixou de ser só uma vocação para acontecimentos de rua.

26 Assim como “lugar”, neste trabalho o significado do termo “espaço” não se encerra na conceituação de área física e se baseará no conceito de espaço geográfico pontuado por Adas (2004) e Milton Santos (1978), que consideram o espaço como um produto social e histórico, construído pela sociedade, que reflete determinadas formas de organização e estruturação.



Fotografia 8: Ampliação da Av. Jones dos Santos Neves.
Fonte: NARDOTO²⁷ (1997)

Então começava a construção do Mercado Municipal 1963 (conforme fotografias 8, 9 e 10).



Fotografia 9: Construção da 1ª etapa do Mercado Municipal
Fonte: NARDOTO (1997)

A construção do Mercado Municipal foi evento de rua durante toda sua construção. A população mateense da época se reunia nos finais de tarde para acompanhar as obras de construção do mercado, assim como a ampliação das ruas que volumava um pequeno número de profissionais, sendo as vezes até os moradores os próprios operários (conforme fotografia 10).

²⁷ Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas pelo autor como parte de seu acervo pessoal.

Dentre todos os estudos realizados, destaca-se a Teoria das Localidades Centrais formulada pelo geógrafo alemão Walter Christaller²⁸, em 1933, como importante ferramenta teórica para o entendimento da hierarquia urbana.

A teoria em questão considera:

O conjunto de centros de uma região ou país – cidades, vilas povoadas e estabelecimentos comerciais isolados na zona rural – em seu papel de distribuição varejista e de prestação de serviços para uma população neles residente. Estes centros são denominados localidades centrais e a centralidade de que dispõem é derivado de seu papel como centros distribuidores de bens e serviços, ou seja, das funções centrais que desempenham. (IBGE, 1987).



Fotografia 10: Construção do Mercado Municipal em 1967.
Fonte: NARDOTO²⁹ (1997)

2.3.1.1 Enfim inaugura-se a primeira etapa do Mercado Municipal

Em 1968, foi realizada a inauguração da 1ª fase do Mercado Municipal de São Mateus.

28 A tradução da obra de Christaller foi transcrita pelo IBGE no relatório “Regiões de Influência das cidades” publicado no Rio de Janeiro em 1987.

29 Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas, tendo sobre isto todos os direitos e prerrogativas legais.

O evento contou com a presença de diversas autoridades e da população em geral da cidade, conforme a fotografia¹¹.



Fotografia 11: Inauguração do Mercado Municipal 1ª Fase.
Fonte: NARDOTO 30 (1997)

Nesta ocasião, o Prefeito Wilson Gomes ladeado da primeira dama, a Sra. Edna Barbeito Gomes, e do Presidente da Câmara Municipal, o Sr. José de Oliveira Brinco, inaugurou este espaço; contando também com a presença do Governador estadual, o Sr. Christiano Dias Lopes, assim como do Secretário de estado da Agricultura, o Sr. Guilherme Pimentel, conforme a fotografia 12.

Era um sonho para os moradores de São Mateus ter seu mercado municipal, agora já na parte alta da cidade. O evento paralisou a cidade durante a inauguração como afirma Carmelito Souza Neto, pioneiro posteriormente da feira do Vila Nova em entrevista realizada para esta pesquisa.



Fotografia 12: Inauguração do Mercado Municipal 1ª Fase.
Fonte: NARDOTO (1997)

30 Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas, tendo sobre isto todos os direitos e prerrogativas legais.

2.3.2 A construção e inauguração da segunda etapa de 1969 a 1970 – conhecida como Gualter Loureiro

Na gestão do prefeito Gualter Nunes Loureiro, entre 1969 e 1970, a segunda etapa do Mercado Municipal de São Mateus foi concluída e ampliada, (conforme a fotografias 13, 14 e 15), seguindo o mesmo objetivo do prefeito anterior, o Sr. Wilson Gomes, o de proporcionar melhores condições aos produtores rurais e demais feirantes que ali desejavam vender seus produtos.



Fotografia 13: Feirante no mercado de piso após a inauguração em 1970.
Fonte: NARDOTO³¹ (1997)

Um das prerrogativas do prefeito Gualter Nunes Loureiro para esta obra foi a utilização de mão-de-obra local (fotografia 14), sendo esta uma das marcas do seu trabalho.



31 Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas, tendo sobre isto todos os direitos e prerrogativas legais.

Fotografia 14: Inauguração final do mercado municipal em 1970.
Fonte: NARDOTO (1997)

Em 1970, foi inaugurada a fase final do Mercado Municipal, trazendo para dentro do espaço o chamado mercado de piso, ou venda no piso, conforme fotografia 14. Após a inauguração ainda restava fazer os acabamentos externos que foram concluídos posteriormente a inauguração como vemos na fotografia 15.



Fotografia 15: Operários trabalhando a fase final do Mercado Municipal.
Fonte: NARDOTO³² (1997)

2.3.3 O abandono público do Mercado Municipal

Esquecido por anos pelos administradores municipais e até estaduais, o mercado Municipal de São Mateus ficou desde a década de 1970, quando da sua inauguração até o ano de 2004, mais de três décadas sem a manutenção devida. Em 2004, o prefeito Lauriano Marco Zancanella³³, assinou um convênio

³² Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas, tendo sobre isto todos os direitos e prerrogativas legais.

³³ Lauriano Marco Zancanella foi prefeito por dois mandatos (2001 a 2008) e foi ele quem reestabeleceu o mercado municipal novamente como eixo de distribuição de alimentos.

para a reforma do Mercado Municipal com o governo do estado do Espírito Santo, na época governado por Paulo Hartung, que terminaria em 2005, deixando aquele espaço mais moderno e com novos boxes (lojas) de vendas de produtos diversificados, como vemos na fotografia 16.



Fotografia 16: Assinatura da ordem de serviços para a reforma do Mercado Municipal.
Fonte: NARDOTO (1997)

Em entrevista realizada com o ex-prefeito e agora empresário, Lauriano Marco Zancanella, este relatou que pelo fato de ser natural da região agrícola da cidade de São Mateus, sempre valorizou aquele espaço público e que ele sempre comprou no Mercado Municipal e nas feiras livres da cidade. Lauriano destacou ainda que na época de seu mandato político, os feirantes fizeram muitos pedidos de reforma do local, devido ao estado de conservação estar depreciado, fazendo assim com que ele e o Governador Paulo Hartung se sensibilizassem e priorizassem recursos para esta reforma, conforme fotografia 17.



Fotografia 17: O ex-prefeito Lauriano na assinatura da ordem de serviços para a reforma do Mercado Municipal.

Fonte: NARDOTO³⁴ (1997)

Após a reforma, o Mercado Municipal foi amplamente modernizado, trazendo mais satisfação aos fregueses que ali compravam, como também aos feirantes que já estavam e outros novos que começavam suas vendas.



Fotografia 18: O mercado municipal visto de dentro após as reformas em 2005.

Fonte: AMORIM³⁵ (2015).

Após a reforma, o espaço ganhou dois restaurantes, lojas de roupas, artigos de armarinho, amplo espaço para a venda de carnes, dentre outros, conforme as fotografias 18 e 19.

34 Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas, tendo sobre isto todos os direitos e prerrogativas legais.

35 As fotografias mencionadas por este pesquisador (AMORIM, 2015), foram tiradas sob a autorização da gerencia de mercados e feiras da Prefeitura municipal de São Mateus.



Fotografia 19: O mercado municipal visto de dentro após as reformas em 2005.
Fonte: AMORIM (2015).

2.4 Nasce um bairro: De “Pé Sujo” se transforma em “Vila Nova”

2.4.1 Período de 1965 a 1972

O bairro Vila Nova foi fundado através de uma ocupação (fotografias 20, 21 e 22) de terras da família de Américo Silves³⁶ no final de 1965. Nesta época, este bairro ficou conhecido na cidade de São Mateus pelo nome de “Pé Sujo”, pois suas ruas eram estradas de terra, sem nenhum calçamento, o que deixava os pés e pernas daqueles moradores ocupantes numa cor acinzentada, trazendo daí este rótulo, conforme relatado por uma moradora do bairro há 44 anos, a Sra. Lucia Alves Santos. Esta moradora ressalta ainda, que algumas pessoas das famílias mais ricas de São Mateus na época também se referenciavam ao bairro como “Pé Sujo” com muito preconceito, uma vez que grande parte da população invasora e/ou tomadora daquele espaço (bairro) era composta de afrodescendentes, e daí dizer que eles eram sujos, indicando assim uma população menos favorecida ou inferior à elas, o que para aquelas famílias ricas de São Mateus, segundo a moradora, as enobrecia frente às famílias dos invasores.

³⁶ Américo Silves, era abolicionista e foi presidente do Governo Municipal em 1904 e depois de 1907 a 1910. Foi um dos principais líderes partidários que comandaram a política administrativa de São Mateus no início do Século XX, realizando inúmeras obras, sobretudo de saneamento básico.

A ocupação (invasão) de terras foi parte integrante do processo de urbanização no país, Freyre (2004), se refere a ela como prática de 100 anos atrás. Ele completa que a novidade recente, que veio nos anos 80, é que as ocupações começaram a se transformar: de ocupações gradativas, resultado de ações individuais familiares, para ganhar um sentido massivo e organizado, a partir da crise econômica que se inicia em 1979. Várias cidades brasileiras apresentam, a partir dessa data a ocorrência de ocupações coletivas e organizadas de terra, mais raras nas décadas anteriores. Isto não significa que as ocupações gradativas e espontâneas deixaram de existir. Ao contrário, continuaram a se fazer e a constituir a maior causa da origem da formação de favelas, mas o fato é que passaram, a partir dessa data, a conviver com a nova prática citada.

Havia muita violência no novo bairro ocupado, “Pé Sujo”. Além da predação do ambiente construído, outra característica desse tipo de ocupação como a que ocorreu neste bairro de moradia pobre os altos índices de violência, medido pelos inúmeros homicídios que na época até se dizia que no “Pé Sujo” se assassinava um de manhã, um a tarde e um a noite, e ainda separava outras pessoas para assinar no dia seguinte (dito popular no bairro³⁷).

Se isso foi um mito trazido até aqui ou verdade, não sabemos, todavia em todas as entrevistas com moradores para esta pesquisa foi relatado que a violência era alta nesta época. Se verificarmos os índices de violência desta época pelos registros oficiais da Polícia Civil do Espírito Santo estes se referem especialmente aos jovens, e entre estes, os pardos e negros são maioria.

Outro freguês entrevistado o Sr. Domingos Sávio Santana, um morador e empresário mateense que hoje reside na Avenida João XXIII, declarou em sua entrevista que a origem do nome “Pé Sujo” surgiu por outro motivo. Segundo Domingos Sávio, muitos moradores de São Mateus frequentavam o local invadido (Pé Sujo) para pescar, já que havia um córrego e neste haviam peixes, além de outros visitantes que iam ao local para caçar os passarinhos que haviam

37 Esse dito popular de que se matavam muitas pessoas ocorreu quando da ocupação do bairro.

naquela época. Domingos Sávio Santana ressaltou ainda que as pessoas que visitavam aquele bairro e não entendiam determinadas atitudes dos ocupantes (negros). Segundo ele aqueles costumes eram novos para parte da população de São Mateus nos anos 1960. Domingos Sávio, disse ainda que em muitas ocasiões em que ele, seus amigos, primos e a sua atual esposa, foram ao local ocupado (Pé Sujo), viram os negros realizando rituais, danças e cantorias. Em muitas dessas, viram os homens em círculo, dançando e tomando cachaça, enquanto as mulheres negras retiravam barro do córrego em baldes e levavam para os homens pisarem sobre este. Esta ação não era compreendida, então, como lembra o senhor Domingos, muitas pessoas começaram a dizer que quando alguém ia naquele bairro que não tinha nome ainda, estava indo para o “Pé Sujo”, dado o ritual dos negros em pisar no barro. Algum tempo depois, o senhor Domingos Sávio Santana, ainda garoto, descobriu com seus amigos que aquele ritual de pisar sobre o “barro” era uma ação de preparação deste para a construção das suas casas de palafitas (fotografias 20, 21 e 22).

Essas construções sobre estacas de madeira foram e ainda são muito utilizadas nas margens dos rios por populações de muitas regiões do mundo. Acredita-se então que essa cultura de palafita também tenha chegado à cidade de São Mateus pelos descendentes de africanos. O sentido de casa para o morador da comunidade não ultrapassa os limites da simplicidade, pois a necessidade é quem norteia a sua construção. Esse indivíduo que pensa e constrói, organiza os ambientes da casa segundo padrões estabelecidos pela sociedade, dos quais ele se apropria, procurando, na medida do possível, adaptá-los à sua realidade social. Mesmo que em condições miseráveis de sobrevivência, se adapta ao lugar em que habita, e faz de sua morada seu espaço social e íntimo.

No pensamento de Tuan (1983), o “lugar” é sinônimo de “segurança”. É tido como centro a que atribuímos valores e onde são supridas nossas necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação, onde a presença humana imprime sentido e estabelece relações de identidade. Nessa relação, supostamente acontece uma dinâmica de empoderamento do sujeito como senhor das escolhas em sua casa, a partir da qual emergem seus sentidos

de percepção desse ambiente aparentemente estático, mas que potencialmente e intrinsecamente armazena movimento quando ele é substancialmente manipulado pelo indivíduo que nele interage. Para Tuan (1983), “o espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana.” Essa percepção é “tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados”. Segundo o autor, muitas coisas que percebemos têm valor para nós, para a nossa sobrevivência biológica, como também para proporcionar algumas satisfações enraizadas na nossa cultura.



Fotografia 20: Ocupantes do Pé Sujo na década de 1960.
Fonte: NARDOTO³⁸ (1997)

Em 1970, a grande população da cidade concentrava-se na região do chamado “do outro lado da pista” (BR-101), região esta que contemplava bairros como o Pé Sujo (atual Vila Nova), o Bico da Coruja (atual Santo Antônio), o Posto Esso, a Ponte, o Buraco do Sapo e a Aroeira. Assim o pioneiro, senhor João Costa Palmeira disse que era morador do bairro Vila Nova na época, e viu nisso uma oportunidade para iniciar uma feira livre já que no centro não tinha mais espaço.

38 Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas, tendo sobre isto todos os direitos e prerrogativas legais.



Fotografia 21: Ocupantes do Pé Sujo na década de 1960.
Fonte: NARDOTO (1997)

Esses novos ocupantes tinham fome, sede e vontade de trabalhar como aponta Manoel Cardoso de 79 anos, morador até hoje do bairro Vila Nova e que também foi um dos ocupantes daquele novo espaço, o bairro Vila Nova (chamado de Pé Sujo), conforme fotografia 22.



Fotografia 22: Ocupantes do Pé Sujo na década de 1960.
Fonte: NARDOTO ³⁹ (1997)

Assim, esses nos moradores deram início ao bairro que mais tarde daria origem a feira do Vila Nova.

³⁹ Todas as fotografias usadas sobre a fonte de NARDOTO foram gentilmente cedidas, tendo sobre isto todos os direitos e prerrogativas legais.

2.5 A motivação da origem da feirinha do Vila Nova

A feira do bairro Vila Nova está presente há mais de quatro décadas, na vida de moradores do bairro, pelos feirantes e fregueses.

Segundo o pioneiro da Feira Livre do Vila Nova, o senhor João Costa Palmeira⁴⁰, os feirantes começaram a buscar um lugar e a ideia de irem trabalhar no bairro Vila Nova (antigamente chamado de Pé Sujo), ocorreu pelo fato de haver naquele local um grande volume de pessoas que estavam morando após a ocupação do mesmo. Conforme pode ser visto nas fotografias 20 e 21, onde são mostrados moradores em suas casas improvisadas de palafita. Nesta época, final dos anos de 1960, a ocupação desta nova área se deu pela expectativa de empregos ligados às indústrias de petróleo e a da celulose, assim esses novos moradores vinham para a cidade, não tinham onde morar e ocupavam áreas cada vez mais distantes da região central de povoamento da cidade, destes muitos eram nordestinos, principalmente pela proximidade territorial e antropológica (negritude) com o estado da Bahia. Assim o bairro Vila Nova foi constituído e construído e dele nasceria a feira livre presente até.



Fotografia 23: Plantio de eucalipto no início dos anos 1970.
Fonte: Greenpeace⁴¹ (2001).

Apenas para destacar foi a partir de 1967, por meio da Aracruz Florestal S/A e da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que se aproveitaram do

⁴⁰ João Costa Palmeira é pioneiro e reconhecido assim como Carmelito Souza Neto como os primeiros a inserir uma barraca de comercialização no bairro Vila Nova.

⁴¹ Relatório fotográfico histórico do Brasil publicado pelo GREENPEACE de 2001.

incentivo fiscal baseado no Imposto de Renda, Lei nº 5.106/66, que tivemos o início do plantio de eucalipto nos municípios do norte do Espírito Santo. Os acampamentos indígenas não eram respeitados (fotografia 23), pois a ideia de produção a qualquer custo estava sendo implementada.



Fotografia 24: Inauguração do primeiro poço de petróleo do Espírito Santo.
Fonte: PMSM (2001).

Nesse mesmo período que era do governo de Christiano Dias Lopes⁴², o petróleo passou a ser extraído no Espírito Santo. Sob a chefia do engenheiro Aroldo Andreatta, no dia 15 de agosto de 1967, após 90 dias de esforços, a Petrobrás finalmente constatou oficialmente a presença de ouro negro na Fazenda da Ponta, na localidade Barra Nova, município de São Mateus. Embora a localidade se encontrasse a 32 km do centro de São Mateus, a notícia espalhou-se rapidamente, causando euforia em toda a cidade, no estado e fora dele, trazendo assim grande atenção e possibilidade de empregos. O próprio governador da Christiano Dias Lopes veio a São Mateus, agradecer os esforços, pois para ele o petróleo resgataria o caos financeiro ao qual o estado se encontrava (fotografia 24).

Esses foram os principais pontos que atraíram grande parte da população nordestina a São Mateus e a colaborarem para o surgimento de novos bairros, trazendo consigo seus valores, cultura e muita vontade de trabalhar.

42 Foi governador do Espírito Santo na década de 1960.

2.6 Os primeiros anos da feira livre do Vila Nova

Com muita gente chegando a São Mateus atrás de emprego, seja para a lavoura de eucalipto ou para os empregos na Petrobras entre os anos de 1972 e 1973, havia também a chegada daqueles que não tinham formação para esses segmentos, porém traziam sua cultura e tradições, como é o caso de alguns feirantes vindos do Nordeste para a cidade. Já estabelecidos aqui, conheciam a cidade e também foram morar no bairro outrora ocupado e que recebia esses novos migrantes pela facilidade de se estabelecer (lotes com preços baixos).

Também nesta época feirantes que já estavam aqui deixaram o espaço do Mercado Municipal e voltaram à prática de vender seus produtos nas ruas de São Mateus, pois como aponta um dos pioneiros da feira livre do Vila Nova, o senhor Jessé Gomes dos Santos que concedeu uma entrevista, sendo realizada em 05 de novembro de 2014 em Governador Valadares-MG em sua atual residência, este afirmou que ele e vários outros feirantes que vieram morar em São Mateus foram atraídos dos estados de Minas Gerais e da Bahia pela recém-criada indústria de papel e celulose e também pelas descobertas de petróleo na cidade. Jessé lembra que quando chegaram na cidade queriam uma vida nova, queriam emprego, porém não conseguiram e então no final da década de 1960 e início dos anos de 1970 também começaram a trabalhar com vendas na feira livre da Rua Jones do Santos Neves (centro da cidade). Sendo assim, estes esperavam outro tipo de tratamento das autoridades municipais na época, porém segundo ele, após a inauguração do Mercado Municipal poucos feirantes foram colocados dentro do espaço do mercado de piso. Afirmou ainda, que a preferência foi dada para os feirantes que eram naturais da cidade de São Mateus e região, e que grande parte dos migrantes ficavam do lado de fora e daí resolveram montar uma feira no bairro onde moravam na época, que era o Pé Sujo (Vila Nova).

Outro pioneiro da época foi o senhor João Costa Palmeira, que afirmou ser morador do bairro Vila Nova no início do ano de 1971 e que junto com o senhor Carmelito Souza Neto, também morador, resolveram começar a feira livre

naquele bairro. E deste modo, começaram a feira na hoje Rua Estados Unidos, marco inicial de todos os acontecimentos da atual feira.

Desta forma, em 10 de março de 1974, iniciaram as atividades de vendas de rua no bairro em que moravam, na época ainda conhecido por “Pé Sujo”, o atual Vila Nova. Assim, começou a existir a atual feira livre do bairro Vila Nova em São Mateus no Espírito Santo. Esses pioneiros viram, na tradição baiana das feiras de rua e no crescimento da cidade uma forma de sobrevivência.

O senhor Jessé Gomes dos Santos foi muito importante para os primeiros anos da feira, já que vendia produtos durante a semana nas ruas do centro da cidade de São Mateus, e deste modo, passou a divulgar de forma natural aos clientes que caso estes não comprassem os produtos durante a semana no centro da cidade, poderiam comprá-los aos domingos no bairro “Pé Sujo” ou Vila Nova.

Os produtos vendidos na época são lembrados pelos pioneiros com grande saudosismo, dentre os quais foram citados:

- a) Biscoitos de polvilho;
- b) Pães;
- c) Carnes de aves;
- d) Carne suína.

2.6.1 A trajetória histórica da feira do Vila Nova

2.6.1.1 Período de 1974 até 1976

O pioneiro Jessé Gomes dos Santos lembra que, entre 1974 e 1976, havia certo descontentamento de algumas autoridades com a feira livre do Vila Nova, pois aquilo era novo para a cidade. Este também ressalta que, alguns vendedores reclamavam da insegurança e que quase todos os domingos alguns

desses feirantes e fregueses informavam que haviam sofrido furtos e/ou assaltos na feira. Nessa época, o Prefeito Amocim Leite começava a visitar o novo bairro e foi nesse período que o prefeito instalou o primeiro ponto de água encanada do Vila Nova, chamado de Chafariz⁴³. Ainda neste evento, Amocim Leite segurava numa mão o microfone, na outra a mangueira com a água jorrando e discursava para os presentes (conforme a fotografia 25).

Morador desde a fundação do bairro, o senhor Sebastião Moura da Silva, lembra que o prefeito dizia em seu discurso: “povo de São Mateus, aqui está a fonte da vida para vocês, isso é muito bom para São Mateus”⁴⁴. Para esse morador e freguês da feira livre, o ex-prefeito Amocim foi um dos mais importantes políticos para a história do bairro Vila Nova e também para a feirinha, como se refere a feira do bairro, disse Sebastião,

“Amocim no início tinha medo da feira. Era negro como nós mais tinha medo. A violência era grande, furtos e roubos a todo instante, mas isso foi se aquentando com o tempo porque o povo foi tendo trabalho. Com o tempo Amocim vinha aqui todo domingo e a gente que ia lá comprar via ele. Meu irmão era feirante nesta época e disse que as autoridades não queriam deixar a feira continuar mais depois Amocim comprou a briga e deixou eles trabalharem. Bom para nós que a feira ta ai até hoje”.

Apesar de serem realizadas desde a antiguidade, as feiras nos dias de hoje apresentam uma característica que as colocam em uma posição singular dentro de um mundo capitalista, uma vez que após a criação dos novos termos em 1972, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), diferenciando o trabalho formal do informal nesses espaços são identificados como locais de realização do comércio informal, não sendo o que necessariamente identificamos como trabalho ambulante⁴⁵. O que estamos considerando é a diferença que esse tipo de atividade apresenta com relação ao comércio formal,

43 Chafariz foi o primeiro ponto de água encanada do bairro Vila Nova.

44 Amocim Leite foi um político brasileiro, eleito vereador por dois mandatos e prefeito de São Mateus por três. É reconhecido como uma das figuras mais emblemáticas e folclóricas da política mateense, sendo o primeiro afro-brasileiro a eleger-se prefeito no município. Seus mandatos caracterizaram-se por obras de infraestrutura voltadas em especial para os cidadãos de baixa renda.

45 A Lei Federal de Nº 6.586, de 06 de novembro de 1978, em seu Artigo 1º, classifica o comerciante ambulante como “aquele que, pessoalmente, por conta própria e a seus riscos, exercer pequena atividade comercial em via pública, ou de porta em porta”.

que obedece a critérios oficiais de constituição e formalização de uma empresa. É nesse sentido que entenderemos a partir de agora estes eventos, ou seja, como um local onde prioritariamente se desenvolve a informalidade do trabalho, nos termos que conhecemos hoje⁴⁶.



Fotografia 25: Amocim no Vila Nova inaugurando o ponto de água do Chafariz (encanada).
Fonte: NARDOTO (1997)

O prefeito Amocim Leite foi importante para o desenvolvimento do bairro Vila Nova, sendo que nos primeiros anos do bairro já o visitava, além de ter como uma das suas marcas, a conversa com os moradores como forma de entender seus problemas e dificuldades, como afirma a moradora Ana Maria Gomes, que disse:

“Ele vinha aqui, conversava com a gente, e pouco tempo depois resolvia alguns dos problemas que tínhamos. Foi ele que empregou os primeiros moradores do bairro na prefeitura, quebrando um pouco a marginalidade que a cidade tinha com as pessoas que moravam aqui”.

2.6.2 Período de 1976 até 1989

Nos dois primeiros anos, entre 1976 e 1978, a feira livre do bairro Vila Nova permaneceu caseira, de forma que moradores do próprio bairro faziam seus produtos e ali expunham em cima de lonas, e outros expositores artesanalmente criados, buscando levantar uns trocados e com isso ter sua dignidade para aquele momento, ou seja, ter o seu sustento. Os novos

46 A compreensão atual tem como referência os parâmetros definidos pela Organização Internacional do Trabalho – OIT em 1972, e que identifica esse tipo de trabalho como não pressupondo vínculo empregatício nem garantias sociais por não pagar impostos nem ser cadastrado na Junta Comercial ou Delegacia Regional do Trabalho.

moradores do bairro Vila Nova trouxeram consigo a tradição da feira livre de rua, da compra por especulação de preços, ou seja, da compra com uma negociação direta com o próprio produtor e da possibilidade de interação, de amizades e de festa; como lembra um freguês da feira de 89 anos, o senhor Antônio Marcelino Alves, morador até hoje do bairro.

Os pioneiros da feira lembram que o Prefeito Amocim Leite, no final do ano de 1975, procurou os feirantes para averiguar se esta feira tinha apenas o cunho da venda de produtos ou se havia algum outro movimento político por trás, pois na época havia um receio de que a feira pudesse ser utilizada como veículo de oposição contrário ao regime militar que comandava o estado e o país. Após muitas visitas do prefeito Amocim Leite e sua equipe, sempre acompanhados da Polícia Militar do Espírito Santo (PMES), não foi identificado nada irregular; procurando os feirantes e os moradores do bairro Vila Nova para dizer que a feira era um lugar de festa, de confraternização e que eles não poderiam ajudá-los naquele momento, através da organização das barracas, formação de uma associação e até mesmo disponibilização de segurança da PMES (como acontece até hoje), por outro lado a “feira dos baianos” poderia continuar, pois não haviam visto nesta nenhum movimento político, mas sim, uma busca por dignidade com a venda de produtos artesanais e outros de produções próprias.

A feira dos baianos, como rotulada pelo prefeito da época, o Sr. Amocim Leite, ganhou a cada domingo mais volume; muitas pessoas chegavam, compravam, conversavam, riam, brincavam, num total clima de festa e integração. Os pioneiros lembram que entre a fundação da feira livre do bairro Vila Nova, em março de 1974, e o ano de 1977 a feira já possuía 42 feirantes presentes todos os domingos. Neste momento ocorreu um fenômeno de transformação da feira livre do Bairro Vila Nova, com o início da construção da escola estadual naquele bairro. O então Governador do estado do Espírito Santo, Élcio Alvarez⁴⁷, do partido Arena, naquela época, intensificou a construção de escolas estaduais por todo o estado, e como a população de São Mateus crescia, principalmente nos bairros da região norte da cidade, fez em parcerias com a

47 Élcio Alvarez foi governador do Espírito Santo de 1975 a 1979.

Prefeitura Municipal de São Mateus, na época presidida pelo prefeito Gualter Nunes Loureiro do partido MDB (mandato de 1977 a 1981) e com o Exército Brasileiro. Assim firmou-se as parcerias para a construção da Escola Estadual Américo Silves, referência esta dada ao fato que às terras ocupadas e onde o novo bairro havia se estabelecido eram de propriedade da família de Américo Silves. Aproximadamente, a construção durou 1 ano e 10 meses entre o início da construção e a sua inauguração, sendo inaugurada em 19 de dezembro de 1978.

Pioneiro, o senhor Carmelito Souza Neto (fotografia 26), também relatou que o Governador da época, Élcio Álvares após uma visita feita ao bairro “Pé Sujo”, estabeleceu que aquele nome para o bairro era depreciativo e deste modo, em uma audiência pública, realizada no Palácio Anchieta, para tratar da construção da escola, os moradores do bairro e os feirantes foram convidados e nesta ocasião, o governador estabeleceu que o nome do bairro fosse chamado de Vila Nova, substituindo o nome anterior de “Pé Sujo”.



Fotografia 26: O pioneiro Carmelito lembra do início da feira.
Fonte: AMORIM⁴⁸ (2015).

Durante o período de construção da escola Américo Silves, muitos militares compravam na feira livre do Vila Nova, e a presença desses militares motivou a atração de muitos outros feirantes que começaram a vir do centro da cidade e de outros bairros para vender seus produtos. Assim como feirantes de

48 As fotografias mencionadas por este pesquisador (AMORIM, 2015), foram tiradas sob a autorização da gerência de mercados e feiras da Prefeitura municipal de São Mateus.

outras cidades do norte do estado do Espírito Santo, além de feirantes do sul da Bahia, que traziam artigos de farinha e aqueles do estado de Minas Gerais trazendo artigos de vestuário.

Outro pioneiro da feira livre do bairro Vila Nova foi o senhor Belmiro Pereira Sena, um migrante natural da cidade de Almenara no estado de Minas Gerais que chegou em São Mateus em 1974. Sendo que este, inicialmente não acreditava muito no desenvolvimento da feira, porém com o passar dos anos e com a presença dos militares na construção da Escola Estadual Américo Silves, vislumbrou uma possibilidade de organizar a feira livre junto com outras pessoas, mesmo que informalmente, a fim de melhorar o fluxo de entrada e saída das pessoas e assim, também se estabelecer como feirante. Neste sentido, o senhor Belmiro Pereira Sena, buscou conversar com todos aqueles feirantes aos quais os seus produtos precisavam de um mínimo de organização e apresentação. Afinal, os compradores agora não eram apenas os moradores dos arredores do Bairro Vila Nova, mas haviam clientes também de outros bairros da cidade e até de outras cidades, além dos militares que dispunham de boa situação financeira.

Esse movimento liderado pelo senhor Belmiro Pereira Sena, um senhor letrado apenas, sem nenhum grau de instrução formal, começava a crescer e este buscava divulgar a feira livre do bairro Vila Nova em setembro de 1979 através de folhetos que fazia, entregando-os com sua bicicleta e, amarrada à esta, uma caixa de som com rádio que falava da feira e de seus produtos.

Assim, o Sr. Belmiro, andava por outros bairros da cidade de São Mateus divulgando a feira. Mesmo com todas as mudanças nas condições do bairro, ainda havia um preconceito grande de outras regiões da cidade com o bairro Vila Nova, devido ao fato de que o rótulo anteriormente atribuído ao bairro era de um local com uma população de miseráveis, ladrões e negros. Belmiro lembra que havia na cidade um comentário de que no Vila Nova matava-se um por dia.

No início de 1980, o senhor Belmiro Souza Neto, relata que já tinham 96 feirantes registrados na associação informal da Feira Livre do Vila Nova e que, em um domingo, ele e outros feirantes registraram a presença de cerca de 1300

peças todos os domingos, numa contagem empírica. Essa contagem só foi possível na época como lembra este pioneiro, pelo fato da feira possuir, até hoje, apenas três entradas e três saídas; sendo estas nas ruas Estados Unidos e Rua Peru, além da Avenida Brasil, o principal eixo da feira.

O Sr. Belmiro (fotografia 27) encontra-se atualmente bastante enfermo, ainda assim contou-nos sobre o seu trabalho com a feira do Vila Nova, lembrou ainda que, mais tarde, foi convidado para ser presidente do Partido dos Aposentados da Nação (PAN) em detrimento do trabalho que fazia na feira.

Em 1985, a feira livre já tinha 121 feirantes e também volumava grande vendagem de produtos como aponta Belmiro, ele lembra que até 1989 a feira já volumava mais de 2000 fregueses aos domingos e que crescia a cada dia.



Fotografia 27: Belmiro ladeado de sua esposa, lembra-se das histórias da feira livre. Fonte: AMORIM⁴⁹ (2015).

2.6.3 Período de 1990 até 2008

49 As fotografias mencionadas por este pesquisador (AMORIM, 2015), foram tiradas sob a autorização da gerência de mercados e feiras da Prefeitura municipal de São Mateus.

No início de 1990, produtores rurais de São Mateus da região conhecida como Km (Quilômetros), e de outras cidades do estado como Linhares e Colatina, também começaram a trazer seus produtos para a venda nos domingos de feira do Vila Nova. Esses produtores rurais que, na sua maioria, são descendentes de europeus, principalmente de italianos, trouxeram uma nova ordem de produtos para a feira gerando grande concorrência entre todos, porém causando grande descontentamento entre aqueles que compravam para revender. Para o pioneiro, Carmelito, a principal vantagem dos produtos trazidos por estes novos feirantes, era porque os mesmos eram mais limpos, frescos e com melhor qualidade do que aqueles que eles vendiam. Um desses produtores, o senhor Arnóbio Mirandola, lembra que ele, encontrou grande resistência dos demais feirantes, devido a seus produtos serem mais procurados do que os dos demais que já estavam na feira anteriormente, sendo inclusive ameaçado, assim, segundo ele, eles (novos feirantes, produtores rurais), passaram a ser vistos como problema para esses feirantes mais antigos. Uma percepção do senhor Arnóbio Mirandola é que ele e os outros produtores rurais nunca se permitiram ser chamados de feirantes e sim de produtores rurais, mas também não soube explicar porque.

A década de 1990 foi muito difícil para os feirantes e fregueses da feira livre do Vila Nova devido a uma nova postura política existente no país, associada a altos índices de inflação que traziam pouca renda para as famílias. Foi também nesta década que surgiu uma nova unidade de valor a URV (Unidade Real de Valor), na qual os preços de todos os produtos tinham sazonalidade e posteriormente a esta houve a criação do plano Real e a moeda Real. A feirante da época Luzia do Carmo Ferreira, disse que os feirantes da época, devido ao baixo volume de vendas, começaram a brigar, e que destas brigas um pequeno grupo resolveu sair do Vila Nova e montar a feira livre da Rua Coronel Mateus Cunha.

Em 1997, com a eleição do Prefeito Rui Carlos Baromeu Lopes, este passou a frequentar, quase todos os domingos, a feira do bairro Vila Nova; isso fez com que houvesse uma aproximação maior entre os bairros do eixo central da cidade para a visita da feira. Outros políticos passaram então a vislumbrar

a visita aos domingos na feira como um momento de propaganda eleitoral gratuita, realizando assim visitas frequentes, como lembra um feirante que trabalha na feira há 38 anos, o senhor Benedito João Correia.

A feira do bairro Vila Nova foi um dos grandes palcos da disputa eleitoral para prefeito no ano 2000. O prefeito Rui Carlos Baromeu Lopes⁵⁰, numa busca pela reeleição, fazia visitas diárias ao bairro e todos os domingos estava presente lá na feira o seu oponente, na época o candidato Lauriano Marco Zancanella, também fazia o mesmo. Dado o momento desta participação intensiva na busca de votos e a importância do bairro Vila Nova ser para a época o maior colégio eleitoral da cidade este também sempre estava na feira pois sua relevância era vital para as eleições. Apesar de ter sido palco desta grande batalha por votos, não houve nenhuma participação do município em contribuir para a melhor organização da feira naquele momento.

É plural entre os feirantes do Vila Nova que todo candidato a vereador, prefeito, deputado estadual e federal e até governador, quando vão fazer algum trabalho de prospecção de votos, escolhem o Vila Nova aos domingos de feira para fazê-lo, devido à grande concentração de pessoas naquele local, fato este confirmado pelo Anexo A (ofício da Polícia Militar, página 196), onde há uma média de 4500 pessoas por domingo, chegando por estimativa a mais de 18 mil pessoas por mês.

Na década de 2000, o governo Lauriano Marco Zancanella, que governou o município de 2001 a 2008, deu sua contribuição a outras obras de infraestrutura no município, não fazendo investimentos na feira do Vila Nova. Para os feirantes que também trabalham no Mercado Municipal sua marca foi a reforma no Mercado. E pela fala do próprio ex-prefeito Lauriano não dava para fazer tudo; segundo ele, os investimentos no campo, na educação e saúde eram mais prioritários na época, mas que investindo no Mercado Municipal ele também

⁵⁰ Rui Carlos Baromeu Lopes foi prefeito de São Mateus pelo PMDB entre 01 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000.

alcançou os feirantes do Vila Nova, uma vez que estes, em grande parte, são os mesmos que trabalham no Mercado Municipal.

2.6.3.1 A feira que surgiu de uma briga: Rua Coronel Mateus Cunha

Das brigas entre feirantes em meados da década de 90, mais precisamente no ano de 1995, pela disputa nas vendas que estavam baixas, surgiu uma separação de um pequeno grupo de feirantes do Vila Nova que montou a feira livre da Rua Coronel Mateus Cunha que ocorria aos sábados, conhecida na época por feira livre do Centro.

A feirante da época Luzia do Carmo Ferreira⁵¹, lembra que esta feira durou entre os anos de 1995 até 1999 e que o volume de vendas era pequeno também, pois os fregueses mantinham o hábito de ir aos domingos na feira do Vila Nova; assim no final do ano de 1999 estes abandonaram a feira do centro e voltaram ao Vila Nova. Para Luzia do Carmo foi um erro terem saído, mas isso mostrou a ela e aos demais feirantes que saíram que a feira do Vila Nova já estava na tradição dos mateenses. Ela possuía uma foto desta feira, conforme demonstrado na fotografia 28.



Fotografia 28: Feira livre do Centro da Rua Coronel Mateus Cunha.
Fonte: Luzia do Carmo (1999).

51 Luzia do Carmo Ferreira foi e é até hoje feirante atuando na Vila Nova.

Na época, o percurso desta feira era entre a Rua Coronel Mateus Cunha, entre os números 602 e 732, totalizando 110 metros de feira livre, conforme o mapa 2 abaixo.



Mapa 2: Mapa da vista do percurso da extinta feira do Centro – Rua Coronel Mateus Cunha.
Fonte: Google Maps (2015).

Com o retorno dos feirantes da feira do centro à Vila Nova, a feira ganhou novamente mais volume em produtos e vendas. Novos feirantes também chegaram e a feira tornava-se cada vez mais um ponto de encontro dos moradores do município aos domingos, construindo o “sagrado” que eles mesmo dizem ser a perpetuação da feira.

2.6.4 O período de 2009 até 2012 - Revitalização das Barracas

A maior interferência do estado na feira livre do Vila Nova, ocorreu em 2009 na primeira gestão do prefeito Amadeu Boroto, onde este iniciou um trabalho de revitalização do eixo central da feira do Vila Nova. Essa revitalização somente foi concluída no ano de 2012. A Avenida Brasil ganhou reparos nos sistemas elétricos dos postes, tratamento nas calçadas, como também a reforma do trajeto de mais de 800 metros através do asfaltamento. Foram 3800 metros quadrados de pavimentação, conforme noticiado no Jornal Folha Acadêmica no dia 03 de fevereiro de 2012. Ainda neste ano aconteceu o maior incentivo da história da Feira Livre do bairro Vila Nova, sendo feita a entrega pela prefeitura

Municipal de São Mateus de 240 barracas padronizadas, sob forma de concessão de uso, aos 240 feirantes então cadastrados.

O prefeito Amadeu Boroto na solenidade de entrega das barracas da feira livre do bairro Vila Nova declarou ao Jornal Folha Acadêmica que: “Isso será bom para os feirantes e para os fregueses”, acreditando que haveria uma melhor apresentação dos produtos e um maior ordenamento destes. O secretário municipal de infraestrutura, o senhor Jadir Bachetti, juntamente com a sua equipe fez um desenho destas barracas; contemplando os tamanhos de 2 a 4 metros de largura e com cada setor de produtos com uma cor específica previamente definida para estas barracas. Esse desenho de cores trouxe leveza para a feira, sendo:

1. Marrom, para artesanato e armarinho;
2. Vermelho, para aves, peixes, mariscos e carnes suínas e bovinas,
3. Verde, para hortifrúti granjeiro;
4. Azul, para outros gêneros alimentícios, hortaliças e flores.

A padronização das barracas da feira livre do bairro Vila Nova, como apontado na fotografia 29. As cores das barracas se espelham em um modelo praticado na tradicional feira livre da cidade de Caruaru no estado de Pernambuco.



Fotografia 29: Barraca de hortifrutigranjeiros (verde) e de Carnes(vermelha).
Fonte: AMORIM⁵² (2015).

52 As fotografias mencionadas por este pesquisador (AMORIM, 2015), foram tiradas sob a autorização da gerência de mercados e feiras da Prefeitura municipal de São Mateus.

O secretário de infraestrutura e Obras, Jadir Bachetti, junto com o presidente da Associação de Feirantes do bairro Vila Nova, fundada em 2009, o senhor Gilmar Bada, e o Coordenador de Comércio de Ruas de São Mateus, o senhor Gilton Gomes, conhecido como “Pia”, apresentaram os números do investimento destas barracas que foram na ordem de R\$ 705 mil (setecentos e cinco mil reais). A concessão das barracas foi feita por tempo indeterminado, ou seja, até quando o feirante conseguir e quiser trabalhar, não podendo este repassá-la ou alugá-la. Quando um feirante não quiser continuar suas atividades com a barraca, esta é devolvida a PMSM (prefeitura Municipal de São Mateus) e esta é repassada a outro feirante que ainda não possui a partir de um cadastro existente coordenado pela Secretaria de infraestrutura e Obras. Desta forma, a Prefeitura Municipal de São Mateus utilizando-se deste cadastro de espera, concede esta barraca a um novo feirante.

Os feirantes Everton Milanez e Adélia Rodrigues, que atuam há mais de 20 anos no bairro Vila Nova, foram os primeiros feirantes a receber as novas barracas padronizadas. Todos esses acontecimentos da feira do bairro Vila Nova chamaram a atenção para a Central de Abastecimentos de Alimentos do Espírito Santo, a Ceasa, que após anos de intenção, acabou em 16 de maio de 2013 abrindo uma unidade na cidade de São Mateus.

2.6.5 Em 2013 – A chegada do CEASA NORTE

Além da padronização das barracas o CEASA NORTE também foi uma conquista para feirantes e fregueses do Vila Nova, pois trouxe produtos novos não produzidos no município.

A Unidade Regional Norte das Centrais de Abastecimento do Espírito Santo (Ceasa/ES) foi instalada no município de São Mateus, às margens da BR-

101, o novo entreposto é o segundo maior dos quatro apresentados pela Ceasa/ES e foi batizado de "Nyder Barboza de Menezes"⁵³.

A inauguração foi realizada em uma quinta-feira, no dia 16 de maio de 2013, e como mencionado pelo Jornal Tribuna do Cricaré nesta data, cerca de mil pessoas participaram do evento.

O Governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, nesta ocasião declarou:

"A implantação da Ceasa Norte faz parte das nossas estratégias para favorecer o processo de descentralização do mercado atacadista capixaba, estimular a estabilidade dos preços e beneficiar o produtor rural, a rede varejista e o consumidor final".

O secretário de agricultura, na ocasião, também declarou que:

"Com a inauguração dessa unidade o Espírito Santo passa a ser o Estado com melhor cobertura de centros de comercialização".

Desta forma o CEASA ampliou a operação gradativa até consolidar-se ao arranjo hortigranjeiro na região, beneficiando produtores rurais, atacadistas e varejistas. A unidade foi construída com 50 mil metros quadrados, sendo 3.600 m² de área construída. Além disso ela contribuirá na redução do fluxo, na garantia da qualidade dos produtos pela redução da distância e tempo de exposição nos veículos de transporte. Em outras palavras o CEASA Norte trouxe produtos mais frescos.

Para os feirantes da feira do bairro Vila Nova, a chegada do Ceasa Norte (fotografias 30 e 31), trouxe melhorias à qualidade dos produtos que compravam em outras localidades do estado e fora dele.

53 Nyder Barboza de Menezes, ex-deputado capixaba, natural de Linhares.



Fotografia 30: Inauguração do Ceasa Norte.
Fonte: Ceasa Norte⁵⁴ (2013).

A unidade do Ceasa Norte⁵⁵ aproximou os feirantes da feira do Vila Nova de produtos que pelo custo de aquisição fora da região se tornava inviável como o caso de queijos, vinhos, uvas, vindos do sul capixaba e outros doces e geleias vindos da região sudoeste de Minas Gerais.



Fotografia 31: Produtos vendidos no Ceasa Norte.
Fonte: Ceasa Norte (2013).

Em outubro de 2013, a Prefeitura Municipal de São Mateus e a Ceasa Norte realizaram, com os feirantes da feira do bairro Vila Nova, uma reunião para orientar sobre o manuseio de alimentos, o incentivo à produção destes produtos e a orientação da melhor logística de distribuição dos mesmos. No dia 31 de

⁵⁴ Essas fotografias foram cedidas pelo CEASA Norte para divulgação ampla nos meios de comunicação em 2013.

⁵⁵ Ceasa Norte é inaugurada em São Mateus. É a Unidade Regional Norte das Centrais de Abastecimento do Espírito Santo (Ceasa/ES).

outubro de 2013, foram iniciadas as atividades de venda de produtos no Ceasa Norte. Os feirantes começaram a comprar naquele local para a revenda e deram o nome a esse acontecimento de “dia de Mercado”.

2.6.6 O período de 2013 até 2015 – A feira se transforma em interesse de muitos

Em novembro de 2013 os feirantes do bairro Vila Nova realizaram a primeira feira de economia solidária em parceria com a Cáritas⁵⁶ de São Mateus, Prefeitura Municipal e membros da sociedade civil. Essa nova fase da feira, entre 2013 a 2015, trouxe também a presença constante da Policia Ambiental, com o objetivo de coibir o mercado irregular de peixes, animais da fauna silvestre, subprodutos da flora e ainda dar lições de educação ambiental.

Um das referências intelectuais na cidade de São Mateus, o produtor cultural e ator, Jonas Bonomo, declarou em entrevista oral a este pesquisador que: “a criação da feira livre do bairro Vila Nova permitiu que produtores rurais vendessem seus produtos num local específico trazendo renda e dignidade, e que para ele não há nada nesta vida que tenha maior valor do que o alimento, pois é dele que se alimenta o corpo, fazendo caminhar a alma”⁵⁷.

Atualmente com 41 anos de existência a feira livre do Vila Nova é rotina de todos os domingos na vida social, cultural e econômica da cidade, são registrados na prefeitura 211 feirantes oficiais que empregam mais de 450 pessoas para a comercialização de seus produtos, conforme levantamento realizado em entrevistas e coleta de dados entre os meses de julho de 2014 a janeiro de 2015. Há também a presença de feirantes não cadastrados, conforme verificado nesta pesquisa exploratória. Identificou-se 48 feirantes não

56 Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.

57 Jonas Bonomo é um dos mais importantes artistas, produtores culturais de São Mateus. Foi Secretário de Cultura na primeira Gestão do Prefeito Amadeu Boroto. Possui inúmeras peças teatrais produzidas e prêmios recebidos.

cadastrados, sendo que estes vendem seus produtos sem a padronização da prefeitura e nenhum dado da origem dos mesmos.

2.6.6.1 A coordenação de Mercados Municipais e feiras livres na cidade

A prefeitura municipal de São Mateus inovou e criou o cargo de coordenação de mercados e feiras afim de dar presença do estado. Apesar de já atuar desde 2009, o cargo só ganhou força a partir de 2013 como afirma o próprio gerente Gilton. Esse gerente de mercados e feiras atua como agente de fiscalização. Gilton Gomes de Jesus⁵⁸, conhecido como “PIA” (conforme fotografia 32). Esse trabalho acontece há sete anos e foi também uma inovação para a organização da feira livre assim como um olhar da administração pública sob o local e seus acontecimentos, fazendo as intervenções que ora acontecem pelo dinamismo do evento. Esta fiscalização tem apenas o objetivo de organizar a distribuição das barracas por ordem de segmentos e resolver possíveis conflitos entre os feirantes. “Pia”, destaca que ele é sozinho para tanto trabalho, mas também ressalta que os feirantes colaboram e que nos últimos 5 anos destaca que não houve grandes problemas. Sobre a presença dos 52 feirantes informais, ele aponta que a prefeitura não possui novas barracas e que estes estão cadastrados numa lista de espera. Segundo “Pia”, se algum dos 211 feirantes cadastrados desistir da atividade, a PMSM seguindo as leis municipais vigentes aponta a entrega daquela barraca devolvida a um dos feirantes cadastrados.



⁵⁸ Gilton Gomes de Jesus conhecido como “PIA”, foi vereador no Município de São Mateus e se dedica a mercados e feiras livres no município há 7 anos como servidor público.

Fotografia 32: Gerente de Mercados e Feiras Livres de São Mateus.
Fonte: AMORIM (2015).

2.6.6.2 O surgimento de duas novas feiras livres

A feira livre do bairro Vila Nova motivou após 41 anos criação de duas novas feiras na cidade de São Mateus. A primeira foi a do Bairro Guriri no ano de 2011 (conforme fotografia 33), e a segunda no Caic em 2013 (fotografia 34).



Fotografia 33: Feira Livre do Guriri.
Fonte: AMORIM (2015).

Recentemente, em 2011 houve a criação da feira livre do bairro Guriri que acontece todos os sábados e que também leva no seu quadro de feirantes os mesmos do bairro Vila Nova. Esta nova feira nasceu para atender o bairro com o maior número de moradores da cidade de São Mateus hoje. São 93 feirantes cadastrados e um volume médio aproximado de fregueses de 2100 por sábado, totalizando 8400 fregueses por mês.



Fotografia 34: Feira Livre do Caic.
Fonte: AMORIM (2015).

Já a realização da feira livre do Caic (conforme fotografia 34), no bairro Vitória, acontece todas as quartas feiras, e possui 52 feirantes e um volume médio aproximado de fregueses de 630 por cada evento, totalizando 2520 fregueses por mês.

Essas novas feiras possuem mais de 145 feirantes cadastrados e também já entraram na rotina cultural da cidade de São Mateus. Fato percebido nas entrevistas realizadas durante esta pesquisa.

Destacamos para que novos pesquisadores possam realizar pesquisas com estas feiras, uma vez que não existem por serem novas, porém estas transbordam de informações úteis a cidade e a região.

2.6.7 O acompanhamento da Polícia Militar

A fiscalização legal da Feira Livre do Vila Nova é feita pela 1ª Companhia (CIA) do 13º Batalhão da Polícia Militar do Espírito Santo. Nela, a PMES auxilia a PMSM, a fim de evitar brigas, roubos e demais incidentes.

Adicionalmente, dentre outros motivos, tal presença faz-se muito importante nos eventos da feira, uma vez que o número de pessoas que a frequentam é estimado pela PMES na feira livre do Vila Nova. Conforme informações obtidas, via memorando à PMES, estima-se que cerca de 4500 fregueses frequentem a Feira Livre do Vila Nova todos os domingos, o que totaliza um número de cerca de 18 mil pessoas frequentando a feira mensalmente; neste sentido podem ocorrer variações, para mais ou para menos, neste quantitativo, especialmente em datas comemorativas. O Comandante Ronaldo Raimondi, da 1ª CIA do 13º Batalhão da Polícia Militar do Espírito Santo, explica que a estimativa do fluxo de fregueses na feira é motivada também por questões climáticas e outros fatores externos, conforme memorando do Quartel

do 13º Batalhão da PMES. Tal informação foi solicitada conforme apêndice k (página 247) e respondida conforme anexo A (página 249).

2.6.8 A padronização das barracas como forma de organizar a feira

A solicitação para que houvesse a padronização foi uma iniciativa do vereador municipal de São Mateus, Eneias Zanelato Carvalho⁵⁹ através da indicação 196/2011 (ANEXO L, página 284), de 18 de abril de 2011 e aprovado um dia depois 19 de abril de 2011. Essa iniciativa do vereador trouxe luz a feira uma vez que mesmo sobrevivendo a quatro décadas a falta de padronização deixa a feira com um aspecto de mau arrumado ou desorganizado.

Feirantes e fregueses destacaram durante esta pesquisa que a padronização das barracas a feira livre do Vila Nova assim como a chegada da CEASA Norte valorizou algo “sagrado” para ambos. Ao melhorar a aparência, novos feirantes e fregueses chegaram e passaram a também se manter fies a feira. A diferença de como se fazia a feira no passado e agora é visível como podemos ver nas fotografias 35 (barraca em 1995)⁶⁰ e de 2012 (conforme fotografia 36) com a padronização.

59 Nascido em 1º de novembro de 1964, Eneias Zanelato Carvalho é um dos políticos de maior respeito atualmente em São Mateus. É mateense, formado em Administração, a mais de 27 anos trabalha na Petrobras e, desde 99, é diretor do Sindicato dos Petroleiros do Espírito Santo.

60 Moradora do bairro, a senhora Kássia Souza, e filha de um dos pioneiros da feira livre do bairro Vila Nova (Carmelito Souza Neto) nos cedeu uma fotografia de 1995.



Fotografia 35: Vista das barracas em 1995.
Fonte: Kássia Souza (1995).

Moradora do bairro, a senhora Kássia Souza, e filha de um dos pioneiros da feira livre do bairro Vila Nova (Carmelito Souza Neto) nos cedeu uma fotografia de 1995 (fotografia 35), que nos serviu de parâmetros para comprar o antes (1995) com o depois (2012) cedida pela PMSM (fotografia 36).



Fotografia 36: Prefeito Amadeu comprando produtos em uma barraca padronizada.
Fonte: PMSM (2013).

2.6.9 A criação da Lei 948/2010 – Lei de posturas que estabeleceu a prática da feira livre e outras disposições

Criada pela PMSM (Prefeitura Municipal de São Mateus) a Lei 948/2010, conhecida como código de posturas para estabelecer normas disciplinadoras da higiene pública, do bem-estar público, da localização e do funcionamento de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços, onde definiu-se pela primeira vez na história da cidade a participação das autoridades públicas municipais as regras que reconheçam os comércios de rua, desta forma a feira livre do Vila Nova ganhou sua identidade formal. Nesta lei também se oficializou o nome de feira de Vila Nova. Foi a partir desta lei que toda a organização espacial e territorial foi definida, dando maior organização aos feirantes e melhor percepção de atendimento aos fregueses⁶¹.

Após levantamento ao longo de sete meses junto a Secretaria de Infraestrutura e Transporte da Prefeitura Municipal de São Mateus (PMSM), norte do Espírito Santo, constatou-se que havia um cadastro de feirantes com poucas informações. Esse cadastro fora feito ainda em abril de 2009 e não havia sido atualizado posteriormente. Com os dados levantados na PMSM, chegou-se ao número de 211 feirantes cadastrados (Anexo H, página 274).

Foi feito, a seguir, um levantamento presencial na feira livre do Vila Nova entre os meses de agosto de 2014 até janeiro de 2015, onde constatou-se que esse número de feirantes formais estava correto, porém haviam mais 52 feirantes informais não cadastrados e atuando sem barracas padronizadas.

Novamente foi verificado que a PMSM se utilizando do cadastro do ano de 2009, apenas acrescentou um novo formulário, chamado de Autorização para Celebrar Termo de Permissão em outubro de 2011, a fim de buscar quais eram os segmentos de produtos dos feirantes para criar as cores que ordenariam cada tipo e tamanho das barracas para a prática adequada e desejada.

A PMSM⁶² fez em 03 de fevereiro de 2012, o termo de Permissão de Bem Público de Natureza Móvel entre ela e os feirantes, a fim de repassar as barracas

61 A Lei nº. 948/2010 instituiu o novo código de posturas do município de São Mateus, estado do Espírito Santo e deu outras providências.

62 PMSM é a Prefeitura Municipal de São Mateus.

supra compradas com erário público, visando dar uniformidade e regularidade a prática dos produtos e do comércio livre de rua da cidade.

O mais forte deste termo é o regime de concessão, ao qual o feirante é apenas usuário da barraca por tempo indeterminado sem nenhum custo, desde que mantenha as condições dos itens que compõem a barraca em perfeito estado de conservação. Uma inovação da PMSM foi que, sob nenhuma hipótese, os feirantes possam repassar a terceiros as barracas, nem emprestar, locar, arrendar ou vender, no intuito de evitar que se crie um comércio em torno delas.

3 CAMINHOS DA FEIRA LIVRE DO VILA NOVA

3.1 Do início até os dias atuais da feira livre do Vila Nova

O local de realização da feira livre do bairro Vila Nova tivera ao longo desses 41 anos algumas mudanças, porém estas sempre se mantiveram no eixo principal desta feira que é a Avenida Brasil.

Os pioneiros, Carmelito Souza Neto e seu amigo João Costa Palmeira, escolheram esta avenida por um motivo simples. Segundo eles, esta avenida cruzava a frente de suas casas na época. A Avenida Brasil era e é até hoje a coluna dorsal do bairro Vila Nova e assim, naquela época eles iniciaram as atividades na avenida Brasil entrando para a rua Estados Unidos.

A razão para não terem começado a feira em outra rua, avenida ou até bairro foi porque a ideia era vender seus produtos para os próprios vizinhos, porém perceberam posteriormente que o local era muito bom e bem localizado, já que estava situado ao lado da BR-101, além de ser próximo à saída da Rua

Inácio Fundão, principal via de acesso dos produtores rurais da cidade de São Mateus.

Já Belmiro Pereira Sena, um dos pioneiros na segunda etapa da feira do bairro Vila Nova, afirma que a criação dos pioneiros João Costa Palmeira e Carmelito Souza Neto Neto, foi uma orientação divina, e disse:

“foi sagrado, foi divino, foi Deus que orientou eles a começarem aquela feira ali, entrevista cedida em 20 de novembro de 2014”.

Para ele, a localização da feira naquele local valorizou as pessoas antes marginalizadas, e disse que a região do outro lado da BR-101 era vista como menos favorecidas, mais pobres e por consequência discriminadas. Na sequência são demonstradas essas mudanças que ocorreram na feira ao longo desses quarenta e um anos desta existência, de maneira a ilustrar o seu crescimento e ampliação espacial.

3.2 Percorso histórico do espaço da feira livre do Vila Nova

Esse levantamento do percurso histórico desta feira desde o início contou com a participação de muitos frequentadores (feirantes, fregueses e moradores antigos do bairro), e foram assim identificados:

- a) Entre 1974 e 1983 – situava-se entre a Avenida Brasil, número 446, até a Rua Estados Unidos, até o número 132;
- b) Entre 1984 e 1992 – ampliou-se para a Rua 3 Morros, número 1525, até a Avenida Brasil, número 446, entrando também para a Rua Estados Unidos, até o número 132.

- c) Entre 1993 até 2004 – houve novamente uma ampliação, que seguiu da Rua 3 Morros, número 1525, até a Avenida Brasil, número 276, entrando também para a Rua Estados Unidos, até o número 132.
- d) Entre 2005 até 2012 – mais uma mudança e ampliação, que seguiu da Rua 3 Morros, número 1525, até a Avenida Brasil, número 129, entrando também para a Rua Estados Unidos, até o número 132.

No final de 2012, a prefeitura Municipal de São Mateus, identificou que a Rua 3 Morros via de acesso à BR-101 trazia perigo aos frequentadores e alguns acidentes e atropelamentos haviam sido registrados, desta forma levou a prefeitura e a Associação de Feirantes do bairro Vila Nova a definirem um deslocamento da feira, local este que permanece até os dias atuais.

Este deslocamento trouxe a feira para a Avenida Brasil, número 537, até a Rua Peru, número 88 e também entrando para a Rua Estados Unidos, número 132. O atual percurso da feira livre do bairro Vila Nova compreende 820 metros de feira.

3.3 Percurso Contemporâneo da Feira Livre do Vila Nova

Identificamos nesta pesquisa que não haviam levantamentos de nenhum dos órgãos competentes sobre as informações de percurso, trajeto das ruas e avenidas ocupadas pela feira livre de Vila Nova. A Associação de Feirantes, bem como a PMSM e a PMES não possuíam registros sobre isto, apenas davam apoio aos espaços ocupados, porém sem a exatidão dos percursos e metragens envolvidas.

Diante disso, essa pesquisa buscou também preencher esta lacuna, de modo que, realizou os levantamentos através do uso de uma trena laser de 80

metros, modelo GLM 80 da marca Bosch⁶³, devidamente calibrada por uma empresa acreditada pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO), afim de garantir que sua medição ocorresse e fosse o mais real possível.

Assim, entre os dias 10 e 17 de agosto de 2014 (dois domingos), utilizando-se desta trena, foram realizadas as medições na feira livre, antes do seu funcionamento para que se pudessem obter as metragens dos espaços ocupados pela mesma com exatidão.

Esta contribuição não somente confirma como elucida o atual percurso da Feira Livre do Vila Nova como também servirá para as observações e disposições das barracas e produtos por trecho ocupado pelos feirantes e a proposição futura de melhorias as vias de acesso e comercialização.

Tabela 3: Percurso e metragem da Feira Livre do Vila Nova

De	Número	Até	Número	Metragem
Avenida Brasil	537	Avenida Brasil	569	508
Avenida Brasil	386-446	Rua Estados Unidos	2-132	150
Avenida Brasil	2-132	Rua Peru	127-197	162
Metragem do Espaço ocupado pela feira				820

Fonte: AMORIM (2015).

Destaque para a Rua Argentina próxima à Avenida Brasil é utilizada eventualmente em dois domingos de cada mês, em um percurso de 40 metros para a venda de artigos de armarinho em geral.

Afim de buscar os dados com maior exatidão e participação, realizamos a coleta das entrevistas no primeiro e último domingo dos meses (julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro de 2014 e janeiro de 2015), pois é nesse período que os feirantes formais e informais de outras cidades do norte do estado do Espírito Santo e sul da Bahia veem em maior número para a feira

⁶³ Trena a laser da marca Bosch é um instrumento de precisão. Utilizado em unidades de medidas, este facilita a medição em ambientes onde não se pode parar o fluxo, como é o caso da feira livre do Vila Nova.

livre do Vila Nova, atraídos pelo recebimento dos salários dos fregueses e assim buscam o aumento de vendas no período.

Tabela 4: Quantidade de Feirantes e Fregueses entrevistados por gênero.

Gênero	Feirantes	Fregueses (as)
Mulheres	53	123
Homens	47	77
Quantidade	100	200

Fonte: AMORIM (2015).

Foram realizadas visitas por sete meses à Feira Livre do Vila Nova, onde observou-se que os feirantes e fregueses do sexo feminino são regulares e em maior número do que os do sexo masculino.

Destaque para as 53 feirantes acompanhadas durante este levantamento que não faltaram a nenhum dos domingos nos 7 meses de visita à feira para esta pesquisa. Já os feirantes homens apresentam uma participação menor nesta feira neste período conforme demonstrado na tabela 4.

A amostra desta pesquisa apresentou 53% das feirantes do sexo feminino e 41% do sexo masculino, demonstrando o papel predominante da mulher nesta feira.

Nesse mesmo período também foram observados que os fregueses em sua maioria eram mulheres. Dos 200 questionários aplicados com fregueses que se dispuseram a participar da pesquisa, 61,50% eram mulheres e 38,50% do sexo masculino conforme tabela 4.

Tabela 5: Percentual de Feirantes e Fregueses entrevistados.

Percentual da Amostra	Quantidade de Entrevistados	Quantidade Total	%
Feirantes	100	211	47
Fregueses	200	4500	4

Fonte: AMORIM (2015).

Conforme tabela 5, os números gerais da feira livre do Vila Nova são de 211 feirantes cadastrados e de aproximadamente 4500 fregueses (dados da PMES, Anexo A). Assim foram entrevistados 100 feirantes e 200 fregueses para esta amostra.

3.4 A abrangência espacial da feira livre

As feiras normalmente se apropriam de tecido urbano existente, onde se fixam e se adaptam às condições locais como em uma relação simbiótica. Por isso, elas são vistas também como uma atividade capaz de induzir desenvolvimento e ativar espaços vazios até que seus usos sejam consolidados. Spitzer e Baum (1995) apresentam um exemplo, o caso do Main Street Market que nasceu na melhor área do centro da cidade de Hartford (EUA), em 1992, quando os planos para uma torre de escritórios foram cancelados dando origem a uma feira local. Segundo eles, embora cidadãos e governo ainda esperassem utilizar o espaço para “o edifício da prefeitura ou outro grande empreendimento, nesse intervalo de tempo uma feira melhorou a aparência [*do espaço vazio*] e preencheu uma importante função nesse espaço crítico no centro da cidade” (SPITZER e BAUM, 1995). Esse movimento de atração e modificação da característica do uso do solo, é resultado, segundo Hillier (1996), da disposição desse tipo de comércio informal (feira), no tecido urbano das cidades, com características de acessibilidade (conforme fotografia 37) onde feirantes e fregueses se apropriam dos espaços na feira livre do Vila Nova.

Segundo afirma este autor, a maior parte do espaço urbano se caracteriza pelo movimento advindo de sua morfologia e potencializado pelo uso que nele se localiza,

o bom espaço é o espaço utilizado. A maioria do uso dos espaços urbanos é movimento. A maioria do movimento é 'por entre', que resultado de como a malha oferece rotas de um lugar para todos os outros. A maior parte do uso do espaço informal está também relacionado ao movimento [...] (HILLIER, 1996)⁶⁴.



Fotografia 37: Rua principal da Feira livre do bairro Vila Nova, São Mateus-ES.

Fonte: AMORIM (2015)

As feiras livres que sobreviveram se tornaram tradicionais e têm se modernizado como é o caso da feira do Vila Nova (conforme fotografia 37), transformando-se em locais atraentes para feirantes e fregueses, principalmente aqueles que os frequentam cotidianamente. Os feirantes têm se preocupado com a organização do ambiente, a saúde pública, a higiene e a limpeza de seus espaços de trabalho, deixando de serem meros feirantes ambulantes para formalizar as trocas que se efetivam nesses espaços (DE CERTEAU, et.al.,1996).

Atualmente, para regularizar as feiras livres e os mercados no Brasil, foi constituída uma parceria entre o MDS e as prefeituras brasileiras, contando com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), através de uma iniciativa denominada “Programa de Modernização

64 Tradução livre do autor desta pesquisa sobre o texto original: “Good space is used space. Most urban space use is movement. Most movement is through movement, that is, the by-product of how the grid offers routes from everywhere to everywhere else. Most informal space use is also movement related (...)” (HILLIER, 1996, pág. 127).

de Feiras Livres e Mercados Populares”⁶⁵. Já com resultados significativos para o país, porém para São Mateus esta política pública ainda não foi alcançada. Estas ações do SEBRAE são voltadas para a oferta de consultorias aos feirantes e seus colaboradores, diretamente ligados às feiras e mercados, além de cursos de formação para feirantes e proprietários de bancas nos mercados, objetivando geração e manutenção de emprego e renda. A formação é dada nas áreas de associativismo, atendimento ao público, relações humanas, manipulação de alimentos, condutas básicas de higiene e limpeza e comercialização de produtos. Sobretudo, busca-se fortalecer a economia municipal através da consolidação das feiras livres. Porém esta parceria ainda não chegou em São Mateus por falta de iniciativas municipais, como projetos e disponibilidade de efetivo (pessoas) para a realizar do programa.

A noção de apropriação parece ser o elo mais importante que passa a marcar a vida coletiva na cidade capitalista. Uma vez apropriado, o espaço transforma-se em local de reprodução (material e imaterial) social. Tal condição é inerente a lógica do sistema capitalista de produção, que tem na propriedade e na realização do lucro o seu principal motor de funcionamento. Nesse sentido, apropriar na cidade pressupõe negar e/ou facilitar o acesso às diferentes áreas do sítio urbano, caracterizando a presença de múltiplas relações de poder na configuração espacial e social urbana.

Daí a ideia de que ao produzir sua existência, os homens produzem não só sua história, conhecimento, processo de humanização, mas também o espaço. Um espaço que, em última instância, é uma relação social que se materializa formalmente em algo passível de ser apreendido, entendido e aprofundado (CARLOS, 2007).

A feira do Vila Nova pode ser definida por Pazera Jr (2003)⁶⁶, que distingue dois tipos de feiras de acordo com sua localização e área ocupada. Para ele o primeiro ocorre em grandes centros urbanos com uma estrutura de

65 O Programa de Modernização de Feiras Livres e Mercados Populares estão entre as iniciativas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) para estimular a comercialização e o consumo de alimentos e o Sebrae.

66 Eduardo Jr. PAZERA, pesquisou a Feira de Itabaiana-PB com o tema: Permanência e Mudança em defesa de seu Doutorado em Geografia, pela USP no ano de 2003.

comércio regular e o segundo refere-se a pequenas feiras do interior que podem ser consideradas como remanescentes das feiras tradicionais, onde o artesão, agricultor e criador se transforma em feirante que é o caso do Vila Nova. Aqui o feirante por oportunidade vende o excedente de sua produção para adquirir os gêneros de sua necessidade (TREVISAN, 2008)⁶⁷.

3.5 O papel econômico da feira livre

Como importante fomentador da atividade econômica urbana, as feiras livres trazem dinamicidade e agregam valor ao espaço urbano, dando suporte ao desenvolvimento da economia local e ainda geram sucesso econômico a quem dela tira o sustento e, finalmente, são lugares onde se pode pechinchar e conseguir produtos com melhores preços. Para a Ford Foundation (2003)⁶⁸, estes espaços de comércio de rua são importantes pela sua capacidade de geração de movimento e indução de melhorias sociais e econômicas para seus usuários (THE FORD FOUNDATION, 2003).

Nesta premissa a feira livre do Vila Nova justifica tal afirmação da Ford Foundation, pois após anos de sobrevivência está feira ainda deu surgimento a outras duas feiras livres na cidade de São Mateus (Guriri e Caic) surgindo ao longo de toda a região, além de dar acesso econômico e sobrevivência a muitas pessoas que dela vivem.

Em uma visão mais condensada, Dantas (2008) também destaca o papel econômico que as feiras possuem:

“Essa dimensão remete à visão da feira como o lugar das trocas comerciais, da compra e da venda dos mais variados produtos hortifrutigranjeiros, pecuários e manufaturados. É onde se praticam as mais variadas estratégias de comercialização através de preços reduzidos, que são resultantes do seu caráter de informalidade, da

67 Emerson TREVISAN, pesquisou a Feira Livre em Igarauçu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência entre o formal e o informal. Recife: UFPE, 2008. (Dissertação de Mestrado).

68 A tradução da publicação foi realizada pelo pesquisador de forma livre. O título original é THE FORD FOUNDATION. Public Markets as a Vehicle for Social Integration and Upward Mobility e está disponível na Internet em: <http://www.fordfoundation.org/>. Acessado em: 28 jun 2015. Tradução livre do autor.

vulnerabilidade das mercadorias e da concorrência entre os feirantes para conquistar a fidelidade dos clientes (DANTAS, 2008)”.

Esse comércio de rua, antes classificado como “marginal”, tem sido tomado como um próspero e crescente fenômeno da economia global e uma fonte potencial de desenvolvimento, pois fornecem bases econômicas às cidades. Alguns de seus exemplares nordestinos são centros distribuidores comerciais regionais e atraem milhares de compradores por ano, gerando milhares de empregos. Tornam-se ótimos exemplos de dinâmica da cidade: ela se enche de pessoas provenientes de localidades diversas contribuindo para o impressionante movimento que então se estabelece, gerando renda e trabalho para quem dela depende direta ou indiretamente.

Nessa premissa, tem-se a década de 1950 a 1960 como um período de destaque o desenvolvimento destas feiras por todo o Brasil, principalmente para a região Nordeste do país por conta do baixo nível de industrialização. Estudos como o de Araújo (2000), mostram a veracidade da afirmativa, quando a mesma mostra que,

a partir dos anos 60, impulsionadas por incentivos fiscais – 34/18-Finor e isenção do imposto sobre a renda, principalmente –, por investimentos de empresas estatais do porte da Petrobrás (na Bahia e Rio Grande do Norte) e da Vale do Rio Doce (no Maranhão), complementados com créditos públicos (do BNDES e BNB, particularmente) e com recursos próprios de importantes empresas locais, nacionais e multinacionais, as atividades urbanas – e dentro delas, as atividades industriais – ganham crescentemente espaço no ambiente econômico do Nordeste e passam a comandar o crescimento da produção na região, rompendo a fraca dinâmica preexistente (ARAÚJO, 2000).

É preciso trazer à tona as contribuições das feiras livres para o entendimento do desenvolvimento econômico regional da cidade de São Mateus. Para tanto, se faz necessário entender os mais variados aspectos presentes nas mesmas, desde a gênese e a evolução, até sua organização e funcionamento dentro do sistema econômico, como aponta Sato (2012).

Neste caminho, a feira livre é uma das principais formas de comércio presente em São Mateus, seja pela feira do Vila Nova ou pelas outras duas feiras

existentes posteriormente, o que modifica a dinâmica das mesmas nos dias de sua realização através das diversas atividades. Isso mostra que mesmo passado décadas as feiras em São Mateus sobrevivem, dividindo espaço com outros grandes mercados formais e formas de comercialização espalhados por toda a cidade.

Para o autor Braudel (1996), percebe-se que,

se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias (BRAUDEL, 1996).

Algumas peculiaridades fazem das feiras livres um ambiente de comercialização singular, que atrai milhares de consumidores até os dias de hoje. Dentre elas, a oferta de produtos diferenciados (produzidos de maneira quase artesanal e em pequena escala) e as relações de amizade e confiança estabelecidas entre vendedores e compradores ao longo do tradicional ato de “fazer a feira”, ou de comprar os itens de primeira necessidade para sua sobrevivência, como aponta o freguês da feira livre do Vila Nova, o Sr. Alex dos Santos⁶⁹, que disse:

“na feira do Vila Nova a gente encontra aquilo que precisamos para passar a semana. O feijão, a carne de frango, de porco e de boi, além das verduras, legumes e frutas fresquinhas. Aqui a gente pede desconto e leva mais por menos, isso a gente não consegue indo ao supermercado, lá o preço é o da placa, não tem conversa, nem desconto”.

A importante concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços no bairro Vila Nova em São Mateus-ES e seu perímetro ao longo da Avenida Brasil convivem com a feira livre. O fluxo de veículos (transporte coletivo urbano,

69 Alex dos Santos é freguês da feira do Vila Nova.

transporte interestadual e intermunicipal, bem como, de veículos de passeio). Os itinerários orientam-se no sentido das vias de penetração. Destacam-se como principais vias de acesso ao bairro uma avenida e uma rodovia: a Avenida Brasil e a Rodovia Três Morros.

Quanto à infraestrutura destacamos que são oferecidos serviços básicos de abastecimento de água, bem como, de coleta do lixo doméstico. O bairro Vila Nova possui um supermercado e uma escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio que no início desta feira foi fundamental para o desenvolvimento da feira e há também muitos pequenos comércios.

Todos os produtos encontrados no centro da cidade, também são encontrados neste bairro, o que possibilita o atendimento das principais necessidades de consumo de seus moradores. Nas atividades socioeconômico-comerciais do bairro destaca-se o oferecimento dos seguintes produtos/serviços: aviamentos; confecções; calçados; cama, mesa e banho; brinquedos; louças e alumínio; eletrodomésticos; carnes (boi, frango, peixe); hortifrutigranjeiros (frutas, folhas/hortaliças, verduras); medicamentos alopáticos; perfumes e cosméticos; revistas, jornais e artigos de papelaria; cereais e grãos; produtos de limpeza; som e instrumentos musicais; locadoras; autopeças; hotelaria; serviços pessoais (barbearia, cabeleireiro, manicure, chaveiro e lavanderia); escolas e creches; serviço de saúde (centro de saúde e serviço veterinário); posto policial; agência dos correios; posto de combustíveis; serviço de mecânica; lotérica; serviço de mudança; marcenaria; padaria; vidraçaria; serviço de transportes e cargas.

Além das relações entre os comerciantes e seus clientes, o relacionamento entre feirantes também é algo a ser destacado. Sato (2007), coloca que a feira livre deve ser entendida como “um contínuo organizar, baseado em acordos e negociações, em cooperação e competição e na execução de regras tácitas”.

Sato (2007) informa que,

a proximidade geográfica possibilita o estabelecimento de acordos entre vizinhos de banca, que constroem regras de convivência específicas, em geral válidas apenas para os feirantes que as definem, sendo impraticável qualquer tentativa de generalização. Estas englobam desde a definição de horários de montagem e desmontagem das bancas até a faixa de preços praticados (SATO, 2007).

A feira livre apresenta-se como um canal de distribuição de produtos diferenciados, cuja produção é feita a partir de métodos quase “artesaniais”, o que não acontece na produção em escala feita pelos grandes proprietários, que abastecem os demais canais de comercialização. Assim, a possibilidade de encontrar produtos naturais a preços mais acessíveis representa um atrativo para a feira, cuja “oferta de alimentos de alta qualidade, sem agrotóxicos, sem aditivos químicos e produzidos com base no conhecimento acumulado no local, possibilita aos habitantes urbanos terem uma alternativa para melhoria de sua alimentação” (RICOTTO, 2002).

Devemos considerar que a produção e a distribuição em qualquer forma de comercialização nas feiras livres é uma das mais modernas, não havendo uma transformação geral, mas continua tendo um papel de destaque na economia da cidade de São Mateus e na dinâmica dos bairros da cidade. Inseridas nos novos processos econômicos, as feiras reagem e se adaptam as mudanças que vem ocorrendo, coexistindo com formas comerciais as mais modernas possíveis.

O aumento no oferecimento de produtos artesanais, inicia-se na metade da década de 1990, especialmente com as feiras-livres e o comércio direto com os consumidores, bem como houve aumento na quantidade de produtores rurais com foco no mercado de produtos coloniais que encontram no mesmo, uma oportunidade para constituição da renda familiar, que está em xeque através do movimento que os excluem das atividades tradicionais (DORIGON, 2008).

Segundo Churchill e Peter (2000), o processo pelo qual os consumidores compram produtos e serviços começa com o reconhecimento de uma necessidade. Esse processo de tomada de decisão começa com o consumidor

reconhecendo um problema a ser resolvido ou necessidade a ser satisfeita, sendo provocadas por estímulos externos (convite a um casamento, anúncio em rádio) e internos (fome, cansaço, sede). Preço e qualidade foram vistos como fatores essenciais no processo de escolha do pescado para o consumo.

Isso deve-se ao fato de estarem diretamente relacionados, ou seja, a medida que um produto vai sendo identificado como de maior qualidade, se diferenciando, ele tende a apresentar maior valor. Assim, um produto ou serviço com qualidade considerada superior não terá sua demanda reduzida em função do preço cobrado (PAIXÃO et al., 2010).

Neste contexto o pescado apresentará preços proporcionais a sua qualidade, ou seja, quanto maior o preço maior a qualidade do produto e vice-versa.

A qualidade é fator de decisão de compra pelos clientes e usar a qualidade como diferencial competitivo pode ser uma poderosa ferramenta para conquista e retenção de consumidores (GARVIN, 2010).

Deste modo, pode-se deduzir que os fregueses estarão dispostos a pagar o preço que acharem compatível com a qualidade apresentada.

Além disso, a grande variedade de produtos e a diversidade nos preços se destacam entre os fatores que viabilizam as feiras livres como relevante canal de comercialização.

Pode-se observar que a concentração de feirantes em um único lugar resulta numa concorrência que apresenta impacto na qualidade, na quantidade e nos preços dos produtos, atraindo grande número de fregueses.

A diferença de preço entre os estabelecimentos comerciais (supermercados) de São Mateus, e a Feira Livre do Vila Nova é considerável como poderemos ver na tabela 7.

Realizamos este levantamento para pesquisa com 10 grupos de produtos e nestes 58 itens pesquisados (conforme a tabela 6).

Tabela 6: Grupos e quantidades de itens pesquisados por grupos.

Item	Grupo	Quantidade de Itens pesquisados
1	Laticínio	6
2	Carnes	6
3	Frutas	12
4	Verduras, Legumes Tubérculos e Temperos	24
5	Doces e Geleias	2
6	Artesanato e Flores	2
7	Grãos	1
8	Vestuário	2
9	Eletrônicos	2
10	Lanches	1
Total de Itens Pesquisados		58

Fonte: AMORIM (2015)

Dentre os itens pesquisados (medidos por quilo ou unidade, conforme tabela 7), percebe-se uma diferença significativa em favor do preço da feira livre do Vila Nova contra os supermercados.

Assim, demonstra-se que as compras na feira do Vila Nova apresentam custos bem menores para os fregueses quando compara-se aos supermercados da mesma região.

Os supermercados por arcarem com custos maiores para a manutenção de uma estrutura física, de transporte e também administrativa, muitas vezes

não conseguem competir com os preços praticados na Feira Livre do Vila Nova, cujo próprio feirante é o patrão, atendente, carregador.

Tabela 7: Grupos pesquisados com valor total e média da Feira Livre do Vila Nova e dos Supermercados de São Mateus-ES.

Tabela de Distribuição de Valores por Grupo e Média - medidos por quilo ou unidade				
Grupo	Feira livre do Vila Nova		Supermercados de São Mateus	
	Valor Total do Grupo	Média do Grupo	Valor Total do Grupo	Média do Grupo
Laticínios	R\$ 136,25	R\$ 27,25	R\$ 194,75	R\$ 38,95
Carnes	R\$ 298,25	R\$ 59,65	R\$ 411,50	R\$ 82,30
Frutas	R\$ 328,60	R\$ 65,72	R\$ 367,40	R\$ 73,48
Verduras, Legumes, Tubérculos e temperos	R\$ 428,35	R\$ 85,67	R\$ 454,95	R\$ 90,99
Doces e Geleias	R\$ 43,50	R\$ 8,70	R\$ 72,80	R\$ 14,56
Artesanato e Flores	R\$ 121,40	R\$ 24,28	R\$ 135,80	R\$ 27,16
Grãos	R\$ 22,50	R\$ 4,50	R\$ 37,15	R\$ 7,43
Vestuários	R\$ 44,30	R\$ 8,86	R\$ 250,10	R\$ 50,02
Eletrônicos	R\$ 50,10	R\$ 10,02	R\$ 269,95	R\$ 53,99
Lanches	R\$ 10,00	R\$ 2,00	R\$ 24,65	R\$ 4,93
Total	R\$ 1.483,25	R\$ 296,65	R\$ 2.219,05	R\$ 443,81

Fonte: AMORIM (2015)

Foram pesquisados cinco supermercados de São Mateus no eixo de concorrência com a Feira Livre do Vila Nova.

Tabela 8: Preços dos produtos por grupo das barracas com valor total e média.

Distribuição de valores dos Grupos Pesquisados em 05 barracas.								
Levantamento na Feira Livre do Vila Nova	Grupo	Barraca 1	Barraca 2	Barraca 3	Barraca 4	Barraca 5	Total	Média do Valor por (KG ou U.N)
	Laticínios	R\$ 29,05	R\$ 27,00	R\$ 26,50	R\$ 27,20	R\$ 26,50	R\$ 136,25	R\$ 27,25
	Carnes	R\$ 60,25	R\$ 58,60	R\$ 60,50	R\$ 60,25	R\$ 58,65	R\$ 298,25	R\$ 59,65
	Frutas	R\$ 60,50	R\$ 65,50	R\$ 68,50	R\$ 65,60	R\$ 68,50	R\$ 328,60	R\$ 65,72
	Verduras, legumes, tubérculos e temperos	R\$ 90,25	R\$ 80,00	R\$ 83,00	R\$ 87,60	R\$ 87,50	R\$ 428,35	R\$ 85,67
	Doces e Geleias	R\$ 9,50	R\$ 8,20	R\$ 7,80	R\$ 9,50	R\$ 8,50	R\$ 43,50	R\$ 8,70
	Artesanato e Flores	R\$ 22,60	R\$ 24,60	R\$ 21,40	R\$ 23,60	R\$ 29,20	R\$ 121,40	R\$ 24,28
	Grãos	R\$ 5,30	R\$ 3,50	R\$ 3,80	R\$ 4,40	R\$ 5,50	R\$ 22,50	R\$ 4,50
	Vestuários	R\$ 8,60	R\$ 9,60	R\$ 8,90	R\$ 8,50	R\$ 8,70	R\$ 44,30	R\$ 8,86
	Eletrônicos	R\$ 12,60	R\$ 9,20	R\$ 9,70	R\$ 9,60	R\$ 9,00	R\$ 50,10	R\$ 10,02
	Lanches	R\$ 1,50	R\$ 2,00	R\$ 2,50	R\$ 2,50	R\$ 1,50	R\$ 10,00	R\$ 2,00
	Total dos Itens							R\$ 1.483,25

Fonte: AMORIM (2015)

Este levantamento foi realizado em todos os supermercados em um mesmo dia (13/04/2015, segunda-feira) para não incorrer em alterações de preços temporais, enquanto que os preços da feira foram levantados um dia antes (12/04/2015, domingo), uma vez que ela ocorre somente aos domingos.

Após levantamento dos preços, procedeu-se a soma destes com todos os itens pesquisados por grupo de produtos nos cinco supermercados, e a seguir calculou-se a média destes preços. Assim, possibilitou a comparação com os preços médios praticados na feira livre do Vila Nova, conforme demonstrado nas tabelas 8 e 9.

Tabela 9: Preços dos produtos por grupo dos supermercados com valor total e média.

Distribuição de valores dos Grupos Pesquisados - 05 Supermercados.								
Levantamento Supermercados	Grupo	Santo Antônio	Ramedas	Rondelli	Extrabom	Casagrande	Total	Média do Valor por (KG ou U.N)
	Laticínios	R\$ 42,95	R\$ 38,00	R\$ 37,45	R\$ 37,45	R\$ 38,90	R\$ 194,75	R\$ 38,95
	Carnes	R\$ 85,50	R\$ 81,50	R\$ 80,90	R\$ 81,50	R\$ 82,10	R\$ 411,50	R\$ 82,30
	Frutas	R\$ 72,50	R\$ 72,90	R\$ 72,50	R\$ 74,50	R\$ 75,00	R\$ 367,40	R\$ 73,48
	Verduras, legumes, tubérculos e temperos	R\$ 95,55	R\$ 94,80	R\$ 92,50	R\$ 89,60	R\$ 82,50	R\$ 454,95	R\$ 90,99
	Doces e Geleias	R\$ 12,50	R\$ 15,50	R\$ 14,20	R\$ 17,80	R\$ 12,80	R\$ 72,80	R\$ 14,56
	Artesanato e Flores	R\$ 28,60	R\$ 29,30	R\$ 25,60	R\$ 28,50	R\$ 23,80	R\$ 135,80	R\$ 27,16
	Grãos	R\$ 6,90	R\$ 7,60	R\$ 7,50	R\$ 7,90	R\$ 7,25	R\$ 37,15	R\$ 7,43
	Vestuários	R\$ 52,60	R\$ 55,90	R\$ 52,30	R\$ 45,80	R\$ 43,50	R\$ 250,10	R\$ 50,02
	Eletrônicos	R\$ 64,50	R\$ 68,20	R\$ 52,30	R\$ 42,50	R\$ 42,45	R\$ 269,95	R\$ 53,99
	Lanches	R\$ 4,20	R\$ 4,80	R\$ 5,20	R\$ 6,65	R\$ 3,80	R\$ 24,65	R\$ 4,93
	Total dos Itens							R\$ 2.219,05

Fonte: AMORIM (2015)

Comparando os preços dos grupos de produtos apresentados nas tabelas 8 e 9, destacam-se diferenças percentuais consistentes nos preços, deste modo:

- a) No grupo de Laticínios foram pesquisados 6 diferentes itens, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 30,04% menores que os preços médios dos supermercados estudados.
- b) No grupo de Carnes foram pesquisados 6 diferentes itens, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 27,52% menores que os preços médios dos supermercados estudados.
- c) No grupo de Frutas foram pesquisados 12 diferentes itens, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 10,56% menores em que os preços médios dos supermercados estudados.
- d) No grupo de Verduras, Legumes, Temperos e Tubérculos foram pesquisados 24 itens, no qual a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 5,85% menores em que os preços médios dos supermercados estudados.
- e) No grupo de Doces e Geleias foram pesquisados 2 itens, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 40,25% menores em que os preços médios dos supermercados estudados.
- f) No grupo de Artesanato e Flores foram pesquisados 2 itens, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 10,60% menores em que os preços médios dos supermercados estudados.
- g) No grupo de Grãos foi pesquisado 1 item, o qual apresentou preços médios 39,43% menores na feira do Vila Nova do que nos supermercados estudados.
- h) No grupo de Vestuários foram pesquisados 2 itens, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 82,29% menores em que os preços médios dos supermercados estudados.
- i) No grupo de Eletrônicos foram pesquisados 2 itens, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 81,44% menores que nos supermercados estudados.
- j) No grupo de Lanches foi pesquisado 1 item, e neste caso a Feira Livre do Vila Nova apresentou preços médios 59,43% menores que nos supermercados estudados.

- k) Dos 10 grupos avaliados neste estudo, a Feira Livre do Vila Nova apresentou todos os preços médios inferiores aos preços médios praticados nos supermercados para todos os grupos de produtos.

Tal diferença entre a feira livre e os supermercados também já foram estudados, como aponta a pesquisa no Mato Grosso. Nela Godoy (2005) aponta que:

“A diferença se remete ao processo de formação de preços, por isso até são mais baratas que no oligopólio dos grandes supermercados”.

Outro ponto percebido e que vale ressaltar neste nosso levantamento apresentado em desfavor aos supermercados, referem-se ao custo com a energia elétrica e especialmente com as embalagens, que impactam de forma consistente nos preços do produto oferecido ao consumidor final. Sendo que muitas embalagens dos produtos ofertados na feira são embalagens reaproveitadas de outros produtos comercializados, como potes de vidro, garrafas, potes plásticos, sacolas, caixas de papelão, entre outra; reduzindo assim o custo do produto da feira.

Mas, a formação de preço de um ambiente oligopolizado (supermercado) é o que mais influência na diferença de preços perante a feira. Assim, para os fregueses da feira livre do Vila Nova, quanto mais informações sobre os preços eles tiverem à sua disposição, mais facilmente poderão planejar suas compras e economizar, comprando na feira, abrindo aqui também outro viés para pesquisas no futuro.

Com esta base nos dados obtidos conforme tabelas 8 e 9, percebe-se que a feira livre do Vila Nova se apresenta como um importante viés de compra dos gêneros alimentícios, uma vez que estes impactam significativamente no orçamento familiar da população e na feira é possível economizar consideravelmente na compra destes itens. Nesse sentido, ao comparar os preços de produtos das gôndolas de supermercados aos das bancas da feira, percebe-se uma a diferença bem razoável, de forma que, todos os itens, sem

exceção, apresentam um custo mais baixo na feira do que no supermercado, sendo assim um importante critério na tomada de decisão para a compra na feira por parte dos fregueses. A perspectiva tradicional da tomada de decisão consiste numa abordagem racional do processamento de informação para o comportamento de compra. De acordo com essa abordagem, os consumidores passam de maneira linear por todos os estágios do processo de decisão, quando ocorrem altos níveis de processamento de informação.

Churchill e Peter (2000) levam em consideração no processo de compra do consumidor as influências sociais e influências situacionais. Para Engel et al. (2000) as variáveis que influenciam no processo de decisão de compra encontram-se divididas entre as influências ambientais, as diferenças individuais e os fatores pessoais. Schiffman e Kanuk (2000) e Solomon (2002), compreendem que o indivíduo, como consumidor, sofre influências psicológicas, pessoais, sociais e culturais. Isso se comprova quando analisamos as entrevistas dos fregueses da feira, e aqui mais particularmente a do senhor Gildásio Ferreira⁷⁰, de 63 anos, morador do bairro Santo Antônio, que disse:

“eu compro na feira porque os preços são melhores, os produtos são melhores. Além disso minha família compra na feira, meus filhos compram, meus cunhados e até meus vizinhos, até parece que estou numa festa de família ou de amigos quando venho a feira aos domingos” – Entrevista de 18 de maio de 2015.

3.6 A contribuição social da feira livre

As feiras livres criam um local dinâmico e muitas vezes surpreendente, onde há inúmeras atividades da comunidade acontecem e onde há uma fácil mistura e interação entre as pessoas. Ela resgata dignidade, pois se há o interesse de alguém de fazer doces, biscoitos, bolos, artesanatos, haverá aí o interesse de alguém comprar.

Esse é um dos aspectos visíveis do dinamismo social existente nas feiras. Elas também podem ser consideradas como espaços públicos locais altamente

70 Gildásio Ferreira é freguês da feira livre do Vila Nova e diz que não falta há nenhum domingo de feira.

convitativos do espaço público, para onde convergem inúmeras atividades e que atrai todo tipo de pessoas e atividades.

Normalmente, esses mercados ao ar livre são localizados ou criados em espaços públicos dentro da comunidade e são reconhecidos como atividades “sagradas” para aquelas pessoas (conforme fotografia 38, 39 e 40), atraindo movimento e dinamismo aonde elas acontecem.



Fotografia 38: Dinamismo no trabalho da feira.
Fonte: AMORIM (2015)

Sendo assim, a feira livre organiza-se essencialmente em redes de relações sociais, tendo como suas principais feições “mesclar relações de trabalho com os familiares, de vizinhança e de amizade, acionar suas rotinas valendo-se de regras tácitas e operar por meio de relações de cooperação e de competição” (SATO, 2007)⁷¹.

Logo, a do Vila Nova como qualquer feira livre não é mais um simples local de compra e venda de mercadorias, tornando-se também um local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais. Lá é o local escolhido para os mais variados atos da vida social.

⁷¹ Leny SATO é uma das maiores referências sobre processos cotidianos de organização do trabalho em feiras livres no Brasil.

Para Guimarães (2010), ao mesmo tempo sendo a feira um meio de divulgação e manutenção de tradições e costumes, espera-se que as famílias de feirantes e fregueses transmitam hábitos para outras gerações, mesmo em meio ao caótico e moderno cotidiano em que as escolas não passam aos jovens a integridade do valor dessa manifestação popular.

Isso se comprovou durante esta pesquisa, pois quando buscamos as lideranças da principal escola Estadual localizada no eixo dorsal da feira livre do Vila Nova, estas não tinham nenhum trabalho sobre a feira. Para elas, o evento não tinha representatividade, confirmando assim a percepção de Guimarães (2010).

Como cita Pazera Jr. (2003) sobre observação nas feiras do Nordeste brasileiro, elas tornam-se locais de convivência:

Se sabem as últimas notícias e boatos. Ali são feitos os anúncios de utilidade pública. Comícios, geralmente ocorrem em dia de feira, podendo contar, assim, com o maior público possível da zona rural. Espetáculos artísticos, dentre eles alguns hoje ditos folclóricos, desenvolvem-se na feira. Apresentam-se espetáculos com o fito de promover algum produto, como é o caso dos remédios, ou ainda como forma de entretenimento (cuja remuneração é voluntária), a exemplo dos cantadores que evocam os trovadores medievais, apresentando riqueza em experiência e memória. (PAZERA JR., 2003).

Assim, a feira livre do Vila Nova torna-se um lugar onde se estabelecem inúmeras relações de vizinhança entre feirantes, fortalecendo redes de conhecimentos, além da promoção e da absorção de desempregados na região. Outro reflexo disso é a quantidade de pessoas que estão na feira à espera de alguma oportunidade, prestando serviços, esperando contatos e verificando as possibilidades de subsistência neste ambiente informal. A economia do município de São Mateus está intimamente ligada ao comércio, à agricultura e à pecuária, ao petróleo, mas o comércio (produtos e serviços) é o maior destaque. Como em outros centros urbanos, as mudanças econômicas, advindas da globalização, também influenciaram a economia local e houve um aumento no número de trabalhadores informais na feira livre.

Na Vila Nova, predomina a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros. Os principais produtos comercializados são agropecuários, mas encontramos também industrializados, dentre artesanais, têxteis, calçados, etc. Os produtos orgânicos também marcam presença, em poucas quantidades ainda, devido ao seu preço elevado, o que evidencia a procura apenas, por parte de uma clientela detentora de maiores recursos financeiros e maior grau de escolaridade. Cerca de 5% dos entrevistados se enquadram nesse percentual.



Fotografia 39: Encontros entre conhecidos na Feira.
Fonte: AMORIM (2015)

Tanto no caso de feirantes como de fregueses, confirma-se a teoria das trocas sociais (MAUSS, 1974)⁷² visto que, ambos “produzem” o espaço urbano, tendo em vista a multiplicidade de encontros, de trajetórias diversas e de práticas sociais que constituem esse espaço no que tange às formas de organização do comércio de rua.

Desse modo, a questão das trocas sociais (MAUSS, 1974) e da reciprocidade se constitui em ponto fundamental para pensar as formas de sociabilidade e de comércio presentes no contexto urbano a partir das relações estabelecidas entre feirantes e fregueses da feira livre, como formas de “produzir

⁷² Marcel Mauss, tem um estudo sobre o sistema do dom, modelo de trocas sociais, sugerido por um encadeamento de dádivas e contra dádivas que podem se suceder infinitamente.

o espaço urbano” que se configuram nas práticas cotidianas dos seus sujeitos (CERTEAU, 1994)⁷³.

Elias (1994), destaca quão importante são as relações sociais dos indivíduos como um elemento-chave para a compreensão da sociedade, a partir da crítica ao que ele denominou de “duas formas radicais de sociologia”, que num dado momento enfatiza o indivíduo e em outro a estrutura.

Conforme Elias (1994, p. 16),

[...] o que nos falta [...] são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível no pensamento aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados.

Godoy e Anjos (2007) ressaltam ainda que a troca de conhecimentos e experiências entre o rural e o urbano e, em especial, entre os próprios trabalhadores rurais, faz da feira-livre um canal de comercialização diferenciado dos demais. Ainda segundo os autores, o sentimento de unidade existente no ambiente da feira livre, onde as relações entre os próprios feirantes e entre eles e seus consumidores apresentam alto grau de confiança, torna este canal um ambiente de comercialização singular.

Com base em observações feitas ao longo de sua pesquisa os autores afirmam: “é corriqueiro aos feirantes, atender os consumidores da banca do vizinho, vender os produtos do colega, fazer o troco e colocar o dinheiro na gaveta deste”.

Consideramos que, andar por uma feira no domingo pode parecer uma ação ordinária, sem surpresas, visão de um cotidiano de uma cidade que vive em ritmo acelerado, pessoas que se cruzam por corredores sem se

73 CERTEAU na obra, A invenção do cotidiano, evidencia um interesse crescente dos pesquisadores pelas chamadas “questões do dia-a-dia, pelas questões mais rotineiras que compõem os acontecimentos diários da vida e os significados que as pessoas vão construindo, nos seus hábitos, nos rituais em que celebram no recinto doméstico.

cumprimentar, indivíduos anônimos, na vivência fragmentada dos papéis sociais que compõem o tecido urbano na modernidade (VELHO, 1999).

A Feira Livre pode ser compreendida também como um local de encontro dos feirantes, consumidores e demais sujeitos que vivenciam seu dia-a-dia, e,

[...] a feira, por mais diversificado que possa ser o seu significado, é local de abastecimento, mas também de reunião, de encontro, e a sua periodicidade por ser semanal, mensal ou anual, dependendo do tipo de feira [...] que estivermos tratando (MAIA, 2000).

Podemos identificar na Vila Nova, gestos engendrados por sujeitos sociais onde feirantes e fregueses evocam formas específicas de lidar com a realidade e de organizar-se social e economicamente, respeitando espaços individuais e consolidando as trocas sociais de mercado que lá ocorrem.

Quando um feirante da feira livre do Vila Nova falta por motivos alheios, este é percebido por fregueses e pelos próprios feirantes. Dois depoimentos chamaram a atenção, no primeiro o freguês, Emilio Costa Bueno⁷⁴ disse:

“poxa, hoje vim preparado para levar a melhor carne de porco desta feira, só que o feirante não veio” (entrevista realizada dia 08 de fevereiro de 2015).

Em segundo momento o feirante, Elier Pires Alves⁷⁵ concorrente daquele feirante faltoso disse:

“hoje a feira não está boa, porque só tem eu e mais um vendendo carne de porco e a banca que mais traz carnes de porco que não trazemos não veio, isso é ruim para todos nós” (entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2015).

74 Emilio Costa Bueno é freguês da feira livre do Vila Nova.

75 Elier Pires Alves é feirante do Vila Nova.

Desta forma o modelo das feiras acaba por não haver concorrência acintosa, mas um sistema de equilíbrio de forças entre quem oferta maior variedade de produtos com aqueles que oferecem uma quantidade menor.

3.7 O nascimento da cultura na feira livre

Embora o caráter mercantil seja colocado em primeiro estágio, sendo este o principal motivo para a feira livre, ao longo do tempo ela se desenvolveu de forma lúdica e livre, como o seu próprio nome diz, e possibilitou adaptar-se aos tempos em relação às mercadorias, tecnologias e clientes, não perdendo sua base, suas raízes. Equilibrando os princípios da tradição e da inovação, assim como uma festa popular, cada feira livre é, ao mesmo tempo, igual e diferente da anterior.

A feira livre do Vila Nova é caráter predominantemente hortifrutigranjeiro e se insere como uma possibilidade de reafirmação da identidade do povo mateense, que por sua história sempre dependeu do campo, além brasileiro, já que destaca os costumes e a cultura popular, promove troca de conhecimentos, resgate de valores e sensação de integração social.

A grande maioria dos mercados ao ar livre traz consigo um valor cultural intrínseco despertado pela enorme variedade de produtos comercializados e/ou apresentados ao público e que fazem parte do cotidiano de seus frequentadores. Com o tempo, esse espaço de sociabilidade tornou-se referência na formação da identidade cultural do povo e uma atração para os visitantes, tendo em vista a variada riqueza presente no conjunto material e humano ali exposto,

“nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, erguese uma rede de sociabilidades

vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos.” (Morais e Araújo, 2006).

A feira como manifestação cultural promove condições para a expressão de diversas manifestações artísticas, como a presença de repentistas, cantadores e grupos musicais, teatrais e literárias, como no caso dos cordéis, além de outras manifestações folclóricas. Com uma visão mais abrangente de cultura, pode-se dizer que tudo nela é cultural. A forma como os feirantes expõem produtos, como chamam fregueses, como se organizam no espaço, tudo contribui para que a cultura da feira seja um processo que se forma dia-a-dia na interação das pessoas que nela convivem, feirantes ou compradores, desocupados, e até mesmo aquelas figuras estranhas que se fazem existir à sua sombra.

Porém BARBOSA (2000), questiona o conceito de feira por uma visão puramente econômica, chamando a atenção para a tendência da visão economicista em fazer dessa uma simples manifestação pontual ou um epifenômeno de um “mercado” abstrato e único. Segundo as autoras, não existe um mercado, mas sim, uma variedade de mercados, de saberes e dizeres, dos quais, a feira se constitui em um deles.



Fotografia 40: População da Feira livre do bairro Vila Nova, São Mateus-ES.
Fonte: Amorim (2015)

As feiras enquanto locais de trabalho ou de divertimento, de negócio ou de lazer, ainda são espaços de construções mediadas por saberes, por conhecimentos (conforme fotografia 40).

Diversos espaços podem contribuir para uma teoria da relação com o saber, através de uma abordagem que considere os sujeitos – sua interação com seus pares, a dinâmica do desejo, sua fala e a atuação construídas em uma história que os articule à família, à sociedade, enfim, à espécie humana – engajados em um mundo no qual ocupam uma posição e onde se inscrevem em relações sociais. Ratificando essas palavras, o próprio Charlot (2005), argumenta que,

as relações sociais envolvem é discutir a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular.

Segundo Karsaklian (2000),

é através da cultura torna-se possível identificar as pessoas, e através dos valores julgar até mesmo se seu comportamento é moral ou normal em uma dada situação. Transmitida de geração em geração, a cultura garante sua continuidade no tempo e analisa indivíduos para fazer parte de um grupo e até mesmo da sociedade.

Esta autora compreende ainda que a cultura esteja necessariamente presente nos diversos aspectos de comportamento do consumidor, bem como nos objetos que são consumidos. Definindo seus papéis na sociedade, os indivíduos vão estabelecendo seus padrões de consumo e contribuem direta e igualmente para delinear o modo de existência de uma sociedade.

Pode se evidenciar nesses espaços sócio-educativo-culturais, distintas demandas que os constituem não só como lugares de oferta e procura de produtos, como também em sociabilidade, educação, cultura e territorialidade a partir de trocas de bens e serviços, dizeres e saberes. Sendo assim, questões

como o que será vendido/comprado, os processos de troca, a linguagem específica utilizada, as estratégias próprias de realizar abstrações matemáticas, e fazer negócios, e até mesmo as motivações para ir às feiras – o que lá fazer, onde, como, com quem, até quando e porquê – deverão ser analisadas em razão das especificidades educacionais, culturais, sociais e históricas dessas feiras.

Atualmente, a feira livre enfrenta alguns ameaças devido ao cenário econômico voraz, com alta competição no comércio e a supervisão do poder público, que progressivamente tira características fundamentais da manifestação desta. Porém, é importante ressaltar que esta feira sobreviveu a quatro décadas e conseguiu romper elas através de muita criatividade de seus frequentadores (ora fazendo escambo, ora comprando fiado).

Todos esses elementos são fatores que fortalecem a viabilidade desse canal de comercialização. Assim, confirmamos que, embora apresentando uma essência econômica, mais que um simples comércio, a feira livre do Vila Nova preenche também uma função social para a cidade de São Mateus, enquanto veículo de comunicação e expressão de arte e cultura do povo, configurando-se como lugar de encontro, reencontro e lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam e isso que certamente construiu o “sagrado”.

É perceptível que a feira livre vai além do caráter comercial, pois, em meio aos seus fazeres cotidianos, produz encontros potentes de afirmação da vida.

Existe uma variedade de atores compondo o cenário da feira livre, que vão desde os feirantes e fregueses, que variam entre crianças, idosos, trabalhadores, casais, tendo até mendigos e cachorros circulando e convivendo, todos, nesse mesmo espaço, pintando cenas de um quadro rico na sua diversidade. A feira se faz num espaço público que transforma, por algumas horas, a realidade do local.

Existe, nesse lugar, a possibilidade de frear o ritmo frenético do cotidiano, que difere de outros locais de compra e venda como acontece nos supermercados. Na feira livre, inventa-se outro modo de fazer compras, de maneira mais calma, mais descontraída, mais prazerosa. O que antes era um

espaço de passagem, a rua com seus respectivos moradores e comerciantes, torna-se um espaço de convivência.

3.7.1 Os dois tipos de feirantes encontrados na feira do Vila Nova

Após 30 (trinta) semanas ou 7 meses de visitas em campo na feira do Vila Nova para os levantamentos desta pesquisa, passamos a nos tornar conhecidos pelos feirantes, uma vez que muitas perguntas eram realizadas e outras muitas respostas eram dadas por estes e justificadas por eles que nos serviam com os ingredientes elementares desta pesquisa.

Para a maioria dos entrevistados a atividade de feirante é o profissional que trabalha nas feiras livres, e estas são para eles aglomerações de comerciantes de produtos alimentícios e afins, e geralmente elas acontecem nas ruas, em dias específicos e oferecem aos fregueses, produtos como: frutas, legumes, verduras, carnes e peixes frescos, barracas de alimentos prontos, como pastéis, além de outros tipos de produtos para o lar, bijuterias e até mesmo roupas.

Ainda no Vila Nova os feirantes têm a responsabilidade de levar às suas barracas somente produtos de boa qualidade e procedência, além de sempre oferecer à sua freguesia bons preços e ótimo atendimento como afirma o feirante, José Viana⁷⁶,

“aqui só tem coisa boa, de qualidade, fresca e que você pode pagar”.

Também na feira do Vila Nova, foi falado pelos feirantes que nela há dois tipos, os feirantes profissionais⁷⁷ e os feirantes por oportunidade⁷⁸. Para eles os

76 José Viana é feirante na Vila Nova.

77 Feirantes profissionais para a feira do Vila Nova são aqueles que dependem economicamente dela para sobreviver.

78 Feirante por oportunidade para a feira do Vila Nova são aqueles que complementam renda com as atividades da feira, tendo uma outra ocupação econômica principal.

feirantes profissionais são aqueles que sobrevivem apenas das atividades da feira, já os feirantes de oportunidades, são aqueles que possuem emprego formal e que eventualmente fazem na feira um “bico” ou um complemento de renda.

O feirante profissional Pedro Gonçalves⁷⁹ (morador do bairro Vila Nova) disse:

“Eu vivo da feira, pra feira e prôs fregueis, só trabalho aqui moço”.

A feirante por oportunidade Maria Santos de Araújo⁸⁰(moradora do Porto) disse:

“agente tá fazendo lá em casa um quarto pra minha filha e o dinheiro é curto, daí eu sou empregada doméstica e meu esposo pedreiro e resolvemos vender aqui na feira, a gente compra no CEASA Norte e traz pra vender aqui”.

79 Pedro Gonçalves é feirante profissional como gosta de ser chamado.

80 Maria Santos de Araújo é feirante por oportunidade do Vila Nova.

4 CONSTRUINDO O SAGRADO: PERFIL DE FEIRANTES E FREGUESES

Através dos questionários presentes nos apêndices A, B, C e D (das páginas 221 até 252), iniciamos nosso levantamento de dados que irão compor a identificação do sagrado a partir de dados com feirantes e fregueses.

Também foram consultados escritores mateenses. Um deles Sebastião Maciel de Aguiar (apêndice E, página 246) informou que não tinha nenhuma informação a ceder (anexo K, página 288). Outro escritor Eliezer O. Nardoto cedeu gentilmente grande parte das fotografias que tinha em seu acervo pessoal.

Os jornais tribuna do Cricaré (apêndice J, página 251), Folha Acadêmica (apêndice f, página 247) e A Gazeta (apêndice H, página 249), também foram consultados e responderam posteriormente. Além da PMSM (apêndice G, página 248) que forneceu amplo material.

O SEBRAE (apêndice I, página 250) declarou que não tinha nenhuma informação a nos apoiar.

E um dos dados mais importante que foram as 78 prefeituras capixabas consultadas (apêndice L, página 253).

Nossa pesquisa é qualitativa não se preocupando necessariamente com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão deste grupo social que se relaciona com a feira livre da Vila Nova. Adotamos esta abordagem qualitativa uma vez que ela se opõe ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997).

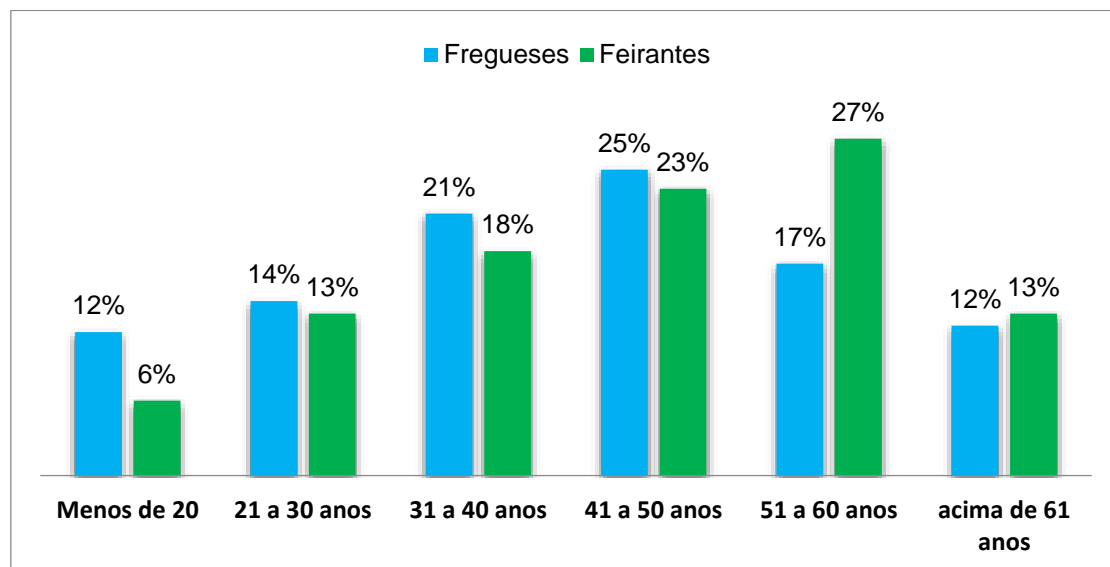
Desta forma, os pesquisadores são ao mesmo tempo o sujeito e o objeto das pesquisas, sendo que o desenvolvimento da pesquisa é imprevisível, assim o conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991). A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001). Todavia ela é um importante caminho de novas descobertas a partir de conversas, questionários e observações.

Os dados utilizados para a identificação do “sagrado” foram coletadas a partir de levantamentos orais através dos formulários e questionários apresentados entre os apêndices A e D, como forma de possibilitar que sejam traçados os perfis dos feirantes e fregueses. Nesse sentido, buscou-se investigar para ambos os envolvidos, fatores como a faixa etária, o sexo, o estado de nascimento, o grau de instrução, a faixa salarial, etnia, local de residência, além de outros aspectos, obtidos pelos relatos, considerados relevantes na busca de identificação do “sagrado” desta feira.

Os questionários foram aplicados aleatoriamente, pois a frequência do público é variável devido a fatores da dinamicidade desta feira, com registro fixo de 211 feirantes fixos e de 4500 fregueses a cada domingo. Com a realização da coleta de dados, procedeu-se o tratamento destes afim de elucidar os caminhos do “sagrado” desta feira.

Assim, foram realizadas entrevistas de 100 feirantes e 200 fregueses distribuídos ao longo de sete meses de pesquisa. Como forma de buscar a identificação do “sagrado”, os questionários foram aplicados com as mesmas perguntas para ambos (feirantes e fregueses).

Dando início à identificação do “sagrado” a partir dos dados, buscou-se analisar a faixa etária da amostra pesquisada, conforme gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição por faixa etária.

Fonte: AMORIM (2015).

Percebe-se, conforme o gráfico 2, a partir dos dados coletados que a faixa etária predominante entre os feirantes situa-se entre 51 a 60 anos (27%), e para os fregueses está na faixa de 41 a 50 anos (25%). Porém nas 6 faixas pesquisadas tanto os feirantes e fregueses denotam uma renovação etária, com novos feirantes entrando e outros saindo da feira, assim como com os fregueses.

Nos dados levantados de faixa etária dos feirantes, destaca-se que há uma renovação entre eles e que há mais gente entrando na atividade do que aqueles com mais tempo de feira, que não necessariamente estão abandonando esta atividade.

Percebeu-se também que, ao mesmo tempo que feirantes e fregueses antigos vão saindo novos vão, do mesmo modo, chegando. Demonstrando uma contínua renovação dos frequentadores da feira.

Assim, através dessa análise, destacamos que a predominância entre a faixa etária dos feirantes e fregueses é constituída por pessoas acima dos 21 anos de idade até os 60 anos. Nesse sentido, os feirantes pesquisados são pessoas com experiência de vida e de conhecimento do negócio da feira livre.

Entre os fregueses também há a predominância de famílias, levadas pelos costumes e tradições, ressaltando-se um grande envolvimento das mulheres.

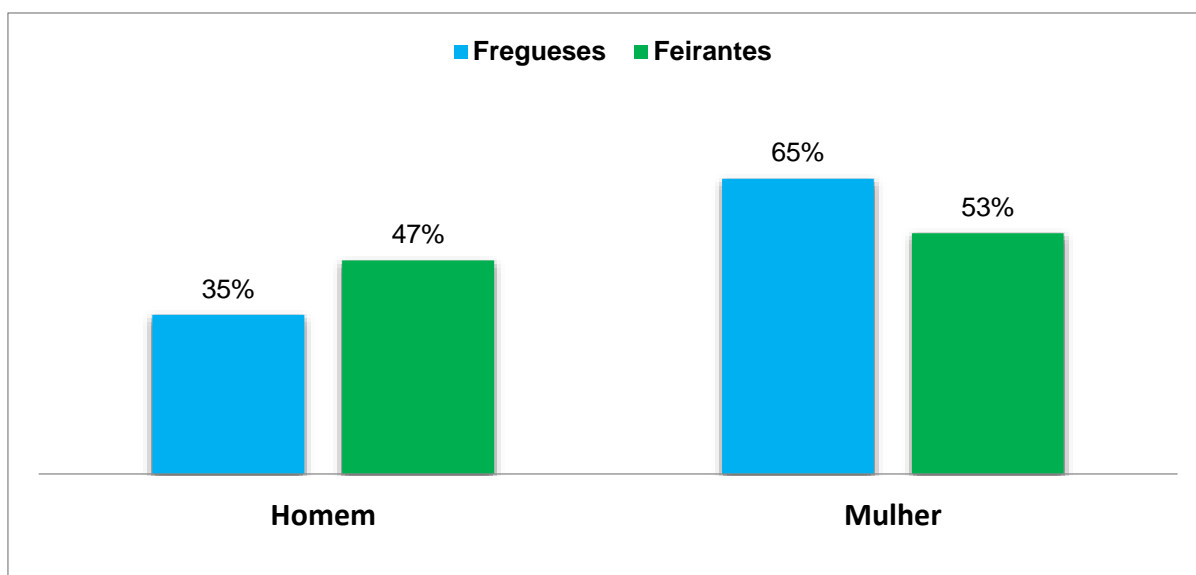
Embora a feira seja frequentada por todas as faixas etárias, os fregueses também se mostraram pessoas com experiência de vida, sendo sua maior parcela composta por indivíduos com mais de 41 anos de idade.

Assim, um ponto importante é que a característica da população da feira da Vila Nova é a de cidadãos (feirantes e fregueses) mais maduros, com experiência de vida acima de 3 décadas ou acima delas.

O “sagrado” aqui se apresenta para a faixa etária com a participação da família, levada em grande parte pelas mulheres, eixo dorsal da família.

Avançando na construção do sagrado a partir do perfil de feirantes e fregueses, fomos identificar o sexo da maioria dos entrevistados como forma de se comprovar que a família estaria presente para ambos os frequentadores (conforme gráfico 3).

Gráfico 3: Distribuição da população por sexo.



Fonte: AMORIM (2015).

Conforme o gráfico 3, a diferença percentual entre a população de homens e mulheres abrangendo tanto feirantes como também fregueses na Feira Livre da Vila Nova demonstraram grandes variações, onde percebe-se que 53% dos feirantes são mulheres, a maioria; enquanto 47% são homens, minoria. Assim também, a população de fregueses apresenta 65% de mulheres e 35% de homens.

As feirantes mulheres também maioria, com 53%, declararam que vão acompanhadas sempre de alguém da família e que ajudam no negócio, pois para elas a atividade de feirante é algo que envolve toda a família. Esta abordagem da entrevista indicou também que a população da feira livre do bairro Vila Nova é majoritariamente feminina, sobressaindo-se à ideia de que a mulher ainda tem um papel preponderante nos afazeres domésticos, dentre estes, fazer a feira aos domingos.

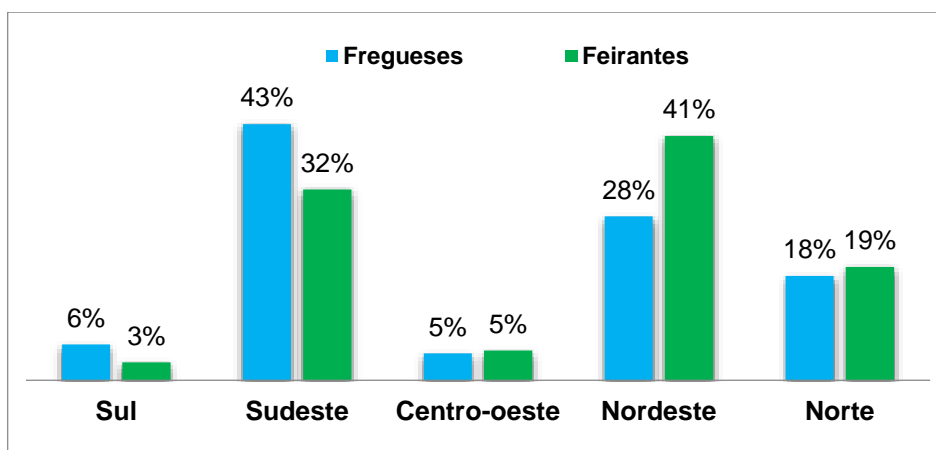
Em relação aos fregueses da feira da Vila Nova, constatou-se que há predominância da freguesia feminina; sendo verificada uma diferença consistente. Conforme os dados obtidos, quase o dobro dos fregueses, 65% são do sexo feminino e apenas 35% são do sexo masculino. Desta forma durante os dias de coleta de dados percebeu-se que as freguesas mulheres, em grande maioria, vão à feira com alguém da família ou amigos, enquanto os homens vão normalmente sozinhos.

Para Godoy (2005), as feiras livres possuem uma grande capacidade de absorção de mão de obra feminina. Com as dificuldades de se inserirem em outros setores, muitas mulheres atuam como feirantes, também por ser esta uma atividade que permite uma maior flexibilidade de horários (CARREIRA; AJAMIL; MOREIRA, 2001).

Desse composto, por um ou outro motivo, tem-se um conjunto de empreendedoras. Esse fenômeno deve ser contextualizado considerando o aumento da participação feminina no mercado de trabalho. O crescimento consistente da presença das mulheres na esfera econômica contrasta com o padrão antigo, de exclusivas “donas do lar”.

O “sagrado” aqui evolui na construção da família como alicerce do eixo de relações desta feira. A já intensa participação feminina no mundo do trabalho se dá nas várias esferas empresariais, destacando a comercialização de produtos populares em feiras livres em grandes centros e no interior brasileiro como aponta Sato (2012).

Gráfico 4: Distribuição por estado de origem (nascimento)



Fonte: AMORIM (2015)

No gráfico 4, demonstra-se a relação a terceira característica constitutiva da população formadora da feira livre da Vila Nova, considerando os feirantes e fregueses, destacando-se sua origem predominantemente da região Nordeste do Brasil: 41%; já os 59% restantes estão diluídos entre 32% da região sudeste, 19% do norte, 5% da centro-oeste e 3% da sul. Aqui reafirma-se as entrevistas com os pioneiros João Costa Palmeira e Carmelito, que vieram para São Mateus atrás de oportunidades, assim constituíram suas bases de família aqui, e foi nesta cidade que conseguiram viver e sobreviver a partir do trabalho na feira.

Os fregueses foram apresentados a partir do gráfico 4, e sua característica constitutiva de população formadora da feira livre da Vila Nova, destaca-se pela origem predominantemente da região Sudeste do Brasil, ou seja, onde a feira se realiza que é o Espírito Santo, sendo 43%, outros 6% do sul e 28% do nordeste, 18% do norte e outros 5% do centro oeste.

Consolidando os dados respondidos pelos feirantes, constatou-se que a maioria (41%) advém do Nordeste, especialmente do estado da Bahia; enquanto que 32% são da região Sudeste (78% deste são do Espírito Santo).

Esta predominância de migrantes da Bahia para São Mateus, está ligada as raízes históricas da cidade com a população afrodescendentes, além do movimento migratório que deu origem a própria feira nos anos 1970, através do advento econômico que trouxe as indústrias do eucalipto e do petróleo.

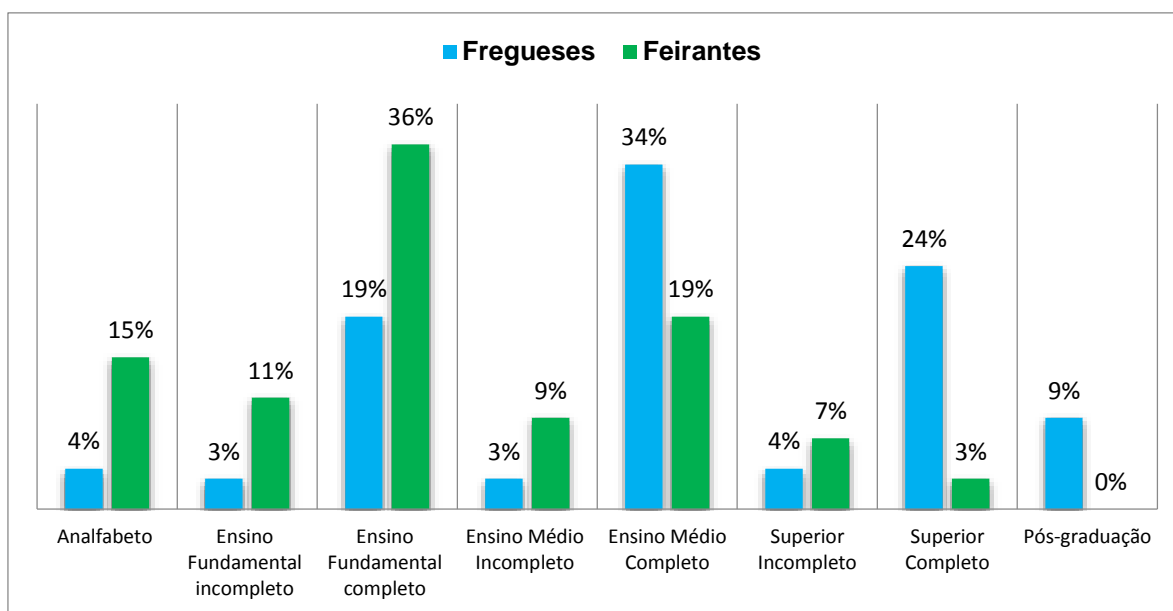
Apurando os dados respondidos pelos fregueses, constatou-se que a maioria (43%) advém do Sudeste, especialmente do estado do Espírito Santo; enquanto que 28% são da região Nordeste (83% deste são da Bahia).

Esta predominância de fregueses sendo do Espírito Santo, principalmente de São Mateus torna a feira livre da Vila Nova uma feira regional, e também destacamos na avaliação dos dados percebeu-se que muitos destes capixabas naturais de São Mateus são filhos ou netos nordestinos, principalmente os baianos. São Mateus sofreu uma grande influência deste estado em sua cultura e história.

Dessa forma, verificou-se os feirantes da feira Livre do Vila Nova são majoritariamente nordestinos, enquanto os fregueses são do Sudeste. Porém, esse aspecto se equipara à informação de que o município de São Mateus se formou e ainda tem muito da descendência africana e da sua ligação regional de pessoas que migraram da Bahia para o Espírito Santo.

Essas pessoas chegaram a São Mateus e criaram aqui seu laço e sentimento de pertencimento.

Gráfico 5: Distribuição por grau de instrução.



Fonte: AMORIM (2015).

A partir do gráfico 5 analisamos as informações dadas pelos feirantes sobre sua formação escolar, onde percebe-se que a maior percentual possui 36% com o Ensino Fundamental Completo, e em seguida outros 19% possuem Ensino Médio Completo, seguidos em 15% de analfabetos e 11% com Ensino Fundamental Incompleto.

Já entre os fregueses, 34% apresenta Ensino Médio Completo, seguidos por 24% com nível superior, e ainda 9% possuem pós-graduação.

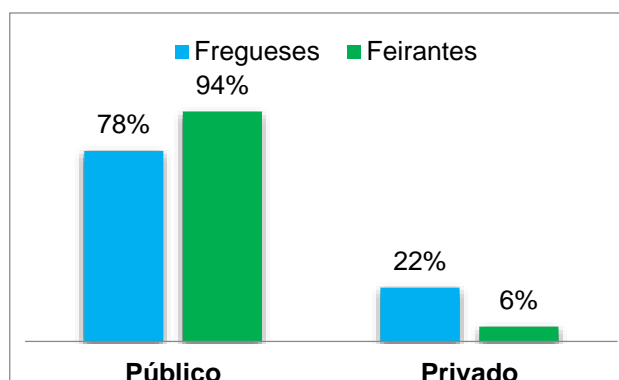
Assim, para o negócio desta feira livre a baixa formação baixa acaba sendo um caminho de sobrevivência, como aponta Godoy (2005). Já para os fregueses, a escolaridade é um pouco melhor, porém não distante, se parecem com os feirantes, diz Sato (2012).

No gráfico 6 analisamos o tipo de escola que feirantes e fregueses estudaram, e constatamos que ela é predominantemente pública. Desta forma entre os feirantes 94% estudaram na escola pública e apenas 6% em escola privada. Já entre os fregueses 78% estudaram em escola pública e 22% em escola privada. Percebe-se entre os fregueses que a busca pela escola privada (22%) é um crescente em comparação com os feirantes (6%) esse número é

menor, porém também cresce mediante ao aumento de renda da chamada nova classe média⁸¹. No Brasil de 2014, a forte presença da temática pode refletir, além das necessidades advindas da generalização do trabalho feminino, o aumento da mobilidade social, com o crescimento da chamada “nova classe média” e o decorrente aumento da expectativa dessa parte da população em relação à escola. Esse comportamento, já identificado por importantes autores da Sociologia da Educação, é típico das frações de classe em ascensão que investem e acreditam na possibilidade da educação escolar consolidar sua mudança de extrato social (BOURDIEU, 1998), diferentemente das classes fortemente escolarizadas que investem em sua capacidade de escolha autônoma de atividades extraescolares, de acordo com seus perfis culturais e econômicos.

Verifica-se também uma parcela de cidadãos analfabetos, pessoas que por algum motivo não estudaram e não desenvolveram as habilidades de leitura e escrita. Apesar dessa limitação quanto à alfabetização e o letramento, conseguem frequentar a feira e realizar a compra de produtos rotineiramente.

Gráfico 6: Tipo de escola que estudou.



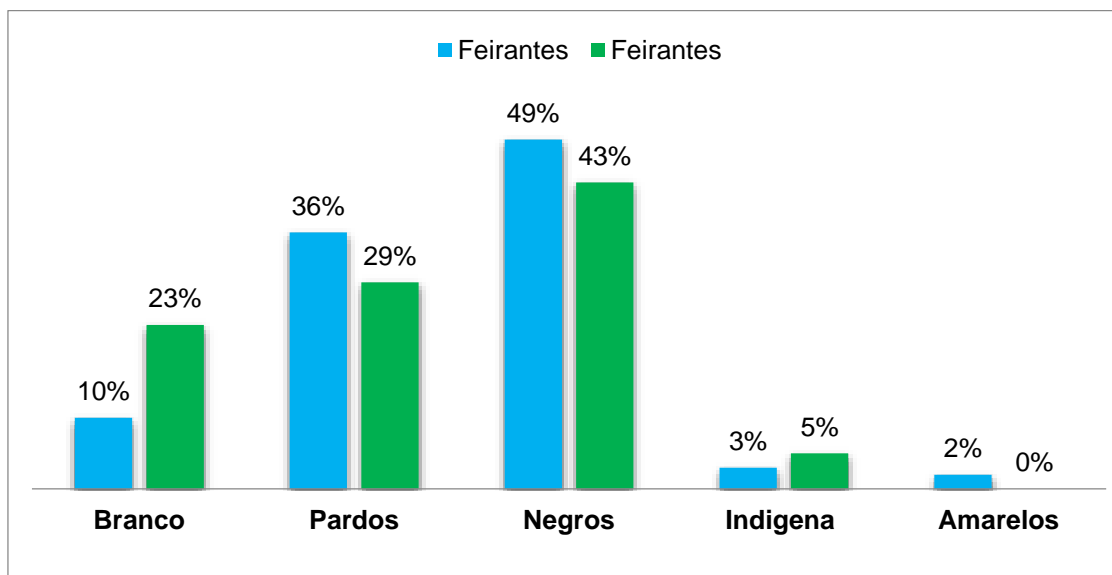
Fonte: AMORIM (2015).

81 A nova classe média brasileira se refere a avaliação de 2002 a 2012, onde cerca de 35 milhões de pessoas passaram a integrar a classe média no Brasil. Com isso, a sociedade brasileira viveu um momento de transformação profunda e as atenções estão voltadas para, a antes esquecida, base da pirâmide. No total, estima-se que o Brasil tenha 104 milhões de pessoas na classe média, o que representa 53% da população brasileira – 20% estão na classe alta e 28%, na baixa. Em 2002, apenas 38% da população estava na classe média.

Destaca-se que apesar dos investimentos correntes no Ensino Regular e na Educação de Jovens e Adultos⁸² no Brasil ainda existem feirantes analfabetos, que possuem o conhecimento irrisório apenas no sistema monetário, não desenvolvendo suas capacidades e habilidades em relação à leitura e escrita, porém isso não os impediu de conquistar seu espaço na feira e na construção de suas famílias.

Ademais, a comercialização de produtos em feiras livres parece proporcionar uma fonte de renda a pessoas que pouco estudaram ou até mesmo que nunca tiveram a oportunidade de estudar (GODOY, 2005).

Gráfico 7: Sobre a etnia da população da feira da Vila Nova.



Fonte: AMORIM (2015).

Analisando o gráfico 7 referente à etnia dos feirantes, percebe-se que a maioria é negra com 43%, seguida por 29% de pardos, 23% de brancos e 5% de indígenas. Os dados referentes aos fregueses indicaram que a etnia

82 Educação de jovens e adultos (EJA) é a modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira e adotada por algumas redes particulares que recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada por qualquer motivo (entre os quais é frequente a menção da necessidade de trabalho e participação na renda familiar desde a infância). No início dos anos 90, o segmento da EJA passou a incluir também as classes de alfabetização inicial.

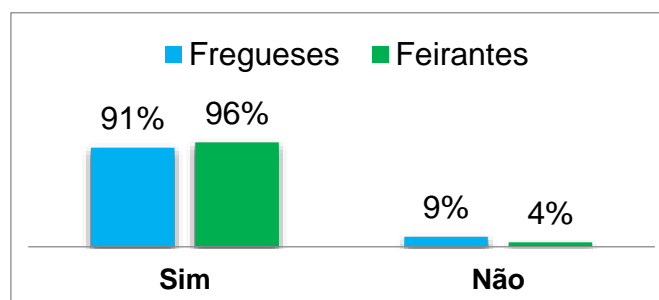
predominante continuou sendo a negra com 49%, seguidos de 36 de pardos, 10% de brancos e 3% de indígenas e 2% amarelos. Nota-se que há compatibilidade de informações entre os feirantes e os fregueses e que ela faz sobressair à etnia negra seguida pela parda em ambos os casos.

Isso se torna coerente com as informações de que a população mateense é predominantemente negra, desde a sua colonização até os dias atuais. Olhares que se voltam para o passado com o honroso intuito de compreender o presente e situar-se nele, conscientemente. Olhares de homens e mulheres que buscam (e encontram) nas africanidades os motivos e as motivações para constituírem-se, para mobilizarem-se, para fortalecer suas identidades: negra e quilombola. O que é imensamente saudável para uma sociedade (e nos referimos a toda sociedade brasileira) que se constituiu e constitui, principalmente, à mão de obra do povo negro presente na feira livre da Vila Nova.

Sato (2012) destaca que a população afrodescentes tem no “sagrado” muitos significados, sendo que um deles é o de se reconhecer com o lugar. E aqui em São Mateus estas pessoas, migrantes ou não, se reconheceram pela história que a cidade teve e tem com a cultura negra.

A partir disso, fomos saber se estes eram moradores da cidade de São Mateus, pois isso se confirmaria o sentimento de pertencimento do lugar que esta população migrada para esta cidade, conforme gráfico 8.

Gráfico 8: Distribuição de feirantes e fregueses (as) que são moradores da cidade de São Mateus.

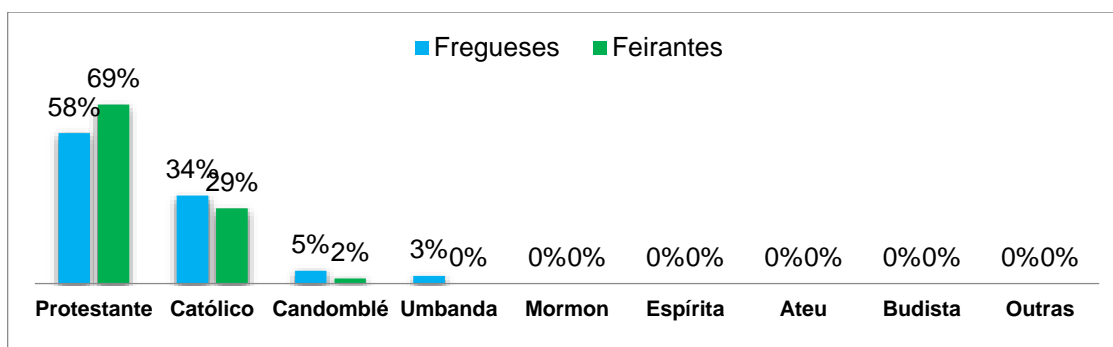


Fonte: AMORIM (2015).

No gráfico 8 buscou-se identificar se esses feirantes e fregueses eram moradores de São Mateus afim de associar a escolha da feira como um costume ou tradição, objetivando chegar ao “sagrado”, uma vez que esse laço se constitui principalmente desta regionalidade.

Daí nota-se que tanto fregueses quanto feirantes, são predominantemente moradores do município de São Mateus, entretanto essa estimativa não se refere à localização em que residem, meio rural ou meio urbano. Para ambos, feirantes (96%) e fregueses (91%) da população da feira livre da Vila Nova é composta por mateenses, mostrando um ponto bastante favorável à economia da cidade, já que os valores movimentados estão sendo investidos no comércio local, gerando uma cadeia de valor por trás desta relação comercial.

Gráfico 9: Distribuição de feirantes e fregueses (as) por opção religiosa.



Fonte: AMORIM (2015).

No gráfico 9 buscamos entender qual é a religião dos feirantes e fregueses, uma vez que durante séculos, a religião andou de braços dados com o comércio, dando origem inclusive a palavra "feira" (latim) significa "dia santo" ou "feriado", origem esta que deu nome as feiras, que significavam dia de comercio. Nesse entendimento, foi identificado que a grande maioria dos feirantes com 98% são cristãos e dos fregueses esse número é de 92%.

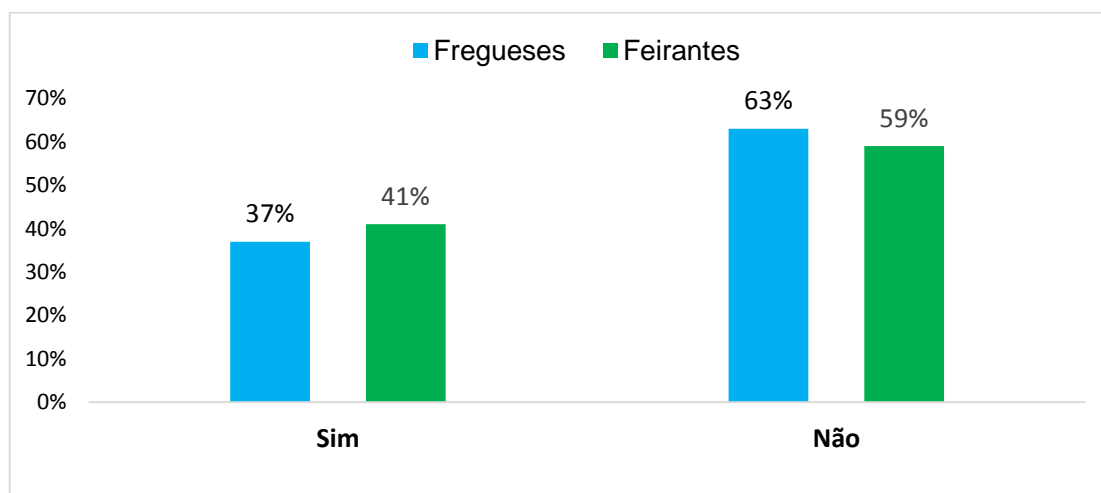
Quando distribuimos esse percentual dos feirantes encontramos 69% de protestantes e 29% de católicos e apenas 2% no Candomblé; já entre os fregueses, 58% eram protestantes, 34% eram católicos, 5% no Candomblé e 3%

na Umbanda. Desta forma, percebe-se o crescimento daquela população de cristãos evangélicos entre os feirantes é superior em duas vezes o número de católicos. Já entre os fregueses isso também se repete. Outro ponto que nos chamou a atenção foi a sobrevivência de religiões afro-brasileiras⁸³, com 2% para os feirantes e 8% entre os fregueses, isso se soma também a “negritude” da população de feirantes e fregueses desta feira conforme gráfico 7.

Essa identificação de opção religiosa de maioria cristã ajudam a construir o “sagrado” desta feira, uma vez que como vimos no capítulo 2, grande parte das feiras existentes no passado na cidade de São Mateus aconteciam próximos a lugares “sagrados” desta opção religiosa. Assim, a apropriação do espaço da Vila Nova também se construiu próximo a muitas igrejas evangélicas e à católica.

Um dos elementos que contribuem para o “sagrado” é seu antagônico, o “profano”, desta forma um dos elementos que formam este o profano da feira livre da Vila Nova é a violência presente até os dias de hoje. Desta forma evidenciamos a presença do “profano” conforme dados no gráfico 10.

Gráfico 10: Distribuição de feirantes e fregueses (as) que foram vítimas de algum tipo de violência na feira (física, moral, verbal, material, sexual).



Fonte: AMORIM (2015).

Analisando os dados do gráfico 10 referente aos frequentadores que já foram vítimas de algum tipo de violência na feira livre da Vila Nova, observou-se

83 Religiões afro-brasileiras são todas as religiões que foram trazidas para o Brasil pelos negros africanos, na condição de escravos. Ou religiões que absorveram ou adotaram costumes e rituais africanos.

que o percentual de vítimas é considerável, pois 37% dos fregueses já foram vítimas, enquanto um número maior ainda entre os feirantes que é de 41%. Esses dados negativos também ajudam a construir o “sagrado” uma vez que essa violência presente constrói seu antagônico, e ainda assim, as pessoas não deixaram de frequentar a feira por conta disso.

A maioria dos feirantes (59%) e dos fregueses (63%) nunca foi atingida por qualquer tipo de agressão. Nesse sentido, há indicativos consistentes do “sagrado” nesta feira, todavia recomenda-se novas pesquisas acadêmicas sobre o risco considerável de violência aos frequentadores aos domingos, o que também indica que melhorias na segurança da feira devem ser implementadas.

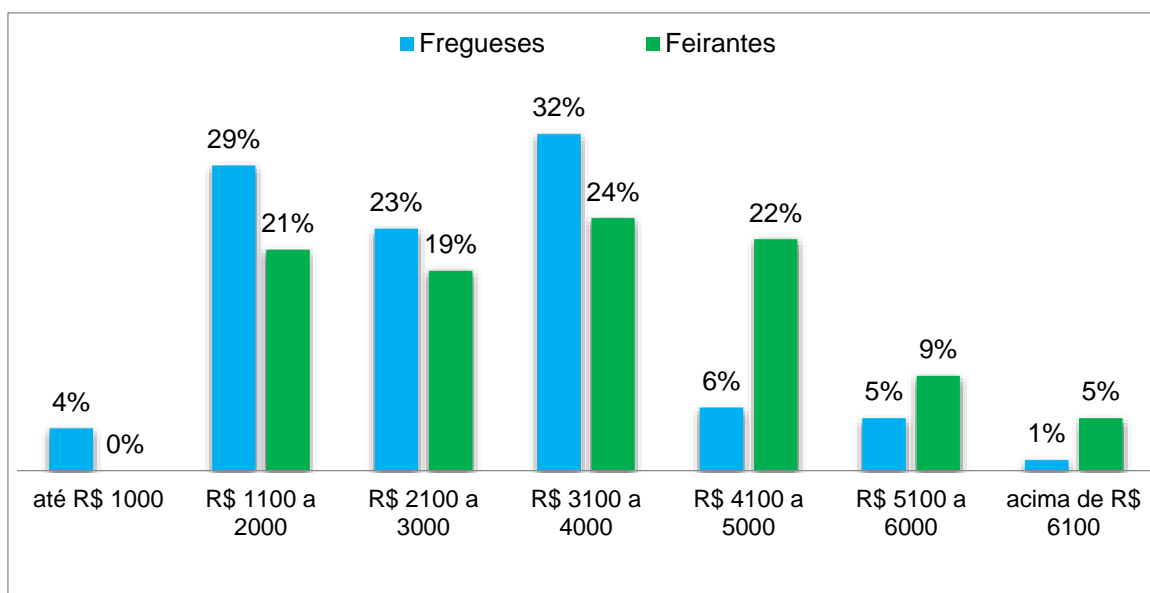
Atualmente apenas uma viatura com dois policiais dão cobertura em parte de período de realização da feira, porém temos que entender que ela possui quase um quilometro de extensão e volume de 4500 participantes (fregueses) por domingo, além dos 211 (feirantes). Essa violência é presente e confirmada pelo Jornal tribuna do Cricaré na edição TC 4.787 de 09 de julho de 2013, quando um homem foi morto a facadas na feira, conforme anexo C.

Essa violência ocorre também pela expectativa e volume de receitas que são geradas a partir da feira nos domingos, assim no gráfico 11 destacamos o levantamento de renda de feirantes e fregueses.

Desta forma, a renda mensal absorvida pelos feirantes com o trabalho na feira livre da Vila Nova está entre R\$ 1100 e R\$ 5000 que representa 86% dos entrevistados, os outros 14% estão na faixa de R\$ 5100 acima.

Já entre os fregueses a faixa é menor, sendo de R\$ 1100,00 a R\$ 4000,00, que representa 84%, seguidos de 12% que ganham acima R\$ 4100,00 e por fim apenas 4% ganham até R\$ 1000,00.

Gráfico 11: Distribuição de renda dos feirantes e fregueses.



Fonte: AMORIM (2015).

Sendo assim, percebe-se que a maioria dos feirantes conseguem obter cinco salários mínimos mensais (24%), assim como os fregueses que também em maioria ganham cinco salários mínimos mensais, porém com percentual maior (32%). Essas informações mostram que a feira livre pode ser garantia de subsistência para muitas famílias do município, sejam feirantes ou fregueses, contribuindo para a construção do “sagrado”, e atendendo ainda às necessidades básicas humanas, ou seja, sobrevivência e acessos sociais através dela. Destaca-se que o perfil dos feirantes e fregueses é variável e seu poder econômico corresponde ao da classe média e baixa emergente no Brasil atual.

Tal renda de feirantes tem origem nos produtos ofertados e desta forma, analisando os dados a partir do gráfico 12, identificamos a origem dos produtos comercializados na feira da Vila Nova. Assim, 46% dos produtos são de produção própria (próprio feirante), seguidos de 30% dos produtos comprados pelos feirantes direto com outros produtores rurais⁸⁴, e 11% com intermediários⁸⁵

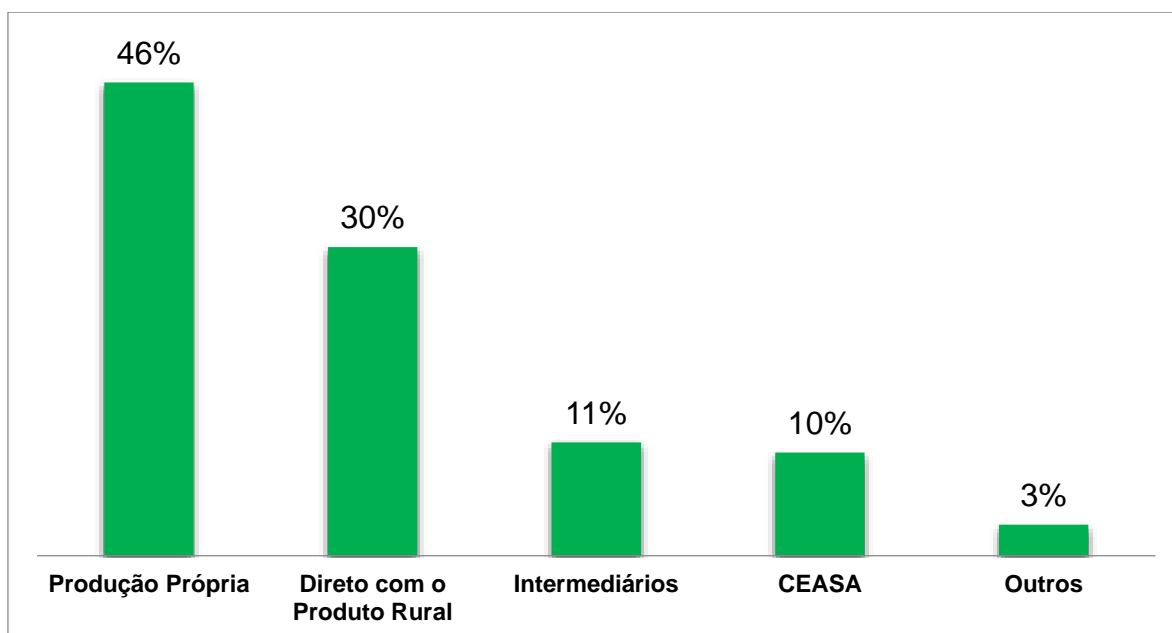
84 Produtor rural nesta pesquisa é a pessoa física ou jurídica que explora a terra, com fins econômicos ou de subsistência, por meio da agricultura, da pecuária, da silvicultura, do extrativismo sustentável, da aquicultura, além de atividades não-agrícolas, respeitada a função social da terra.

85 Intermediários nesta pesquisa são aqueles feirantes que compram de produtores rurais de várias localidades do estado e revendem a outros feirantes.

que são aqueles feirantes que compram com diversos produtores rurais e revendem e 10% com o CEASA e 3% não quiseram dizer a procedência de seus produtos.

Assim, como grande parte dos produtos têm origem no município, isso colabora para construir o “sagrado”, uma vez que o sentido de pertencimento do local, ou seja, que são produzidos em São Mateus e vendidos na mesma cidade está presente.

Gráfico 12: Origem dos produtos comercializados pelos feirantes.



Fonte: AMORIM (2015).

As transformações que ocorreram no país desde o início de 1990 trouxeram mudanças em todos os setores da economia, inclusive à agricultura. Nesse mesmo período ocorreu o crescimento das famílias pluriativas no espaço rural brasileiro, ou seja, pelo menos um membro da família exercia uma atividade não-agrícola (GRAZIANO DA SILVA, 1999). Com a abertura comercial, o processo de estabilização da economia e a busca de competitividade pelos ganhos de escala promoveram o processo de depauperação do contingente de

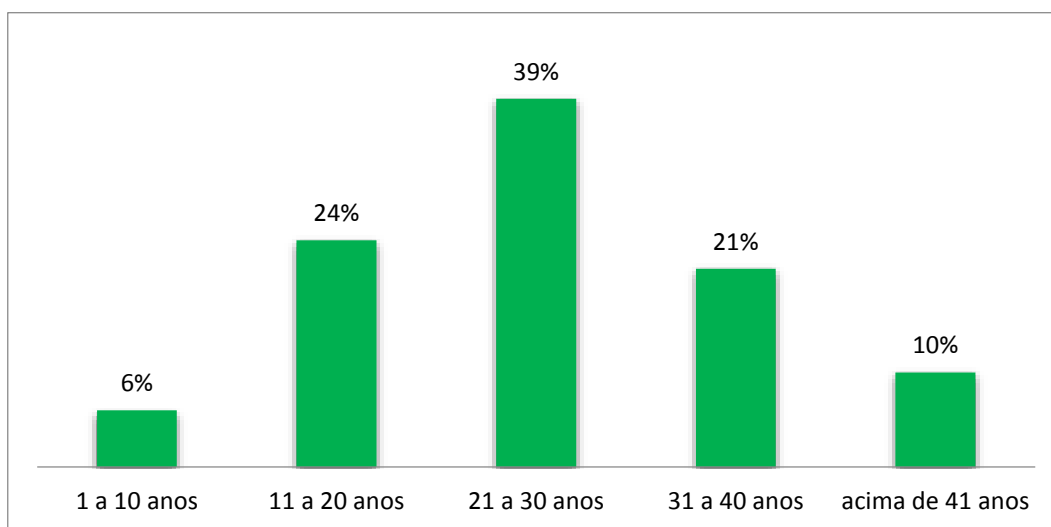
agricultores familiares alijando-os do processo de sustentabilidade de suas produções e rentabilidades. Ademais, o grande contingente da população que faz parte da categoria de agricultores familiares, tem exercido pressões constantes nos centros urbanos, acarretando problemas nas mais variadas áreas, diminuindo o bem-estar do tecido social destes centros.

A região norte do estado tem predominância da agricultura familiar. Desta forma, o escoamento desta produção ganhou força nos últimos anos e uma delas foi a feira da Vila Nova. Neste debate, autores salientam que duas seriam as principais tendências nos processos de mercantilização da agricultura familiar. A integração a grandes agroindústrias, vinculadas aos mercados de alimentos nacionais e internacionais, com o processo de padronização dos hábitos alimentares. Modelo que se torna cada vez mais excludente, com as exigências de maiores escalas de produção, maior capacidade financeira por parte dos integrados e maior especialização nas suas atividades agrícolas. Assim, a integração agroindustrial não se coloca mais como opção realista a ser almejada pela grande maioria dos produtores familiares. (Wilkinson, 2008). Outra tendência é a diversificação produtiva da agricultura familiar, visando abastecer a demanda, principalmente, de mercados locais. Muitas vezes com produtos de atributos diferenciados (coloniais, orgânicos, artesanais) que é o caso de São Mateus com sua feira livre da Vila Nova. A comercialização dos produtos agrícolas e agroindustrializados constitui-se numa das principais dificuldades dos agricultores familiares. Ressalta-se que este processo de comercialização tem início antes da produção, e termina depois da compra pelo consumidor. Segundo Azevedo e Faulin (2005), a escolha do mecanismo de comercialização envolve ações que adaptem sua pequena escala ao tipo de qualificação do trabalho, ao relacionamento com fornecedores, clientes e prestadores de serviços.

Face a esse cenário e às grandes mudanças ocorridas a partir de 1990 supracitadas, torna-se necessário encontrar alternativas para o produtor sobreviver. Uma das alternativas apontadas seria a diversificação das atividades produtivas do meio rural (GODOY, 2005).

O tempo de atividade como feirante também colabora na construção do “sagrado” desta feira, uma vez que isso a fez vencer quatro décadas, assim percebemos através do gráfico 13 que existe uma renovação nos quadros dos feirantes. Para Godoy (2005), quanto maior tempo tem o feirante e quanto mais os quadros de feirantes se renovam, mais isso pode levar ao “sagrado” das feiras livres.

Gráfico 13: Distribuição dos feirantes por tempo de venda na feira.



Fonte: AMORIM (2015).

Verificou-se, conforme dados apresentados no gráfico 13, que 39% dos feirantes trabalham na feira de 21 a 30 anos; 24% trabalham na feira entre 11 a 20 anos; 21% entre 31 a 40 anos; 10% acima dos 41 anos e 6% de 1 a 10 anos de trabalho na feira. Assim, percebe-se que grande parte dos feirantes já trabalha nesta feira há mais de 21 anos. Destaca-se que o trabalho na feira é “uma vida” para muitos, que estão todo domingo naquele contexto de maneira frequente.

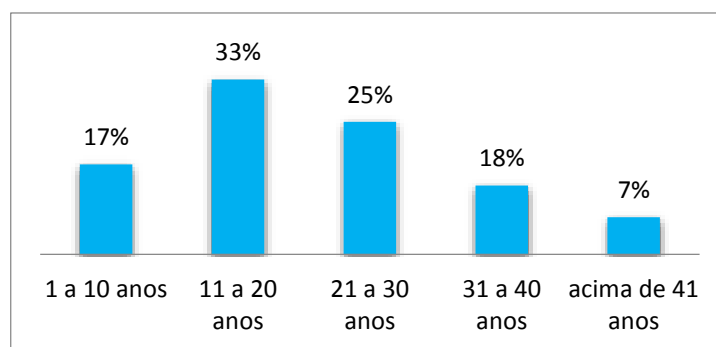
É importante considerar que o feirante participa das dinâmicas urbanas, seja na elaboração do mercado como um espaço de trocas e de sociabilidades, que são fundamentais para a vida cidadina (VEDANA, 2004), seja em suas táticas

de reelaborar seu trabalho, tendo em vista as mudanças que o crescimento das cidades impõe às suas práticas.

Poderíamos considerar que o “fazer-se feirante” constitui parte de um projeto individual e coletivo de um trabalho autônomo, ou por conta própria, presente no campo de possibilidades (Velho, 1999) desses interlocutores em determinado momento de suas vidas. Devemos, no entanto, tomar cuidado com a dimensão racional dessa escolha, segundo aponta Gilberto Velho (1999), para ele, ela aparece na fala desses sujeitos imbuída de uma dimensão afetiva não racionalizada e elaborada como uma atração, uma paixão pelo mercado e pelo comércio.

Também na construção do “sagrado” verificou-se a partir dos dados no gráfico 14 que, 33% dos fregueses compram na feira de 11 a 20 anos; 25% compram de 21 a 30 anos; 17% 1 a 10 anos; 13% de 31 a 40 anos e 7% acima de 41 anos. Assim, percebe-se que grande parte dos fregueses já compra nesta feira há mais de 20 anos.

Gráfico 14: Distribuição dos fregueses por tempo como consumidores da feira.



Fonte: AMORIM (2015).

Estes dados demonstram que há uma fidelidade às compras naquele espaço e isso nos remete ao “sagrado”, pois a feira passa a integrar a vida dessas pessoas, fazendo com que não deixem de prestigiá-la. Da mesma forma que ocorreu com os feirantes, aqui percebe-se que há uma renovação nos quadros de fregueses que têm seu ápice entre 11 e 30 anos de feira, porém

demonstra-se que os novos fregueses estão chegando, o que pode ter sido impulsionado pela chegada de novos produtos e serviços que foram incorporados à feira.

Nesse sentido, verifica-se que há uma parcela de fregueses, representada por 38% dos entrevistados que frequentam a feira entre 21 e 40 anos, ressaltando mais uma vez a fidelidade do freguês e ao mesmo tempo, demonstrando uma necessidade da existência da feira em suas vidas, já que no decorrer do tempo o costume, tradição e hábito de participar da mesma integrou-se ao seu cotidiano e não foi abandonado ao longo de décadas que se passaram.

Essas relações comerciais entre feirantes e fregueses se apresentam num contraste entre o pré-moderno e a modernidade, com as estruturas metálicas, o cimento no chão e as raras placas indicando a mercadoria (VEDANA, 2004). O produto de troca material é o principal elemento de estratégia na economia simbólica das práticas cotidianas, em uma complexa relação na qual estruturas econômicas e culturais agem mutuamente, ora em colaboração, ora em confronto (MARTINO, 2003).

Ao construir os elementos desta pesquisa, percebemos que muitos dos feirantes e fregueses iam para a feira acompanhados de membros da família ou de amigos e parentes. Elaboramos uma pergunta sobre a quantidade de pessoas que iriam com ambos a feira, seja para vender ou comprar. A partir do gráfico 15 chegou-se aos resultados:

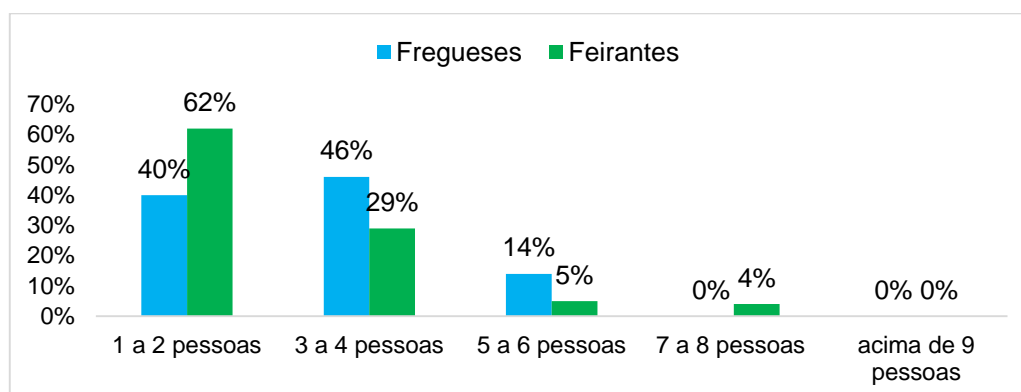
- a) Para os fregueses - 40% respondeu que vão com 1 ou 2 pessoas (normalmente casal ou pai, mãe e um filho); 46% o maior número respondeu que vão entre 3 e 4 pessoas (muitas famílias, vão com a família) e para 14% vão de 5 a 6 pessoas (grupos de familiares e amigos)⁸⁶;

86 O termo “família” é derivado do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”. Este termo foi criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas à agricultura e também escravidão legalizada. Esta tem mudado com o passar dos anos, influenciada pelos aspectos sociais, culturais e econômicos.

- b) Para os feirantes – 62% vão acompanhados de 1 ou 2 pessoas (também o casal); 29% indicaram que vão de 3 a 4 pessoas da família ao evento.
- c) (para montar barraca, produtos, vender, etc); 5% afirmaram que de 5 a 6 pessoas (possuem mais de uma barraca); 4% vão entre 7 e 8 pessoas.

Nessa abordagem mostra-se relevante o sentido de que esta feira se revela como um local familiar, onde os feirantes levam suas famílias para as vendas. Tratando-se de um negócio familiar onde fregueses levam também seus familiares para a realização de compras, degustação, lanches, momentos de reencontro com amigos e conhecidos, ou seja, mais uma vez o “sagrado” se incorporando na vida das pessoas e desta vez de forma institucional: na família.

Gráfico 15: Distribuição dos feirantes e fregueses com seus familiares/agregados que vão junto à feira vender/comprar.



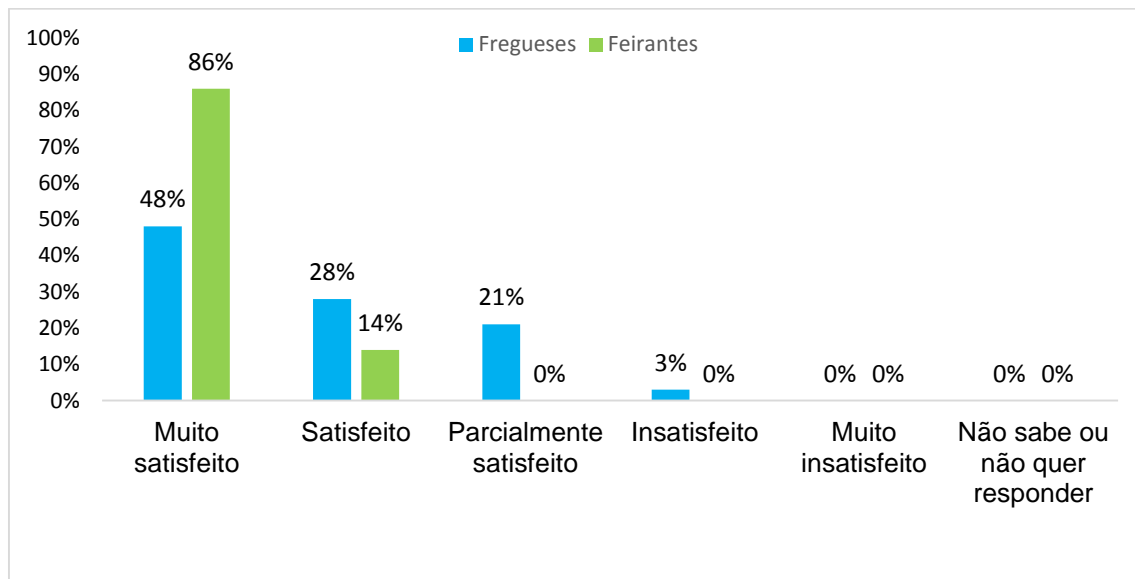
Fonte: AMORIM (2015).

Assim, o “sagrado” vai se construindo como algo que envolve não somente as relações comerciais de trocas, mas também pela inserção das famílias desse grupo de frequentadores da feira livre da Vila Nova.

A satisfação com a feira também é um dos elementos que contribuem para o “sagrado”, assim a partir do gráfico 16, temos o nível de satisfação dos feirantes e fregueses com o evento “Feira Livre do Vila Nova”.

Para os feirantes (86%) que estão muito satisfeitos, o nível de satisfação está associado às suas vendas e ao seu relacionamento com outros feirantes e atores da feira. Já para os fregueses (48%) que estão muito satisfeitos o nível de satisfação está associado ao encontro dos produtos desejados e de amigos e conhecidos.

Gráfico 16: Nível de Satisfação com a feira para feirantes e fregueses.



Fonte: AMORIM (2015).

Satisfação pode ser definida como a sensação de prazer ou desapontamento que é o resultado quando se compara o desempenho percebido de um produto em relação às expectativas do comprador (KOTLER, 1991).

Segundo Vavra (1993), a satisfação é a resposta ao se oferecer produtos e serviços que atendam ou superem o desejado pelo cliente e uma empresa para atingir a satisfação completa de seus clientes deve possuir produtos e serviços que atendam às exigências do público-alvo.

Percebe-se então, que o cliente não está apenas em busca de opções, pois sabe exatamente o que quer e o que não quer, logo, o mau atendimento, displicência, desinteresse, são atitudes indesejáveis pelo cliente e quando surge, o cliente não mais retorna. Assim, as organizações perceberam que satisfação

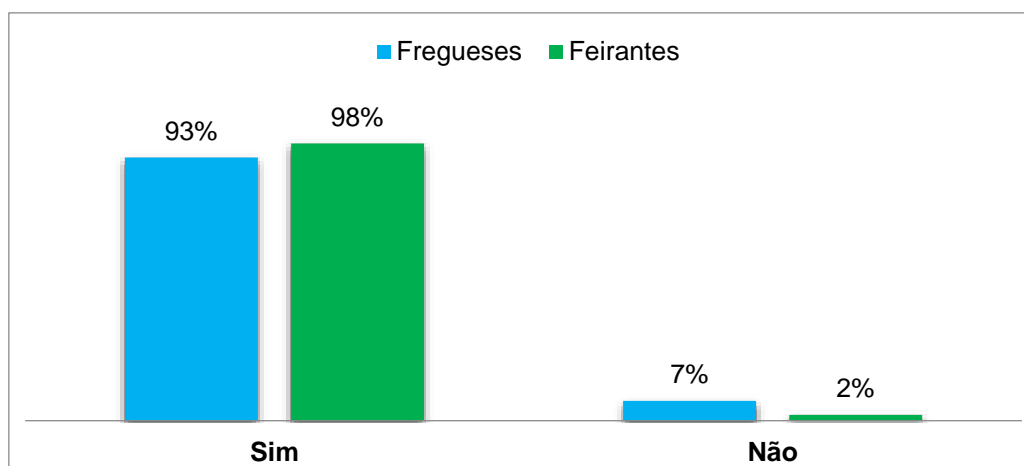
gera fidelização e “a perda de um cliente pode gerar um custo até cinco vezes maior do que o custo de manter os já existentes” (KOTLER, 1991).

Para Cobra (1997), satisfazer a necessidade do consumidor não significa descobrir apenas o que ele quer ou deseja para saciar suas necessidades, pois, a maioria das pessoas não sabe exatamente o que quer. Desse modo cria-se um relacionamento e o principal mecanismo para manter uma boa relação com os clientes é aumentar sua satisfação através das interações em qualidade e em número (VAVRA, 1993). De forma que, as organizações devem estar atentas ao nível de satisfação dos clientes, onde o inverso provocará a perda desses para a concorrência.

Assim, é necessário que o feirante se coloque no lugar do freguês para que possa perceber a importância dos fatores que geram satisfação para esse freguês, estando esses ligados ao atendimento, aos produtos, ao pós-venda, enfim, a tudo que possa proporcionar satisfação e que esteja relacionado à continuidade de seu negócio, neste caso de sua barraca.

Ainda na construção do “sagrado” partindo dos dados obtidos no gráfico 16 com a satisfação, também buscamos saber se o domingo é o melhor dia para a continuidade da feira. A partir dos dados no gráfico 17 em relação ao domingo ser o dia da semana preferido para a realização da feira, os frequentadores (feirantes e fregueses), deram sua opinião, e para 93% dos fregueses indicaram o domingo como o melhor dia da semana; já 7% mostraram-se contrários a este dia para a realização da feira indicando outros dias como veremos no gráfico 18.

Gráfico 17: Distribuição dos feirantes e fregueses pela escolha do domingo como o melhor dia na continuidade/existência na realização da feira.



Fonte: AMORIM (2015).

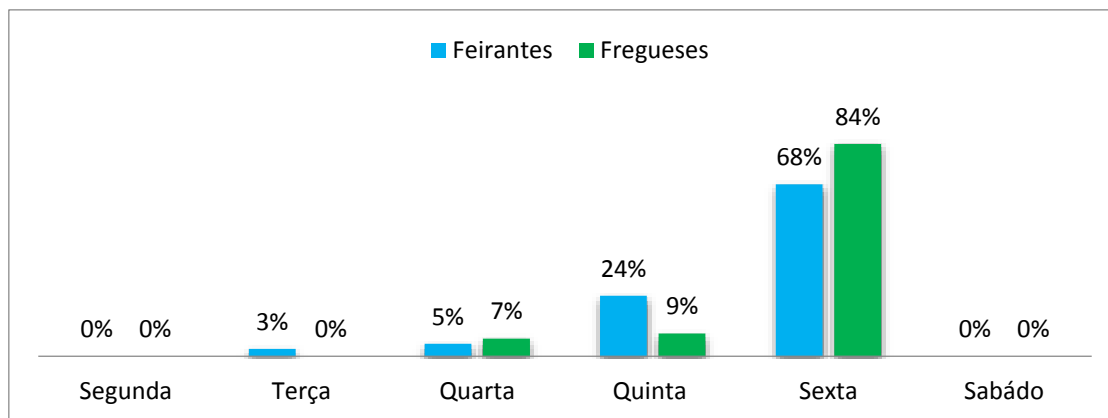
Para os feirantes não foi diferente, a maioria, 98%, mostrou-se satisfeito com o domingo e 2% foram os insatisfeitos com a realização da feira neste dia da semana, indicando também um outro dia para a realização da feira como veremos no gráfico 18.

Essas respostas assinalam uma percepção de que o domingo é um dia em que funcionários do comércio e funcionários públicos não trabalham, havendo assim uma maior disponibilidade para a realização das compras na feira. Uma vez que o domingo é um dia em que muitas famílias se reúnem para o almoço, a feira mostrou-se como o local “sagrado” apropriado para que a família possa ir e os itens necessários sejam comprados para o preparo das refeições. Neste contexto, caso ocorresse em outro dia, apenas as pessoas que não trabalham fora (donas de casa e outros) poderiam realizar as compras.

A partir das respostas apresentadas no gráfico 17, podemos caminhar nos dados apresentados no gráfico 18 que trata do dia “extra”⁸⁷ como forma de fortalecer a feira da Vila Nova.

Gráfico 18: Distribuição dos feirantes e fregueses pela escolha de um dia “EXTRA” no fortalecimento da feira.

⁸⁷ Dia Extra para a feira do Vila Nova, seria a criação de mais um dia para a realização da feira como forma de fortalecer a feira.



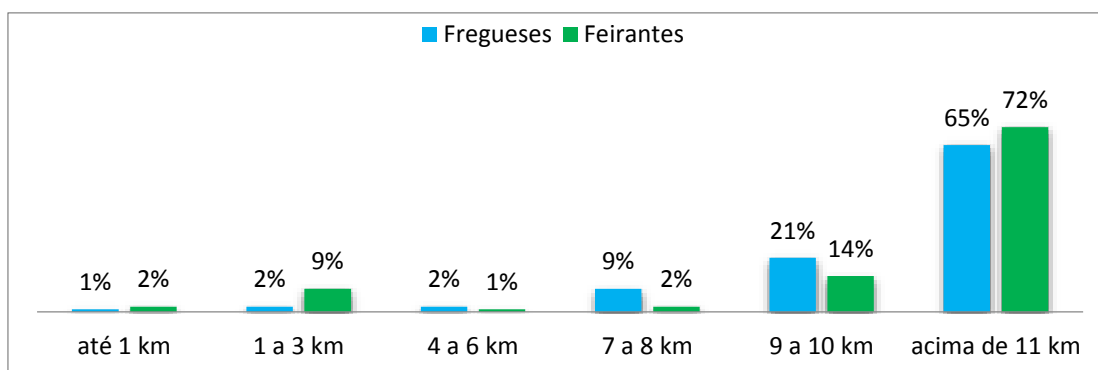
Fonte: AMORIM (2015).

Sendo assim, a preferência entre os feirantes 68% seria a sexta-feira, uma vez que já existem duas outras feiras em São Mateus, e este dia estaria se associado a uma necessidade deles (os feirantes), feiras estas que nasceram a partir da feira do Vila Nova, que são a do CAIC nas quartas-feiras e a do GURIRI nos sábados. Assim como para 84% dos fregueses a sexta-feira foi a preferida, pois estes também tem como concepção que as outras duas feiras já abastecem na cidade seriam impactadas, daí nas respostas percebemos que o roteiro comercial seria: 4ª feira, no CAIC, 6ª feira no Vila Nova, Sábado em Guriri e Domingo no Vila Nova.

Para ambos, fregueses e feirantes esse dia extra criaria um roteiro comercial importante para a cidade, trazendo produtos de qualidade e com preços acessíveis.

Nos dados do gráfico 19 levantou-se a relação de distância do local da feira do Vila Nova até as residências de feirantes e fregueses isso é importante para demonstrar que ela não é uma feira de bairro, mas uma feira municipal (que envolve toda a cidade).

Gráfico 19: Qual a distância da sua casa até a feira para feirantes e fregueses.

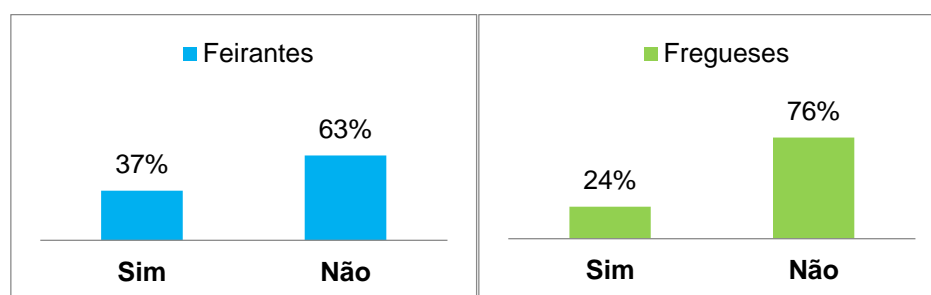


Fonte: AMORIM (2015).

Desta forma 72% dos feirantes declararam que moram em localidades com distância acima de 11 km do local de realização da feira; 14% moram de 9 a 10 km da feira; 9% moram de 1 a 3 km da feira; 2% moram de 4 a 6 km da feira e apenas 2% moram no próprio bairro Vila Nova.

Já para os fregueses 65% declararam que moram em localidades com distância acima de 11 km do local de realização da feira; 21% moram de 9 a 10 km da feira; 9% moram de 7 a 8 km da feira; 4% moram de 1 a 6 km da feira e apenas 1% moram no próprio bairro Vila Nova.

Gráfico 20: Os produtos que você vende (feirantes) e que compra (fregueses) tem agrotóxico.



Fonte: AMORIM (2015).

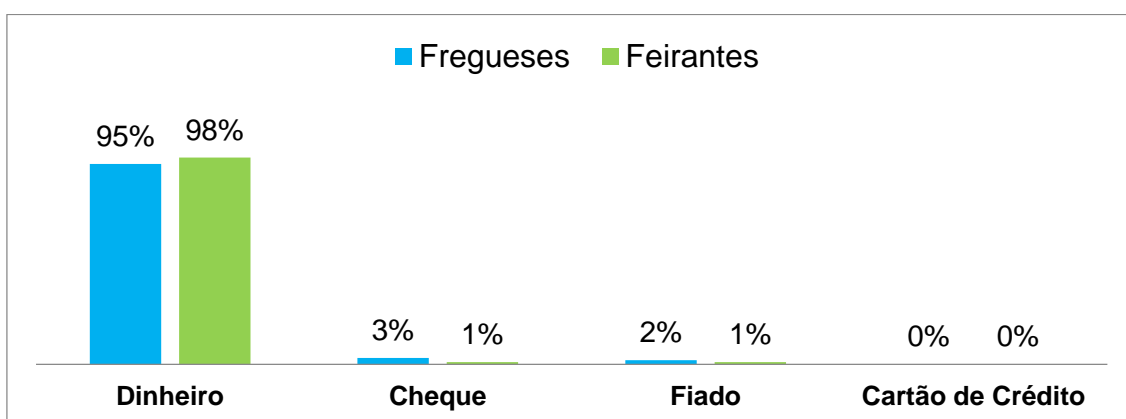
Conforme gráfico 20, demonstra-se que para os feirantes, 63% declara que os produtos da feira não têm agrotóxico (impureza), todavia 37% deles disseram que usam de defensivos agrícolas para manter a qualidade de seus

produtos. Da mesma forma que para os fregueses, 76% acreditam que os produtos não possuem agrotóxico (impureza), e apenas 24% acreditam que tem.

O agrotóxico (impureza) é concebido por feirantes e fregueses da feira livre do Vila Nova como uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos sistemas ordenados ou esquema habitual de classificação, como se verifica nos seguintes exemplos: os sapatos não são impuros em si, mas é impuro colocá-los sobre a mesa de jantar; os alimentos não são impuros em si, mas é impuro deixar os utensílios de cozinha num quarto de dormir. Neste sentido, qualquer objeto ou ideia que traga confusão ou contradiga nossas classificações face à poluição é condenado pelo comportamento e hábitos mais profundamente enraizados. Os agrotóxicos atuam aqui como o profano na construção do “sagrado”.

Assim, a feira do Vila Nova se desenha como uma feira que tem grande volume de produtos mais artesanais, orgânicos e saudáveis, contribuindo desta forma na construção do “sagrado”, uma vez que os fregueses buscam algo que os complemente e que não seja comum como aqueles ofertados nas grandes redes varejistas da cidade.

Gráfico 21: Formas de recebimento dos feirantes.



Fonte: AMORIM (2015).

A partir do gráfico 21 percebemos que as formas de recebimento e pagamento dos produtos nas relações comerciais da feira do Vila Nova se

estacionaram, não acompanhando os atuais meios eletrônicos existentes, como o cartão de crédito ou débito que não responde por nenhum por cento (%) das modalidades desta feira.

Por outro lado, 95% dos fregueses declaram pagar suas compras com dinheiro, enquanto os feirantes declaram que este número é de 98%. A prática do pagamento por meio de cheques ainda sobreviveu, sendo 3% dos fregueses de acordo com os fregueses e de 1% de acordo com os feirantes. O mais surpreendente é que ainda existe o chamado “fiado”⁸⁸, ou seja, vendem para receber em outro dia.

O ponto fundamental deste levantamento é que o recebimento por cartão de crédito ou débito é uma forma de pagamento amplamente disseminada e utilizada pelas pessoas, devido à sua comodidade e segurança, mas que ainda não foi incorporada a prática comercial da feira.

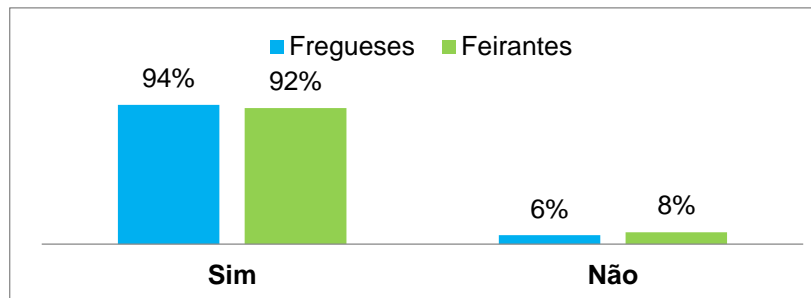
Essa dinâmica, ante o fluxo de pessoas no local, poderia ser agilizado e organizado através de mais vendas no cartão, que também representa “dinheiro”.

Esta prática vai além de organização e agilização do processo de compra/venda, o cartão configura-se como um meio que agrega mais segurança tanto ao freguês como ao feirante em relação aos roubos e furtos ocorrentes na feira do Vila Nova.

Como representado no gráfico 22, 94% dos fregueses gostariam de pagar suas compras no cartão de crédito ou débito, enquanto 92% dos fregueses gostariam de receber suas vendas nesta modalidade. Acreditamos que é preciso um trabalho de entidades e organismos públicos afim de facilitar esta prática.

Gráfico 22: Agregar a forma eletrônica de recebimento (feirantes) e pagamento (fregueses)

⁸⁸ Fiado para a feira do Vila Nova é o freguês fazer compras e marcar na caderneta para pagar depois. E isso continua sendo muito comum, mas isso nem sempre é garantia de recebimento para feirante.

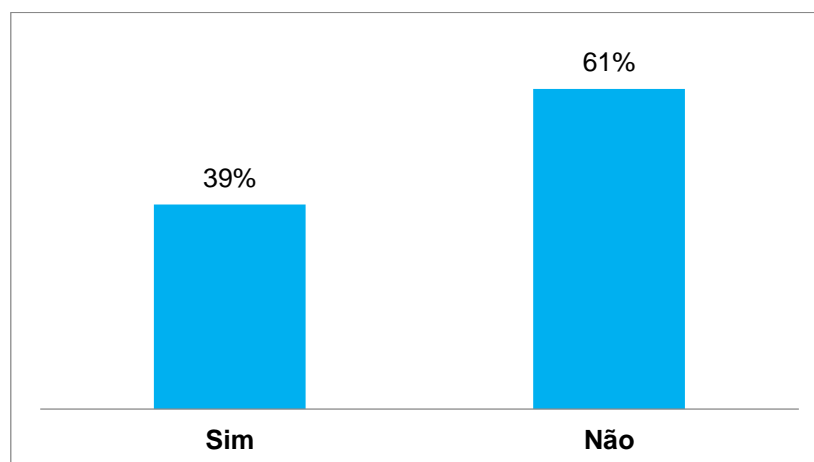


Fonte: Amorim (2015).

Martins, Margarido e Bueno (2007) afirmaram que os principais concorrentes das feiras livres, os supermercados, oferecem diversas formas de pagamento e de prazo, constituindo uma vantagem em relação às feiras.

Embora pouco destacado, essas formas de pagamento devem ser consideradas por ocasião da adoção de estratégias que visem à melhoria das feiras livres, uma vez que a decisão de compra passa por cinco decisões menores, e uma delas é a forma de pagamento (KOTLER e KELLER, 2006).

Gráfico 23: Fregueses que planejam suas compras antes de ir à feira.



Fonte: AMORIM (2015).

A feira é algo “sagrado” para grande parte das famílias mateenses aos domingos pela manhã como vimos anteriormente, desta forma 61% dos fregueses disseram que não planejam suas compras antes de ir à feira. Para eles a ida à feira aos domingos está intimamente ligada à existência do dia

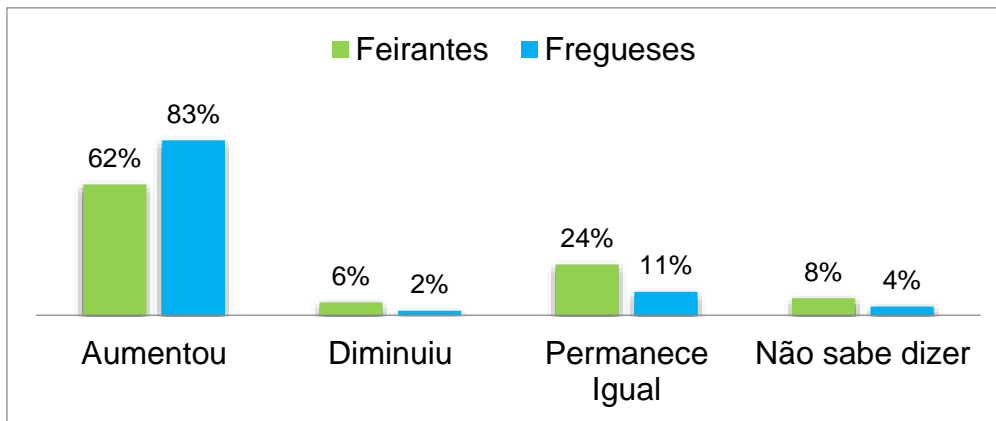
(domingo) e da vida (rotina). Então, ir à feira possui outros aspectos além dos comerciais. Já a minoria dos fregueses entrevistados (39%) indicaram que planejam suas compras antes de ir à feira.

Os dados do gráfico 23 revelam que fregueses não planejam suas compras, deixando à própria sorte suas compras, isso reforça a cultura exercida pela tradição. Para Sato (2007) quando apresentada dessa forma, a cultura distingue-se como o derradeiro identificador humano, na medida em que as suas influências abrangem tudo que o homem toca, pensa e faz levando-o a chamar isso de “sagrado”.

Não é de estranhar que “sagrado” tem muitos significados e este tenha se transformado em troféu de ostentação e orgulho para muitas nações, inclusive no Brasil, onde o futebol é algo “sagrado” para os brasileiros, uma vez que só de pensar que a seleção brasileira de futebol vai jogar em um horário e dia determinado as pessoas se planejam, compram coisas para comer, beber e durante aqueles 90 minutos não se pensa em mais nada que não o chute do jogador, a cabeçada do zagueiro o pênalti perdido, levando estas a entrarem numa sintonia singular com aquele ambiente, congelando o resto do mundo para elas. Para Godoy (2005), essas influências de “sagrado” estão presentes a feira, pois nela os produtos comercializados fazem parte do conjunto de criações materiais e imateriais do nosso país.

A qualidade dos produtos também foi um dos elementos que vem ao longo dessas quatro décadas construindo para a construção do “sagrado”, assim no gráfico 24 obtemos esses dados que demonstram que os produtos foram evoluindo ao longo dos anos.

Gráfico 24: Qualidade dos produtos comprados e vendidos na feira em relação aos últimos 10 anos.



Fonte: AMORIM (2015).

Conforme dados no gráfico 24, a qualidade dos produtos aumentou de forma relevante, seja na percepção dos feirantes como também dos fregueses. Para os feirantes, 62% indicaram que os produtos estão adquirindo mais qualidade; 24% afirmam que a qualidade permanece igual; 8% não sabem dizer e 6% indicam que ela diminuiu.

Já 83% dos fregueses consideram que a qualidade dos produtos aumentou; 11% afirmaram que a qualidade continua igual a antes; 4% não soube opinar; e 2% disse ter diminuído. Comparativamente, constatou-se que, em média, as respostas foram compatíveis uma vez que tanto a maioria de fregueses como a de feirantes perceberam um aumento na qualidade dos produtos, mostrando que é um critério relevante para ambos. Percebe-se que o feirante investiu no aumento da qualidade dos produtos ofertados e ao mesmo tempo o freguês observou essa melhoria na qualidade.

A qualidade dos produtos eleva a ação comercial e automaticamente todos os feirantes passam a incorporá-la em seus produtos, de forma que todos ganham, de modo que os feirantes terão produtos mais atrativos para ofertar aos seus fregueses, tendo assim menos competitividade e aumento da fidelidade dos que estão sempre comprando.

A grande oferta de mercadorias atrai muitos fregueses que procuram encontrar em um único local, vários produtos de boa qualidade a preços razoáveis. Os produtos agrícolas geram boas vendas por serem frescos, e por

possuírem preços mais baixos que outros estabelecimentos comerciais, visto que são adquiridos diretos da fonte produtora eliminando a participação dos atravessadores (AMÉRICO et al., 2003).

Uma melhor compreensão da influência do comércio das feiras na seleção dos alimentos pelos consumidores torna-se cada vez mais importante para o entendimento dos modelos de consumo alimentar. Assim, são cada vez mais pertinentes as pesquisas sobre atitudes dos consumidores com relação aos varejistas (FONSECA et al., 1999).

Em termos de qualidade do produto, a percepção dos fregueses (consumidor) é baseada em aspectos visuais (FRUTIFATOS, 2003) e esses são:

- a) Frutas não machucadas, durinhas, com boa aparência, colhidas no tempo certo e sem manchas.
- b) Legumes não machucados e frescos, sem manchas e em bom estado de conservação.
- c) Verduras sem alteração de cor. Pesquisa realizada pelo Ministério da Integração Nacional e Frutifatos no Estado de São Paulo levantou hábitos de compra e consumo, e o relacionamento entre produtores e supermercados.

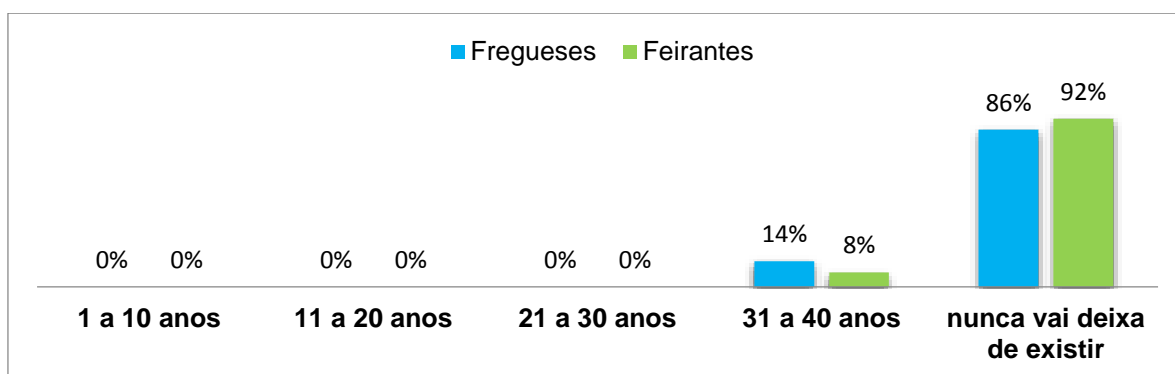
Essa pesquisa foi realizada em 300 lojas de supermercados com 906 consumidores (FRUTIFATOS, 2003). A pesquisa apontou que os motivos que levam os paulistas a consumirem FLV⁸⁹ estão relacionados a uma vida mais saudável. Os atributos mais valorizados são a qualidade do produto, sabor, higiene, aparência e frescor dos produtos. Quanto à escolha do local para realização das compras de FLV, os atributos considerados são higiene, preço e qualidade do produto. Em segunda ordem de prioridade vem o atendimento, a variedade e a proximidade do local.

89 FLV é a mesma coisa que feira livre. FLV são as iniciais dos principais produtos comercializados na feira livre que são frutas, legumes e verduras.

Os hábitos de consumo indicam como o consumidor costuma adquirir determinado produto, ou seja, qual produto consome, em qual frequência, onde, quando e por quê compra. Dentre os FLV mais consumidos, foi apontada uma preferência pela laranja, seguida da banana e da maçã; entre os legumes, cenoura, batata e tomate; e entre as verduras, alface, repolho, couve e rúcula. As frutas mais compradas coincidem com o encontrado por Cazane et al. (2008), em uma pesquisa sobre o consumo de frutas em feiras, supermercados e varejões. Esse comportamento pode ser justificado por se tratar de produtos com maior oferta nas feiras livres e, conseqüente, menor preço, além da disponibilidade durante todo o ano.

A ideia de que a feira da Vila Nova nunca irá acabar se destacou em absoluto para a maioria dos feirantes e fregueses, conforme dados no gráfico 25. É relevante observar o que este questionamento apresenta como respostas quanto à continuidade da existência da Feira Livre da Vila Nova e assim se construiu que para 92% dos feirantes e 86% dos fregueses. Os feirantes, em grande maioria (92%), acreditam que haja continuidade por mais de 41 anos; 8% acreditam na continuidade de 31 a 40 anos. Já os fregueses, em grande maioria (86%), acreditam que haja continuidade por mais de 41 anos; 14% acreditam na continuidade de 31 a 40 anos.

Gráfico 25: Percepção de feirante e fregueses sobre a continuidade da feira nos próximos anos.



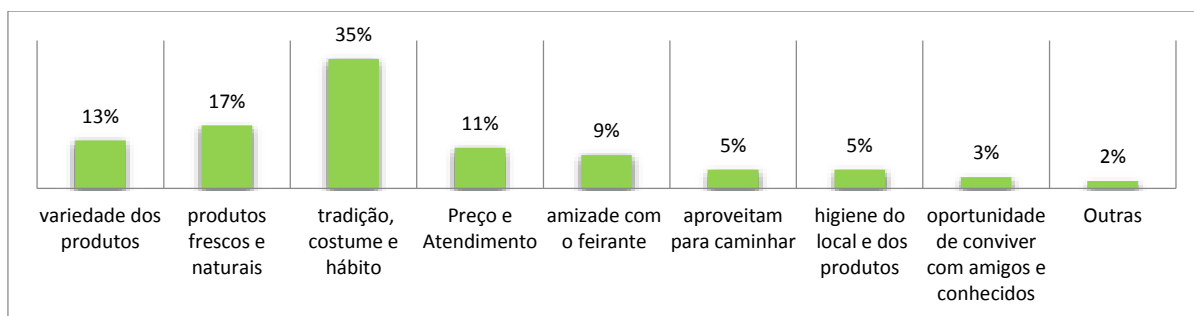
Fonte: AMORIM (2015).

Essa projeção de feirantes e fregueses mostra a importância da feira livre da Vila Nova em suas vidas, desta forma o “sagrado” vai se definindo como algo

a ser preservado para esta sociedade. Não obstante o evento passa a constituir sua própria existência.

Assim, os fregueses definem os motivos que os levam a feira para a realização de suas compras, conforme dados no gráfico 26.

Gráfico 26: Percepção dos fregueses sobre os motivos de escolha da feira para comprar na feira



Fonte: AMORIM (2015).

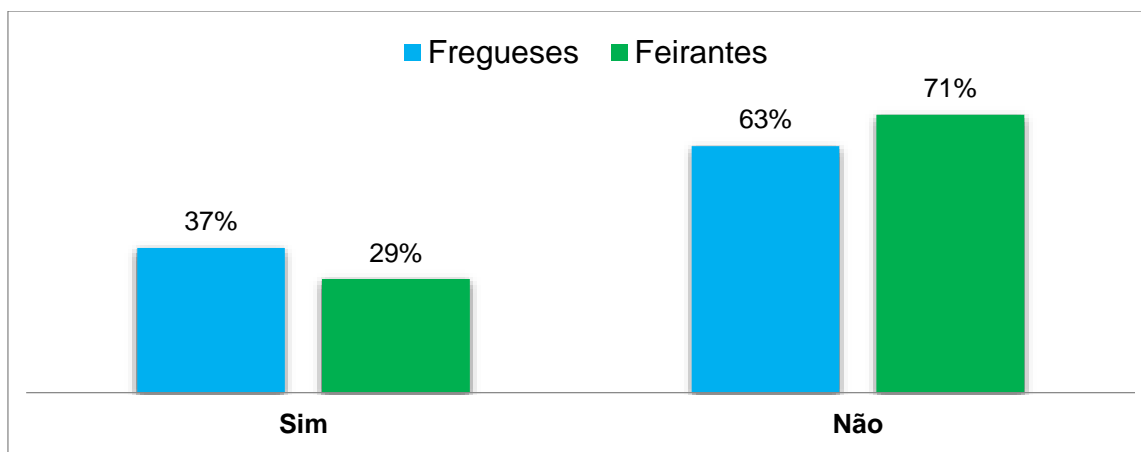
A partir dos dados no gráfico 26, buscou-se levantar os motivos pelos quais os fregueses decidem comprar na feira, dentre estes podem ser citadas a necessidade de obter um produto que ela dispõe, como também outros atrativos que envolvem bons preços, tradição, qualidade, e etc.

Os motivos que levam os fregueses a procurar a feira livre para comprar seus produtos, sob a ótica dos feirantes foi assim exposto: 35% compram por tradição ou hábito de ir à feira; 13% devido variedade dos produtos; 17% devido aos produtos frescos e naturais; 11% devido aos preços e atendimento melhores; 9% pela amizade; 5% porque aproveitam para caminhar; 5% pela higiene; 3% pela oportunidade de conviver naquele momento com os amigos e/ou velhos conhecidos; 2% não expuseram sua opinião.

A partir das respostas obtidas, reafirma-se que a feira não se resume apenas a um local de venda e compra de produtos. Na visão dos fregueses estes procuram a feira também como um meio de interação com outras pessoas e de encontro consigo mesmo. Mais uma vez o “sagrado” se estabelece, e sob a ótica

dos feirantes, que mesmo ocupados em suas barracas conseguem perceber a importância deste evento na vida dos cidadãos mateenses que a frequentam semanalmente.

Gráfico 27: Distribuição dos feirantes e fregueses que mantêm alguma comunicação na relação de venda e compra de produtos.



Fonte: AMORIM (2015).

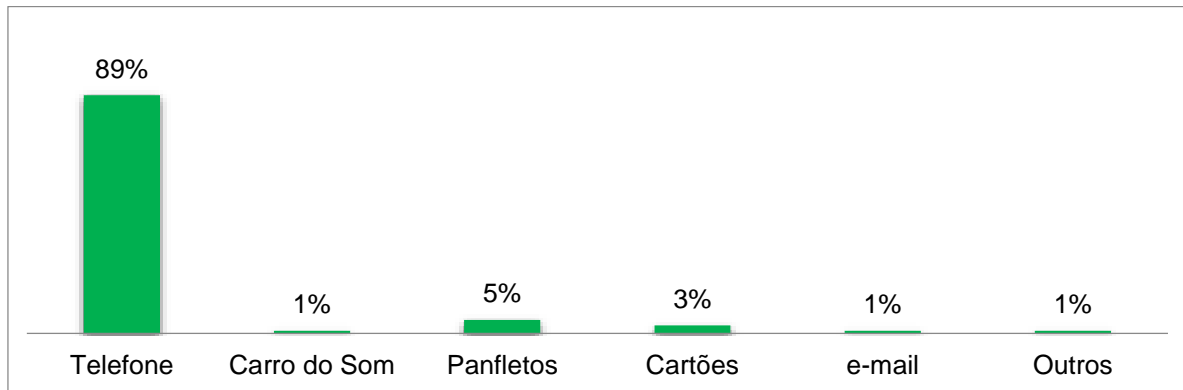
Outro fator importante e pesquisado é se feirantes e fregueses mantêm contato na relação de compra e venda dos produtos da feira, pois essa proximidade se constitui como um dos elementos que construíram o “sagrado”.

Desta forma a partir dos dados no gráfico 27 conseguimos identificar que 29% dos feirantes possuem um canal de comunicação com os fregueses; já os fregueses apontaram em 37% ter um canal de comunicação com os feirantes, identificando que as tecnologias estão presentes nesta relação.

Mesmo que a feira livre da Vila Nova aconteça somente aos domingos, ainda assim, feirantes e fregueses construíram ao longo dos anos vínculos e isso se transformou, estabelecendo-se também uma comunicação durante a semana. Através desse contato os fregueses realizam encomendas, fazem sugestões em relação aos produtos desejados e também pesquisam os preços dos produtos.

A forma como seus frequentadores comunicam também foi investigada a partir dos dados do gráfico 28.

Gráfico 28: Qual o veículo de comunicação utilizado pelos feirantes para manter os fregueses informados dos produtos de sua barraca.



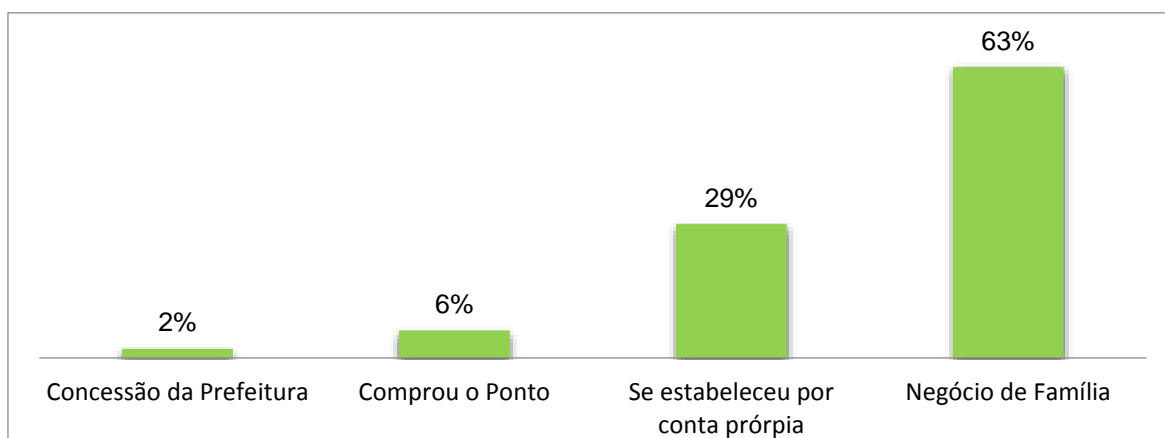
Fonte: AMORIM (2015).

A comunicação entre feirantes e fregueses é expressiva e segundo estes nela se construiu bons frutos comerciais e amizades, elementos que laboram na construção do “sagrado”.

Assim, nos dados do gráfico 28 identificamos que o principal veículo de comunicação é o telefone com 89%; seguidos por panfletos com 5%; distribuição de cartões com 3%; e 1 % com carro de som e mais 1% por e-mail.

Destaque para o uso do telefone celular móvel na comunicação de feirantes com seus fregueses, onde ambos destacaram que falam durante a semana, criando um relacionamento extra feira que culmina e reforça o encontro dos domingos.

Nos sete meses de pesquisa, percebemos que há um número considerável de feirantes não cadastrados. Estes são facilmente identificados, pois não possuem as barracas, e vendem em cima de lonas, caixas de madeira, e outros artifícios, é como se estivemos no século XVI de um lado e do outro no XXI. Assim, buscamos entender a origem dos pontos de cada feirante, como apresentamos no gráfico 29.

Gráfico 29: Origem do ponto de feira do feirante.

Fonte: AMORIM (2015).

Nos dados do gráfico 29, comprovamos que a feira da Vila Nova é predominantemente um negócio familiar, representado por 63% dos feirantes que montaram suas barracas (ponto) e foram passando de geração em geração; outros feirantes que se estabeleceram por conta própria e ainda estão na primeira geração de vendas na feira equivalem a 29%; feirantes que compraram o ponto para trabalhar na feira foram 6% e 2% declararam que receberam da prefeitura a concessão.

A grande maioria, ou seja, 98% dos feirantes entrevistados se estabeleceu na feira sem nenhuma ação dos órgãos públicos, foram como eles mesmos dizem na cara e na coragem, já que grande parte deles eram migrantes ou descendentes dos que vieram morar em São Mateus entre as décadas de 1950 e 1960, trazendo seus costumes, tradição e cultura. Assim, sabe-se que a maneira pela qual os diferentes grupos sociais participam da produção do espaço urbano é distinta.

Mas conscientes ou inconscientes os grupos sociais veem a cidade, cada vez mais como um espaço de possibilidades. Isto é, os objetos e as ações representativas do cotidiano de um grupo social manifestam-se mediante um jogo de forças travado entre os outros representantes da coletividade urbana (CORRÊA, 1995). Diante disso, as possibilidades transformam-se e significam a

manifestação de diferentes territorialidades (SAQUET, 2007), diferentes formas de (co) agir, em um mesmo território. É notório que sempre que algo envolve a economia, desperte-se o interesse do Estado em tornar “formal” o que não é, levando em conta a economia urbana como uma totalidade sem estruturas (CORRÊA, 1995); pois se difunde a ideia de que, ao amparar e tornar essa massa de trabalhadores contribuintes da receita da união. O que é importante para o trabalhador e a sociedade como um todo, porque provoca o aumento da receita tributária.

Daí somente quatro décadas depois a Prefeitura de São Mateus formalizou a feira livre do Vila Nova.

Os pontos de vendas (barracas)⁹⁰ foram heranças da família, que neste caso repassadas de pai para filho, deste filho para seu filho e assim sucessivamente; como no caso da feirante Sebastiana Soares de Souza, que recebeu de seu pai a barraca para trabalhar. O fato da feira da Vila Nova estar ativa há mais de 41 anos, e conforme já destacado no Gráfico 14, há feirantes que atuam há mais de 40 anos, entende-se que em grande parte a aquisição da barraca ocorreu de forma hereditária. A concessão da Prefeitura somente ocorreu a partir de 2011 quando a PMSM regulamentou a feira e concedeu as barracas de forma padronizada.

Atualmente, não é permitida a venda ou compra de pontos de barracas na feira da Vila Nova, todas as novas barracas e aquelas já existentes foram cadastradas e padronizadas pela Prefeitura Municipal de São Mateus. Desse modo, caso algum feirante desista do seu ponto, a prefeitura providencia o cadastro e inserção de outro feirante para ocupá-lo. Sob pena de quem o fizer responder penalidades estabelecidas no código de postura municipal de São Mateus 978/2010.

A barraca é a confirmação para os feirantes de que aquele espaço é deles, estes sentem-se dono do espaço e com o tempo criam costumes, relações sociais, tradições inventadas, remetendo-os a possibilidade de que nunca

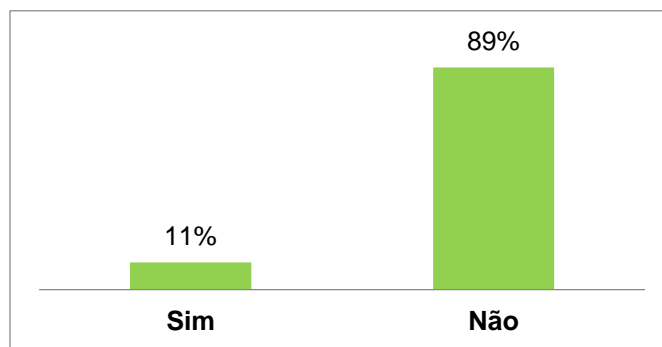
90 Pontos de venda é igual a barraca para este trabalho na feira do Vila Nova.

saíram daquele lugar o que nos leva ao “sagrado”, pois compreende-se que a maioria dos feirantes que mantêm esta atividade, não estão lá só pela relação comercial, mais pela cultura e sociabilidade que são fatores determinantes a sobrevivência do existir para esta população.

Assim, o caminho para compreender o “sagrado” para estes frequentadores da feira da Vila Nova está também ligado num constitutivo de sociedade determinadora dos aspectos essenciais das expressões do ser humano correspondente a uma visão do mundo que exprime e estrutura e as aspirações dos demais membros do grupo com a criação (feira); e estes se identificam porque a sua atividade se desenvolve pela prática social do seu grupo de referência. Há assim uma homologia entre a dimensão material (experiência existencial) e a dimensão ideal (saber constituído), constata-se uma homologia entre estruturas mentais e estruturas de classe (GONÇALVES, 1998).

Também investigamos, se além da feira os feirantes tinham alguma outra ocupação econômica. Desta forma, reafirmamos o que já estamos vendo em outros dados desta pesquisa que confirmou que a grande massa de feirantes tem apenas nesta atividade comercial os seus ganhos econômicos, conforme os gráficos 30 e 31.

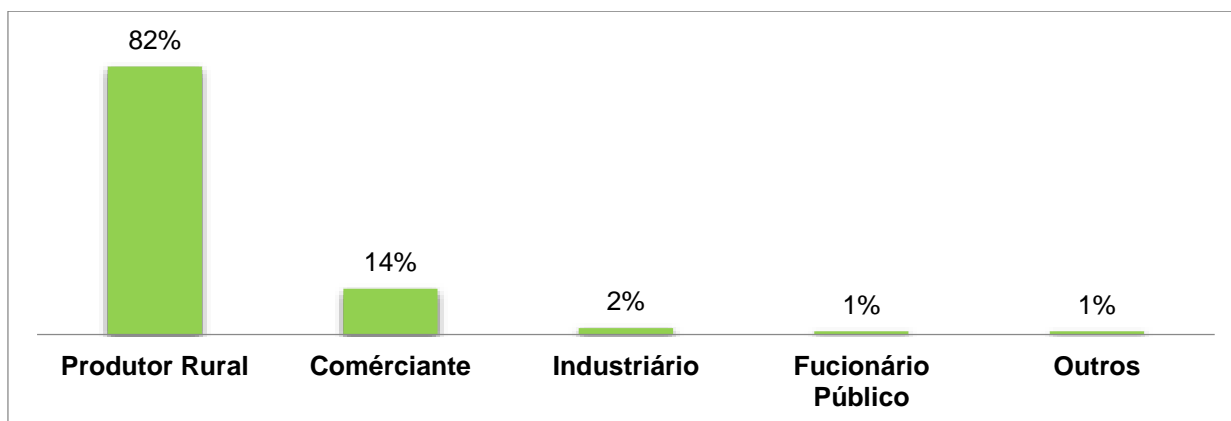
Gráfico 30: Além da atividade de feirante você tem outra ocupação.



Fonte: AMORIM (2015).

Para 89% dos feirantes estes apenas sobrevivem dos ganhos com a feira do Vila Nova, daí este elo com a feira também se estabelece aqui o “sagrado”, uma vez que a ocupação daquele espaço é determinante para sua vida.

Gráfico 31: Que ocupação funcional tem além da de feirante.



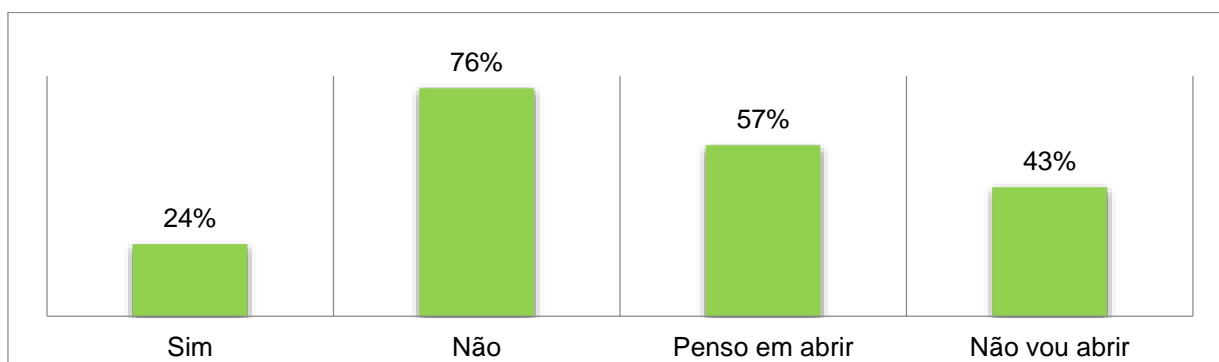
Fonte: AMORIM (2015).

Os demais 11% dos feirantes possuem outras atividades, e neste caso, aqui estão os feirantes por oportunidade⁹¹, o que confirma os dados do gráfico 31. Deste 82% são produtores rurais, outros 14% são comerciantes, 2% são industriários e 1% de funcionários públicos e 1% em outras atividades.

Daí saber se esses feirantes contribuem com o INSS ou se possuem o MEI seria importante; pois na construção do “sagrado” o “profano” também se faz presente, como é o caso do pioneiro Belmiro, que não cuidou deste aspecto e hoje passa por dificuldades no final da sua vida.

Assim nos dados do gráfico 32 entenderemos esta relação que é muito importante, pois durante a pesquisa percebemos que os feirantes conseguem uma renda considerável em relação ao trabalho formal, todavia ela não é planejada, daí ao final da vida estes acabam sem ter acesso a previdência e passam por dificuldades.

⁹¹ Feirantes por oportunidade na feira livre da Vila Nova são aqueles que possuem um trabalho com ganhos fora da feira e produzem algum tipo de produto vendável, participando desta feira como atividade de renda complementar.

Gráfico 32: Você contribui com o INSS ou MEI.

Fonte: AMORIM (2015).

Assim, em relação ao fato de os feirantes estarem cuidando da sua relação com a previdência social, seja como autônomo ou como MEI (microempreendedor individual)⁹² temos que 24%, a minoria, declarou que, contribuía com a previdência (INSS) como autônomos, porém 76% declarou que não contribui.

Dos 76% que não contribuem com a previdência, perguntou-se se pensavam em abrir o MEI (microempreendedor individual), e destes 57% disse que pensa e 43% afirmou que não pretende. Aqui ressaltamos que há um amplo trabalho a ser feito pelos órgãos públicos; uma vez que, a atividade de feirantes é considerada como autônoma desde 1971 pela legislação brasileira, com várias resoluções, instruções normativas e decretos⁹³ e desta forma é preciso conscientizar os feirantes sobre a importância da previdência para o futuro deles.

92 Microempreendedor Individual (MEI) é a pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário. Para ser um microempreendedor individual, é necessário faturar no máximo até R\$ 60.000,00 por ano e não ter participação em outra empresa como sócio ou titular.

93 Os documentos que fundamentam esta relação jurídica dos feirantes junto à previdência social no Brasil se iniciam em 1971 e caminham até 2006, são estes abaixo descritos:

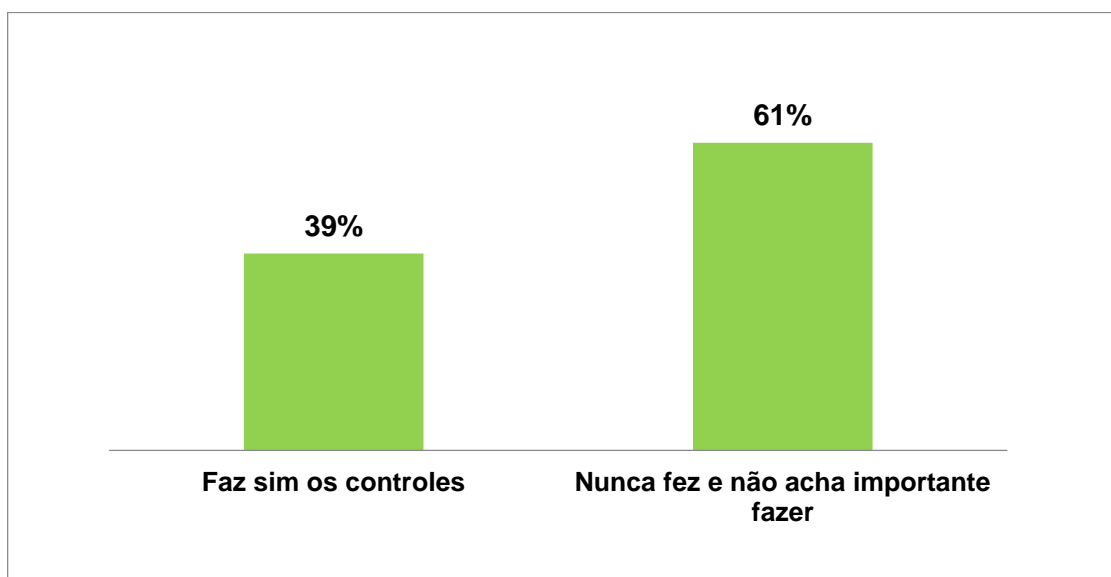
- a) RESOLUÇÃO Nº CD/DNPS-118, DE 3 DE MARÇO DE 1971.
- b) PORTARIA Nº SPS-112, DE 5 DE JUNHO DE 1973 DOU DE 19/06/73.
- c) PORTARIA Nº SPS-29, DE 12 DE SETEMBRO DE 1975 DOU DE 09.10.75.
- d) PORTARIA Nº SPS-9, DE 3 DE NOVEMBRO DE 1978 - DOU DE 13/11/1978.
- e) PORTARIA Nº SPS-02, DE 6 DE JUNHO DE 1979.
- f) DECRETO Nº 356, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1991 - DOU DE 09/12/91.
- g) DECRETO Nº 612, DE 21 DE JULHO DE 1992 - DOU DE 22/07/92.
- h) DECRETO Nº 2.173, DE 5 DE MARÇO DE 1997.
- i) ORIENTAÇÃO NORMATIVA SPS/MPAS Nº 8, DE 21 DE MARÇO DE 1997 - DOU DE 24/03/1997.
- j) DECRETO Nº 3.048, DE 6 DE MAIO DE 1999.
- k) INSTRUÇÃO NORMATIVA INSS/DC Nº 71, DE 10 DE MAIO DE 2002 - DOU DE 15/05/2002.
- l) INSTRUÇÃO NORMATIVA INSS/DC Nº 100, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2003 DOU DE 30/03/2004.

Antes de se tornar feirantes, todos em absoluto declararam que tinham algum tipo de trabalho informal fora da feira. Eram pedreiros, pintores, eletricitas, marceneiros, dentre outras profissões, também não contribuía junto à previdência social.

Grande parte dos feirantes é informal na atividade, tem nela sua atividade principal, porém não contribuem com o INSS. Assim recomendamos também que tenham trabalhos acadêmicos que possam explorar melhor este tema.

O fato de grande parte destes feirantes não possuírem MEI (empresa) e nenhuma relação com a previdência social, instigou-nos nesta pesquisa o que faziam com suas receitas. Assim, perguntou-se se controlavam receitas e despesas a partir dos dados no gráfico 33.

Gráfico 33: Controle de Receitas e Despesas do feirante.



Fonte: AMORIM (2015).

m) INSTRUÇÃO NORMATIVA MPS/SRP Nº 3, DE 14 DE JULHO DE 2005 - DOU DE 15/07/2005.

n) INSTRUÇÃO NORMATIVA MPS/SRP Nº 5, DE 3 DE AGOSTO DE 2005.

o) INSTRUÇÃO NORMATIVA INSS/PR Nº 11, DE 20 DE SETEMBRO DE 2006 DOU DE 21/09/2006.

Ressaltamos que apenas 39% dos feirantes disseram que fazem o controle de suas receitas e despesas, e a grande maioria 61% afirmou não fazer, e destacou que não pretende fazer. Esta ampla maioria 61% disse que até hoje conseguiu se manter sem fazer tais controles.

O modo como esses feirantes aprenderam a desempenhar as atividades, ao longo de suas experiências profissionais, é outro dado importante que caracteriza o feirante como um tipo de indivíduo que tem nas experiências de vida sua fonte principal de aprendizado (praticamente única em muitos casos) dos conhecimentos aos quais recorre e implementa em suas práticas. O nível de escolaridade, conforme os dados obtidos neste trabalho, é baixo e a origem familiar nos ajuda a explicar que, em sua maioria, os feirantes não possuem as disposições necessárias ao estudo escolástico (seus pais estudaram e têm pouco, eles mesmos também, conseguiram até passar alguns anos a mais na escola, mas em grande parte não conseguiram concluí-la) e terminaram por aprender o que lhes é necessário de modo empírico, observando os outros que fazem aquilo que precisam aprender, ou mesmo na própria dinâmica cotidiana de trabalho.

Dois direcionamentos analítico-explicativos podem ser dados aqui sobre esta evolução e planejamento financeiro a partir das receitas originadas pela feira aos feirantes. A primeira aponta para o fato que, de algum modo, estes indivíduos hoje feirantes conseguiram ao longo de suas atividades econômicas anteriores reunir capital por meio de poupança (sistemática ou não) e assim poderem investir suas economias próprias em um negócio de feira.

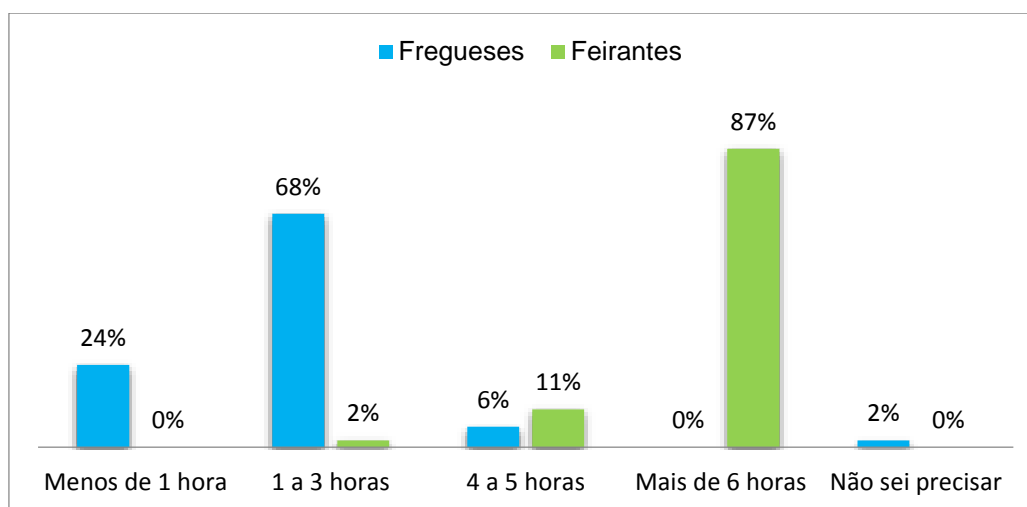
Somente a incorporação desta prática relacionada ao cosmos capitalista e não originalmente ao campesino, mesmo que por apenas certo período de tempo, torna possível para a maioria dos feirantes a montagem de um negócio próprio. Ou seja, se um indivíduo no mundo moderno não incorpora a prática de poupança, lhes são reduzidas as possibilidades de vir a ter um negócio próprio que exija um mínimo de capital inicial.

O segundo direcionamento está voltado aos feirantes que tiveram na família o aporte financeiro necessário para iniciar o negócio.

A origem familiar do capital quer seja por doação ou herança, necessário ao comércio no qual atuam hoje também pode ser comparada ao que observou Bourdieu na Argélia⁹⁴, “a tradição estimula e praticamente impõe a solidariedade e o auxílio mútuo por meio das relações pessoais, afinal, acredita-se que quem alcançou sucesso deve se servir de seu próprio êxito para ajudar aos outros, começando pelos membros da própria família”..

O modo como os feirantes administram seus negócios ilustra o drama periférico vigente ainda hoje para grande parte da população mundial: O confronto entre ter vindo ao mundo configurado de determinado modo e ser projetado para um “outro” com distinta configuração e noção de temporalidade.

Gráfico 34: Tempo de permanência de feirantes e fregueses na feira



Fonte: AMORIM (2015).

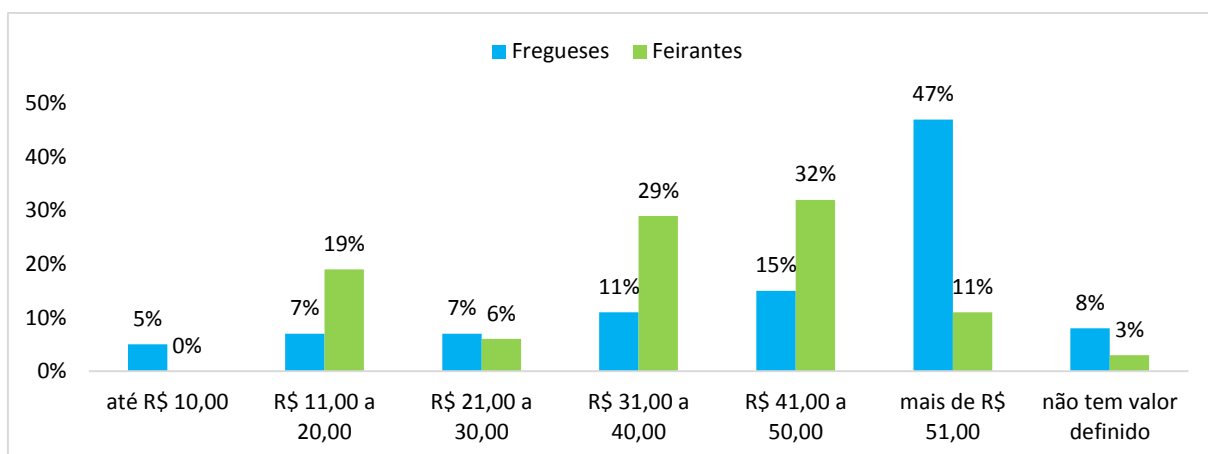
94 Pierre Félix Bourdieu é origem campesina, filósofo de formação, foi docente na École de Sociologie du Collège de France. Desenvolveu, ao longo de sua vida, diversos trabalhos abordando a questão da dominação e é um dos autores mais lidos, em todo o mundo, nos campos da antropologia e sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, lingüística e política. Também escreveu muito sobre a Sociologia da Sociologia. A sociedade cabila, na Argélia, foi o palco de suas primeiras pesquisas. Seu primeiro livro, Sociologia da Argélia (1958), discute a organização social da sociedade cabila (sociedade ordenada), e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desculturação.

O tempo que cada feirante passa na feira vendendo seus produtos e os fregueses passam comprando-os também foi perguntado como forma de chegarmos ao “sagrado” A partir da apropriação do espaço em que ambos os atores se determinam ora como cuidadores deste, ora como agentes de mudanças e transformação, conforme apresentamos no gráfico 34.

Desta forma, para os feirantes, 87% disseram que ficam mais 6 horas na feira; outros 11% disseram que ficam de 4 a 5 horas; 2% disseram que ficam de 1 a 3 horas. Já os fregueses, 68% disseram ficar de 1 a 3 horas; 24% ficar menos de 1 hora na feira; 6% de 4 a 5 horas e 2% não sabe precisar.

Assim percebemos que a permanência de feirantes e fregueses se apropriando do tempo na feira livre do Vila Nova aos domingos é algo que ajuda a construir o “sagrado” uma vez que permanecem por um bom tempo neste evento; seja pelo fato de ir caminhar, comprar, conversar, dentre outros motivos, levando-os a se sentirem parte daquele lugar e espaço. Não há estudos sobre o tempo de permanência de feirantes e fregueses no Brasil.

Gráfico 35: Quanto gastam os feirantes e fregueses por domingo na feira



Fonte: AMORIM (2015).

Outro ponto importante foi saber quanto gastam fregueses e feirantes na feira livre do Vila Nova. Desta forma, destacamos que os feirantes também são

fregueses, pois vendem produtos específicos e acabam comprando aqueles outros que são para seu consumo.

Assim, no gráfico 35, identificamos que fregueses gastam desta forma: 47% disseram gastar mais de R\$ 51; 15% disseram gastar de R\$ 41 a R\$ 50; 11% disseram gastar de R\$ 31 a R\$ 40; 7% disseram gastar de R\$ 21 a 30; outros 7% disseram gastar de 11 a 20; 5% disseram gastar até 10, que são aqueles que compram eletrônicos de baixo valor como o CD, DVD (pirata); e 8% disse que não tem valor definido.

Já entre os feirantes que são fregueses: 32% disseram gastar de R\$ 41 a 50; 29% disseram gastar de R\$ 31 a R\$ 40; 19% disseram gastar de R\$ 11 a R\$ 20; 6% disseram gastar de R\$ 21 a 30; outros 11% disseram gastar mais de R\$ 51 e 3% disseram que não têm valor definido. Percebe-se aí que a faixa de consumo e gastos entre os feirantes que são fregueses em dado momento desta feira é grande. Desta forma, poderíamos aplicar a isso o conceito de “economia criativa”, uma vez que entre os próprios feirantes haveria ofertas e demandas. Os fregueses também dispõem de um valor considerável mensalmente.

Fato é que esta feira criou mecanismos sustentáveis economicamente entre feirantes e fregueses, feirantes e feirantes. Percebemos durante esta pesquisa que há casos de feirantes sair da sua barraca para fazer compras e largar sua barraca com o feirante do lado, daí o feirante que é concorrente em muitos momentos, vende seus produtos, recebe por eles e depois quando este chega, repassa o dinheiro, há um clima de estabilidade entre os feirantes. Também não há estudos sobre esse campo de feiras livres onde feirantes viram fregueses, é algo a se buscar entender no futuro.

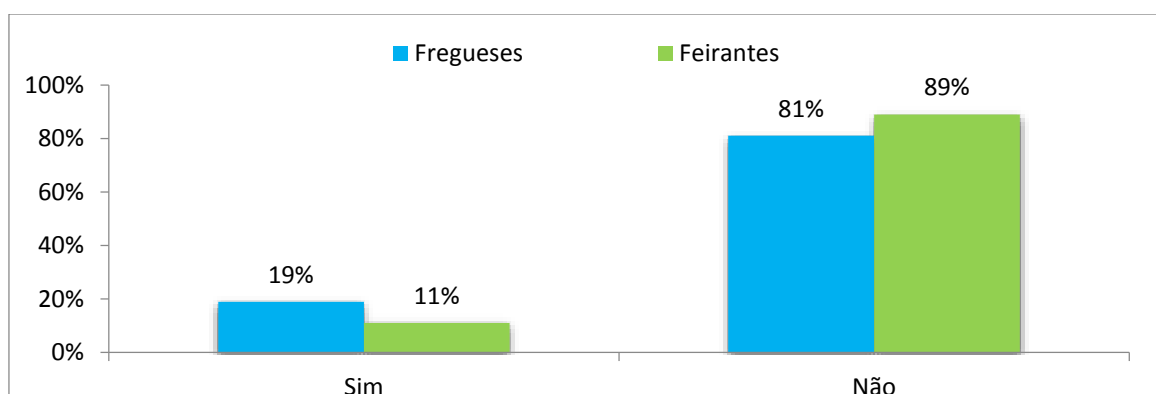
No gráfico 36, perguntamos aos feirantes e fregueses se estes viam a presença do estado (prefeitura) em ajudar no fortalecimento da feira, organização e outros aspectos como segurança. Desta forma, identificamos que 89% dos feirantes e 81% dos fregueses não vêem nenhuma relação da feira com a prefeitura; para 11% dos feirantes e 19% dos fregueses a prefeitura de São Mateus auxilia.

Diante disso, esta pesquisa recomenda uma presença mais firme das autoridades, uma vez que ela é um importante evento econômico do município.

Também ressaltamos que a feira do Vila Nova é o maior evento aberto do Espírito Santo, seja por domingo ou por mês, tendo um fluxo grande de pessoas ao aberto se relacionando; e apesar da violência existente naquele espaço, esta não foi capaz de afastar ambos os atores de permanecer naquele local.

O papel da prefeitura municipal de São Mateus é um importante agente de organização de uma feira, porém para 96% dos feirantes ela não existe e também para 91% dos fregueses; uma minoria de 9% de fregueses e 4% dos feirantes percebe a atuação destes organismos, conforme gráfico 36.

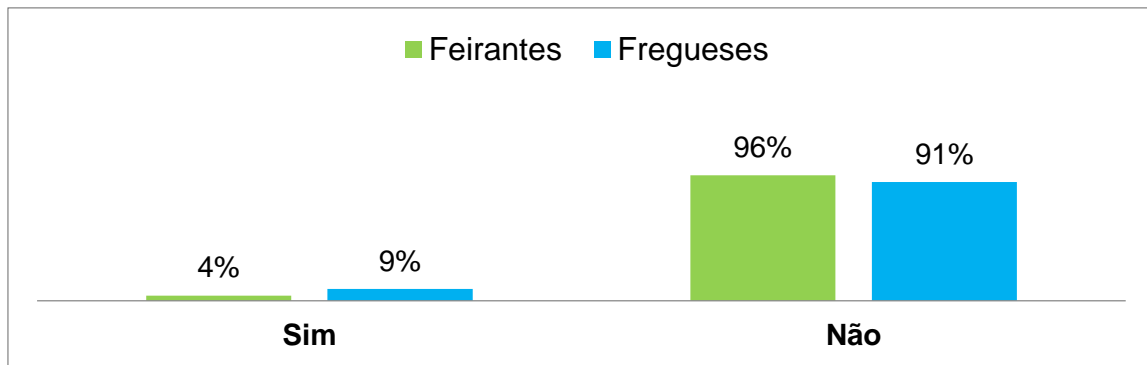
Gráfico 36: A prefeitura ajuda na construção da feira.



Fonte: AMORIM (2015).

A presença das polícias também foi investigada para esta pesquisa, assim o “profano” para uma feira livre pode se destacar como a falta de organização, a presença de violência, a higiene dos produtos apresentados. Desta forma, a participação do estado formal, neste caso das Polícias Civil, Militar, Ambiental, também é pouco percebida por feirantes e fregueses a partir do gráfico 37.

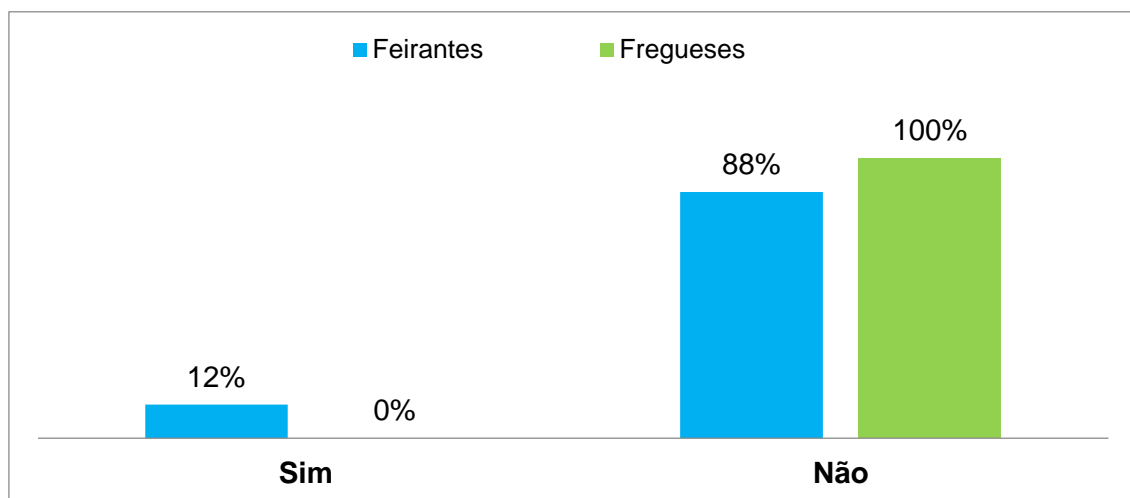
Gráfico 37: As policias civil, militar e ambiental apoiam as atividades da feira.



Fonte: AMORIM (2015).

A principal reclamação de feirantes e fregueses está condicionada a assaltos, furtos, roubos seguidos de uso de entorpecentes (profano), sem nenhum controle das autoridades conforme vemos os resultados no gráfico 37. São inexpressivas as participações das polícias na percepção dos frequentadores desta feira.

Gráfico 38: Atuação da Associação de feirantes é percebida por Feirantes e fregueses



Fonte: AMORIM (2015).

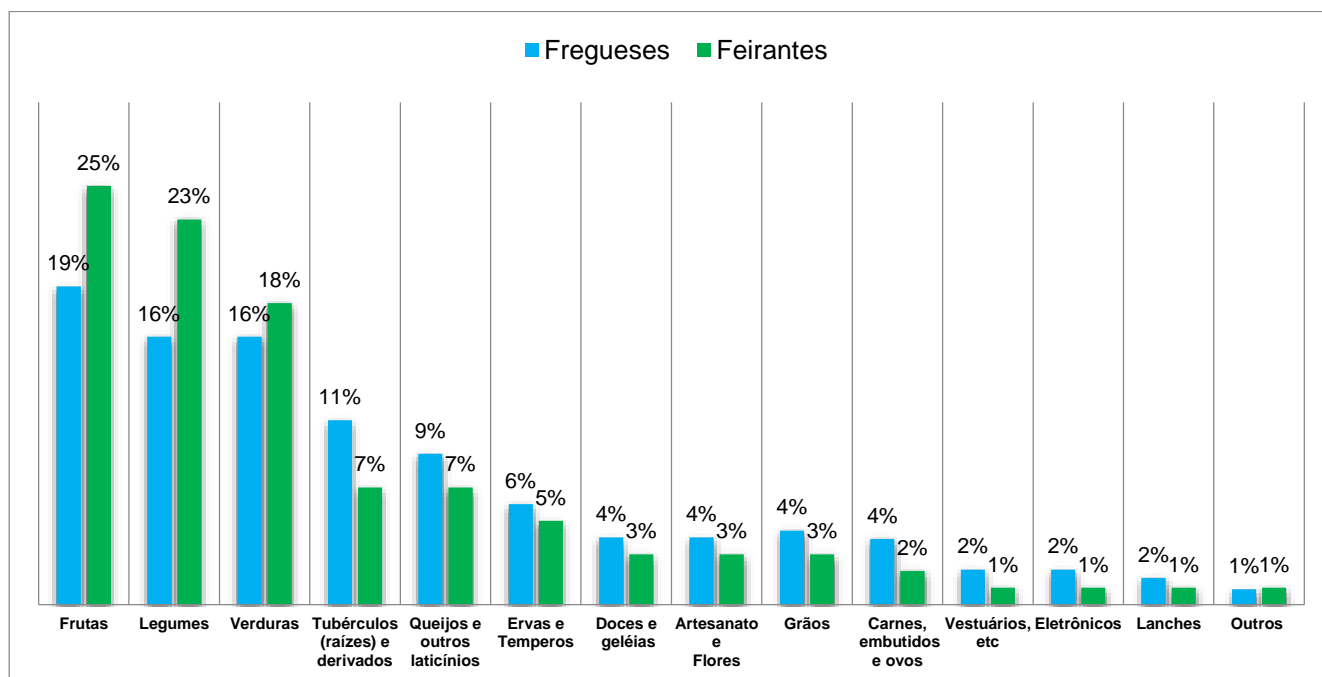
Tanto para feirantes quanto para fregueses, a associação da feira (feirantes) atua muito pouco. Para 100% dos fregueses ela não tem efeito nenhum sobre a feira e para 88% dos feirantes também não. Apenas 12% dos feirantes acredita que ela tenha sua importância, conforme apresentado no gráfico 38. O traço mais marcante e comum nas feiras pelo país (Brasil) é a

inexistência de associação de feirantes, fato já percebido nas pesquisas e teóricos sobre o assunto.

A feira livre da Vila Nova requer ações para fortalecer sua associação de forma que esta atua pro-ativamente elaborando cursos de atendimento, manuseio de produtos alimentícios; dentre outros, como incutir na rotina dela o pagamento dos fregueses por meio eletrônico, já que como vimos nesta pesquisa é algo que feirantes e fregueses querem. Pergunta-se: a quem interessa não colaborar para que a associação de feirantes se desenvolva? Seria a grande rede varejista presente na cidade? De qualquer forma é outro espaço para pesquisas no futuro acerca deste tema polêmico.

Os produtos comercializados (feirantes) e comprados (fregueses), também foram destacados por grupos, assim a partir dos dados do gráfico 39 entenderemos esses números.

Gráfico 39: Distribuição dos produtos comercializados por feirantes e comprados por fregueses na feira.



Fonte: AMORIM (2015).

Assim estão distribuídos os produtos comercializados pelos feirantes e comprados pelos fregueses na feira livre da Vila Nova a partir do Gráfico 12:

Feirantes: Frutas (25%), Legumes (23%), Verduras (18%), tubérculos (7%), queijos e outros laticínios (7%), Ervas e temperos (5%), Doces e geleias (3%), Artesanato e Flores (3%), Grãos (3%), Carnes (2%), Vestuários (1%), Eletrônicos (1%), Lanches (1%), outros (1%). Desta forma, os principais 5 (cinco) grupos de produtos comercializados pelos feirantes são: frutas, legumes, verduras, tubérculos, laticínios e ervas e temperos que correspondem a 80%. Os demais (20%) estão distribuídos de forma uniforme e são itens que foram sendo agregados para venda na feira com o passar dos anos.

Fregueses: Frutas (19%), Legumes (16%), Verduras (16%), tubérculos (11%), queijos e outros laticínios (9%), Ervas e temperos (6%), Doces e geleias (4%), Artesanato e Flores (4%), Grãos (3%), Carnes (4%), Vestuários (2%), Eletrônicos (2%), Lanches (2%), outros (1%). Desta forma, os principais 5 (cinco) grupos de produtos comprados pelos fregueses são: frutas, legumes, verduras, tubérculos, laticínios e ervas e temperos que correspondem a 77%. Os demais (23%) estão distribuídos aleatoriamente e são itens que foram sendo agregados para compra na feira com o passar dos anos.

Destaque aqui para a feira da Vila Nova como uma feira livre de alimentos (FLV)⁹⁵, pois a maior parte dos produtos comercializados são alimentos que laboram a essência de pratos que traduzem a cultura brasileira. Nela se encontra o feijão preto e os miúdos do porco para a feijoada, assim como o peixe e os temperos da moqueca, dentre outros.

Outro campo a ser explorado em futuras pesquisas é a economia criativa⁹⁶ uma vez que ao longo desta pesquisa se percebeu elementos desta na atividade desta feira.

95 FLV é uma feira livre tradicional forma de comercialização de frutas, legumes e verduras (FLV).

96 Os frequentadores da feira livre do Vila Nova são os feirantes e fregueses.

5 IDENTIFICANDO O SAGRADO

A identificação do “sagrado” desta feira tem implicação na cultura de parte da população de São Mateus, onde ela está presente e interferindo no dia a dia da construção da vida de cada um dos frequentadores na “feirinha de Vila Nova”⁹⁷, sendo este nosso limiar, pressupondo que o “sagrado” é um dos elementos que constroem o mundo para esse grupo de frequentadores e que se apresenta como uma realidade totalmente diferente da realidade natural.

O “sagrado” para seus os frequentadores desta feira livre é algo novo e com muitos significados. Desta forma, partindo dos autores Godoy (2005) e Sato (2012), e dos resultados apresentados no capítulo 4, entendemos que as relações construídas nesses quarenta e um anos de existência desta feira foram os elementos que construíram esse significado de “sagrado”.

Para Godoy (2005) as feiras trazem a tona a grande cruzada existente na atual sociedade que é o da geração de empregos, assim ele destaca que as feiras são alicerces de empregabilidade de muitas pessoas que com a baixa escolaridade, conseguiram se estabelecer como feirantes e assim sobreviver.

Já Sato (2012) diz que apesar da baixa escolaridade e do grande número de assaltos e de muitos outros fatores negativos, sendo estabelecidos como o “profano”, ainda assim o sagrado se mantém, pois o espaço criado para as feiras não mais possuem donos. Para ela este espaço, está associado a necessidade de sobrevivência dos feirantes, assim como para os fregueses que compram produtos com preços mais acessíveis a sua renda fazem das feiras livres um universo a ser explorado e investigado.

Para cada frequentador da feira livre do Vila Nova, o “sagrado” tem um significado.

Godoy (2005) afirma ainda que o homem das sociedades é instruído desde que nasce a viver o mais possível de valores que o levarão ao “sagrado” ou muito perto de algo consagrado. Essa tendência é compreensível, pois para

⁹⁷ Feirinha do Vila Nova é como grande parte de seus frequentadores (feirantes e fregueses) a chamam.

os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o “sagrado” equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. Portanto, fácil de compreender que o homem deseje profundamente ser, participar de um caminho e realidade que o leve para lugar (es) sagrado (s). Desta forma é uma experiência vivenciada pelo homem que a partir do momento da assimilação da mesma, faz dela uma opção de vida, fato que ocorre na feira do Vila Nova.

Já Sato (2012) destaca que o sagrado é uma das maneiras de viver, assumidas pelo homem ao longo de sua história de tal forma que transformar essa abordagem teórica do “sagrado” numa produção de material usando uma linguagem acessível e construindo questões pertinentes a reflexão sobre o espaço da feira livre do Vila Nova, ajudará a novas pesquisas pois quando lembramos que no início da ocupação do bairro Vila Nova existia grande apreensão e medo dos moradores de outros bairros da cidade, dada a violência que incorria daqueles ocupantes, existia ali algo que jamais pudesse-se pensar que naquele local seria iniciada um dos maiores eventos abertos do estado do Espírito Santo. Ainda se remetendo a esta época, com o passar dos anos o bairro se definiu, o estado (município) o reconheceu e seus moradores criaram uma feira que se transformou num símbolo para todos os mateenses, desta forma, tornou-se “sagrado” para parte da população.

Segundo Berger, (1985), o homem presente goza de uma estabilidade que advém de fontes poderosas que vão além do esforço humano e para conseguir explicar, ou justificar isso, cria seus valores com a finalidade de sacralizar o universo e seus mistérios e ao mesmo tempo, explicar a essa complexidade que a razão humana não consegue entender. Nasce então à ideia do sagrado, o homem o concebe como um poder misterioso que está fora do entendimento humano que transcende a vida normal, mas que, ao mesmo tempo, há uma relação de proximidade entre eles. O sagrado não se faz presente na rotina do cotidiano e sim, em lugares e situações significativas. O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado. (BERGER, 1985).

Otto (2006)⁹⁸ diz que entre o homem e o sagrado há uma relação intrínseca com o racional e o irracional e aceitá-lo não está diretamente ligado à consciência religiosa mais sim a valores que o próprio homem constrói.

O homem é um ser que vive em grupo e é no grupo (sociedade) que ele se forma como pessoa, constrói sua personalidade, cria seus projetos de vida e os leva a frente e ainda há uma relação de reciprocidade entre o homem e a sociedade por ser ela um produto humano é um fenômeno dialético, isto quer dizer que, simultaneamente um age sobre o outro e ainda constrói e reconstrói o outro e, ao mesmo tempo um depende do outro. O “sagrado” instituído na feira do Vila Nova é aquilo que se distingue totalmente do comum, é algo que se revela completamente diferente do mundo cotidiano, ou seja, Supermercados, Hipermercados e outros gêneros acontecem todo dia, a feira livre não.

Esta ação de construir a sociedade e construir-se, o homem projeta um mundo para si, buscando atender suas necessidades antropológicas. Estas necessidades são atendidas quando ele pode exteriorizar-se através das atividades físicas e mentais que se materializam pelas ações objetivas de fabricar instrumentos, objetos, utensílios, inventando a língua, construindo valores, fundando instituições, enriquecendo o mundo e criando sua cultura. Tal fato revela também, um interesse por algo a mais nesta relação do homem com o espaço:

O desejo do homem de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver em um mundo real e eficiente - e não numa ilusão. (ELIADE, 2001).

Estas considerações demonstram a importância e atualidade da investigação sobre o “sagrado” da feira livre do Vila Nova.

98 Rudolf OTTO escreveu sobre a construção do sagrado em diversos aspectos e publicou boa parte da sua obra em Lisboa, Portugal. A primeira publicação desta obra é de 1917.

O sagrado demonstra seu valor e revela uma preciosidade de significados,

“toda realidade profana é não significante, neutra ou, como se diz hoje, do grau zero da significação. Somente a experiência do sagrado confere significação (ROHDEN, 1998)”⁹⁹.

Otto (2006) diz que a experiência do sagrado é por fim, aquela que permite ao homem validar seus impulsos e experiências no mundo como reais e significativas permitindo assim, a ele, dar sentido à sua existência, revelando não só o mundo como significativo, mas como real e verdadeiro, e não com um eterno relativismo vazio de qualquer possibilidade de sentido último.

Na verdade, o homem despendeu alguns de seus maiores esforços ao longo de sua existência no empenho de construir tais espaços, de fazer deles não só grandiosos, mas magníficos. São toneladas de pedras movidas em todo o mundo, são décadas e séculos gastos neste empenho. Os exemplos são abundantes como o é a cultura e história humana. Exatamente porque constituem uma solução total à nossa situação de ser no mundo. Todos estes locais guardam uma qualidade excepcional, “única”: esses são os “lugares sagrados”, como se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana. (ELIADE, 2001).

A feira livre do Vila Nova se constitui para seus frequentadores como um espaço “sagrado” como podemos ver no depoimento do feirante Nilson Gonçalves¹⁰⁰:

“Vender aqui na feira pra mim não é só para ganhar dinheiro. Posso ter uma semana ruim, mas quando já no sábado arrumo as coisas, os produtos e venho vender no domingo, parece que minha vida é outra, aqui neste lugar não me sinto só um feirante. Sinto que minha relação vai além de feirante; aqui sou o artista, o amigo, o aconselhador, o conciliador, aqui sinto que existo de verdade – Entrevista de 15 de fevereiro de 2015”.

99 Cleide Cristina Scarlatelli ROHDE, escreveu sobre A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade e publicou em Porto Alegre, RS em 1998.

100 Nilson Gonçalves é feirante na feira livre do Vila Nova há 28 anos.

Godoy (2005) destaca que um espaço “sagrado” é aquele que se destaca dos demais por ser especial, por algo que o diferencia qualitativamente dos outros espaços. Esta diferenciação qualitativa é sempre positiva; o espaço sagrado sempre se diferencia por ser melhor, por ser, ou ter, algo a mais que os outros espaços não possuem.

Assim, também destacamos o depoimento do freguês Gabriel Pereira¹⁰¹, 63 anos que disse:

“Na feira os produtos são bons, os feirantes são parceiros, a gente faz exercício pois caminha mais de um quilometro entre o início e o final da dela, retornando depois. Mas aqui também é lugar de alegria e de encontros e até despedidas. Encontrei um ex-aluno meu na feira que me disse que ia trabalhar em DUBAI, como também encontrei meu ex-vizinho que agora mora em Vitória que estava visitando parentes na cidade e estava na feira. Sei que aqui é um lugar especial, esse é o lugar especial para nós de São Mateus, aqui na feira do Vila Nova sempre vai ser lugar de encontrar e reencontrar – Entrevista de 15 de fevereiro de 2015”.

Esta revelação do espaço é sempre valiosa e pode se dar mediante o reconhecimento deste valor, ou mesmo, o reconhecimento propriamente de uma força misteriosa, pois lá atrás (início da feira) não haviam elementos que construíram tal dinâmica para formar a feira do Vila Nova com o valor que ela tem hoje. É por isso que, em muitos exemplos, o espaço “sagrado” é revelado segundo a manifestação de uma destas forças não físicas. Segundo a lenda (ELIADE, 2001) do morabito¹⁰² que fundou El-Hemel no fim do século XVI, ele parou para passar a noite e fincou ao solo uma vara. No dia seguinte verificou que da vara haviam surgido brotos e ela havia lançado raízes ao solo. Percebe nisso um sinal de algo diferenciado: aquele lugar não é um lugar comum. Assim mais tarde funda sua morada exatamente naquele lugar. Em suma, uma força poderosa faz algo sobrenatural, algo de incrivelmente incomum ocorrer, neste caso personificado no incrível poder fecundo daquele solo.

101 Gabriel Cardoso é freguês da feira Livre do Vila Nova há mais de 15 anos.

102 Morabito é um eremita considerado santo por habitantes da região no Magrebe, no noroeste da África.

Tal conceito do “sagrado” como uma força que nos é útil ao explicar algumas modalidades do pensamento relacionado ao lugar “sagrado”, acontece no oriente em relação ao Chi (Qi)¹⁰³. Trata-se de uma força misteriosa que permeia todos os elementos do universo, mas que pode ou não ser potencializada em um ou outro objeto específico. Na China antiga se desenvolveu uma prática que liga o reconhecimento desta força com a configuração do espaço denominada Feng Shui¹⁰⁴ (SOLANO, 2000), que se for traduzido de forma simples significa efetivamente Vento-Água. No entanto simbolicamente representa a junção do Dragão (princípio criativo e de força aquática) e a Fênix, ou pássaro vermelho, (representante do ar, da virtude e do conhecimento). Os dois elementos simbolizam princípios fundamentais que são buscados em relação ao espaço sagrado destinado ao bom acolhimento do homem, visando, portanto, a potencialização de suas qualidades para abrigar o homem.

Na lembrança de Merleau-Ponty (1993),

“... o espaço não é um meio contextual (real e lógico) sobre o qual as coisas estão colocadas, mas sim o meio pelo qual é possível a disposição das coisas. No lugar de pensarmos, o espaço, como uma espécie de éter onde todas as coisas estariam imersas devemos concebê-lo como o poder universal de suas conexões”.

Nesta perspectiva o espaço “sagrado” é de caráter relacional e sob este aspecto é de natureza dinâmica, ou seja, os feirantes, fregueses e demais frequentadores da feira do Vila Nova se envolvem de diferentes meios, sejam para vender e comprar produtos, como rever amigos, fazer amizades, apenas caminhar pela feira. Desta forma o espaço do sagrado foi sendo construída por todos os seus atores e é algo vivo presente na “feirinha”.

103 Referências ao Qi ou conceitos filosóficos semelhantes relativos a um tipo de energia metafísica que permeia e sustenta os seres vivos são encontradas em vários sistemas de crenças, presentes em culturas de todo o mundo, especialmente na Ásia.

104 A origem histórica do Feng Shui, remonta a tempos primordiais, talvez às chamadas culturas do Dragão.

Assim essa identificação do “sagrado” da feira livre do Vila Nova ganhará com esse trabalho registros que antes não tinha, como o surgimento, suas motivações e relatos de feirantes e fregueses. Enquanto São Mateus se organizava como cidade nesses últimos anos, a feira livre do Vila Nova “inventava-se”, ou seja, surgia para suprir as necessidades das pessoas e com isso completou quatro décadas de existência em que produtos de diversos gêneros fora e são comercializados por feirantes do município de São Mateus e região. Conforme Amorim e Sanchez¹⁰⁵ (2015):

Com 40 anos de existência a Feira livre do Bairro Vila Nova em São Mateus, é rotina de todos os domingos na vida social, cultural e econômica da cidade. Os fregueses de Feiras Livres buscam alimentos frescos sob à crença de que estes possuem qualidade e produção através da agricultura familiar.

É preciso a PMSM buscar apoio para modernizar a feira livre do Vila Nova já que está é sem dúvidas o maior evento aberto do estado do Espírito Santo, promovendo encontros e desencontros em todos os domingos, que por mês daria algo próximo a 18 mil pessoas e por ano 216 mil pessoas. Desta forma buscar a preservação do patrimônio cultural a partir da “feirinha do Vila Nova”, antes de mais nada, será de promover por meio da preservação de práticas culturais e de processos de produção, o exercício da cidadania e uma melhor qualidade de vida para as pessoas no presente.

Ainda nesse eixo de identificação do “sagrado”, podemos elencar os produtos que eram vendidos no início da feira do Vila Nova com os atuais. A partir dos depoimentos dos pioneiros desta feira teremos instrumentos de comparação, trazendo a tona a “memória”, posto que a história, faz com que o que somos em cada momento seja o resultado completo do que “fomos”, e faz também, que antecipemos a cada momento o “já ter sido”, sua dimensão

105 Artigo publicado pelos autores deste trabalho na revista SODEBRAS em janeiro/2015, sobre o surgimento da feira livre do Vila Nova assim como os percursos histórico de feiras em São Mateus.

propriamente social se faz explícita quando se converte em “memória coletiva”. (ARÓSTEGUI, 2006).

Assim o pioneiro Carmelito, fundador da feira livre do Vila Nova disse o que inicio vendendo em 1974:

“Eu só vendia biscoitos de farinha e nata que minha companheira fazia em casa e carne de porco que criávamos no quintal. A gente também inventava coisas pra vender, como comprar roupas usadas e revende-las – Entrevista em 04 de janeiro de 2015”.

O também pioneiro João Costa Palmeira, ressaltou:

“eu tinha umas galinhas, uma horta em casa e peguei tudo e fui vender junto com meu amigo Carmelito – Entrevista em 04 de janeiro de 2015”.

Houve uma evolução dos produtos ofertados desde o início da feira, desta forma, destacamos o que é vendido hoje por grupos:

- a) Hortaliças - Couve, serralha, alface, almeirão, agrião e outras); frutas (graviola, laranja, mexerica, banana, abacaxi, melancia, etc.);
- b) Verduras e legumes - berinjela, chuchu, batata inglesa, cenoura, cebola, e outros
- c) Grãos - feijão, arroz, milho, soja, amendoim, macadâmia e outros;
- d) Temperos - tempero verde, cominho, açafraão, pimenta, pimenta do reino, colorau (conforme fotografia 39);
- e) Queijos – diversos tipos (conforme fotografia 39);
- f) Tubérculos - aipim, batata doce, cará e derivados da mandioca como farinha, araruta, polvilho, tapioca, beiju e outros;
- g) Carnes - frango, suíno, bovino, peixes e mariscos);

- h) Artesanatos e artigos diversos – lembranças, quadros, pinturas, mudas de plantas e remédios caseiros;
- i) Eletrônicos - CDs e DVDs, aparelhos de MP3;
- j) Vestuário - Roupas, calçados, bonés e etc.



Fotografia 39: Comercialização de todos os tipos.
Fonte: AMORIM (2015)

Constata-se que os fregueses possuem diversas opções disponíveis de produtos ofertadas no presente desta feira, contrapondo o seu início ao qual era poucos como vimos o depoimento do pioneiro Carmelito e João Costa Palmeira. Desta forma, a feira se tornou tradição, levando os fregueses a estarem presentes aos domingos pela manhã. Sua procura naquele local não será só a de aquisição dos produtos como também de prestigiá-la como forma de evento, tornando-a assim “sagrado” para parte desta população mateense. Desta forma os produtos vendidos na feira são um dos elos que nos levam ao “sagrado” na percepção dos atores envolvidos.

Assim podemos confirmar que o primeiro motivo de leva um feirante e freguês a feira é o produto e A partir deste se constroem outros significados como patrimônio, tradição, memória para seus atores. Neste caso, o espaço do sagrado e a tradição inventada por todos que compartilham deste evento tornou-se algo singular que mantem a feira livre do Vila Nova viva por esses 41 anos de existência.

Na entrevista do freguês Danilo Souza, morador do bairro Novo Horizonte em São Mateus, frequentador da feira a 32 anos, ele confirma esta percepção, onde disse:

“meu domingo só começa se eu for a igreja pela manhã as 06 da manhã e depois for a feira comprar verduras e legumes acompanhado daquele frango caipira que só tem lá” – Entrevista realizada em 22 de março de 2015.

Assim como a feirante, Zerzilia Oliveira Silva, disse:

“eu já sou aposentada, e poderia não estar mais na atividade de feirante, passando esta atividade para minha filha que me ajuda, porém, eu ajudei a construir este espaço e não me vejo fora dele” – Entrevista realizada em 22 de março de 2015.

Outro freguês, Pablo Duarte Moura, morador do centro da cidade, declarou:

“Eu venho a feira desde meus 12 anos com meu pai, hoje tenho 37 anos e trago meu filho, acredito que a feira é bela pela diversidade das pessoas e dos produtos, e é onde todo mundo de São Mateus se encontra” – Entrevista realizada em 29 de março de 2015.

A partir das entrevistas dos fregueses e feirantes entendemos que a garantia aos modos de fazer, criar e viver permitirão aos diversos grupos e indivíduos presentes na feira livre do Vila Nova a buscarem alcançar por seus próprios meios, e efetivamente, a dignidade e os direitos humanos, que para Joaquin Herrera Flores¹⁰⁶,

“não são outra coisa que a materialização concreta das lutas pelo poder fazer e o poder criar, ou o que é o mesmo, o humano, consiste em um contínuo processo de ‘reação’ frente às realidades em que se vive. Quer dizer, frente ao conjunto de relações que mantemos com os outros”.

A feira livre do bairro Vila Nova tornou-se lugar comum nas manhãs dominicais e integra a vida da comunidade local e dos moradores do município

¹⁰⁶ Tradução livre deste pesquisador do texto: El proceso cultural. Materiales para a creatividad humana. Joaquín Herrera Flores. Sevilla (Andalucía): Aconcagua Libros, 2005.

de São Mateus e cidades vizinhas, ou seja, é raro para alguns moradores não a visitar e prestigiar o universo que ali se forma, pois entre barracas e produtos estabelece-se uma relação cordial e cultural entre feirantes e consumidores.

A feirante Sônia Hortêncio, declarou:

“Tenho clientes que compram na minha barraca a mais de 20 anos, e todo domingo estão aqui. Eles não só compram, mas perguntar da minha vida, se interessam sobre a origem dos produtos” – Entrevista realizada em 08 de maio de 2015.

Tais sociabilidades presentes na feira livre do Vila Nova são tecidas no âmbito dos espaços públicos e privados, por meio das relações entre os indivíduos e suas capacidades de estabelecerem laços afetivos e sociais com outros personagens, tramando concatenações harmoniosas com seus semelhantes e convivendo coerentemente com as demais pessoas (fotografia 40).



Fotografia 40: Diversidade de produtos.
Fonte: AMORIM (2015)

Na feira livre do Vila Nova ouvimos a expressão os “guardiões culturais”¹⁰⁷, um termo ainda em adequação para esta feira que descreve aqueles que mantêm a história da feira e que também conhece os produtos que ali são vendidos, guardando ainda receitas e comportamentos típicos que diferenciam este espaço de comercialização, com encontro direto entre feirantes

¹⁰⁷ O termo Guardiões Culturais para a feira do Vila Nova são aqueles feirantes que mantem histórias, receitas e tempo de feira capazes de orientar um freguês a encontrar o que se busca.

e fregueses a partir de notáveis saberes que produzirão diferentes sabores (conforme fotografia 41).



Fotografia 41: Criação de amizades por feirantes e fregueses.
Fonte: AMORIM (2015)

A voz de alguns dos personagens da Feira Livre do Vila Nova são um importante caminho nesses 41 anos de existência. Estas pessoas que se dedicam fazendo deste espaço um evento “sagrado” para grande parte da população de São Mateus. Para tal, insere-se a partir desse momento retratos de vidas marcadas pela feira de maneira subjetiva.

Meios de expressão popular podem ser compreendidos como “espaços” de manifestações culturais populares realizadas por comunidades rurais ou urbanas, possibilitando, então, a troca de informações de fatos e ideias entre os agentes sociais e entre comunidades. São espaços culturais que possibilitam as pessoas se encontrarem e trocarem informações (OLIVEIRA, 2007).

O relato da freguesa Rosilene Maria Teixeira, 34 anos de idade, moradora do bairro Cohab em São Mateus, que compra na feira do Vila Nova há 15 anos, e diz que lá ela encontra frutas, legumes e artigos do beiju, frescos, e em condições de qualidade superiores à aqueles encontrados nas redes de varejo (supermercados e hipermercados), na cidade de São Mateus. Segundo ela, a banana encontrada na feira é produzida com um cultivo e cuidado familiar, em escala menor (um ou dois cachos por domingo), pois o feirante produz para sua subsistência e sobrevivência.

Para ela os feirantes cuidam com muito carinho e respeito dos produtos e também sem defensivos agrícolas.

Desta forma a percepção da qualidade de um produto alimentício é o resultado da interpretação de suas características como afirma Scalco,

“nos produtos hortifrutícolas, essas características podem ser sensoriais, nutricionais e higiênicas (SCALCO, 2004)”.

A freguesa, Maria da Ajuda de Souza, 51 anos de idade, moradora do bairro Santo Antônio em São Mateus, que compra na feira do Vila Nova há mais de 33 anos, considera o evento como uma tradição para muitas famílias da cidade. Ela relatou que seu domingo só começa se ela for à feira pelo período matutino, seu horário preferido é entre as 07 e 09 da manhã logo após ela ir a missa na matriz da Igreja Católica. Ela disse que compra todos os domingos na feira os artigos de farinha (beiju na folha de bananeira e a goma para a tapioca), além de frutas e queijos frescos.

Estudo realizado por Rocha et al., (2010) em cidade do estado do Rio Grande do Sul, relata que os alimentos frescos, com preços acessíveis e cultivados com menor quantidade de agrotóxicos, com destaque para os frutas, legumes e verduras, são atrativos que levam muitos consumidores a preferirem as feiras livres aos mercados tradicionais. A feira livre do Vila Nova é uma das formas de inserção do povo, e nela este sente que tem voz, que pode expressar-se em um espaço democrático e até ganhar fôlego para transformar uma situação. Quase como uma validação da cidadania, uma oportunidade de colocar o poder na mão de pessoas pobres. E assim, o indivíduo ganha ânimo para continuar sua rotina com mais força. Outra constatação interessante é que em uma feira livre estão presentes todos os aspectos da cultura popular - oralidade, espacialidade, artesanato e festa:

“Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras

peças efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, erguese uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos.” (Morais e Araújo, 2006).

No geral, o evento pode se apresentar como um momento de rever conhecidos, como uma mistura de lazer e cotidiano – ainda que estejam sendo realizadas atividades rotineiras, necessárias, é uma oportunidade de viver algo diferente, uma comemoração dentro do dia a dia. Um local lúdico e transgressor. Um ambiente alegre e unido, um espaço de liberação através da interação social por meio de dança, riso, conversas, ditos populares, músicas etc, como aponta Ferreira (2006):

“Todos esses elementos... fazem parte de um complexo comunicacional composto por textos, músicas, danças, imagens, oralidade, crenças, costumes e toda a sorte de práticas culturais, reafirmando a noção de que comunicação é cultura”. (Ferreira, 2006)

O freguês, Júlio Matias, morador do bairro Jaqueline em São Mateus, que compra na feira há 35 anos, vê na realização da feira não só um momento de compras de produtos artesanais, como também um momento de encontro com amigos. Para ele, encontrar amigos na feira, colocar o “papo” em dia e sair dela com produtos frescos são a melhor parte. Segundo ele, a maioria dos produtos e a qualidade encontrada na feira não existe nas redes de varejo da cidade. Júlio Matias ressalta que o atendimento pessoal que cada feirante disponibiliza a ele e a outros amigos que frequentam a feira não são encontrados em nenhum outro lugar já que há uma relação de amizade, interesse e curiosidade entre fregueses e feirantes sobre suas famílias, seus produtos. Também relatou que faz encomenda com alguns feirantes para reserva de determinados produtos e quantidades já com um domingo de antecedência e que quase sempre vai à feira com sua família (esposa e filhos). Ele afirma que muitos amigos também vão com a família na feira, já que ela se transformou em uma tradição. Ressaltou ainda que não conseguem pensar em iniciar seu domingo sem antes ele ir à feira do Vila Nova.

Ele acredita que a feira nunca irá acabar, pois proporciona, além dos produtos frescos, um ambiente de amizades, encontros e interação.

A partir da entrevista do freguês Júlio Matias também compreendemos como aponta o autor Zygmunt Bauman (2001),

atualmente as pessoas vivem com medo do “outro” e fogem de qualquer tipo de interação pública, de encontros e envolvimento social. Elas sentem-se ameaçadas pelo diferente, e, portanto, buscam viver em “guetos”, isoladas com “iguais”, onde se sentem protegidas. Ao mesmo tempo, os espaços urbanos não são aproveitados, não encorajam a permanência, não são acessíveis e muito menos hospitaleiros. Desta forma, além de sua importância econômica como elemento estruturador das relações de troca que permeiam esses espaços, esse mesmo trabalho pode ser entendido como um ato político, no qual o seu reconhecimento, por parte dos demais atores sociais, fortalece os laços entre o feirante e o seu “território de trabalho”.

Segundo Colla (2008), os fregueses relatam que os alimentos comprados nas feiras livres, apresentam menos agrotóxicos, sendo estes, menos prejudiciais para a saúde. Ainda, o local é considerado mais agradável e o preço dos alimentos são melhores quando comparados à outros locais de distribuição. Mesmo que os hipermercados oferecem diversas promoções, ainda é na feira que os consumidores procuram qualidade e variedade (KINJO, IKEDA, 2005).

Já, Sozigenete Monteiro dos Santos, natural de Prado na Bahia é um dos grandes músicos na história contemporânea da Lira Mateense¹⁰⁸, morador da cidade de São Mateus desde 1952, disse que quando chegou em São Mateus sabia que a Feira Livre da cidade era na Praça São Benedito¹⁰⁹, mas que por exigência da igreja Católica teria saído daquele espaço, pois aos domingos esta feira atrapalhava os cultos, já que ali existe a Igreja de São Benedito e esta considerava profano tal tipo de comércio em frente à igreja e ainda mais pelo

108 Lira Mateense foi fundada em 21 de setembro de 1909, sendo antecedida pela banda Aurora do Porvir, egressa de um movimento musical do século XIX comandado por trabalhadores que tocavam músicas após o expediente. De acordo com registro da época, os músicos chegavam à cidade por meio dos navios que atracavam no porto de São Mateus.

109 A Praça São Benedito foi um dos principais pontos de encontros de pessoas na história de São Mateus e hoje é um local turístico e de lazer da cidade.

fato do evento ser na praça que também levava o nome do santo católico. Nesta época, os feirantes se organizaram em torno da Igreja Velha e do Cemitério Central da cidade e ali permaneceram até 1963. Sozigene lembra que muitos produtos vinham dos produtores rurais da região hoje chamada de quilômetros. Alguns desses produtos vinham em carroças ou charretes, puxados por animais, e outros também em pequenos barcos de madeira que percorriam o Rio Cricaré e traziam na sua maioria carne bovina, suína e frangos. Ele lembra que os animais eram sacrificados um ou dois dias antes da feira dos domingos por serem muito perecíveis, por isso eram transportados em pequenos barcos pelo rio, que naquela época era o meio mais rápido de chegada à cidade baixa da cidade. Sozigene lembra que no início de 1964 esta feira localizada nos arredores da Igreja Velha e do Cemitério Central teve novamente um deslocamento. Na época, segundo esse freguês, a Igreja Velha e o Cemitério foram reconhecidamente considerados por muitas autoridades como patrimônio histórico, e que pela ocorrência da feira naquele local estariam ocorrendo danos ao local. Assim, foram deslocados para a Avenida Jones do Santos Neves, em frente ao local onde hoje está situado o Banco do Brasil e a Loja Avenida. O deslocamento para esse novo local teria sido motivado pela promessa dos políticos da época que haviam iniciado a construção da I etapa do Mercado Municipal, de que realocariam os feirantes neste novo espaço que estava em obras. Com essa promessa, os feirantes ocuparam este espaço até 1967, quando o prefeito Wilson Gomes inaugurou esta etapa do Mercado Municipal. Porém, mais uma vez a promessa de ocupação dos feirantes de rua não havia sido totalmente concretizada, pois a I etapa do Mercado Municipal apenas contemplava os açougues para a comercialização de carnes. Deste modo, os feirantes que não vendiam carnes se alocaram em frente a esta I etapa do Mercado Municipal e tiveram a promessa que seu espaço seria entregue na próxima gestão. Sozigene, ressalta que no final de 1969 e início do ano de 1970 foi inaugurada a II e última etapa do Mercado Municipal, alocando então os demais feirantes que vendiam artigos ligados à produção agrícola ou artesanal (chamados de mercado de piso, pois os produtos eram vendidos no chão).

A partir da entrevista do freguês Sozigene, podemos entender que os espaços públicos são nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados

e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate, e a problematização da vida social posto em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de reconhecimento e de inscrição dos conflitos sociais. Para Carlos (2007),

“é preciso também pensar que negócios inteiros se baseiam na forma improvisada com a qual a rua é apropriada, (...) alguns montam barracas vendem um pouco de tudo; também improvisada as barracas e carrinhos tomam as ruas e esquinas”. Nas observações de campo, soube que ao sábado à noite, os comerciantes já chegam ao local para delimitar o local de sua barraca, seu carro, ou apenas um pano esticado no chão, outros pagam uma taxa á uma pessoa que toma conta de alguns pontos na Avenida, o chamado “Paraíba” principalmente os mais antigos. A Avenida Brasil continua com seu fluxo de automóveis, uma vez que esta não é fechada para que ocorra o comércio.

Outro freguês, o senhor Sebastião Almeida de Souza, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, morador desde 1961 em São Mateus, lembra que após a inauguração da II etapa do Mercado Municipal 1969/1970, faltou espaço para muitos feirantes que eram seus conhecidos e até amigos. Segundo ele na época muitos reclamaram que a prioridade nos espaços do mercado municipal cedidos pela Prefeitura nos mandatos de Wilson Gomes e Gualter Loureiro, eram daqueles que já eram moradores ou que residiam em São Mateus há mais tempo e como a maioria desses novos feirantes eram nordestinos, migrantes da região norte e nordeste para a cidade de São Mateus, pessoas estas que vieram pela motivação da recém-criada indústria de papel e celulose e petróleo e gás no estado no final da década de 1950. Sebastião disse ainda que esses migrantes chegaram aqui e não tiveram as oportunidades prometidas, pois não possuíam as qualificações desejadas na época (saber ler e escrever), poucos conseguiram oportunidade de trabalho (braçais), assim pela tradição nordestina, mais especificamente, baiana, foram para as ruas e começaram a vender seus produtos artesanais e outros comprados para revenda. Esse freguês lembra que ele mesmo comprou com o senhor Carmelito¹¹⁰, um dos pioneiros da Feira do Vila Nova. Segundo ele, os feirantes da feira da Rua Coronel Mateus Cunha

110 Carmelito foi o primeiro nordestino, baiano, a colocar uma barraca na feira do Vila Nova, sendo titulado por este pesquisador, como pioneiro desta feira.

após uma baixa nas suas vendas juntaram-se aos feirantes do Vila Nova. A partir da entrevista do freguês Sebastião, percebemos que muitas foram as razões que levaram (e ainda levam) os habitantes dos estados da região Nordeste a migrarem para a região Sudeste,

os motivos que impulsionaram o migrante a sair da terra de antes em busca de novas formas de viver, são decorrentes de inúmeros fatores, os adversos de expulsão e outros de atração, tais como: questões econômicas – miséria, fome, desemprego, latifúndio, exploração nas relações de trabalho, de terra para a economia de subsistência, estratégia camponesa para preservação do sítio, implantação da atividade pecuária; questões ambientais – variações climáticas (enchentes e secas), esgotamento dos solos; questões psicossociais – conflitos locais, frustrações, desavenças nas relações familiares, busca do imaginário urbano, vontade de viver outras experiências (BAPTISTA, 1998).

O empresário Marlécio Rodrigo Time, natural de São Gabriel da Palha, morador de São Mateus há mais de 15 anos, disse que tem grande afinidade com a feira do Vila Nova. Disse que além de comprar na feira do Vila Nova, ele também criou amizade com feirantes e destacou que sempre acaba encontrando amigos, conhecidos e clientes na feira. Para ele as conversas são rotineiras nesses encontros. Marlécio, ressalta que a feira do Vila Nova já trouxe frutos para o presente (41 anos) e poderá trazer ainda mais a médio e longo prazo, sinalizando como um futurista este freguês aponta para um dos possíveis futuros da Feira Livre do Vila Nova que é sua expansão e modernização. Ele aposta na tradição e da vontade de cada feirante em manter suas barracas (além da questão da sobrevivência de cada família) é que farão com que a feira do Vila Nova nunca acabe, além de entender que a participação das autoridades públicas em colaborar com a estruturação, ordem pública e investimentos deve ser vista como uma questão legal, já que a feira movimentava grande volume de vendas e consigo traz receitas para a cidade que movimentam as economias locais, sendo assim ela poderá avançar com rapidez ou não, rumo as novas necessidades dos fregueses.

Assim como Marlécio, os fregueses das feiras adicionam outros valores e crenças aos seus critérios de escolha e de julgamento de fornecedores.

Questões como qualidade, higiene, apresentação dos produtos, o tratamento dispensado pelo vendedor aos seus compradores, sistema de produção utilizado na produção dos produtos e, até mesmo a responsabilidade social, pesam muito na hora de escolher onde ele vai gastar seu dinheiro. Muito embora os fregueses sempre exijam menores preços, este não é um fator exclusivamente determinante, uma vez que se o produto for de melhor qualidade, a relação do custo/benefício será compensatória. Esta constatação está em consonância com a afirmação de MEIR (2001), quando afirma que devesse procurar fazer com que o ponto de comercialização proporcione prazer e satisfação ao cliente, consumidor ou freguês. Sob o ponto de vista de abastecimento popular, a maioria dos fregueses de feira pertencem a uma faixa da população de menor poder aquisitivo, que se utiliza deste espaço de abastecimento, além das razões sócio afetivas, como uma estratégia de administração do orçamento familiar escasso. A partir do freguês Elisandro, também é percebemos que no dia de feira livre, as cidades acordam de forma diferente, pois ela é toda movimento. São feirantes que chegam com suas mercadorias em carroças, caminhões e camionetas, são homens que armam as suas barracas, cavaleiros que apontam na cidade e amarram seus cavalos no entorno da feira. De longe, escutam o vozeiro e as conversas animadas. É o dia do encontro na cidade (CARDOSO; MAIA, 2007).

O dia da feira é, portanto, a ocasião para atualizar as conversas para discutir política, comprar, vender, enfim é o dia do movimento na cidade. Ela ainda é elemento caracterizador da dinâmica das cidades do interior do nordeste (CARDOSO; MAIA, 2007). Os laços afetivos construídos na feira produzem nos intercâmbios de experiências e opiniões transformações subjetivas que modificam as formas de pensamento e que podem instaurar o aumento da potência de agir. Levinás (1993) vem afirmar que só no contato com o outro nos chama a responsabilidade de respondê-lo de alguma forma, sendo que nesse espaço intersubjetivo, as alteridades são questionadas e faz com que se desestabilize, mas após a fase da dor e esforço, há a transformação da subjetividade. Dessa maneira, é na conversa e troca de opiniões que acontecem nos encontros da feira que se possibilitam a abertura de visão e fica evidente

uma interdependência entre as pessoas para alcançar o aprimoramento e ampliação do pensamento, ou seja, um aprendizado mútuo.

O freguês Elisandro Manoel Lima, natural de Teixeira de Freitas, no sul da Bahia e morador de São Mateus há mais de 10 anos, disse que vai à feira todos os domingos. Para ele, além de produtos artesanais e especiarias diversas, os produtos da feira são da feira e não os encontra em nenhum outro lugar. Destaca que as carnes de aves e porco encontrados na feira têm sabor, diferentes daquelas encontradas nos supermercados que são produzidos em grande escala à base de ração química. Ele também diz que a feira é ponto de encontro de amigos. Segundo ele por muitas vezes saiu de festas na madrugada de sábado para o domingo e foi direto para a feira, pois às 05 horas e 40 minutos da manhã já encontrava um pastel e um caldo de cana frescos, e o que para ele ainda melhor, é o preço. Exaltado, ele afirma que com R\$ 3,00 consegue comer dois pasteis e um caldo de cana, o que em nenhum outro lugar conseguiria. Esse freguês resume que como baiano, ele gosta de festas, encontros com amigos e que encontra tudo isso na feira. Acredita ainda que ela nunca acabará, pois na sua opinião nos próximos anos se transformará cada dia, trazendo novidades, mas sem perder a criatividade e a rotina de uma feira livre de rua com seus produtos frescos e saudáveis.

Assim como o freguês Mizael Mirandola, natural de Nova Venécia, no norte do Espírito Santo, e morador de São Mateus há mais de 50 anos, afirma que além da prática esportiva que realiza todas as manhãs, este aproveita o domingo para caminhar até a feira do Vila Nova (esta a 07 quilômetros da sua casa) para reencontrar muitos amigos. E que suas compras são esporádicas, mais que possui amizade com muitos feirantes. Esse freguês, disse que seus produtos preferidos são as frutas e os artigos da farinha, como o beiju de segundo ele são produzidos pelos próprios feirantes. Ele acredita que a feira estabelecida no Vila Nova trouxe mais proximidade do bairro com o resto da cidade, pois para ele, o fato do bairro ter sido invadido, sempre houve um certo preconceito com outros bairros e moradores da cidade.

Com nas entrevistas dos fregueses Elisandro e Mizael sobre a escolha de seus produtos, os autores Lima, Vanzo e Lima (2007), analisaram o

comportamento do consumidor de feiras livres da cidade de Marília-SP, também interessadas nos motivos que levam os fregueses à escolha deste tipo de varejo e os fatores que influenciam o processo de compra. As autoras também verificaram que apesar da deficiente infraestrutura das feiras, em especial a limpeza do espaço, a possibilidade de comparação de preços, a qualidade dos produtos, a simpatia e o atendimento e o bom relacionamento do feirante com o freguês são bastante motivadores para que os mesmos optem por estes canais de venda. O frescor e a qualidade dos produtos são alguns dos motivos que têm levado ao crescente aumento do interesse dos fregueses pelas feiras livres nos últimos anos, em países como a Nova Zelândia, Austrália, Grã-Bretanha, Canadá e os EUA, onde elas desapareceram, em grande parte devido ao advento dos supermercados.

Um dos motivos para esse ressurgimento dessa modalidade de varejo é o fato do freguês estar cada vez mais criterioso na procura de alimentos, o que resultou em uma reavaliação da forma que os alimentos são cultivados, distribuídos e vendidos (GUTHRIE et al. 2006).

Já o freguês, Eduardo Gomes, morador de Jaguaré, disse que até ouviu dizer que matavam uma pessoa de manhã, uma de tarde e que amarravam outras duas para matar no dia seguinte, falando do bairro Vila Nova na época da sua ocupação. Para ele, isso era motivado pelas constantes tomadas de lotes de moradores por outros ocupantes que já não tinham seus lotes e também pelo tráfico de drogas da época. Complementa que muitas pessoas não iam ao bairro comprar na feira aos domingos com medo da violência, porém isso nunca o impediu de fazê-lo. Ele afirma que sempre buscou principalmente artigos de vestuário na feira, além dos elétricos e eletrônicos, ressalta que seu primeiro rádio a pilhas foi comprado naquela feira em 1981 e lembra que até pouco tempo tinha seu rádio da marca Motorádio guardado. Lembra ainda que em 1984 trocou um porco que criava no seu sítio na cidade de Jaguaré por uma televisão da marca Telefunken (sua primeira tv). Esse freguês relatou que é produtor rural aposentado e que na época produzia café e pimenta. Segundo ele um feirante o procurou e trocou com ele um rádio da marca ABC Canarinho de Ouro por 02(dois) sacos de café e 01(um) de pimenta do reino em 1989. Aqui é

demonstrada a prática do escambo como uma forma de estabelecer trocas comerciais e da relação do feirante com os fregueses nessa base econômica comercial. Um importante problema num sistema de escambo (ou de trocas diretas) é que qualquer indivíduo que deseja realizar uma troca deve encontrar um outro indivíduo com os bens que deseja vender. Uma das características fundamentais de uma economia monetária é a existência de um arranjo institucional onde pelo menos uma mercadoria se torne universalmente aceitável na troca por todas as outras mercadorias.

Num mundo de trocas diretas (escambo), não há regras de trocas específicas, os bens são simplesmente trocados por bens. Já numa economia monetária, contudo, os bens compram moeda e moeda compra bens, mas bens não compram bens em qualquer mercado organizado, afirma Clower (1969).

Também a partir das percepções do freguês Eduardo sobre a violência no bairro Vila Nova, se corroboram ao da geógrafa Felix (2002) contribui com o debate sobre os determinantes da violência urbana, adotando uma abordagem eminentemente espacial. A autora aponta uma tipologia criminal/espacial, marcada pela preponderância de crimes contra a pessoa nas partes menos favorecidas das cidades, enquanto os crimes contra o patrimônio abundam nas áreas mais abastadas. Felix (2002) oferece algumas explicações para a manifestação diferencial do crime urbano. Em primeiro lugar, a ausência de controle social (formal ou informal), inerente aos grandes centros urbanos, favorece a prática criminal.

O comerciante, Jandir Bernardo Silva, 76 anos de idade, natural da pequena cidade Mendes Pimentel em Minas Gerais, morador do bairro Bonsucesso II em São Mateus, disse que compra na Feira Livre do Vila Nova há mais de 23 anos. Segundo ele, a carne suína (porco), peixes, frutas e legumes são suas escolhas semanais (vai todos os domingos). Ele ressaltou que fez amizades com muitos feirantes, e que escuta desses feirantes que seus suínos são tratados com milho e mandioca, e isso dá uma melhor qualidade (sabor) a este tipo de carne, facilmente perceptível quando esta carne vai para a mesa dos seus familiares. Ressaltou ainda que, uma vez por mês um feirante compra na

cidade de Feira de Santana, na Bahia, a carne de sol legítima para ele e outros clientes fiéis a feira do Vila Nova. Ele reafirmou que a carne de sol preparada aqui pela região de longe se parece com a preparada pelos nordestinos, especialmente pelos baianos. Ele em tom de crítica disse que a carne de sol daqui, é a chamada carne salmoura (aquela carne preparada para ser de sol, porém não fica em curtimento no sal no tempo adequado). A partir do depoimento do freguês Jandir, evidenciou-se que ainda são poucos os trabalhos científicos publicados sobre a qualidade da carne de feiras livres, principalmente relacionados à avaliação da carne disponível no comércio. A maior parte desses estudos foi realizada nos Estados Unidos da América ou na Europa e que não espelham a nossa realidade da América Latina. O termo qualidade da carne abrange um complexo de propriedades que são inerentes a uma carne adequada ao consumo. A interação de vários fatores nas condições em que a carne é produzida pode afetar a sua qualidade como o sistema de produção, raça, alimentação, manejo, pré-abate, atordoamento, método de abate, refrigeração e condições de armazenamento (ANDERSEN et al., 2005).

A freguesa Maria da Penha Silva, natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, moradora do bairro Guriri em São Mateus, disse que suas escolhas são as frutas e legumes e que ela, há mais de 15 anos, só compra o necessário e não encontrado em supermercados e hipermercados. Para ela, ir à feira aos domingos é como se manter viva, pelo relacionamento amigável com os feirantes e ainda em ter melhor fruta, legumes e tubérculos (vários artigos). Isso mantém ela e sua família abastecidos pela semana. Segundo ela, mesmo com a atual feira do bairro Guriri há 06(seis) anos existindo, ainda assim, ela prefere a Feira Livre do Vila Nova pela diversidade e amizade de anos com os feirantes. Quando a freguesa Maria da Penha Silva, compara os produtos da feira livre com os dos supermercados isso se destaca na percepção da qualidade de um produto alimentício é o resultado da interpretação de suas características. Nos produtos hortifrutícolas, essas características podem ser sensoriais, nutricionais e higiênicas (SCALCO, 2004). Frente à diversidade de características nos produtos alimentícios, a qualidade do produto pode ser avaliada sob dois pontos de vista: objetivo e subjetivo (TOLEDO, 1993). Do ponto de vista objetivo, a qualidade do produto refere-se às características intrínsecas ou ocultas do

produto, ou seja, características nutricionais e higiênicas do produto, que são características não percebidas pelos consumidores, mas que comprometem a sua saúde. Do ponto de vista subjetivo, a qualidade do produto refere-se às características de preferência dos consumidores que podem ser subdivididas em dois grupos de atributos. Os atributos internos referem-se à maciez, consistência, sabor, suculência e os atributos externos referem-se ao brilho, ausência de lesões, frescor, ausência de manchas, coloração, tamanho, maturação, formato característico. Muitos desses atributos apesar de não comprometerem a saúde e segurança do consumidor, interferem na decisão de adquirir ou não o produto.

Luzia Magiero, natural da zona rural, no quilômetro 28, em São Mateus, disse que percebeu o crescimento da feira do Vila Nova entre 1974 e 1988. Para ela, alguns fatores contribuíram para esse crescimento entre a década de 1970 e 1980. Um deles foi a pavimentação e construção da rodovia BR 101¹¹¹ nas décadas de 1950 e 1960 que trouxe desenvolvimento a região. Segundo ela, entre 1971 e 1978, a rodovia federal, a BR-101 passou a ser trafegável para lugares mais distantes do país. O comércio de vestuário, artigos de armarinho e presentes passaram a ser vendidos no Mercado Municipal e na feira do Vila Nova no final da década de 70 e com maior variedade, pois muitos dos novos moradores (feirantes e outros trabalhadores) que vieram de vários lugares, principalmente do Nordeste, mais precisamente do estado da Bahia, foram responsáveis por esta busca de produtos em cidades como Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Quando a freguesa Luzia Magiero aponta que viu na migração dos nordestinos para a cidade de São Mateus um crescimento da cidade, isso se completa nos estudos de Hall (2008):

“A migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente ‘mistas’” (Hall, 2008). Dessa forma, não falaremos de misturas de povos puros, mas sim de inter-relações entre diferentes costumes sociais.

111 A BR-101 é uma rodovia federal, longitudinal do Brasil. Seu ponto inicial está localizado na cidade de Touros (Rio Grande do Norte) e o final na cidade de São José do Norte (Rio Grande do Sul).

Também é importante frisar que esta população nordestina que veio para São Mateus, em sua maioria eram negros ou descendentes deles, e esse migrante vindo do Nordeste se redescobre nordestino no Sudeste,

a trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios – traços socioculturais com os quais os sujeitos se identificam e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo – e, portanto, envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro. (Sobral, 1993).

A freguesa, Elisabeth Cardoso, natural de São Mateus, moradora do bairro Ideal, professora, compra na feira há 29 anos, e busca produtos como o beiju na palha de bananeira (artigos dos tubérculos), temperos, ervas para chás. Segundo ela, esses produtos além de não convencionais, são próprios desta região do estado, são aqui de São Mateus, e produzidos a partir da tradição dos nordestinos que aqui se instalaram na década de 1960. Ela ressalta que numa viagem que fez a cidade de Teixeira de Freitas para visitar uma amiga, identificou que lá esta prática do beiju¹¹² na folha da bananeira é comum dos baianos (nordestinos), e que muitos dos feirantes do mercado municipal daquela cidade disseram vender esse produto, pois tinham aprendido essa prática há muitos anos atrás com os descendentes das Comunidades de Quilombolas do município de São Mateus (migrantes das comunidades aqui de São Mateus para outras cidades do estado da Bahia). A escolha de compra do beiju, Biju ou tapioca na feira livre do Vila Nova pela freguesa Elisabeth, reforçam a busca por produtos que se tornaram regionais em São Mateus. A tapioca na folha de bananeira foi uma adaptação dos nordestinos, e chegou em São Mateus a partir da migração ocorrida nas décadas de 1960 e 1970. É um prato molhado de tapioca ao leite de coco e hoje é um dos pratos regionais mais consumidos na feira livre do Vila Nova (fotografia 42).

112 O beiju, biju ou tapioca é uma iguaria tipicamente brasileira, de origem indígena e descoberta em Pernambuco, feita com a fécula extraída da mandioca (substância farinácea também conhecida como goma da tapioca, goma seca, polvilho e polvilho doce), que ao ser espalhada em uma chapa ou frigideira aquecida coagula-se e vira um tipo de panqueca ou crepe seco. O recheio varia, mas o mais tradicional é feito com coco ou queijo coalho. É um quitute muito comum no Nordeste e Norte do Brasil.



Fotografia 42: A Tapioca, Beiju, Biju na folha de bananeira
Fonte: AMORIM (2015)

A freguesa Ângela Aparecida Nascimento, casada, natural de Nova Venécia, norte do Espírito Santo, 48 anos de idade e moradora de São Mateus há 30 anos, disse que compra na feira há mais de 20 anos e que busca alimentos como frutas, queijos, temperos, chás. Ela disse ainda que só compra aquilo que planeja em casa. Acredita que a feira nunca irá acabar, pois já virou tradição nos domingos da cidade. E disse que só vai a feira com a filha ou o marido, e às vezes com as amigas.

A freguesa Joana de Souza, solteira, 35 anos, natural de Linhares, norte do Espírito Santo, moradora de São Mateus há 17 anos, disse que compra na feira há 14 anos e que busca queijos e temperos. Segundo ela a feira virou rotina da família mateense e que não compra os produtos que busca na feira nas redes tradicionais de varejo. Ela acredita que a feira se transformará nos próximos anos e sobreviverá as novas gerações pela tradição.

A freguesa Rosilene Maria Teixeira, solteira, 44 anos de idade, natural de Caeté na Bahia, moradora há 27 anos de São Mateus, e hoje residente no bairro Santo Antônio informou que busca temperos, queijos, frutas e carnes. E que vai sempre com sua vizinha e filhos na feira. Ela se disse mais segura, porque a fama do passado que haviam muitos assaltos ficou na memória dela. Ela disse que tem muitos feirantes com quem fez amizade e que encontra muitos amigos do trabalho nos domingos de manhã. Além de aproveitar a ida à feira para caminhar.

Outra jovem freguesa Maiara Jesus Resende, solteira, 18 anos, natural de Montanha, norte do Espírito Santo, moradora do bairro Cricaré em São Mateus há 15 anos, disse que vai a feira todos os domingos, e que compra na feira há 08 anos. Ela disse que sempre foi a feira com seu pai e mãe (com a família). E que as compras dos seus pais sempre são frutas e legumes, já as suas compras são roupas e acessórios, além dos eletrônicos. No dia da entrevista ela afirmou que havia comprado um aparelho de MP3, já sua mãe havia comprado frutas e legumes. Ela disse que a feira nunca acabará, pois para ela é um ambiente de festas, encontros e reencontros. Ela relatou que encontrou uma amiga na feira da época de ensino fundamental após muitos anos que não há encontrava.

A freguesa, Adila Gomes Assis Pereira, casada, 39 anos, natural de Feira de Santana no Estado da Bahia e moradora do bairro de Fátima em São Mateus há 31 anos, disse que vai as compras todos os domingos com suas amigas e vizinhas. Ela compra normalmente frutas, temperos e ervas. Ela disse que também aproveita a feira para rever conhecidos. Acredita que a feira do Vila Nova nunca acabará, pois esta é uma parte da vida social da cidade.

A freguesa Letícia Medina, casada, natural de Jaguaré, 30 anos de idade, moradora do bairro Sernamby em São Mateus há 21 anos, disse que vai à feira todos os domingos. Ela busca frutas, queijos, ervas, temperos e artesanatos. Para ela ir à feira é como ir visitar um parente próximo. Ela disse que não consegue começar o domingo e não pensar em ir à feira, mesmo não tendo dinheiro para comprar. Essa freguesa frisou que sempre compra “fiado”, ou seja, para pagar depois. E isso para ela é percebido como sinal de confiança e amizade. Ela garantiu que paga certinho, todo início de mês quando recebe seus salários quita as suas dívidas com os feirantes que venderam para ela na base do “fiado”.

A freguesa Mônica Silva de Mello, casada, 34 anos, empresária, natural de Porto Seguro, no estado da Bahia, é moradora há 22 anos de São Mateus, hoje no bairro Lago dos Cisnes. Ela disse que em sua terra natal, Porto Seguro o hábito de comprar quase todos os dias em feiras livres é tradição, e que quando

veio com a família para São Mateus, descobriu que a feira do Vila Nova e passou a frequentá-la com sua família. Hoje ela disse que compra todos os domingos e viu o crescimento da feira, além do surgimento de outras duas feiras, a realizada aos sábados no bairro Guriri e a feira realizada nas quartas-feiras próximo ao colégio Dora Arnizaut Silvaes (CAIC). Para ela, essas duas novas feiras foram frutos da permanência nesses anos da Feira Livre do Vila Nova. Segundo ela, boa parte dos feirantes da principal feira dos domingos é composta pelos que também vendem nas outras duas novas feiras. Ela relata que aos domingos quando vai comprar determinado produto em uma banca e, se por acaso o feirante se ausentou, sempre tem um feirante de uma outra barraca que separa os produtos do vizinho, negocia e cobra, e daí ela vê esse feirante vizinho abrir a gaveta do caixa do outro e colocar o dinheiro. Ela vê neste ato, uma confiança e respeito mútuo entre os feirantes. Acredita que a feira nunca acabará, pois é tradição para os mateenses e demais capixabas, afirmou ainda que conhece fregueses dos municípios de Linhares, Jaguaré, Rio Bananal, Montanha, Pedro Canário, Conceição da Barra e outros e que também vai a feira para relacionar-se em clima de amizade com os feirantes e fregueses.

Para a maioria das freguesas entrevistadas a preferência por compra de frutas, verduras e legumes na feira pode ser explicada na pesquisa realizada por Sato, Martins e Bueno (2007). Os autores focaram no freguês de alimentos minimamente processados na cidade de São Paulo, e descobriram que este está associado a conveniência, higiene e as facilidades de consumo de uma FLV. Também para Cazane (2008) identificaram o perfil dos consumidores de frutas na cidade de Tupã-SP, as principais frutas consumidas e o local de compra desses produtos, e observaram que as frutas mais consumidas (banana, maçã, laranja e mamão) são adquiridas, principalmente, nos supermercados e nas feiras livres da cidade. Dentre os fatores que influenciam o comportamento e os hábito de consumo destacam-se os fatores sociais e os pessoais, com destaque para os grupos de referência (influência dos pais e da escola no hábito de consumo) e as condições econômicas (poder de compra do indivíduo), respectivamente.

A linguagem também destaca a diferença de classes sociais ali compreendidas, pois pode-se perceber que há um linguajar mais iletrado por parte de alguns feirantes – maioria –, mas em relação a isso não se faz exclusão, pois o importante, naquele contexto, é a comercialização e se fazer compreendido. Muitas das falas retratam o regionalismo local, pois os feirantes advêm do meio rural e apresentam uma linguagem tipicamente caipira, voltada às raízes de sua convivência. Destacamos aqui a fala da freguesa Ana Lucia Araújo, que disse:

“Pocô os preços¹¹³ dos eletrônicos e roupas, por isso que compro aqui. Os preços são melhores do que lá no centro da cidade”.

Isso também se confirma com a entrevista do feirante Célio Renato Siqueira que disse:

“Moça bonita não paga, mas também não leva”, “vamu chega cliente! Nessa banca vendo fiado, mas só na semana que vem, hoje é avista”.

Nesse sentido se moldam os dualismos, onde as divergências de ideologias, de classes sociais, de culturas, e outros aspectos peculiares de cada ser ali existente os aproximam. É como transformar a ficção em realidade. O interesse de quem vende se torna em parte quase o mesmo de quem compra. Naquele momento não há diferenças marcantes além da intenção comercial. Fregueses e feirantes possuem afinidades e pensamentos comuns.

Alguns fregueses são conquistados em meio às frases e versos decorados como da feirante, Claudia Batista dos Santos que dizia:

“Melancia docinha, vermelhinha, fresquinha, tirada da horta direto pra você”.

113 Pocô é uma expressão utilizada na região norte do Espírito Santo, que pode ter muitos significados, porém na fala acima a freguesa quis dizer que os preços tinham caído.

Assim como o feirante Charles Bada, que exaltava seus produtos por uma ou outra sílaba, dizendo assim:

“olha a mexeriiiica!”, “olha o mendoim”, “olha o tumatiiiiii”.

E assim a feira vai constituindo sua linguagem como aponta Bourdieu,

a troca linguística proporciona o lucro material ou simbólico. A ausência de signos escritos predominante no ambiente capitalista indica que não há aí um excesso de capital econômico, mas a exigência de “capital linguístico” típico, habitual por parte dos feirantes para proporcionar lucro material (BOURDIEU, 2008).

Entre uma e outra barraca se percebe o poder de persuasão dos feirantes, que conseguem envolver e apresentar seus produtos aos clientes e asseguram a venda. Muitos feirantes se mostram “especialistas” na arte de conquistar através das palavras e outros, menos extrovertidos, acabam com vendas menos significativas,

a “boa fala” busca não só apresentar os produtos, mas é o chamariz dos fregueses, desta forma os feirantes demonstram intimidade com seus produtos e com os clientes. Elas vão determinar o sucesso da venda dos produtos. A ausência de propaganda escrita descreve um ambiente contrastante com a contemporaneidade, à parte da sociedade (VEDANA, 2004).

Além de se configurar como uma forma de comunicação, como meio de divulgar e comercializar seus produtos, acaba se constituindo como uma forma de instituir um vínculo de amizade entre o feirante e seus fregueses, que o têm como alguém a quem se possa recorrer em suas necessidades a cada manhã de domingo. A feira livre do Vila Nova ganhou com esse trabalho registros que antes não tinha, como o surgimento, suas motivações e relatos de feirantes e fregueses, desta forma abrem-se outros caminhos a serem investigados.

6 A FEIRA É LUGAR ONDE TODOS QUEREM ESTAR

O “sagrado” da feira livre do Vila Nova está associado à aceitação social onde todos seus frequentadores se percebem iguais naquele espaço onde a feira se realiza e dela emergem as relações de trabalho, as brincadeiras, movendo-se como num mundo particular exercido por rituais próprios, o que faz sobressair sua dimensão como espaço de convivência social. Valendo-se da prerrogativa de ser uma atividade itinerante e de acontecer no espaço público, esta feira livre caracteriza-se por estruturar-se numa ampla rede de relações sociais que mescla diversas gramáticas sociais, valendo-se de regras tácitas. Esse “sagrado” também se fundamenta por meio de relações de cooperação e de competição, pela amplitude dessa rede alarga-se para diversos lugares além daqueles nas quais as feiras livres se instalam e se corporifica no chão do cotidiano por meio de conversas entre vizinhos de banca, no burburinho e nos debates mais amplos.

Como aponta GODOY (2005) o livre arbítrio de cada um é moldado, mudado e depende da existência dos outros. As possibilidades de organização da feira livre dão-se de acordo com cada situação, cada lugar e cada circunstância. Tal significado de “sagrado” se põe como uma rede de forma organizativa garantindo agilidade na transmissão de informações e de uma notável adaptabilidade de seu funcionamento. Um mesmo feirante pode ter sua banca com feições bastante diferentes nas diversas feiras que faz e uma mesma feira também pode ser bastante diferente a depender das circunstâncias. A auto regulação é garantida pelos próprios feirantes à luz do ambiente social, cultural e econômico no qual a feira é instalada. Para Sato (2012) essa auto regulação é a trama da rede de relações sociais que os feirantes constroem seus respectivos “sistemas de trabalho”, forjando a organização do processo de trabalho de cada unidade produtiva.

GODOY (2005) completa que essa sociedade, aqui destacada como frequentadores (feirantes, fregueses e moradores do bairro onde ela acontece) que convive em rede e está presente, discutindo, sobretudo, no contexto do atual desenvolvimento regional os caminhos que a levarão a continuar existindo como

também mostra a sua potência, resistindo na conservação de sua singularidade, na qual as relações face a face, as conversas e os encontros diários prescindem de mediações tecnológicas sofisticadas para acontecer.

A feira é lugar onde todos querem estar muito embora ela esteja para a sociedade como um elemento comum na paisagem das grandes cidades, ela se revela como um importante meio de inclusão social, formação de cultura e de identidade de um povo nas pequenas cidades brasileiras, no caso do Espírito Santo elas diferem de município para outro município. Apesar de ser considerada uma pequena feira, a feirinha do Vila Nova tem um papel importante no contexto local, por estabelecer comunicação entre os lugares e trocas não apenas de produtos, mas também de informações, possibilidades de lazer àqueles que vivem em localidades mais afastadas, além de ser o ambiente dos pequenos produtores venderem seus produtos, mesmo que seja ao lado de uma barraca que vende CDs e Dvd's.

Sua diversidade de produtos leva a configuração da feira como movimento, pois ela não é a mesma a cada dia que se processa. As barracas mudam de lugar, bem como os feirantes passam seu ponto para seus familiares, principalmente em um local onde não há restrições para a aceitação de novos feirantes. A feira livre do Vila Nova não difere desse cenário, tendo sobrevivido 41 anos principalmente por ser um ambiente essencial para aquisição de produtos por seus populares e por ser algo “sagrado” de toda região.

Essa feira oferece uma expressiva influência econômica na região, pois é representada por 211 feirantes oficiais e outros muitos não oficiais, gerando um volume considerável de renda no município, pois o exercício do “sagrado” presente nesta feira está na sociabilidade, mas este por si só não sobreviveria se ela não fosse autossuficiente aos seus frequentadores. Fato é que há muito ainda por se pesquisar sobre a feira do Vila Nova, que nesta pesquisa identificamos como um importante lugar de encontros, de tradições, de conversas, de compras, vendas e permutas, enfim das múltiplas territorialidades, sejam econômicas ou culturais, tecidas pelos mateenses. Recomendamos assim, que o “sagrado” da feira livre do Vila Nova continue a ser pesquisado

como forma de entender esse completo emaranhado de significados para esta população.

Somamos a construção de “sagrado” os resultados dos perfis dos frequentadores da feira livre do Vila Nova, ou seja, no gráfico 2, identificamos que a grande maioria dos feirantes e fregueses estão inseridos na geração Baby Boomers que se refere às pessoas nascidas entre 1943 e 1963. Para Oliveira (2009) os anos correspondem a 1940 a 1960. São consideradas pessoas tradicionais, motivadas, otimistas e *workaholics* que¹¹⁴ nasceram no período de crescimento econômico, no final e após a segunda Guerra Mundial, por isso idealizavam atuar na reconstrução de um novo mundo pós-guerra. Durante sua trajetória, essa geração, foi educada para competir, trazida com muita disciplina, ordem e respeito pelos outros. Na feira livre do Vila Nova eles criaram tradições e costumes que construíram o “sagrado”.

Atualmente, esta geração Baby Boomers que é a predominante entre feirantes e fregueses na feira do Vila Nova presencia um estágio maduro, contradizendo as tendências tradicionais no que se refere ao seu poder de compra e, por tal condição, está recebendo um tratamento especial, todavia ainda se trata de uma geração com grande bagagem e vivência de experiências relevantes demonstram resistência em conciliar ações em um ambiente cooperativo. Para Kanname (1999) essa geração tornou-se mais saudável e instruída que sua antecessora daí a prática de comprar em feiras livres foi repassada por gerações até eles. Da mesma forma que esta geração está sendo oxigenada também por feirantes e fregueses de outras gerações.

O “sagrado” para seus frequentadores (feirantes, fregueses e moradores), possui dentro de si elementos morais e éticos, mas não é totalmente puro e simplesmente reduzido a estes. Desta forma o “sagrado” aqui caminha na direção da ocupação do espaço da feira livre do Vila Nova pelos seus frequentadores de forma que com o passar dos anos (41 anos) se construiu tal valor.

114 Um *workaholics* são pessoas que dão prioridades ao trabalho acima de todas as outras coisas e é motivada pelas conquistas profissionais.

Ainda na construção do “sagrado”, percebemos através dos dados nos gráficos 3, que a grande maioria de feirantes (53%) e fregueses (65%) são mulheres, nos remetendo ao valor da família uma vez que nesta pesquisa elas confirmaram que só vão a feira acompanhadas por mais de 2 membros da família, confirmado no gráfico 15 que distribui quantas pessoas estão envolvidos na atividade da feira, seja para comprar (fregueses) ou vender (feirantes), assim a instituição da família que é algo “sagrado” está presente em ambos os frequentadores da feira do Vila Nova. Estes também foram identificados em grande maioria como moradores da cidade de São Mateus, 91% dos fregueses e 96% dos feirantes reafirmando o sentimento de pertencimento do local, espaço, ajudando a construir aquele espaço de comercialização e encontros.

Assim o “sagrado” também se estabelece na origem dos feirantes e fregueses, conforme gráfico 7, uma vez que a grande maioria é de negros, sendo 49% de feirantes e 43% dos fregueses, pois foi essa população usada desde a colonização para a produção e escoamento de produtos através de feiras livres, e que lá em 1974 se estabeleceu na ocupação do Bairro Vila Nova criando um bairro e mais tarde dando início as atividades da feira livre, vendo na tradição e costumes, uma forma de sobrevivência. Essa tradição de ir a feira, vender na feira, sobreviver da feira se confirmou no gráfico 26, que se associa a grande influência nordestina na cidade de São Mateus, o que esta pesquisa também confirmou através dos dados do gráfico 4.

A escolha do domingo como dia para a realização da feira livre do Vila Nova também assume aqui um importante marco na construção do “sagrado”, uma vez que 93% dos fregueses e 98% dos feirantes assumiram que este é o melhor dia para que evento ocorra, dando assim uma destinação, escolha conforme vemos no gráfico 17. O tempo de permanência na feira por feirantes e fregueses somado ao dia preferido (domingo) apresenta-se no gráfico 34 que 68% dos fregueses passam de 1 a 3 horas na feira e 87% dos feirantes ficam mais 6 horas nesta feira, colocando o lugar, espaço da feira como algo “sagrado” para ambos. Uma vez que se compararmos que um culto religioso tem no máximo uma hora de realização, uma partida de futebol uma hora e meia, e

outros grandes eventos que tomam tal atenção das pessoas não tem duração superior a 2 horas, e a feira do Vila Nova se mostra com um evento que assume uma tangibilidade de ocupação. E isso se contribui ao longo dos anos como vemos no gráfico 13, onde demonstra-se que para 39% dos feirantes estes estão nesta feira entre 21 e 30 anos; outros 21% de 31 a 40 anos; 24% de 11 a 20 anos; 10% tem a idade da feira (41 anos) e 6% estão entre 1 a 10 anos que vão a feira. Da mesma forma que os fregueses também são diluídos entre 11 a 20 anos de feira com 33% e de 21 a 30 anos com 25%, mostrando aqui uma taxa de renovação já que 17% tem de 1 a 10 anos de feira.

A violência presente na feira livre do Vila Nova não foi motivo de abandono dos seus frequentadores, mesmo com taxas altas de violência, como apresentamos no gráfico 10, ainda assim o lugar, espaço da feira se confirma como “sagrado”, contrapondo o profano.

A comunicação na feira e fora dela também se apresenta como elemento que construiu este “sagrado”, uma vez que como disse uma feirante a este pesquisador: “o bom atendimento começa com um sorriso”. Assim, conforme gráfico 27, 37% dos fregueses disseram que tem algum tipo de comunicação com os feirantes e que isso os vincula ainda mais na feira. Já os feirantes 29% também afirmaram que falam das promoções do domingo com fregueses durante a semana e que já levam determinados produtos a clientes específicos. Outro elemento é a satisfação com a “feira” como evento conforme gráfico 16, ajudou a construir este sagrado, pois para 86% dos feirantes estes dizem que estão muito satisfeitos e para os fregueses 48% se dizem também muito satisfeitos. Ainda nesta análise de satisfação, é percebido por feirantes (62%) e por fregueses (83%) que os produtos da feira aumentaram de qualidade nos últimos 10 anos. Esta premissa em comparar o presente (hoje) com 10 anos atrás é pela falta de pesquisas da feira do Vila Nova e assim, como uma década não é tanto tempo, ambos os frequentadores conseguiriam lembrar e assim poder comparar, fato que se confirmou neste item da pesquisa.

Também como forma de quererem a permanência da feira livre do Vila Nova, feirantes e fregueses apontaram para que a feira pudesse ganhar mais

um dia na semana, sendo que o dia preferido por ambos é a sexta-feira, ou seja, 68% dos feirantes e 84% dos fregueses acreditam que mais um dia de feira ajudará a feira a se consolidar com um dos grandes agentes de distribuição alimentícia da cidade conforme análises do gráfico 18. Da mesma forma que declararam 86% dos fregueses e 92% dos feirantes que acreditam que a feira nunca irá acabar conforme dados do gráfico 25.

Mesmo que sem a participação efetiva do estado (município), conforme gráfico 36 e órgãos de segurança conforme gráfico 37 e da própria associação de feirantes conforme gráfico 38, ainda assim ela viveu esses 41 anos com expectativa de continuar ainda mais efetivando assim a ideia de que este evento é “sagrado”.

O quanto se ganha a partir das vendas na feira pelos feirantes e o quanto se gasta pelos fregueses também ajudam a construir o “sagrado” uma vez que esta relação é sustentável. Feirantes possuem renda nas faixas de R\$ 1100 a R\$ 5000, enquanto também a grande massa de fregueses ganham nas mesmas faixas de renda com seus trabalhos, conforme analisamos os dados do gráfico 11. Assim ambos conseguem ter uma relação entre produtos de boa qualidade e frescos com preços acessíveis e melhores do que aqueles encontrados nas redes de varejo confirmando-se no gráfico 35, onde feirantes se dizem também fregueses da própria feira e fregueses em geral afirmar gastar mais de R\$ 51 (para 47%).

Os produtos que mais contribuem para o “sagrado” da feira do Vila Nova são frutas, legumes, verduras, tubérculos e queijos (laticínios), fato também confirmado nos dados do gráfico 39. Tal valor percebido para feirantes e fregueses só é possível pois 46% dos produtos são de produção própria e 30% comprados de produtores rurais se reafirmando conforme dados do gráfico 12. A atividade de feirante é a principal ocupação de 89% dos entrevistados, também confirmando o vínculo com esta feira.

Outro ponto foi saber da formação escolar dos frequentadores da feira livre do Vila Nova que se desenhou como baixa escolaridade para ambos, sejam

feirantes ou fregueses (conforme gráficos 5 e 6), assim como o tipo de escola, se foi pública ou privada, identificamos que para a maioria absoluta, ou seja, 78% dos fregueses e 94% dos feirantes estes estudaram em escolas públicas. Assim, também constatamos que este perfil de fregueses procura um ambiente de feira livre pois lá encontra “barganha”¹¹⁵, uma negociação direta que envolve levar mais com menos gastos, estabelecendo assim elos entre ambos que fazem-no querer ir à aquele lugar e assim construindo o “sagrado”.

A religião também foi investigada, uma vez que a própria feira livre nasceu a partir dela. Com a análise dos dados a partir do gráfico 9, identificamos que a grande massa é de cristãos, ressaltamos aí que o maior grupo são de evangélicos e o segundo maior de católicos. A atividade de feira livre está intimamente ligada a fé na sua origem e acreditamos que para este trabalho ela também contribui na construção do “sagrado”, uma vez que por relatos, as igrejas fazem desde o início da feira há 41 anos um trabalho de conscientização nos dias do evento.

A feira do Vila Nova existe, há 40 anos, são 4 décadas de movimentação de pessoas, de produtos, de sentimentos que se formaram, quer seja por parte dos feirantes, quer seja por parte dos fregueses. Nota-se nos resultados desta pesquisa que ela se tornou um evento importante no contexto dominical mateense e a partir daí se constituiu o “sagrado” na vida das pessoas que dela participam. Os dados obtidos mostraram que fazer a feira não se resume necessariamente a comprar, mas também degustar produtos, caminhar por entre as ruas, relaxar dos momentos de tensão adquiridos durante o ritmo acelerado de trabalho semanal, conversar e conhecer pessoas, enfim, esse ambiente também propicia momentos que envolvem a vivência e convivência pessoal, a socialização das pessoas.

Mesmo sendo imaginada como evento comum, Velho (apud ALMEIDA, 2009) indica em seus estudos, bem como neste que caminhar pela feira aos domingos pelas manhãs, pode até ser compreendido como algo sem surpresas,

¹¹⁵ Barganha para os frequentadores da feira livre do Vila Nova é um tipo de transferência mútua de coisas, com pouco valor, entre seus respectivos atores, sejam vendedor e comprador.

se comparado ao ativismo diário de uma cidade desenvolvida ou em desenvolvimento como São Mateus, mas que também retrata o desenvolvimento local, o progresso e como este aparece refletido neste espaço.

O elemento “sagrado” envolve esses indícios, em que as pessoas vão se apropriando no decorrer do tempo e que agregam para si, em suas vidas. A feira do Vila Nova se mostra como algo do gênero. Há moradores que vivem no bairro desde que a feira se iniciou ali, mas antes já acompanhavam a feira em outros locais. Outros não moram no bairro, mas trabalham na feira do Vila Nova desde o início, quando as coisas pareciam mais complexas e menos organizadas do que atualmente. Neste espaço convém ressaltar que a organização da feira se deve a pessoas que acreditaram nesse elemento “sagrado” e que insistiram, persistiram e conseguiram alcançar o que se tornou hoje.

A feira do Vila Nova também é vista como algo “sagrado” pelos seus frequentadores pois conseguiu vencer quatro décadas de constantes mudanças econômicas no país e sobreviver a elas. Desta forma apresentamos aqui essas mudanças comparadas com o poder de compra da cesta básica com o do salário mínimo (conforme tabela 10) elaborado a partir dos dados do DIEESE¹¹⁶, desde a fundação desta feira livre em 1974, pois parte dos produtos (alimentos) vendidos na feira fazem parte desta.

Tabela 10: Planos econômicos por década x salário mínimo x cesta básica desde o início da feira.

Moedas	NCr\$	Cr\$	Cz\$ / NCz\$	Cr\$ / CR\$ / R\$	R\$									
					Ano	1960	1970	1980	1990	2000	2007	2008	2009	2010
Salário Mínimo	156	187,20	5.788	8.836	151	380	415	465	510	545	622	678	724	788
Valor da Cesta Básica	52,98	82,03	3.795,72	7.965,51	112,22	184,72	229,09	241,53	225,02	261,25	285,54	222,07	237,18	348,00
% Cesta Básica	33,96%	43,82%	65,57%	90,14%	74%	49%	55%	52%	44%	48%	46%	33%	33%	44%

Fonte: AMORIM (2015).

¹¹⁶ DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - realiza a Pesquisa da Cesta Básica de Alimentos. Foi fundado em 1955 para desenvolver pesquisas que fundamentassem as reivindicações dos trabalhadores.

Assim podemos observar a partir da tabela 10 que o poder de compra dos brasileiros a partir do salário mínimo sempre foi engolido pela inflação, não sendo este suficiente para uma alimentação adequada. A feira livre do Vila Nova se traduziu num caminho “criativo” na busca de alimentos com menor preços ou mais acessíveis para os mateenses.

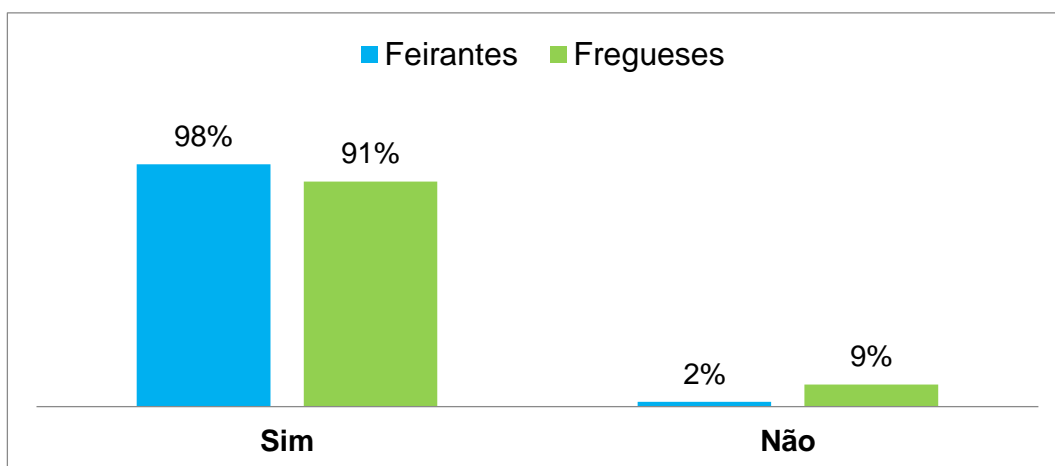
Desta forma, também se atribui os problemas de inflação no país e de baixo poder aquisitivo nas compras destes mateenses à escolherem à feira nesses últimos anos, como um dos elementos que construíram o “sagrado”, daí a ocupação do espaço e geração de costume, tradição a fizeram se manter.

Para SATO (2012) o fato de uma feira ter sobrevivido a tantos planos econômicos no país a fazem um elemento especial, o que para os frequentadores do Vila Nova é o “sagrado”.

Assim, GODOY (2005) o sagrado de uma feira é algo que busca potencializar relações que vão além da mera atividade comercial, tais como: a afetividade, o traço cultural, as trocas entre feirante/freguês, o espaço de convívio e encontro com amigos e conhecidos, a diversidade de preços e produtos, enfim, hábitos e costumes que fazem o diferencial deste tipo de comércio. O resultado disso levará a um novo conceito de economia criativa, construído através do sagrado, podendo este ser pesquisado em novas abordagens por outros pesquisadores.

Desta forma, a feira livre do Vila Nova ganha projeção para também se apropriar da economia criativa como elemento a mantê-la viva e funcional, alimentanda deste novo eixo de entendimento servirá de alicerce para o “sagrado” percebido por feirantes e fregueses que o construíram até aqui nesses 41 anos de existência, isso se confirma através do gráfico 40.

Gráfico 40: Você vai a todos os domingos na feira do Vila Nova?



Fonte: AMORIM (2015).

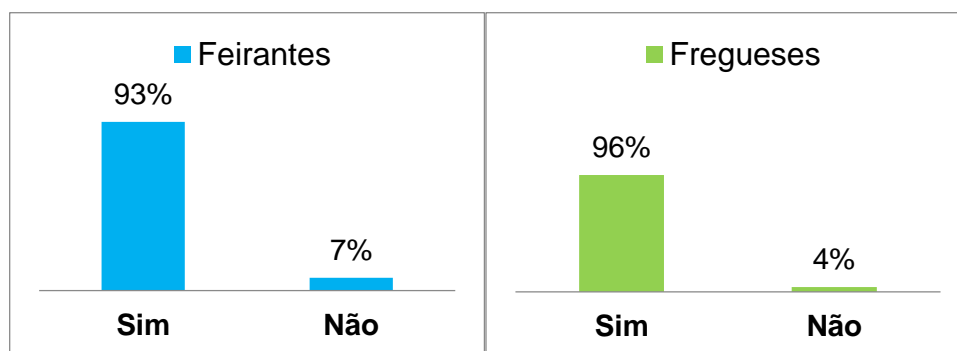
Para 98% dos feirantes disseram que estão todos os domingos na feira e 2% disseram que só não; para os fregueses 91% dos entrevistados disseram que vão a todos os domingos na feira e apenas 9% disseram que não se confirmando que a apropriação do espaço do Vila Nova e os meios criados pela feira sobreviveram a mais de quatro décadas.

Por isso, prescinde da visão de “sagrado”, sendo adequadamente caracterizado pela ocupação do espaço de circulação ou de fluxos presentes no bairro Vila Nova nos domingos, o que reflete a natureza dos processos criativos, desta forma a criatividade é um dos novos elementos que vem se somar a continuidade dela.

Na feira livre do Vila Nova se processam as mais variadas trocas de saberes, especialmente de conhecimento tácito, que são tão valorizados pelos estudos e pesquisas sobre inovações tecnológicas e sociais.

E é no espaço da feira livre, caracterizado por essa rica diversidade cultural, que se processam algumas das trocas mais férteis entre o conhecimento popular e a cultura tradicional e os setores criativos gerando assim esta percepção para esta população de que aquilo é “sagrado” para elas como se confirma no gráfico 40.

Gráfico 41: O feirante pretende ampliar seus negócios na feira do Vila Nova e o freguês gostaria de que eles fossem ampliados.

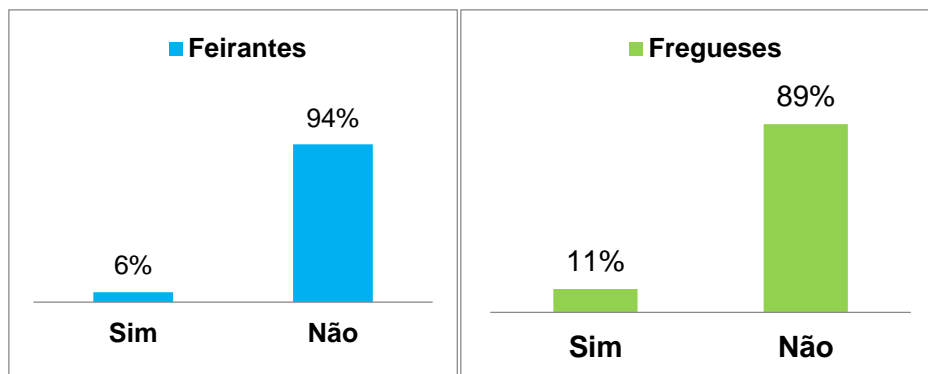


Fonte: AMORIM (2015).

Para 93% dos feirantes estes gostariam de ampliar seus negócios e 7% deles disseram que não. Isso se confirma na intenção do freguês em querer comprar novos produtos 96% dos fregueses que disseram que sim e apenas 4% disseram que não, conforme gráfico 41.

Outro fator é sabe se feirantes e fregueses alguma vez pensaram em deixar a atividade da feira, seja como vendedor ou comprador. Mais uma vez se confirma que a feira é algo “sagrado”, pois para 94% dos feirantes disseram nunca pensaram em abandonar a feira e apenas 6% disseram que sim (aqui estão os feirantes por oportunidade, que são aqueles que fazem da atividade de feirante um complemento de renda, tendo uma outra geração de renda principal).

Gráfico 42: Alguma vez pensou em deixar a atividade de feirantes, assim como o freguês pensou em deixar de comprar na feira.



Fonte: AMORIM (2015).

Para 89% dos fregueses nunca pensaram em abandonar a prática de comprar na feira e apenas 11% pensaram em deixar de comprar, porém neste percentual se inclui pessoas que ou estão mudando da cidade ou trabalham no domingo daí não poderiam ir.

Desta forma a feira livre do Vila Nova se confirma como algo que vai além da realização de compra e venda para a maioria dos atores, ressaltando ainda que estes nunca pensaram em abandonar as atividades ora de feirante ou de freguês, mesmo tendo uma ampla rede varejista na cidade que supostamente venderia os mesmos produtos, trazendo assim a firmação do “sagrado”, A partir da ideia que abandonar o espaço da feira é algo impensado pela maioria conforme gráfico 42.

O sagrado é algo subjetivo e simbólico, deixando este campo aberto para novas pesquisas. Platão dizia que tudo que se move é sagrado, assim como a feira que é gente indo e vindo, além dos produtos que chegam pelos feirantes e se vão comprados pelos fregueses. Ainda no desenvolvimento da teoria da relatividade, Einstein dizia: “Nunca deixe de se interessar pelo Sagrado, ele é algo que motiva as pessoas a buscarem novos caminhos”. Fernando Pessoa dizia que o “sagrado” é um querer e dele nasce de um sonho.

Concluiu-se pela existência do “sagrado” na feira livre do Vila Nova a partir dos elementos apresentados neste trabalho como contribuição acadêmica, mas também histórica, deixando possibilidades de outras pesquisas partilharem

desta como premissa e realizarem outros estudos como forma de explicar a sociedade esse emaranhado de possibilidades que é esta feira.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. – Texto para Discussão nº 702 – IPEA – Rio de Janeiro, 2000.

AMÉRICO, J. et al. **Feiras livres na cidade de Uberlândia (MG): caracterização de um espaço diversificado de consumo**. Uberlândia, 2003.

AMORIM, C. R. G.; SÁNCHEZ, D. S.; **A História da Feira Livre do bairro Vila Nova em São Mateus-ES e uma Avaliação das Questões Sanitárias**. In: Rev. SODEBRAS. São Paulo, vol. 10, nº 110, abr/2015.

ARAUJO. Tânia Bacelar. **Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Fase, 2000.

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução Andréa Dore; revisão técnica José Jobson de Andrade Arruda. Bauru, SP: Edusc, 2006.

AURELIO, **O minidicionário da língua portuguesa**. 4a edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. 7a impressão – Rio de Janeiro, 2002.

AZEVEDO, P. F.; FAULIN, E. J. **Comercialização na agricultura familiar: Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: Edufscar, 2005.

BARBOSA, F. C. **A Feira de São Cristóvão como espaço de interconexão de universos sociais**. Niterói, 2006.

BAPTISTA, D. M. T. **Nas terras do “Deus Dará”: Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo**. São Paulo, PUC, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGER, L. Peter. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião**. São Paulo : Paulinas, 1985.

BIBLIA SAGRADA. **Novo Testamento**. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda. 1979.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 2008.

BRASIL. IBGE. **Regiões de Influência das cidades**. Rio de Janeiro, 1987.

BRAUDEL, Fernand. **O jogo das trocas. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

CARDOSO, C. A. de A; MAIA, D. S. **Das feiras às festas: as cidades médias do interior do nordeste**. SP: Expressão Popular, 2007.

CARLOS, A. F. **Metamorfoses urbanas. Geotextos**, Bahia, 2007.

CARMO, M. S. **(Re) Estruturação do Sistema Agroalimentar no Brasil: A Diversificação da Demanda e a Flexibilidade da Oferta**. São Paulo, 1996.

CARREIRA, D.; AJAMIL, M.; MOREIRA, T. **A Liderança Feminina no Século 21**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAZANE, A.L. et al. **Análise do consumo de Frutas em Tupã**. São Paulo, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano – 2: Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany. New Jersey: Prentice-Hall, INC. Englewood Cliffs, 1966. Tradução transcrita pelo IBGE. Regiões de Influência das cidades.** Rio de Janeiro, 1987.

CHURCHILL, G. A. e PETER, J. Paul. **Marketing: criando valor para os clientes.** São Paulo: Saraiva, 2000.

CLOWER, R.W. **A contra revolução keynesiana: A Teoria das Taxas de Juros.** Rio de Janeiro, 1969.

COBRA, Marcos H. Nogueira. **Marketing básico: uma perspectiva brasileira.** São Paulo: Atlas. 1997.

COLLA, C. **Análise do comportamento dos consumidores das feiras livres nos municípios de Cascavel e Toledo.** Paraná, 2005.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 1995.

DANTAS, G. P. G. **Feiras no nordeste.** Mercator - Revista de Geografia da UFC, 7. Ceará, 2008.

DORIGON, C. **Mercados de produtos coloniais da região oeste de Santa Catarina: em construção.** Rio de Janeiro, 2008.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro, 1994.

ENGEL, James F.; BLACKWELL, Roger D.; MINIARD, Paul W. **Comportamento do consumidor.** Rio de Janeiro: LTC, 2000.

ESPIRITO SANTO. **Lei Estadual nº 9768/2011.** Dispõe sobre a definição das Microrregiões e Macrorregiões de Planejamento no Estado do Espírito Santo, Vitória, 2011.

FELIX, Sueli. A. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Marília, 2002.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares**. Rio de Janeiro, 2006.

FERRETI. Mundicarmo. **Feiras nordestinas: estudos e problemas**. São Luis, 2000.

FONSECA, C. P.; SILVA, M. A. A. P.; SALAY, E. **Atitude dos clientes com relação à compra de hortifrutículas em hipermercados e feiras livres na cidade de Campinas- SP**. Campinas, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global Editora, 2004.

FRUTIFATOS. **Revista FrutiFatos**, Brasília, Ministério da Integração, 2003.

GARVIN, D. A. **A qualidade como diferencial competitivo**. São Paulo, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, I.W.; ANJOS, F.S. dos. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Paraná, 2007.

GODOY, W. I. **As feiras-livres de Pelotas, RS: Estudo sobre a dimensão socioeconômica de um sistema local de comercialização**. Pelotas, 2005.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, 1997.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. Campinas. UNICAMP, Instituto de Economia, Campinas, 1999.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação, São Paulo, 2010.

HALL, S. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte, 2008.

HILLIER, Bill. **Space is the machine: a configurational theory of architecture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. Tradução livre de Gustavo Miranda, Arquiteto, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UFPE, 2009.

HOUAISS, Antônio. **O Português no Brasil**. Rio de Janeiro: 1992.

KARSAKLIAN, Eliane. **Comportamento do consumidor**. São Paulo, 2000.

KINJO, T.; IKEDA, A. **Comportamento do consumidor em Feiras Livres**. São Paulo, 2005.

KOTLER, P. & KELLER, K.L. **Administração de marketing**. São Paulo, 2006.

KOTLER, Philip. **Administração e Marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. São Paulo, 1991.

LEVINÁS, E. **Humanismo do outro Homem**. Petrópolis, 1993.

LIMA, A.C.T.; VANZO, F.M. & LIMA, J. **O comportamento do consumidor nas feiras livres da cidade de Marília**. Marília, 2007.

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB**. São Paulo, 2000.

MALUF, R. S. **Produtos agroalimentares, agricultura multifuncional e desenvolvimento territorial no Brasil**. Brasília, 2002.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo, 2003.

MARTINS, V.A.; MARGARIDO, M.A. & BUENO, C.R.F. **Alteração no perfil de compra de frutas, legumes e verduras nos supermercados e feiras livres na cidade de São Paulo**. Informações Econômicas, São Paulo, 2007.

Marx, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, 2004.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo, 1974.

MERLEAU-PONTY, M. **Percepção da Fenomenologia**. Buenos Aires, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Editais SESAN/MDS nº 01 e 02/2007**. Brasília, 2007.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Ofício 7/2014, Calendário Anual de feiras e exposições**. Brasília, 2015.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. **Territorialidades e Sociabilidades na Feira- Livre da Cidade de Caicó**. Rio Grande do Norte, 2006.

MOTT, Luiz. **Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil**. In: Revista de História. São Paulo, 1976.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas**. São Paulo, 1982.

NARDOTO, Eliezer; LIMA, Herinéia. **São Mateus: História, Turismo e Cultura. São Mateus.** História de São Mateus. São Mateus, 1999.

OLIVEIRA, Hebe M. Gonçalves de. **Meios de Expressão Popular.** Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** Petrópolis, 2006.

PAIXÃO, R. B.; BRUNI, A. L.; LADEIRA, R. **Preço versus qualidade: um estudo com consumidores soteropolitanos.** Salvador, 2010.

PAZERA Jr., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: permanência e mudança.** São Paulo, 2003.

PEDRO, Fábio Costa; COULON, Olga Fonseca. **As rotas comerciais e as feiras medievais.** São Paulo, 1989.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia.** Rio de Janeiro, 1945.

PINTAUDI, Silvana Maria. **Os supermercados na Grande São Paulo: contribuição ao estudo da transformação do comércio varejista nas grandes metrópoles.** São Paulo, 1981.

RICOTTO, A.J. **Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar: o caso das feiras livres de Misiones na Argentina.** Rio Grande do Sul, 2002.

ROCHA, H. C.; COSTA, C.; CASTOLDI, F.L.; CECHETTI, D.; CALVETE, E.O.; LODI, B.S. **Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da Feira do Produtor de Passo Fundo.** Rio Grande do Sul, 2010.

ROHDEN, Cleide Cristina Scarlatelli. **A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade**. Porto Alegre, 1998.

RUSSO, Maria do Carmo de Oliveira. **A escravidão na manutenção das estruturas agrárias e no contexto socioeconômico de São Mateus/ES (1850 - 1888)**. São Paulo, 2012.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo, 2007.

SATO, L. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre**. Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, 2007.

SATO, L. **Feira Livre**. Organização, trabalho e sociabilidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SATO, G.S.; MARTINS, V.A.; BUENO, C.R.F. **Análise exploratória do perfil do consumidor de produtos minimamente processados na cidade de São Paulo**. São Paulo, 2007.

SCALCO, A. R. **Proposição de um modelo de referência para gestão da qualidade na cadeia de produção de leite e derivados**. São Carlos, 2004.

SCHIFFMAN, Leon G.; KANUK, Leslie Lazar. **Comportamento do Consumidor**. Rio de Janeiro, 2000.

SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. **Imagens do migrante nordestino em São Paulo**. Travessia: revista do migrante. São Paulo, 1993.

SOLANO, C. **Arquitetura Ambiental Chinesa**. São Paulo: Pensamento, 2000.

SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. Porto Alegre, 2002.

SOUSA, Gonzaga de Luis. **Memórias de Economia**. Brasília, 2004.

MAIOR, Armando Souto. **História Geral**. São Paulo, Editora São Paulo, 1978.

SPITZER, Theodore Morrow; BAUM, Hillary. **Public markets and community revitalization. Washington, D.C.: ULI – The Urban Land Institute and Project for Public Spaces, Inc., 1995**. Tradução livre do Gustavo Miranda, Arquiteto, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UFPE, 2009.

THE FORD FOUNDATION. **Mercados Públicos como um veículo para a Integração Social e Mobilidade ascendente**. Texas, 2003.

TOLEDO, J. C. **Conceitos básicos de qualidade de produto**. São Carlos: UFSCar, 1993.

TREVISAN, Emerson. **Feira Livre em Igarauçu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência entre o formal e o informal**. Recife: UFPE, 2008.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VAVRA, T. G. **Marketing de relacionamento: aftermarketing**. São Paulo, Atlas, 1993.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VEDANA, Viviane. **Fazer a Feira: estudo etnográfico das artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana**. Porto Alegre, 2004.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. João Pessoa, 2004.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Formulário para entrevista com moradores

1 Nome do(a) Morador(a):

_____.
Telefone(s):_____.

2 Endereço completo: _____

Data de Nascimento _____.

3 A família veio de outra cidade ou estado? () Sim () Não

Qual _____.

3.1 Porquê?

4 Alguém da família é proprietário, trabalha ou trabalhou na feira?

5 Você mora no bairro a quantos anos?

- () 01 a 05 anos
- () 06 a 10 anos
- () 11 a 15 anos
- () 16 a 20 anos
- () 21 a 25 anos
- () acima de 26 anos

6 Como a feira é vista por você:

- () Algo importante para o bairro
- () Algo pouco importante
- () Como um problema
- () Não soube ou não quis responder

Observação: _____

7 Para você qual dos problemas abaixo deveria ser solucionado

- () A feira incomoda pois traz muito barulho
- () Os feirantes chegam cedo demais
- () Os feirantes e fregueses fazem necessidade fisiológicas nas paredes das residências;
- () restos de produtos são jogados nas calçadas;
- () Usam energia furtada de postes e residências
- () minha casa já foi furtada
- () Não há problema

8 Quais melhorias você acredita que poderiam ser implementadas à feira e aos moradores:

9 Você compra ou já comprou na Feira?

- () Sim () Não

10 Você acredita que a feira deve continuar no mesmo local?

- () Sim
- () Não

10.1

Porquê: _____

11 Há um canal de comunicação, sugestões e reclamações entre o morador e a feira?

 Sim Não

Observação:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Declaro para todos os direitos e fins legais que as informações acima são verídicas e correspondem a verdade sobre a investigação social do tema “feira livre do bairro Vila Nova em São Mateus-ES”, e que podem ser divulgadas sem nenhum ônus ao investigador que construirá a partir delas sua dissertação de Mestrado.

São Mateus-ES,

 Assinatura e CPF
APÊNDICE B – Formulário para entrevista com pioneiros

1 Nome do(a) Fundador(a):

 Telefone(s): _____

2 Endereço completo:

3 A família veio de outra cidade ou estado? () Sim () Não Qual?

3.1 Porquê?

4 Você confirma que foi fundador na criação da Feira do bairro Vila Nova?

() Sim () Não

4.1 Em que horário, local, mês e ano foi fundado a Feira do Bairro Vila Nova?

5 Qual o motivo da criação da feira?

6 Como foram os primeiros anos da feira livre do Bairro Vila Nova e quais produtos eram vendidos?

7 Como ficou conhecida na época a feira do Vila Nova?

8 As instituições públicas em algum momento tentaram regular a feira?

() Sim () Não

8.1 Houve algum tipo de perseguição nos primeiros anos da Feira?

() Sim () Não

Qual e por

quem?: _____

9 Quais benefícios trariam aos feirantes esta regulamentação?

10 A comunidade apoiou a criação da feira? () Sim () Não

Nome do feirante: _____

Data da coleta: _____

Faça a marcação de apenas um item em cada questão (marque com um X):

1. Dados Pessoais

1.1 Qual a sua idade:

- menos de 20 anos;
- 21 a 30 a.;
- 31 a 40 a.;
- 41 a 50 a.;
- 51 a 60 a.;
- acima de 61 anos.

1.2 Qual o seu sexo?

- Masculino
- Feminino

1.3 Onde você nasceu?

Cidade? _____

Estado? _____

2. Formação/Capacitação

2.1 Que habilidades são utilizadas para atrair os fregueses?

- Capacidade de comunicação
- Capacidade Matemática (preços e descontos)
- Capacidade de negociação
- Performances e linguagens corporais
- Amostras grátis

2.2 Qual o seu grau de instrução?

- Analfabeto
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Pós-graduação

2.3 Em que tipo de escola você estudou?

- pública;
- particular.

3. Dados sociais

3.1 Qual a sua religião?

- Católica;
- Protestante ou evangélica
- Espírita;
- Umbanda ou Candomblé
- ateu;
- agnóstico;
- outra: _____

3.2 Qual a sua etnia

- Branco
- Pardo
- Negro
- Amarelo
- Indígena
- outros.

3.3. Você já foi vítima na feira de violência física, moral, verbal, material, sexual?

- Sim;
- Não.

3.4 Quantas pessoas moram em sua casa?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 a 10
- mais de 11 pessoas

3.5 Quantas pessoas possuem renda na sua casa?

- 1
- 2
- 3
- 4

- 5
- 6 a 10
- mais de 11 pessoas

3.6 Qual a renda total na sua casa, a partir da venda de produtos da feira?

- até 1 salário mínimo;
- De 1 a 2 salários mínimos;
- De 2 a 5 salários mínimos;
- De 5 a 10 salários mínimos;
- Acima de 10 salários mínimos;
- não sabe/não quer informar.

4. Produtos

4.1 Quais os tipos de produtos comercializados na barraca:

- Verduras
- Frutas
- Tubérculos(raízes)
- Carnes, embutidos e ovos
- Queijos e outros laticínios
- Grãos
- Ervas
- Temperos
- Doces e geleias
- Vestuários;
- calçados
- Acessórios e eletrônicos
- Flores
- Animais vivos
- Artesanato
- Utensílios Domésticos
- Lanches
- Outros_____

4.2 Qual a origem e percentual dos produtos vendidos em sua banca (marque com um X)

	0%	25%	50%	75%	100%
Produção própria					
Ceasa					
De intermediários					
Direto do produtor					

5. Aspectos gerais do negócio

5.1 Há quantos anos você trabalha na feira-livre?

- 1 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 11 a 15 anos
- 16 a 20 anos
- mais de 21 anos_____

5.2 Quantas pessoas se envolvem diretamente nas suas atividades da feira?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 a 10
- mais de 11 pessoas

5.3 Quantas pessoas envolvidas são da sua família (pais, sogros, filhos, genros, noras, sobrinhos)?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 a 10
- mais de 11 pessoas

5.4 Quantos pessoas envolvidas são empregados porém não tem vínculo familiar?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 a 10
- mais de 11 pessoas

5.5 Normalmente quem é o freguês que faz as compras na feira?

- homem
- mulher
- casal junto
- filhos
- toda a família
- empregada doméstica

- outras pessoas
- não sabe informar

5.6 Qual seria o melhor dia de feira para o freguês (para vender mais)?

- domingo (dia atual)
- Segunda
- Terça
- Quarta
- Quinta
- Sexta
- Sábado

5.7 Qual seria o melhor horário de feira para o freguês (para vender mais)?

- manhã (horário atual)
- tarde
- noite

5.8 O consumidor desta feira aceita comprar produtos semi-processados (descascados, picados, congelados, semi-cozidos)?

- sim
- não
- não sabe responder

5.9 Você acha que o consumidor quando vai à feira normalmente compra:

- somente o que foi definido em casa
- sua compra é variável de acordo com as promoções / preços que encontra no dia.

5.10 Você acredita que a instalação de um local para reclamações e sugestões dos fregueses da feira é:

- extrema importância
- importante
- sem importância, não vale a pena

5.11 Você possui canais de comunicação com os fregueses:

- e-mail de contato
- telefone
- sem importância, não vale a pena

5.12 Você possui fotos e/ou registros da Feira:

- Sim
- Não
- sem importância, não vale a pena

6. Evolução do negócio

6.1 Qual a origem do seu ponto na feira?

- concessão da prefeitura
- comprou o ponto
- herança

6.2 Alguém da família irá dar continuidade ao negócio?

- sim
- não
- ainda não pode definir

6.3 Você faz controles ou anotações sobre o seu movimento nas feiras?

- sim
- não
- já fiz e abandonei
- não quer responder

6.4 Se faz controle, há quanto tempo você anota?

- 1 ano
- 1 a 5 anos
- mais de 5 anos
- não quer responder

6.5 O nível de exigência dos consumidores de hoje, em relação ao de 5 anos atrás:

- aumentou
- diminuiu
- não mudou
- não sabe dizer
- não era feirante ainda

6.6 Você acredita que um trabalho de divulgação da feira ajudaria no seu desenvolvimento?

- sim
- não

talvez

6.7 A qualidade dos produtos vendidos nas feiras de hoje, em relação à dos vendidos há 5 anos:

- melhorou
- piorou
- permanece igual
- não sabe dizer
- não era feirante

6.8 Nos últimos 5 anos as suas vendas:

- aumentaram
- diminuíram
- não mudaram
- não sabe dizer
- não era feirante

6.8.1 Se aumentou, ou diminuiu, em quanto mudou?

- 25 %
- 50 %
- 75 %
- 100 %
- não se aplica

6.9 Nos últimos 5 anos a sua situação econômica:

- melhorou
- piorou
- permanece igual
- não sabe dizer
- não era feirante

6.9.1 Se melhorou ou piorou, em quanto mudou?

- 25 %
- 50 %
- 75 %
- 100 %
- não se aplica

6.10 Você acredita que as suas vendas nos próximos anos serão maiores do que as atuais?

- sim
- não
- tenho dúvidas
- nunca pensei nisso

6.11 Você acredita que a Feira Livre do Vila Nova vai durar mais:

- 5 a 10 anos
- 11 a 15 anos
- 16 a 20 anos
- 21 a 30 anos
- mais de 31 anos
- para sempre

6.12 O movimento atual e o lucro obtido por você nesta feira em relação a 5 anos atrás:

- aumentou
- diminuiu
- permanece igual.

7. identificação do Sagrado da Feira

7.1 Qual a sua satisfação com a atividade de feirante?

- insatisfeito
- parcialmente satisfeito
- satisfeito
- muito satisfeito

7.2 Você pensa em vender outros produtos e/ou ampliar sua barraca?

- sim
- não
- tenho dúvidas
- nunca pensei nisso

7.3 Já pensou em abandonar a atividade de feirante?

- sim
- não
- tenho dúvidas
- nunca pensei nisso

7.4 Se já pensou, porque não abandonou ainda?

- só sabe fazer isso
- não se imagina em outra atividade
- gosta desta atividade
- falta de uma oportunidade melhor
- não tem capital para iniciar outra atividade
- está velho para arriscar-se em outra atividade
- tem a esperança de que ainda vai melhorar

7.5 Em relação aos supermercados e hortifrutigranjeiros das redondezas, os produtos desta feira têm uma qualidade:

- melhor
- igual
- pior
- não sabe responder

7.6 Você acha que o cliente compra sempre os mesmos produtos com um mesmo feirante?

- sim
- não
- às vezes sim
- apenas para alguns produtos
- não sabe

7.7 Porque você acha que o consumidor vem comprar na feira?

- pelo costume, hábito de ir à feira
- o preço é melhor
- o atendimento é melhor
- os produtos são mais frescos
- os produtos são mais naturais
- os produtos têm menos agrotóxicos
- higiene do local e dos produtos
- tem mais opção de escolha, podem escolher o preço e a qualidade que quiserem
- pela amizade com o feirante
- aproveitam para caminhar
- pelo fato de comprarem diretamente do feirante.
- é uma oportunidade de conviver com os amigos e velhos conhecidos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Declaro para todos os direitos e fins legais que as informações acima são verídicas e correspondem a verdade sobre a investigação social do tema “feira livre do bairro Vila Nova em São Mateus-ES”, e que podem ser divulgadas sem nenhum ônus ao investigador que construirá a partir delas sua dissertação de Mestrado.

São Mateus-ES,

Assinatura e CPF

APÊNDICE D – Questionário para identificação do perfil do freguês

QUESTIONÁRIO (freguês)

Nome _____ do
freguês: _____

Data _____ da
coleta: _____ Entrevistador: _____

Faça a marcação de apenas um item em cada questão (marque com um X):

1. Dados Pessoais

1.1 Qual a sua idade:

- menos de 20 anos;
- 21 a 30 a.;
- 31 a 40 a.;
- 41 a 50 a.;
- 51 a 60 a.;
- acima de 61 anos.

1.2 Qual o seu sexo?

- Masculino
- Feminino

1.3 Em que região do país você nasceu?

- Sul, que estado? _____
- Sudeste, que estado? _____
- Centro-Oeste, que estado? _____
- Norte, que estado? _____
- Nordeste, que estado? _____

2. Formação/Capacitação:

2.1 Qual a sua profissão ou ocupação principal? _____.

2.2 Qual o seu grau de instrução?

- Analfabeto
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Pós-graduação

2.3 Em que tipo de escola você estudou?

- pública;
- particular.

3. Dados sociais

3.1 Qual a sua religião?

- Católica;
- Protestante ou evangélica
- Espírita;
- Umbanda ou Candomblé
- ateu;
- Agnóstico;
- outra:_____

3.2 Você mora em São Mateus?

- Sim
- Não, em que cidade? _____.

3.3 Qual a sua etnia?

- Branco
- Pardo
- Negro
- Amarelo
- Indígena
- outros.

3.4 Você já foi vítima na feira de violência física, moral, verbal, material, sexual?

- Sim;
- Não.

3.5 Quantas pessoas moram em sua casa?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 a 10
- mais de 11 pessoas

3.6 Quantas pessoas possuem renda na sua casa?

- 1;
- 2;
- 3;
- 4;
- 5;
- 6.

3.7 Qual a renda total na sua casa?

- até 1 salário mínimo;
- De 1 a 2 salários mínimos;
- De 2 a 5 salários mínimos;
- De 5 a 10 salários mínimos;
- Acima de 10 salários mínimos;
- não sabe/não quer informar.

4. Produtos

4.1 Quais os tipos de produtos que você busca na feira?

- Verduras
- Frutas
- Tubérculos(raízes)
- Carnes, embutidos e ovos
- Queijos e outros laticínios
- Grãos
- Ervas
- Temperos
- Doces e geleias
- Vestuários;
- calçados
- Acessórios e eletrônicos
- Flores
- Animais vivos
- Artesanato
- Utensílios Domésticos
- Lanches
- Outros

5. Aspectos gerais do negócio

5.1 De quanto em quanto tempo você faz compras nesta feira?

- _____ vezes na semana
- a cada 15 dias,
- 1x por mês
- não tem regularidade

5.2 Quando você vem na feira normalmente:

- () você faz lista de compras?
- () compra alguma coisa fora da lista?
- () a compra varia de acordo com os produtos, promoções e ofertas que encontra na feira?
- () Outras alternativas: _____

5.3 Você costuma gastar mais do que previsto antes de sair de casa?

- () não, gasto só o que planejei
- () sempre acabo gastando mais
- () nem sempre, mas às vezes sim
- () não costumo controlar, compro o que preciso

5.4 Quanto costuma gastar a cada vez que vem na feira

- () até R\$ 10,00
- () R\$ 11,00 a 20,00
- () R\$ 21,00 a 30,00
- () R\$ 31,00 a 40,00
- () R\$ 41,00 a 50,00
- () mais de R\$ 51,00
- () não tem valor definido

5.5 Qual o tempo médio que você permanece na feira?

- () menos de 1 hora
- () 1 a 2 horas
- () 2 a 3 horas
- () mais de 3 horas

5.6 Qual a distância da feira até a sua casa:

- () até 1 km
- () de 1 a 3 km
- () de 4 a 6 km
- () de 7 a 8 km
- () de 9 a 10 km
- () acima de 11 km

5.7 Há quantos anos você compra na feira-livre?

- () 1 a 5 anos
- () 6 a 10 anos
- () 11 a 15 anos
- () 16 a 20 anos

mais de 21 anos

5.8 Quantas pessoas você conhece que fazem compras na feira?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 a 10
- mais de 11 pessoas

5.9 você já sugeriu a alguém que fizesse compra na feira?

- sim
- não

5.10 Você compra os produtos encontrados na feira em outros lugares?

- sim
- não
- não sabe responder

5.11 Se sim, onde?

- supermercado
- quitandas/hortifrutis
- outras feiras
- outros locais

5.12 Qual seria o melhor dia de feira para você?

- domingo (dia atual)
- Segunda
- Terça
- Quarta
- Quinta
- Sexta
- Sábado

5.13 Qual seria o melhor horário de feira para você?

- manhã (horário atual)
- tarde

) noite

5.14 Você compraria produtos semi-processados (descascados, picados, congelados, semi-cozidos) na feira?

-) Sim
-) não
-) ainda não tem o hábito de comprar

5.15 Você acredita que a instalação de um local para reclamações e sugestões dos fregueses da feira é:

-) extrema importância
-) importante
-) sem importância, não vale a pena

6. Evolução do negócio

6.1 O seu nível de exigência com os produtos da feira de hoje, comparados com o de 5 anos atrás:

-) aumentou
-) diminuiu
-) não mudou
-) não sabe dizer
-) não era feirante ainda

6.2 Você acredita que um trabalho de divulgação da feira lhe seria útil?

-) sim
-) não
-) talvez

6.3 A qualidade dos produtos vendidos nas feiras de hoje, em relação aos vendidos há 5 anos:

-) melhorou
-) piorou
-) permanece igual
-) não sabe dizer
-) não era feirante

6.4 Nos últimos 5 anos as suas compras na feira:

-) aumentaram

- diminuíram
- não mudaram
- não sabe dizer
- não era freguês

6.4.1 Se aumentaram ou diminuíram, em quanto mudou?

- 25 %
- 50 %
- 75 %
- 100 %
- não se aplica

6.5 Nos últimos 5 anos a sua situação econômica:

- melhorou
- piorou
- permanece igual
- não sabe dizer
- não era freguês

6.5.1 Se melhorou ou piorou, em quanto mudou?

- 25 %
- 50 %
- 75 %
- 100 %
- não se aplica

6.6 Você acredita que as suas compras na feira nos próximos anos serão maiores do que as atuais?

- sim
- não
- tenho dúvidas
- nunca pensei nisso

6.7 Você acredita que a Feira Livre do Vila Nova vai durar mais:

- 5 a 10 anos
- 11 a 15 anos
- 16 a 20 anos
- 21 a 30 anos
- mais de 31 anos
- para sempre

6.8 Com relação ao movimento atual na feira em relação a 5 anos atrás:

- aumentou
- diminuiu
- se mantém igual.

7. Identificação do Sagrado da Feira

7.1 Onde você viveu em sua infância e juventude?

- zona rural,
- zona rural, depois veio para a zona urbana,
- zona urbana,
- outros_____.

7.2 Qual é o seu grau de relacionamento com os feirantes?

- não existe relacionamento, não conheço ninguém;
- fraco, conheço-os apenas de vista;
- médio, temos relações de camaradagem e conversamos;
- forte, se lembra de mim e conhece meus hábitos de consumo;
- muito forte, somos amigos e nos conhecemos pelo nome.

7.3 Você acredita que o produto vendido na feira é:

- todo ele produzido pelo feirante
- parte é produzido pelo feirante e parte comprado pelo feirante
- nada do que é vendido na feira é produzido pelo feirante
- não sabe responder

7.4 Você deixaria de comprar na feira livre para comprar em outro local?

- sim, que locais? _____.
- não, porque?_____.

7.5 Qual a sua satisfação com esta feira?

- insatisfeito
- parcialmente satisfeito
- satisfeito
- muito satisfeito

7.6 Você compra sempre os produtos com os mesmos feirantes?

- sim
- não
- às vezes sim
- apenas para alguns produtos
- não sabe

7.7 Porque você vem comprar na feira?

- pelo costume, hábito de ir à feira
- o preço é melhor
- o atendimento é melhor
- os produtos são mais frescos
- os produtos são mais naturais
- os produtos têm menos agrotóxicos
- higiene do local e dos produtos
- tem mais opção de escolha, podem escolher o preço e a qualidade que quiserem
- pela amizade com o feirante
- aproveitam para caminhar
- pelo fato de comprarem diretamente do feirante.
- é uma oportunidade de conviver com os amigos e velhos conhecidos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Declaro para todos os direitos e fins legais que as informações acima são verídicas e correspondem a verdade sobre a investigação social do tema “feira livre do bairro Vila Nova em São Mateus-ES”, e que podem ser divulgadas sem nenhum ônus ao investigador que construirá a partir delas sua dissertação de Mestrado.

São Mateus-ES,

Assinatura e CPF

APÊNDICE E – Solicitação de informações sobre a feira livre do bairro Vila Nova ao historiador e escritor Sebastião Maciel de Aguiar

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES

São Mateus-ES, 24 de novembro de 2014.

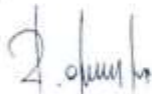
Ao Escritor Sebastião Maciel de Aguiar

Em fase de elaboração da Dissertação de Mestrado Profissional, solicito apoio deste renomado escrito no que dispõe de notícias e informativos que tenham em seu contexto o tema da Feira Livre do Bairro Vila Nova, afim de aplicá-los.

Esclareço que estas informações serão de enorme valia, uma vez que temos poucos referenciais teóricos na região.

Sem mais para o momento, agradeço.

Atenciosamente,



Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Administrador de Empresas
CRA-ES 7768
Mestrando no IVC – Turma III.

Orientador: Damian Sanchez Sanchez.

APÊNDICE F – Solicitação de informações sobre a feira livre do bairro Vila Nova ao Jornal Folha Acadêmica

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES

São Mateus-ES, 24 de novembro de 2014.

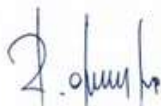
Ao Prestigiado Jornal Folha Acadêmica
Srs. Wendel Castro Nardotto

Em fase de elaboração da Dissertação de Mestrado Profissional, solicito apoio deste prestigiado Jornal no que dispõe de notícias e informativos que tenham em seu contexto o tema da Feira Livre do bairro Vila Nova em São Mateus, ES.

Esclareço que estas informações serão de enorme valia, uma vez que temos poucos referenciais teóricos na região.

Sem mais para o momento, agradeço.

Atenciosamente,



Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Administrador de Empresas
CRA-ES 7768
Mestrando no IVC – Turma III.

Orientador: Damian Sanchez Sanchez.

APÊNDICE G – Solicitação de informações sobre a feira livre do bairro Vila Nova à Prefeitura Municipal de São Mateus

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES

São Mateus-ES, 24 de novembro de 2014.

A Secretaria de Obras - PMSM

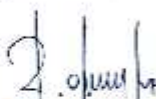
Srs. Jadir Bachetti e Sra. Marcelle ou Sr. Pia.

Em fase de elaboração da Dissertação de Mestrado Profissional, solicito apoio deste órgão público no que dispõe de notícias e informativos que tenham em seu contexto o tema da Feira Livre do Bairro Vila Nova, afim de aplicá-los.

Esclareço que estas informações serão de enorme valia, uma vez que temos poucos referenciais teóricos na região.

Sem mais para o momento, agradeço,

Atenciosamente,



Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Administrador de Empresas
CRA-ES 7768
Mestrando no IVC – Turma III.

Orientador: Damian Sanchez Sanchez.

APÊNDICE H – Solicitação de informações sobre a feira livre do bairro Vila Nova ao Jornal A Gazeta

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES

São Mateus-ES, 24 de novembro de 2014.

Ao Prestigiado Jornal A GAZETA
Sra. Anelize - CEDOC

Em fase de elaboração da Dissertação de Mestrado Profissional, solicito apoio deste prestigiado Jornal no que dispõe de notícias e informativos que tenham em seu contexto o tema da Feira Livre do bairro Vila Nova em São Mateus, ES.

Esclareço que estas informações serão de enorme valia, uma vez que temos poucos referenciais teóricos na região.

Havendo material histórico e contemporâneo este poderá ser utilizado para retratar a pesquisa.

Sem mais para o momento, agradeço,

Atenciosamente,



Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Administrador de Empresas
CRA-ES 7768
Mestrando no IVC – Turma III.

Orientador: Damian Sanchez Sanchez.

APÊNDICE I – Solicitação de informações sobre a feira livre do bairro Vila Nova ao SEBRAE

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES

São Mateus-ES, 24 de novembro de 2014.

Ao SEBRAE

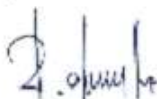
Srs. Gabriel Xibli, Karla Monteiro, Sayonara Lacerda e Ayanne Karoline.

Em fase de elaboração da Dissertação de Mestrado Profissional, solicito apoio desta prestigiada entidade no que dispõe de notícias e informativos que tenham em seu contexto o tema da Feira Livre, afim de aplica-los.

Esclareço que estas informações serão de enorme valia, uma vez que temos poucos referenciais teóricos na região.

Sem mais para o momento, agradeço,

Atenciosamente,



Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Administrador de Empresas
CRA-ES 7768
Mestrando no IVC – Turma III.

Orientador: Damian Sanchez Sanchez.

APÊNDICE J – Solicitação de informações sobre a feira livre do bairro Vila Nova ao prestigiado Jornal Tribuna do Cricaré

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES

São Mateus-ES, 24 de novembro de 2014.

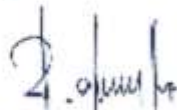
Ao Prestigiado Jornal Tribuna do Cricaré
Srs. Antonio de Castro e Márcio de Castro

Em fase de elaboração da Dissertação de Mestrado Profissional, solicito apoio deste prestigiado Jornal no que dispõe de notícias e informativos que tenham em seu contexto o tema da Feira Livre do bairro Vila Nova em São Mateus, ES.

Esclareço que estas informações serão de enorme valia, uma vez que temos poucos referenciais teóricos na região.

Sem mais para o momento, agradeço,

Atenciosamente,



Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Administrador de Empresas
CRA-ES 7768
Mestrando no IVC – Turma III.

Orientador: Damian Sanchez Sanchez.

APÊNDICE K – Solicitação de informações sobre a feira livre do bairro Vila Nova 13º Batalhão da PMES

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES

São Mateus-ES, 27 de abril de 2015.

Ao 13º Batalhão da PMES.

Ilmo. Comandante Ronaldo Raimondi – CAP QOCPM.

Em fase de elaboração da Dissertação de Mestrado Profissional, solicito apoio deste batalhão na informação estimada da quantidade de pessoas que frequentam todos os domingos a feira do Bairro Vila Nova em São Mateus, ES.

Esclareço que estas informações serão de enorme valia, para a composição dos dados que irão compor tal pesquisa.

Sem mais para o momento,

Agradeço,

Atenciosamente,

Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Administrador de Empresas CRA-ES 7768
Mestrando no IVC – Turma III.

Orientador: Damian Sanchez Sanchez.

APÊNDICE L – Solicitação de informações sobre a realização de feiras nos municípios capixabas

São Mateus-ES, 10 de Julho de 2014.

A Prefeitura Municipal
Secretaria de Comunicação

Referência: Informação sobre feiras existentes no Município

Prezado(s),

Estamos laborando uma pesquisa sobre uma feira livre que acontece no município de São Mateus à 41 anos, e para isso estamos levantando com todas as prefeituras do estados do Espirito Santo outras feiras que existam, afim de elucidar tais realizações, contribuindo assim para esta pesquisa.

Desta forma, solicitamos enviar para o e-mail: cgamorim@gmail.com ou ligar no telefone (27) 99988-7078, falar com este pesquisador.

Agradecemos, sem mais, subscrevo,

Claudio Roberto Gonçalves de Amorim
Mestrando

ANEXOS

ANEXO A – Declaração do 13º Batalhão sobre o quantitativo de pessoas na feira do Vila Nova




GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
POLÍCIA MILITAR
13º BATALHÃO

Quartel do 13º Batalhão da PMES.

São Mateus, 27 de abril de 2015.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que atendendo solicitação do Sr. CLÁUDIO ROBERTO GONÇALVES DE AMORIM, matriculado no Programa de Pós Graduação – Stricto Sensu – Mestrado Profissional em Gestão social, educação e Desenvolvimento Regional, sob nº 004000151, da Faculdade Vale do Cricaré, em relação ao fluxo de frequentadores e comerciantes atuantes na Feira do Bairro Vila Nova, município de São Mateus, estima-se em cerca de 4.500 (quatro mil e quinhentas) pessoas por evento, podendo variar para mais ou para menos dependendo das condições climáticas e outros fatores externos.


RONALDO RAIMONDI – CAP OOCPM

Comandante da 1ª Cia do 13º BPM

Ronaldo Raimondi
Capitão PM
RG 17.563-7

ANEXO B – Resposta via e-mail do Jornal Folha Acadêmica à solicitação desta pesquisa

----- Mensagem encaminhada -----

De: Folha Acadêmica <comercial@folhaacademica.com.br>, Wendel de Castro <99881583@uol.com.br>

Data: 25 de novembro de 2014 11:05

Assunto: Res: Solicitação de Dados - Dissertação

Para: **CLAUDIO AMORIM** <cgamorim@gmail.com>

Caro Sr. Claudio Amorim,

Estou encaminhando as notícias que publicamos sobre a feira e o Ceasa que trouxe grande importância para a região. Todas foram notícias eletrônicas.

Wendel de Castro



FOLHA ACADÊMICA

Notícias

11/11/2013 08:54:39

Polícia Ambiental intensifica fiscalização em feiras livres de São Mateus Sooretama, Linhares e Nova Venécia



Imagem não encontrada

Equipes da Polícia Militar Ambiental realizaram fiscalizações e prestaram informações aos feirantes e frequentadores das feiras livres no centro de Sooretama, bairro Araçá em Linhares, balneário de Guriri, distrito de Nestor Gomes em São Mateus e centro de Nova Venécia.

As equipes tiveram como foco o comércio irregular de pescados devido período de piracema, comércio de animais da fauna silvestre, subprodutos da flora dentre outros.

Na oportunidade, distribuíram panfletos de educação ambiental, agregando orientações para uma melhor conscientização dos feirantes e as sanções penais que está propenso o infrator de crimes ambientais.

A ação de fiscalização foi avaliada como altamente positiva, principalmente por não ter sido registrado nenhuma alteração, se resumindo então na prestação de orientações aos comerciantes e consumidores.

Piracema:

A piracema acontece todos os anos, no início do período das chuvas, sendo considerado um essencial fenômeno natural para a preservação dos peixes. Esse fenômeno caracteriza pela subida dos peixes, em busca das águas mais amenas das cabeceiras dos rios, nadando contra a correnteza, inclusive, vencendo obstáculos naturais com o objetivo de reprodução e teve o seu início neste 1º de novembro e se estenderá até o dia 28 de fevereiro de 2014, conforme a Instrução Normativa do Ibama nº 195/08.

Durante o período de piracema, fica proibida qualquer atividade de pesca nas águas públicas dentro do continente (rios, córregos, lagoas, etc.). Inclusive os pescadores profissionais ficam proibidos de pescar com o uso de redes, tarrafas e outras armadilhas, à exceção do jequi, sendo apenas permitido a todos os pescadores o uso de linha de mão, vara com caniço simples e anzol, às margens de rios e reservatórios.

Também é proibida a pesca em quaisquer rios lagos e lagoas, mediante a utilização dos seguintes equipamentos: redes de arrasto, redes de espera com malhas inferiores a 70mm, tarrafas com malhas inferiores a 50mm, covos, fiska e garateia, espinhel, rede eletrônica, explosivos, substâncias tóxicas.

De acordo com as normas estabelecidas no Decreto Federal nº 6.514/08, em seu artigo 36, quem for flagrado desrespeitando a legislação poderá sofrer uma multa de R\$ 700,00 (setecentos reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais), com acréscimo de R\$ 20,00 (vinte reais), por quilo ou fração do produto da pescaria; e terá todo o material usado na atividade de pesca e o pescado apreendidos. Além do pagamento de multa, a pessoa física ou jurídica responderá por crime ambiental, conforme estabelece a Lei 9.605/98, cuja pena de detenção de vai de um a três anos.



FOLHA ACADÊMICA

Ceasa Norte incentiva produção rural no município



Além de representantes do Prodnorte, o evento contou com intensa participação de produtores agrícolas.

**Imagem
não encontrada**

SÃO MATEUS - Visando ampliar o movimento na Ceasa/Norte e incentivar a produção de hortaliças na região, entidades representativas de agricultores, produtores rurais, Incaper, secretários municipais de agricultura e prefeitos, reuniram-se ontem, 24, para discutir estratégias que possam desenvolver a economia local.

A reunião aconteceu na própria Ceasa e reuniu cerca de 130 pessoas de 11 municípios do entorno de São Mateus que,

além de tudo, puderam conhecer o funcionamento e a logística do Central de Abastecimento e sobretudo alguns aspectos da comercialização e o dia especial de mercado.

Segundo o prefeito de São Mateus, Amadeu Boroto, a cidade possui uma cultura agrícola mais voltada para o café e a pimenta, só que é preciso ampliar o leque da produção para que os consumidores sejam melhor atendidos: "Estamos trabalhando junto a esses pequenos, médios e grande produtores num processo de interação sobre o que é a Ceasa, para que o município, juntamente com cada um, possa ver o que queremos produzir", destacou.

Ele disse também que a proposta é que o governo distribua sementes e também material orgânico como forma de auxiliar os produtores nos primeiros passos do novo cultivo: "Iremos trabalhar nesse sentido de agora para frente, conversando para ver o que eles tem condição de produzir nas propriedades para trazer e vender para os consumidores, que são bem diversificados".

Também o Presidente da Ceasa/ES, Frei Paulão, esteve presente e apontou que a Unidade Norte destina-se a todos os produtores, particularmente para o agricultor familiar para quem o Governo Estadual deseja dar oportunidades de ampliar sua renda: "A maior parte dos agricultores não conhecia esse lugar, a Ceasa e seu funcionamento. Queremos que eles possam produzir de tudo e tenham também os meios de comercializar, usufruindo bem dos espaços", disse.

O Gerente das Unidades Técnicas Regionais, Marcos Antônio Magnago, explicou que esta reunião faz parte de uma política inicialmente discutida com prefeitos do Prodnorte e de outros municípios, que juntamente com pequenos, médios e grandes produtores de cada localidade estão interessados no crescimento regional. Para ele, é preciso ouvir a opinião de todos para ter certeza do melhor a ser feito.

Uma das propostas feitas por Amadeu Boroto, é disponibilizar para os agricultores do município que produzem em pequena quantidade, um caminhão para trazer os produtos a Ceasa Norte: "Faremos uma parceria até eles começarem a se movimentarem sozinhos na Ceasa", concluiu.

O objetivo, segundo Marcos Antônio, é que no próximo dia 24 de outubro alguns agricultores possam já trazer alguns de seus produtos para o Ceasa e, desta forma, disponibilizem para o atacado e também para o varejo (nas quintas-feiras) tudo que produzirem em suas propriedades rurais.



www.folhaacademica.com.br



FOLHA ACADÊMICA

02/10/2013

Prefeitura e Ceasa Norte promoveram reunião com feirantes produtores de São Mateus

 Tweet



**Imagem
não encontrada**

SÃO MATEUS - O encontro aconteceu nessa terça-feira (01) e foi ministrada por representantes da Secretaria Municipal de Agricultura. O objetivo foi apresentar a esses feirantes a oportunidade de comercializar os seus produtos nas dependências do Ceasa. Participaram do encontro os produtores que tem comércio nas feiras livres dos Bairros Vila Nova e Guriri.

O Secretário Municipal de Agricultura, Ézio Sena de Oliveira, destacou que esta foi uma grande iniciativa do município de São Mateus em conjunto com o Ceasa Norte para incentivar a esses feirantes a produzirem ainda mais, inclusive, no próximo dia 24 acontecerá o dia de mercado, onde os agricultores levarão os seus produtos para serem comercializados no atacado e no varejo.

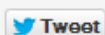
Segundo o Prefeito, Amadeu Boroto, o município está fazendo a sua parte, e a prefeitura estará apoiando na logística desse processo, como por exemplo, facilitando na questão do transporte, para quem ainda não tem condições de levar o seu produto até o local de comercialização. O Gerente do Ceasa Norte, Anderson dos Santos, ressaltou que a entidade estará de braços abertos, e que, com essa atitude o volume de comércio tende a crescer muito nos próximos meses.



Notícias

18/10/2013 06:14:42

Dia Especial de Mercado na Ceasa Norte



SÃO MATEUS - Na próxima quinta-feira (24), a partir das 6h da manhã, acontecerá o “Dia de Mercado” na Unidade Regional Norte, das Centrais de Abastecimento do Espírito Santo (Ceasa/ES), empresa vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), localizada em São Mateus.

Neste dia, os produtores rurais de toda a região estarão ofertando uma grande variedade de produtos aos feirantes, aos supermercados, aos restaurantes, aos quitandeiros, as mercearias e também as donas de casa.

www.folhaacademica.com.br

FOLHA ACADÊMICA

31/10/2013 08:41:24

Toda quinta-feira é Dia de Mercado na Ceasa Norte

[Tweet](#)

**Imagem
não encontrada**

SÃO MATEUS - Nesta quinta-feira (31), na Ceasa Norte, em São Mateus, acontece o Dia de Mercado. Evento no qual os produtores da região oferecem uma grande variedade de produtos aos donos de restaurantes, supermercados, feirantes e à população em geral. Quem interessar em comprar alimentos com um preço bem em conta pode ir até o local até as 11h de hoje e adquirir uma variedade de frutas, verduras, hortaliças entre outros produtos.

Localizada estrategicamente na BR 101, a Unidade Norte é a segunda maior em área construída, totalizando 3.600 metros quadrados, é composta por 27 boxes, plataforma para carga e descarga e energia elétrica apropriada para instalação de ambientes refrigerados.

www.folhaacademica.com.br

FOLHA ACADÊMICA

Notícias

13/12/2013 10:35:12

Ceasa Norte tem novo gerente



**Imagem
não encontrada**

SÃO MATEUS - O engenheiro agrônomo Geraldo Mendes da Silva é o novo gerente da Unidade Regional Norte, das Centrais de Abastecimento do Espírito Santo (Ceasa/ES), localizada em São Mateus. A reunião de posse será realizada nesta segunda-feira (16), às 10h, no auditório da Ceasa Norte, localizado às margens da BR 101.

De acordo com o novo gerente, além do crescimento profissional, participar da gestão

da Ceasa Norte é uma grande oportunidade de contribuir para o estabelecimento da Unidade como um instrumento potencializador do desenvolvimento do Norte do Estado, pela produção e diversificação dos alimentos, da renda dos agricultores, principalmente os de base familiar.

Geraldo Mendes trabalha desde 2005 no Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) atuando no escritório de Ponto Belo até 2007. Trabalhou por três anos em São Mateus e em 2011, assumiu a chefia regional do escritório do Incaper em Linhares.

ANEXO C – Resposta via e-mail do Jornal Tribuna do Cricaré à solicitação desta pesquisa

16/05/2015

Gmail - Tribuna do Cricaré - Edições em PDF - RE: Comprovante de Pagamento



CLAUDIO R. G. DE AMORIM <cgamorim@gmail.com>

Tribuna do Cricaré - Edições em PDF - RE: Comprovante de Pagamento

Tribuna do Cricaré TC <tribunadocricare@hotmail.com>

25 de novembro de 2014 18:57

Para: CLAUDIO AMORIM <cgamorim@gmail.com>

Prezado Sr. Cláudio Roberto Gonçalves de Amorim,

Encaminhei as edições adquiridas em e-mails separados, conforme lista abaixo:

- TC 4.433, de 04/02/2012: Amadeu revitaliza Feira do Vila Nova
- TC 4.857, de 15/10/2013: Policia fiscaliza pescados na Feirinha
- TC 4.787, de 09/07/2013: Homem morto a facada por cobrar dívida de R\$ 500,00 na feirinha

Atenciosamente,

Alexsandro Comin
Depto. Comercial
Tribuna do Cricaré
comercial.tc@uol.com.br
tribunadocricare@hotmail.com
(27) 3763.3382 + 9948.9922

Organizadores comemoram sucesso do Vem Louvar

Surpresa com a público que se manifestou nos shows nacionais de Travenço e Arca e Rose Nascimben, além do sucesso local, organização começa preparar a festa dos 10 anos para 2014 **Página 8**

Tribuna do Cricaré

• São Mateus (ES), terça-feira, 9 de julho de 2013 • Diretor-Geral: Márcio Castro • Diretor de Redação: Antonio de Castro • Ano XXX - Nº 4.787 - R\$ 1,00 •



Estudante de Medicina terá de trabalhar 2 anos no SUS para receber diploma

Revela - Os alunos que ingressaram no curso de Medicina a partir de 2013 terão que atuar dois anos no Sistema Único de Saúde para receber o diploma. A medida é válida para doutados, titulares e precatos e faz parte do Programa Mais Médicos, uma ação da secretaria de Governo Federal. Com isso, os cursos passarão de 6 anos para 8 anos de duração.

Os estudantes trabalharão no âmbito federal e nos serviços de atenção e emergência de saúde pública. São os chamados "anos de serviço ao Governo Federal" e terão uma remuneração temporária para o curso e residência, além de contarem com a vinculação de gratificação de profissionais que atuarem na orientação desses estudos também ocorrido no cumprimento da lei. Os alunos dos anos de curso, de atuação no SUS, poderão contar com assistência técnica no curso gratuito de curta duração, com o objetivo de qualificar os seus anos de atuação.

Com a mudança em currículo, a matrícula a partir de 2013 terá validade em âmbito federal. "Essa mudança terá validade a partir de 2012, quando os médicos estiverem formados", disse o ministro da Educação, Aloizio Mercadante. As instituições de ensino terão que acompanhar e reportar ao sistema. Após a mudança, os aprovados no processo de seleção de 2013, a remuneração temporária de atuação será vinculada ao trabalho no Conselho Regional de Medicina. Por isso, os alunos deverão ser pagados, ou seja, os seus salários, durante os dois anos de atuação.

Até 2011, a oferta de vagas nos cursos de Medicina foi de aproximadamente 10%. Com o Programa Mais Médicos, serão abertos 1.613 vagas nas universidades públicas e, entre as particulares, serão abertos 7.832 vagas adicionais. O mercado deve ser atendido com um total de vagas entre 1.452 vagas, em 2014, serão 3.415, anunciou Mercadante. De acordo com o ministro, haverá uma desconcentração das vagas que serão distribuídas em todo o território. A medida reduzirá o tempo de ocupação e o tempo de espera para a graduação.

Segundo Mercadante, haverá uma melhor distribuição das vagas pelo País. Atualmente, 57 universidades abrem vagas nos cursos de Medicina com o programa de residência. Mas não possuem a oferta de residência para os alunos, a quantidade de 1.154 profissionais e 1.662 vagas de especialização. Nos particulares, a oferta de vagas de graduação está limitada por meio de editais públicos, de acordo com a necessidade de País.

Homem é morto a facada por cobrar dívida de R\$ 500

ASSASSINATO OCORREU NA FEIRINHA DA VILA NOVA. EM OUTRO HOMICÍDIO NO FIM DE SEMANA, A VÍTIMA FOI EXECUTADA COM 10 TIROS EM SANTA MARIA

Página 6



POLÍCIA

Hilux é roubada pela 2ª vez em 20 dias

Página 6

TJES busca celeridade com Caravana da Justiça

Aberta pelo vice-presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Carlos Roberto Magnago, a caravana do Judiciário supracitada prossegue hoje na Praça Municipal Neto com audiência de conciliação e coleta de sugestões para o orçamento de 2014.

Página 3

ANTIDROGAS

Magnago empossado para mais 2 anos à frente do Comad

Página 4

BRASILEIRÃO

Gol de Seedorf garante Fogão na liderança

Página 5

Detalhes

Visões, 8 de julho, 64. O dia de aniversário do filho de um empresário e sua esposa em uma residência em Santa Maria, Parobá.

Página 7

CARTA DO LEITOR

Jorge Daher

Página 2

ANIMAIS

VENGE-SE 19 anos de Veludo em 30/07/2014

Página 5

Empresários mateenses investem na aviação

Grupo de amigos compra aeronave e realiza voos regulares e fretados partindo de São Mateus para outros municípios do estado e fora do Estado.

Página 9

Tribuna do Cricaré

São Mateus (ES), sábado, 4 de fevereiro de 2012 • Diretor-Geral: Márcio Castro • Diretor de Redação: Antonio de Castro • Ano XXIX - Nº 4.433 - R\$ 0,30



Decisão do STF influenciará processo que envolve sigilo de magistrados, diz corregedora

De: **Isabela Lemes**
Reportagem

Brasília - A corregedora-geral Eliana Calmon esclareceu ontem que a manutenção das competências do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) não tem a ver com a investigação nas folhas de pagamento de 22 tribunais de País, suspensa no final do ano passado. Ainda assim, ela acredita que o processo favorável concluído quinta-feira no Supremo Tribunal Federal (STF) poderá influenciar positivamente o desfecho desse caso.

Segundo o ministro Calmon, como o STF estabeleceu "amplos poderes para a corregedoria (...), naturalmente se dará sentido ao julgamento de mandado de segurança que trata do posto-fino nos tribunais, mas não significa que será líquido e certo o que é".

Os ministros julgaram uma ação contrária à resolução do CNJ que criou regras para as corregedorias investigarem ilícitos de magistrados. A ação foi proposta pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB). Como resultado, a Corte derrubou liminar concedida pelo ministro Marco Aurélio Mello no final do ano passado.

O outro processo a que a corregedora se refere ainda precisa ser analisado pelos ministros. É o mandado de segurança em que três associações de juízes, com o apoio da AMB, acam a Corregedoria do CNJ de ter quebrado de forma ilegal e sigilo de mais de 246 mil juizes e servidores.

Nesse caso, a liminar contra o CNJ foi concedida pelo ministro Ricardo Lewandowski, mas o relator original do caso é o ministro Joaquim Barbosa. Atualmente, existe a possibilidade de o caso passar para Luiz Fux.

Onda de assaltos espalha medo no Bairro Posto Esso

COMERCIANTES RECLAMAM DA FALTA DE SEGURANÇA. UMA FARMÁCIA FOI ASSALTADA TRÊS VEZES EM MENOS DE UM MÊS

Página 8



A terapeuta mateense cultiva o bronzeado intercalando mar e piscina. Para cuidar o corpo, molhação, alimentação balanceada e fraxobal.

VISITA

Governador em S. Mateus e Jaguaré na segunda-feira

Página 3

GURIRI

Josy Silva esbanja charme e doçura nas águas da Ilha

Página 4

ASSOCIAÇÃO

Moisés Alves estreia hoje no jogo clássico contra o Rio Branco

Página 12

Detalhes

Abravamento de domingo, a diadema esgravada Cláudia Mara Alves Vasconcelos Zanetti, foto no Restaurante Zabarizale, completo tudo para o evento. Também participam outros convidados.

Páginas 10 e 11



CARTÃO DE LEITOR

Dia de São Brás

Página 2

IMÓVEIS

VENDO casa 5 dormitórios, 307m², sala, sala, cozinha, banheiro, Parque Washington, 9022-0104.

Páginas 6 e 7





O prefeito Amadeu Boretto agradeceu a paciência e compreensão dos feirantes.



Foram entregues 240 barracas, num investimento superior a R\$ 700 mil.

Amadeu revitaliza feira da Vila Nova

PREFEITO ENTREGOU BARRACAS PADRONIZADAS AOS FEIRANTES

De: **Alcides Fir**
Reportagem

São Mateus — A feira do Bair-

ro Vila Nova está de cara nova. Além do melhoramento do espaço, a melhor organização das barracas, os feirantes inaugu-

ram amanhã as barracas padronizadas entregues pelo prefeito Amadeu Boretto em solidariedade realizada na tarde de quinta-feira, no Mercado Municipal. Quem chegar à feira na manhã de domingo deverá encontrar um ambiente mais agradável, mais higienizado e organizado. Foram disponibilizadas 240 barracas, num investimento superior a R\$ 700 mil.

Amadeu disse que o projeto Feira Legal começou a ser traçado desde que assumiu a Prefeitura. O primeiro passo foi retirar os feirantes da margem da BR-101, adequando todos na Avenida Brasil. "Este é um momento histórico. Dou muito trabalho, finan-

ças um grande investimento. Mas não estamos ficando mais do que a nossa obrigação, que é tratar o destino do povo com dignidade, investimento em melhorias para a nossa população" — enfatizou o prefeito.

E o projeto parece ter agradado a muitos dos feirantes, como é o caso de Everson Milanes, que trabalha na Feira do Bairro Vila Nova há seis anos, vendendo hortifrut. "É claro que o gente tem que fazer o teste primeiro, mas tudo indica que vai ficar muito bom. O que vem para facilitar a nossa vida, para organizar os trabalhos, é sempre bem-vindo".

O secretário de Infraestrutura e Transporte, Iadir Buchari, explicou que as barracas entregues têm dois e quatro metros de comprimento, e são separadas por cor, conforme o tipo de produto comercializado. A verde é para hortifrut, vermelha para aves, peixes, mariscos e carnes em geral, marrom para armários e artesanato; e azul para flor, hortelãs e gêneros alimentícios. A iniciativa também tem o apoio dos feirantes. "Com certeza ficou mais fácil trabalhar assim. Está mais que aprovado" — destacou Fabrice Venâncio do Nascimento, feirante há 15 anos, que recebeu uma barraca vermelha.

BALANÇO

O prefeito aprovou para fazer uma promoção de centos de mandatos, passando por todos os setores da administração. Agredora "a paciência e compreensão dos feirantes" e lembrou a necessidade de inaugurar a Crase Norte para "ajudar ainda mais o agricultor".

Na ocasião, Amadeu anunciou um pacote de obras que inclui o melhoramento de ruas, unidades de saúde, sistema de drenagem de águas pluviais e canalização em tempo integral. Ele também anunciou a chegada de uma patrulha mecanizada para atender o homem do campo.

Tribuna do Cricaré

Publicação da Editora Tribuna de Notícias Ltda.
CNPJ: 16.417.858/0001-96

Redação, Oficinas, Administração, Publicidade e Distribuição:
RUA ANTÔNIO PEREIRA DE AGUIAR, 173 - 3. SERRA GALETA
CEP: 55900-025 - SÃO MATEUS-ES

FAVX: (71) 3761-3322 - DIRETORIA: (71) 3766-1048
REDAÇÃO: (71) 3766-1623 - FAX: (71) 3761-1623

Publicidade: comercial@tribuna.com.br
Jornalismo: tribuna@tribuna.com.br

Diretor-Geral

Márcio José de Castro Pires

Diretor de Redação

Assis de Castro Pires Neto

Editor-Chefe

Edo Antônio

Editor de Colunas Especiais

Gilmar Henrique

Registador

Renato Uchôa

Assessor

Wagner Prado

Fotógrafo

Adelton Neto

Representação Comercial em Brasília e no Rio de Janeiro

J. C. Representações e Publicidade Ltda.

Tel: (71) 3265-7429

Tribuna do Cricaré e O Leitor são marcas registradas da

Editora Tribuna de Notícias Ltda.

SINDJORES

ANJ

De notícias e opiniões emitidas, direta e indiretamente,
sob a responsabilidade direta e exclusiva de seus autores.

O Leitor

Se você deseja opinar, comentar, elogiar, criticar, agradecer, denunciar, expressar a sua insatisfação através de poemas ou crônicas, escreva para o TC. A publicação é gratuita, mas, publicada ou não, na íntegra ou resumidamente, a crítica do Diretor, as cartas não serão devolvidas. Coloque nome e endereço completos, idade, ocupação profissional, cidade e estado e número de um telefone para contato.

COMUNICAR

As

Editor de Redação

Tribuna do Cricaré

estonia.br@tribuna.com.br

(Pode enviar também pelo E-mail: Expresso Brasileiro de Correios, ou entregar em mãos na Redação do TC, Rua Antônio Pereira de Aguiar, 7 - Bairro Serra Galetá - Cep: 55900-025 - São Mateus-ES)

Tribuna do Cricaré
NOS IMPRIMIMOS A MARCA DA FE E DA CONFIANÇA

□ CARTA DO LEITOR

Dia de São Brás

As
Diretor de Redação
Tribuna do Cricaré
antonio@tribuna.com.br

Caro Antonio de Castro,

Dada a importância histórica de São Brás para a cultura religiosa de nossa região, posto que este era o santo de devoção de um dos principais expoentes da política e economia mineiras do período imperial, o Barão de Timbuhy, solicito publicação do artigo do professor Felipe Aguiar, que traz um pouco de luz sobre a história do bispo martirizado, cujo dia foi comemorado ontem.

Vale lembrar que a Igreja Velha, monumento inacabado no Centro de São Mateus, seria uma igreja consagrada a São Brás. Também na Trádes Antiga, denominada do Barão, a igreja tinha o santo no altar principal. Alguns acreditam que a mudança do padroeiro, hoje São Sebastião, motivou a ira do santo e consequente soterramento da Vila. Boa leitura!

Enio Ardohain
Jornalista, editor-chefe do jornal Tribuna do Cricaré
São Mateus-ES

SÃO BRÁS E A BÊNÇÃO DA GARGANTA

Professor Felipe Aguiar*

É costume muito antigo da Igreja, invocar o intercessor dos santos, especialmente os mártires, contra as doenças, calamidades e outros infortúnios da vida terrena.

Dia e liturgia que "na presença de Deus recordam por nós ser o essencial". Por isso, o calendário litúrgico comemora a cada dia a memória dos santos. Assim mesmo a Igreja celebra em 1º de novembro a festa de todos os santos, para celebrar também aqueles cujo nome e história são conhecidos.

A tradição da Igreja aprova o grêmio dos santos protetores das cidades, dos países, das profissões, pelas suas mártires na morte ou na atividade ligada a uma determinada causa. Assim, temos conselhos de santos padroeiros de todas as profissões.

No dia 3 de fevereiro, por exemplo, a Igreja Católica dá aos fiéis a Bênção de São Brás para o alívio da garganta, das cordas vocais, etc. Este costume litúrgico tem a sua base já no primeiro século quando a Igreja celebra a festa sobre o túmulo das mártires do Império Romano, geladas de Sebastião e quando houve a morte do bispo, todos o aclamaram como novo pastor.

as doenças na garganta, porque, segundo as Atos do seu martírio, o cavaleiro de cavalaria, ele salta a vida de um menino que estava próximo de morrer por engolir uma agulha de pedras. A mãe apresentou-se ao Santo Bispo com o menino ao colo. Brás levantou os olhos ao céu, suplicou ao Senhor, e logo a agulha e o menino saíram a superfície e ficou são. Contam-se outras milagres parecidas de Santo, de natureza natural. Com isso a devoção a ele penetrou profundamente no coração do povo cristão.

São Brás foi um santo Bispo, martirizado em Sebaste, na Armênia, no tempo do imperador romano Licínio (308-324), e sua festa litúrgica entrou no calendário romano no século XI, pelo grande devoção que chegou então a ser-lhe dedicada no dia 3 de fevereiro. Em sua honra levantaram-se igrejas em mais de 25 países.

Seus pais eram ricos e puderam facilitar-lhe os estudos até a especialização em medicina. Já médico, ficou destituído com as ideias humanas e deu-se inteiramente à perfeição cristã. Retirou-se do mundo e começou a vida solitária de oração e penitência. A festa de Santo agulha-se na comunidade cristã de Sebastião e quando houve a morte do bispo, todos o aclamaram como novo pastor.

Mas não se desça (foi obrigado a ensinar. Segundo as Atos, o seu "talento especial" consistiu em ser o cura que antes habitava no monte Argo. As Atos relatam na força das milagres (milagres) do Santo, em favor dos pobres e enfermos.

Foi devido pelas atividades do prefeito no grau do Monte Argo. Quando o cidade, procuraram-lhe que adormecesse os dentes. O Santo respondeu decididamente: "Vão para ser o amigo deles, porque não quero andar eternamente com os dentes". Foi agitado, torturado, submetido aos golpes com guias de ferro e lançado a um lago frio. Por último degolaram-no. No dia 3 de fevereiro, o Santo agulha-se nas doenças dos animais, pelas milagres que realizou nesses, segundo contam também as suas Atos.

A Bênção de São Brás é simples e curta; o sacerdote ou diácono coloca duas vezes bênção e cruzadas na garganta de cada fiel e pede a Deus, por intercessão do santo mártir, que a pessoa seja livre das males da garganta. É um sacramento, que evidentemente depende da fé e devoção do pessoa, mas que tem validade se feita para quem acredita.

(*Felipe Aguiar é professor de Física, autor de mais de 20 livros)



Fiscalização ambiental na feira da Vila Nova

São Mateus - Uma equipe da Polícia Militar Ambiental realizou uma fiscalização durante a feira mensal, na Fazenda da Vila Nova. Além de oferecer segurança e orientações aos comerciantes e frequentadores da feira, os policiais ambientais fiscalizaram o comércio de peixes vivos, verificando tamanho e espécies permitidas. Durante o atendimento da atividade policial não foi constatado nenhuma irregularidade.

Conforme nota enviada à TC pela Seção de Comunicação Social do Batalhão de Polícia Militar Ambiental, todos os procedimentos foram orientados e informados que o desenvolvimento sustentável da atividade pesqueira é de responsabilidade de todos os atores e deve ser observado integralmente por aqueles que atuam a parca de que os benefícios dos recursos pesqueiros.

Polícia apreende mais 550 metros de rede e duas tarrafas

São Mateus - A equipe de guarda da 2ª Companhia do Batalhão de Polícia Ambiental realizou, sábado, uma fiscalização preventiva no comércio de rede Cricaré e Marituba e no Posto de Cricaré, recolhendo 550 metros lineares de rede de pesca com malhas de diversos tamanhos, duas tarrafas e uma pilha de peixes vivos.

A fiscalização ocorreu após denúncias de comunidades próximas à rede cerca de "peixes vivos serem vendidos vivos de forma irregular nos locais protegidos pela legislação". Não houve detenção, sendo um vista que se de rede caravate apreendida no desembarque do navio em questão, assim como no comércio de Cricaré e Marituba, que foram recolhidas posteriormente.



As redes apreendidas estavam armadas no encontro das ruas Cricaré e Marituba e no Posto de Cricaré.

Tartaruga marinha no Bairro Porto e jiboia em Guriri

São Mateus - Agência da Polícia Militar Ambiental localizou, domingo, uma tartaruga marinha no Bairro Porto e uma jiboia no Balneário do Guriri. A tartaruga foi retirada do Rio Cricaré por um pescador que, sabendo o tratado de pesca que tem em habitar no oceano, informou a Polícia Ambiental. O BPA, então, levou a tartaruga para a base marítima do Projeto Tamar, especializado no resgate de espécies.

Segundo o cabo Paulo Gonçalves Cruz, pai pernambuco da fiscalização, "o acompanhamento realizado pela Polícia Ambiental nas atividades da feira tem dado bons resultados, pois foi observada uma reação considerável no comércio dos pescadores, o que nos mostra uma maior conscientização dos comerciantes".

A Polícia Militar Ambiental continua realizando os trabalhos de fiscalização e controle ambiental e de fiscalização de peixes produzidos nas fazendas e estabelecimentos comerciais e feiras livres. "Porém as ações de fiscalização ambiental e de fiscalização de peixes produzidos nas fazendas e estabelecimentos comerciais e feiras livres, são fundamentais para a sustentação da atividade pesqueira e para a preservação das espécies e recursos pesqueiros".

Bebê morre na cama em que dormia com os pais

Do Wellington Prado **Reportagem**
São Mateus - A Comunidade de São Miguel, no Distrito de Natividade de Barra Nova, viveu um fim de semana de tristeza e consternação. Um bebê de apenas 46 dias amanheceu morto na cama em que dormia com os pais, um homem de 38 anos e uma mulher de 25. A ocorrência foi apurada pela Polícia Militar no 9430 de sábado.

Conforme boletim de ocorrência, o pai disse aos policiais que a mãe amanheceu e bebê por volta de 20h30 e deixou a criança na cama junto com o casal, que adormeceu. Ainda de acordo com o PM, ao acordar o pai percebeu que a criança estava morta. Os policiais relataram que foram ao quarto e observaram que o bebê estava com sangue coagulado no rosto, a língua exposta e roxa e algumas manchas no tronco. Ainda conforme registrou a PM, a genitora foi socorrida, constatou o óbito e relatou que a criança não apresentava sinais de mau trato. Na manifestação preliminar do perito, conforme a PM, o bebê faleceu por asfixia por engasgo, provavelmente, a mãe teria rolado sobre ele enquanto dormiam.

APOIO A VILA VALÉRIO

Equipe do Grupo de Apoio Operacional de São Mateus deslocou-se, na noite de sábado, para Vila Valério, onde havia uma tentativa de trabalho de DPAM por populares. Moradores queriam fechar um acusado de homicídio ocorrido na Cidade. Quando os policiais motoristas chegaram à Cidade, a situação já estava controlada. A vítima do homicídio foi João Carlos Santana, 40 anos, pai do jogador João, ex-São Mateus. A morte de João Santana estratificou membros da imprensa e de comissão técnicas do clube alvirrubro.

TENTATIVA

Policiais de 1ª Batalhão prenderam um acusado de homicídio ocorrido na noite de domingo, na Rua Paró, no Bairro São, em Jaguaré. A vítima de 49 anos dormia quando um homem entrou no casa e deu-lhe golpes de faca. O boletim de ocorrência relatou que a vítima conseguiu cair e os golpes não causaram ferimentos graves. A Polícia foi acionada e prendeu um acusado. A vítima relatou que outra pessoa participou do crime, mas a PM não conseguiu localizá-la.

GARRUCHA

Mais uma arma fora de circulação. A Polícia Militar prendeu na noite de sexta-feira um rapaz de 19 anos e um menor de 17 na Rua Dr. Ademar Nova, no Sombrio. Os dois foram detidos e a PM encontrou no sistema de rapas uma garrucha calibre 22, com duas munições, sendo uma descarregada. Na mesma noite, os policiais detiveram um rapaz de 18 anos e um homem de 32, na Rodovia Ottonoviano Duarte Santos (Centro-Guriri). Os dois estavam numa motocicleta Yamaha green ainda de um local como tem as ferris apagadas. Um dos homens disparou três tiros de arma de fogo, uma bala de munição e três tiros colaterais.

Acidentes voltam a assustar moradores dos quilômetros

Do Wellington Prado **Reportagem**
São Mateus - Moradores do comércio da margem da BR-211 voltaram a ficar assustados com acidentes automobilísticos na rodovia. Aconteceu no sábado último, quando ocorreu um acidente com o caminhão de moradores Paulo Matti, residente no Km 28. Na zona urbana de Cricaré ocorreu ocorrência isolada, incluindo uma colisão na Rodovia Ottonoviano Duarte Santos, no Bairro Park Whistler.



O primeiro dos três acidentes registrados sábado no Distrito de Natividade ocorreu no Km 28 da BR-211.

Paula Matti, que o caminhão colidiu na BR-211 ocorreu pouco depois das 08h, no Km 28. O condutor foi socorrido e encaminhado para o Hospital Roberto Alcântara com ferimentos graves. Ainda conforme registrou a PM, a genitora foi socorrida, constatou o óbito e relatou que a criança não apresentava sinais de mau trato. Na manifestação preliminar do perito, conforme a PM, o bebê faleceu por asfixia por engasgo, provavelmente, a mãe teria rolado sobre ele enquanto dormiam.

na pista estreitando o trilho de recuperação do trilho de energia elétrica, um veículo não conseguiu frear e bateu em outro que estava parado.

A ocorrência ocorreu no local do acidente com o veículo de Cricaré e uma camionete de Barra Nova. O condutor do Cricaré e sua esposa foram encaminhados ao Hospital Roberto Alcântara. A Polícia Militar chegou ao local e constatou a ocorrência de um acidente automobilístico na pista de asfalto.

15 de Outubro | Dia do Professor

Compromisso com o crescimento dos alunos.

AMOR, CARINHO, DEDICAÇÃO!

PARABÉNS, PROFESSOR!

MASTER
Grupo Educacional

(27) 3763-4722
www.etecmaster.com.br
secretaria@etecmaster.com.br
Rua Cel. Mateus Cunha, 300 - Aviação
São Mateus-ES - 29934-620

ANEXO D – Termo de Permissão de Bem Público de Natureza Móvel



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Estado do Espírito Santo
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte

TERMO DE PERMISSÃO DE BEM PÚBLICO DE NATUREZA MÓVEL

O presente Termo tem como objetivo de instituir normas para uso de bem público conforme especificações abaixo:

De um lado **MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS**, inscrito no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica do Ministério da Fazenda sob o n°. 27.167.477/0001-12, com sede na cidade de São Mateus, Estado do Espírito Santo, na Avenida Jones dos Santos Neves, n°. 70, doravante denominado simplesmente **MUNICÍPIO**, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **AMADEU BOROTO**, tendo como representante da Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte Sr. **JADIR CARMINATI BACHETTI na qualidade de Secretário Municipal**, e de outro lado o(a) Sr(a) **Adélia Rodrigues da Silva**, brasileiro(a), portador(a) do CPF sob n°. 077.823.457-66, R.G sob n°. 1418499-ES, residente e domiciliado no endereço Rua 07, n°. 499, Bairro Ayrton Senna, município de São Mateus/ES, doravante denominado(a) **PERMISSIONÁRIO (a)** devidamente cadastrado(a) nesta municipalidade, exclusivamente, para trabalhar na **"FEIRA DE VILA NOVA"**, situada no Bairro Vila Nova, neste município e comarca de São Mateus, Estado do Espírito Santo, onde **DECLARA** respeitar os termos deste instrumento, sob pena de aplicação das penalidades contidas na Lei 948/2010 (Código de Posturas Municipal):

Rua Coronel Cunha Júnior, n° 09, Bairro da Fátima - CEP: 29.933-520 - São Mateus/ES.
E-mail: obras@saomateus.es.gov.br / infraestrutura@saomateus.es.gov.br - Fone: 27-3767-8974

Adélia Rodrigues da Silva



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Estado do Espírito Santo
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte

Este Termo é INTRANSFERÍVEL.

Cláusula Primeira: OBJETO

O **MUNICÍPIO**, através do presente instrumento, permite ao **PERMISSIONÁRIO(a)** a utilização de 01 (uma) barraca desmontável cuja estrutura em aço industrial, acompanhada de lona lateral e superior (teto), exclusivamente na FEIRA do Bairro Vila Nova, aos domingos de cada semana.

Cláusula Segunda: DO RECEBIMENTO DA BARRACA

O(a) **PERMISSIONÁRIO(a)** mediante assinatura neste Termo declara ter recebido do **MUNICÍPIO** 01 (uma) barraca cujo tamanho 4 metros, para comercialização de produtos cujo segmento HORTIFRUTI, contendo cartilha com instruções de montagem, tendo a barraca a seguinte composição de peças:

- 06 Pç Coluna Inferior (Balcão);
- 02 Pç Trava Lateral Superior (Balcão);
- 02 Pç Trava Lateral Inferior (Balcão);
- 01 Pç Trava Central Superior (Balcão);
- 02 Pç Trava Frontal Inferior (Balcão);
- 04 Pç Trava Frontal Superior;
- 01 Pç Lona da Cobertura;
- 01 Pç Lona da Saia;
- 01 Pç Trava Central Inferior;
- 06 Pç Trava da Cobertura;
- 03 Pç Cumeeira da Cobertura;
- 06 Pç Coluna da Cobertura.

Cláusula Terceira: DO PRAZO

A presente permissão é concedida, a título precário, podendo ser revogada a qualquer tempo, observados os critérios da oportunidade e conveniência, interposto pela Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte.

Rua Coronel Cunha Júnior, nº 09, Bairro de Fátima - CEP: 29.933-520 - São Mateus/ES,
E-mail: obras@saomateus.es.gov.br / infraestrutura@saomateus.es.gov.br - Fone: 27-3767-8974

Adélia Rodrigues da Silva



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Estado do Espírito Santo
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte

Cláusula Quarta: DA DEVOLUÇÃO

Havendo interesse por parte do(a) **PERMISSIONÁRIO (a)** em devolver a barraca ao **MUNICÍPIO**, fica o mesmo obrigado a comunicar, por escrito, sua intenção e conseqüentemente procedendo a entrega junto à Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte mediante recibo devidamente assinado pela autoridade responsável.

O recibo no qual trata o parágrafo anterior deverá ser em timbre próprio/oficial da Secretaria responsável, fazendo constar obrigatoriamente a assinatura do Secretário Municipal e/ou Subsecretário lotado na mesma.

Cláusula Quinta: DA TITULARIDADE

Fica o(a) **PERMISSIONÁRIO (a)** considerado como único e exclusivo responsável pelo uso e conservação da barraca, não sendo permitido sob qualquer hipótese o **empréstimo, locação, arrendamento, venda** ou qualquer transação que caracterize terceiros a fazer uso mesmo que temporariamente, o uso total ou parcial de sua permissão, onde, não mais havendo interesse em fazer uso da barraca, proceder conforme especificado na Cláusula Quinta deste Termo.

Será permitida a transferência deste Termo mediante anuência do **MUNICÍPIO** nos seguintes casos:

I - por morte do titular, para o herdeiro legal, desde que seja requerida até noventa (90) dias a contar da data do falecimento.

II - por doença infecto-contagiosa ou incapacidade física comprovada, para o dependente legal, desde que requerida até noventa (90) dias a contar do atestado médico respectivo.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Estado do Espírito Santo
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte

Cláusula Sexta: DA CONSERVAÇÃO

Fica o(a) **PERMISSIONÁRIO(a)** responsável pela total conservação da barraca, onde havendo quaisquer danos à mesma, tal reparo deverá ser providenciado pelo(a) referido(a) **PERMISSIONÁRIO(a)**, inclusive em caso de furto, devendo o mesmo providenciar a substituição obedecendo as mesmas características (tamanho, forma, cor, tipo de material, dentre outras), ficando a referida barraca na mesma situação da anterior - ou seja, pertencendo ao MUNICÍPIO.

Cláusula Sétima: DAS CONDIÇÕES DE USO

Fica terminantemente proibido o uso da barraca para outros fins, e/ou em local não permitido, devendo somente seu uso na Feira do Bairro Vila Nova - neste município e comarca.

Quanto a montagem, desmontagem e guarda da barraca, fica sob inteira responsabilidade do feirante, devendo o mesmo zelar por sua integridade.

Fica proibido qualquer alteração quanto a estrutura da barraca, bem como sua cor; não sendo permitido furos, amarras, plotagens e/ou pintura com informações adicionais na lona da barraca.

A Fiscalização do **MUNICÍPIO** terá autonomia para orientar, bem como determinar a adequação quanto ao posicionamento das barracas, bem como a sequência das mesmas de acordo com o segmento (*produtos comercializados*) pelo feirante, considerando que a municipalidade visa a setorização bem como organização dos produtos comercializados na Feira do Bairro Vila Nova.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Estado do Espírito Santo
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte

Não será permitido a comercialização de produtos diferentes do segmento adotado pelo feirante, conforme consta na Cláusula Segunda deste Termo em razão do critério de padronização e setorização de produtos na referida feira.

Cláusula Oitava: DA AUSÊNCIA

O feirante que deixar de instalar a barraca por 3 (três) vezes consecutivas ou 6 (seis) vezes alternadas, num período de doze meses durante o ano civil, sem apresentação de justificativa imediata e relevante, a juízo da administração, mediante notificação expedido pela Fiscalização de Postura, este Termo perderá seu valor, devendo o(a) **PERMISSIONÁRIO(a)** proceder a devolução da barraca junto ao **MUNICÍPIO**, mediante recibo de entrega.

Em casos fortuitos e de força maior, desde que comprovados, poderá o feirante oficializar à Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transportes justificando falta consecutiva, podendo ou não tal justificativa ser aceita.

Cláusula Nona: DAS PROIBIÇÕES PREVISTAS EM LEI

Fica proibido ao feirante:

- I. Adulterar ou rasurar documentação oficial;
- II. Praticar atos simulados ou prestar falsa declaração perante a administração, para burla de Leis e regulamentos;
- III. Proceder com turbulência ou indisciplina ou exercer sua atividade em estado de embriaguez;



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
 Estado do Espírito Santo
 Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte

-
- IV. Desacatar servidores municipais no exercício da fiscalização ou em função dela;
 - V. Resistir à execução de ato legal, mediante violência ou ameaça a servidor competente para executá-lo;
 - VI. Não obedecer as exigências de padronização do mobiliário e equipamento;
 - VII. Não observar as exigências de ordem sanitária e higiênica para o seu comércio;
 - VIII. Não manter a higiene pessoal ou dos seus equipamentos;
 - IX. Deixar de estar devidamente identificado conforme definido pela administração;
 - X. Deixar de renovar a respectiva licença, pagando ou não as taxas devidas, no prazo e local estabelecido por esta municipalidade;
 - XI. Em caso de doença, o feirante deverá informar à municipalidade a pessoa que irá substituí-lo temporariamente. No caso de doença permanente no qual impeça a prática de comercialização por parte do feirante, o município deverá ser informado para providências de transferência de responsabilidade a novo feirante - podendo este ser indicado pelo atual feirante, sob a condição da análise do Município em permitir ou não.

Cláusula Décima: DAS OBRIGAÇÕES DO FEIRANTE

Diariamente, após o horário de funcionamento da atividade, o feirante retirará do espaço autorizado o seu mobiliário e equipamento e farão a limpeza à sua



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Estado do Espírito Santo
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e Transporte

expensa, depositando os resíduos sólidos acondicionados nos locais indicados pela administração.

Explorar o local somente com barraca padronizada pela municipalidade.

A manutenção das barracas padronizadas será feita sob a responsabilidade do(a) **PERMISSIONÁRIO (a)** (feirante).

Caso seja descumprido qualquer item deste instrumento, fica o(a) **PERMISSIONÁRIO (a)** ciente de sofrer as sanções previstas no Código de Posturas deste Município de São Mateus, Estado do Espírito Santo, tais como: multas, licença cassada, interdição, apreensão de produtos/mercadorias e demais etc.

São Mateus - ES, 03 de Fevereiro de 2012.

AMADEU BOROTO
Prefeito Municipal

JADIR CARMINATI BACHETTI
Secretário Mun. Obras, Infraestrutura e Transporte

Adélia Rodrigues da Silva
PERMISSIONÁRIO(a)

Adélia Rodrigues da Silva

ANEXO E – Calendário Brasileiro de Exposições e Feiras



**MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
SECRETARIA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS**

Espanhada dos Ministérios Bloco "J" - 1º andar - sala 206, 70.053-900 Brasília - DF
Telefone: (61) 2027-7832 - scs@mdic.gov.br

Ofício Circular nº 7/2014/SCS/MDIC

Brasília, 25 de novembro de 2014.

Assunto: **Calendário Brasileiro de Exposições e Feiras 2015**

1. Encaminho a Vossa Senhoria a edição 2015 do "CALENDÁRIO BRASILEIRO DE EXPOSIÇÃO E FEIRAS", publicado anualmente pela Secretaria de Comércio e Serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. A presente publicação tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre os eventos realizados no país, contribuindo para o fomento ao setor produtivo e para a divulgação dos produtos e serviços brasileiros, incrementando a competitividade da economia brasileira.

2. Desde 2008, a publicação é realizada em parceria com o Ministério das Relações Exteriores – MRE. Esta parceria potencializou a divulgação dos eventos, uma vez que os dois Ministérios efetuam uma ampla distribuição no Brasil e no exterior, das diversas versões do calendário (português, inglês e espanhol).

3. Nesta edição, estão catalogados mais de 300 eventos, de vários setores da economia, que serão realizados em todas as regiões do País. Esta publicação constitui-se em um instrumento fundamental do governo na promoção de produtos e serviços brasileiros e na consolidação das feiras e exposições realizadas no País.

4. Ademais, o sistema de exposições e feiras (www.expofeiras.gov.br) permite a pesquisa *online* dos eventos através de diversos filtros existentes, disponibilizando os contatos dos promotores dos eventos e possibilitando visualizar e imprimir a versão eletrônica da publicação em sua íntegra na língua portuguesa e nas demais traduções disponíveis.

5. O Calendário Brasileiro de Exposições e Feiras também está disponível no portal do MDIC (www.mdic.gov.br) e do MRE (www.brazilexport.gov.br). Exemplares adicionais poderão ser solicitados pelo site do calendário, conforme disponibilidade.

Atenciosamente,


NELSON ADRIANO JIMOTO
Secretário de Comércio e Serviços
Substituto

ANEXO F – Cadastro de Feirantes do Vila Nova da PMSM



SECRETARIA DE INFRA-ESTRUTURA E TRANSPORTE

CADASTRO DE FEIRANTES
BAIRRO VILA NOVA

DADOS PESSOAIS:

275

PRODUTO COMERCIALIZADO: Farinha / Montalucas

NOME: Dereysha Fernandes Borges

CPF: 030.827.102-60 RG: 4.991.924-ES

TÍTULO ELEITORAL: 77.211.21490 ZONA: 021 SEÇÃO: 0044

ENDEREÇO:

RUA: Rua 08 BAIRRO: Bom Sucesso I


Nº: 17 CIDADE: São Mateus

CONTATOS:

TELEFONE: _____

CELULAR: 98430187

ANEXO H – Cadastro Geral dos Feirantes do Vila Nova com a PMSM

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS Santo						
						
Transportes						
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e						
Estado do Espírito						
RELAÇÃO DOS BENEFICIADOS PELA BARRACA DE FEIRA - BAIRRO VILA NOVA						
Ordem	NOME	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO	MUNICÍPIO	
1	Abdias Rodrigues dos Santos	Rua Cordoba	600	Vila Nova	São Mateus/ES	
2	Abimeael Patrick Santos da Silva	Rua Boa Esperança	5	Centro	Pedro Canato/ES	
3	Adelilton Santiana Santos	Rod BR 101, Km 35		Fazenda Boa Fé	Conceição da Barra/ES	
4	Adélia Rodrigues da Silva	Rua 07	499	Ayrton Senna	São Mateus/ES	
5	Ademilson Felipe	Rod Miguel Curry Carneiro		km 28	São Mateus/ES	
6	Adwalter Pedro	Rua Fertilizura		Barra Seca	Jaguare/ES	
7	Agildo Augusto	Av. Brasil	95	Vila Nova	São Mateus/ES	
8	Allison Jose Ferreira	Rua 05	83	Bonsucesso I	São Mateus/ES	
9	Allison Felix Santiana Pereira	Av. Bolivia	575	Vila Nova	São Mateus/ES	
10	Aldair Vieira da Silva	Av. Brasil	122	Vila Nova	São Mateus/ES	
11	Anahir de Souza Ferrari	Rua Louro	107	Cacique II	São Mateus/ES	
12	Aneilla Alves Miranda	Rua México	230	Vila Nova	São Mateus/ES	
13	Angela Maria Celestina da Penha	Rua 11	141	Bonsucesso II	São Mateus/ES	
14	Antônio Alves Costa	Rua Cristal	74	Novo Horizonte	São Mateus/ES	
15	Antônio Aparecido Santos da Silva	Rod São Mateus N Venézia - KM 35		Nova Aymorés	São Mateus/ES	
16	Antônio Carlos Dionísio	Area Rural		Nova Vista I	Boa Esperança/ES	
17	Antônio Edio Guimarães	(permissório não soube informar)		Colina	São Mateus/ES	
18	Antonio Gonçalves da Conceição	Rua México	230	Vila Nova	São Mateus/ES	
19	Antônio Santos Oliveira	Rua Paranaqui	77	Vila Nova	São Mateus/ES	
20	Aparecida Santos	Rua Conceição da Barra	1152	Gurui-Sul	São Mateus/ES	
21	Aparecido Vitorino de Andrade	Travessa Copa 70		Santo Antônio	São Mateus/ES	
22	Ayessa da Silva Vieira	Av. Brasil	150	Vila Nova	São Mateus/ES	
23	Benedita Ortêncio Bita	Lotamento Alvorada		Alvorada	São Mateus/ES	
24	Benedio dos Santos	Miguel Curry Carneiro - Km18		Córrego do Bamburral	São Mateus/ES	
25	Benedio dos Santos Aguiar	Area Rural		Guaxe	Linhares/ES	
26	Benedillo João Correia	Av. Bolivia	118	Vila Nova	São Mateus/ES	
27	Benedillo Serafim	Rod BR 101, km 50		Litorâneo	São Mateus/ES	
28	Bernadete Moro Roce	Rua Izaulino Ferreira Eiras	85	Lago do Cisne	São Mateus/ES	
29	Bernardo Conceição dos Santos	Rua Umburamba	312	Aviação	São Mateus/ES	
30	Cecilia Noventa Malanchini	Rod BR 101, km 107		Joerana "A"	Sooretama/ES	
31	Celso Renato Siqueira	Av. Brasil	405	Vila Nova	São Mateus/ES	
32	Charles Bada	Paulista		Paulista	São Mateus/ES	

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Santo



Transportes

Estado do Espírito
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e

RELACÃO DOS BENEFICIADOS PELA BARACA DE FEIRA - BAIRRO VILA NOVA					
Ordem	NOME	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO	MUNICÍPIO
33	Claudemir Cunha	Rua 07	364	Bonsucesso I	São Mateus/ES
34	Claudia Batista dos Santos	Rua Principal		Liberdade	São Mateus/ES
35	Crenilson Moreira Campos	Rua dos Bandeirantes		Aroeira	São Mateus/ES
36	Cristiano Gonçalves	Rua Jair Coelho		Fátima	São Mateus/ES
37	Custódina Jesus Santos	Rua Amazonas	220	Vila Verde	São Mateus/ES
38	Dagildo Ferrinho	Av. Brasil	238	Vila Nova	São Mateus/ES
39	Davi Jesus Pereira	Av. Rural		Nova Vista I	São Mateus/ES
40	Deusdete Marques da Silva	Av. Dom José Davil	29	Aroeira	São Mateus/ES
41	Deusumar dos Santos Alves	Corrego Grande de Dentro - Cx. Postal 144		Paulista	São Mateus/ES
42	Dionisia Felix Santana	Av. Bahia	575	Vila Nova	São Mateus/ES
43	Domingos Berto Araújo	Rua Estados Unidos	915	Vila Nova	São Mateus/ES
44	Domingos Cipriano de Oliveira	Rua Ilupeva	194	Aviação	São Mateus/ES
45	Domingos da Conceição	Rod São Mateus X Nova Venécia		Km 30	São Mateus/ES
46	Domingos Pereira da Silva	Area Rural		Nova Vista I	São Mateus/ES
47	Edelton da Cruz Silva	Rod. São Mateus x Nova Venécia, km 28		Santa Teresinha	São Mateus/ES
48	Edenilton Alves dos Anjos	Rua Miguel Curry Carneiro - Km 10		Corrego Grande	São Mateus/ES
49	Edna de Jesus Nascimento	Rua Recanto das Jaras	162	Morada do Ribeirão	São Mateus/ES
50	Ednalva Pereira	Rua Girassol	18	Vila Verde	São Mateus/ES
51	Edvaldo de Jesus Gomes	Av. Franca	367	Novo Horizonte	São Mateus/ES
52	Eleri Rosa da Silva	Rua Buenos Aires	118	Vila Nova	São Mateus/ES
53	Elenice Neves Lemos	Rua dos Bandeirantes		Cacique	São Mateus/ES
54	Elielson Batista de Almeida	Rua dos Bandeirantes		Aroeira	São Mateus/ES
55	Elier Pires Alves	Rua 13	223	Bonsucesso II	São Mateus/ES
56	Elsângela de Jesus Chaves	Rua Peru	246	Vila Nova	São Mateus/ES
57	Elza Bessa Aveilino	Rua Chile	57	Vila Nova	São Mateus/ES
58	Elza Oliveira Coimbra	Rua Urãno	63	Vitória	São Mateus/ES
59	Enivaldo de Souza Cunha	BRR Via Pinheiros - Sítio "Ouro Verde"		Km 22	Pinheiros/ES
60	Erenilda Moreira Campos Teixeira	Rua Principal, s/n		Aroeira	São Mateus/ES
61	Eric Duarte Anchesqui	Rod São Mateus X Nova Venécia		Km 25 (Pirola)	São Mateus/ES
62	Erlinde Marta de Jesus Gomes	Rua Honduras	157	Vila Nova	São Mateus/ES
63	Ernelino Dionizio	Rod. São Mateus x Boa Esperança, km 19		Nova Vista I	São Mateus/ES
64	Eunice Carvalho da Silva	Rua Teimoso, nº. 61		Centro	São Mateus/ES

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Santo



Transportes

Estado do Espírito
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e

Ordem	NOME	ENDERECO	Nº	BAIRRO	MUNICIPIO
65	Eunice Gonçalves Ribeiro	Rua Antonio Pereira Aguiar	103	Sernambly	São Mateus/ES
66	Evany Batista de Oliveira	Rua H. Quadra 09 - Lote 24		Seac	São Mateus/ES
67	Everson Milanes	Fazenda Santa Inez		Km 28	São Mateus/ES
68	Ezequiel Araújo	Rua Jurander S. Cunha	388	Santo Antônio	São Mateus/ES
69	Fabricea Barbosa Santos	Rua São João	980	São Pedro	São Mateus/ES
70	Fernando Feneira dos Santos	Rua Zenur Pedrosa Rocha	612	Sernambly	São Mateus/ES
71	Francisco Antônio Avancini	Área Rural		Km 28	São Mateus/ES
72	Francisco Lopes dos Santos	Rua São João	980	Santo Antônio	São Mateus/ES
73	Francisco Silvestre	Área Rural - Chacara Silvestre		Corrego Honorato	São Mateus/ES
74	Geane da Conceição Santos	Rua 13	24	Bonsucesso II	São Mateus/ES
75	Gelson Felipe	Miguel Curry Carneiro		Km 28	São Mateus/ES
76	Geovane Lino	Rua Beliel	12	Aroeira	São Mateus/ES
77	Genyacino de Jesus	Rua Estados Unidos	57	Vila Nova	São Mateus/ES
78	Gideon de Bessa	Rua dos Bandeirantes		Aroeira	São Mateus/ES
79	Graciliano Menon Neto	Rod. Miguel Curry Carneiro		km 35	São Mateus/ES
80	Iza Luzia da Silva Pereira	Rua Salvador	252	Vila Verde	São Mateus/ES
81	Iza Maria Teixeira	Rua Belvia	66	Vila Nova	São Mateus/ES
82	Iolanda Jerônimo	Rod. BR 101, Após o trevo de C. da Barra		corrego por uso	São Mateus/ES
83	Iraci do Rosário Bada	Sítio Santo Antônio		Paulista	São Mateus/ES
84	Iranides Rodrigues dos Reis	Rua Paraguaí		Vila Nova	São Mateus/ES
85	Isabel Alves de Oliveira	Rua Pomar dos Colibris	322	Morada do Ribeirão	São Mateus/ES
86	Israel Jacinto do Nascimento	Rua Antônio Lício Mascel, nº 03		Jamboiro	São Mateus/ES
87	Itelvina Jerônimo	Rod. BR 101		Corrego São Domingos	Conceição da Barra/ES
88	Ivan Pereira dos Santos	Rua Bagre	5	Inocop	São Mateus/ES
89	Ivo dos Santos	Rua Vira Silvas	148	Sernambly	São Mateus/ES
90	Izaurina Comper	Rua Cacimba		Itaurinhas	São Mateus/ES
91	Janilton Souza Santos	R. Santa Luzia	75	Morada do Lago	São Mateus/ES
92	Jarbas Botazini Anchesqui	Área Rural - Km 25		Santa Leopoldia	São Mateus/ES
93	Jeanneisa Andrade de Oliveira	Rua Via Silvas	19	Sernambly	São Mateus/ES
94	Jeremias da Silva Martins	Rua dos Bandeirantes		Aroeira	São Mateus/ES
95	Jesuval Linhares	Área Rural		Nova Vista I	São Mateus/ES
96	Joana Pêgo de Macedo	Rua Louro	106	Cacique II	São Mateus/ES



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Santo

Transportes

Estado do Espírito
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e

RELAÇÃO DOS BENEFICIADOS PELA BARRACA DE FEIRA - BAIRRO VILA NOVA						
Ordem	NOME	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO	MUNICÍPIO	
97	João de Jesus	Rua Peroba	74	Cacique II	São Mateus/ES	
98	João de Jesus Santos	Rua Alfredo Moreto	464	Centro	Jaguare/ES	
99	João Fernando	Rua Marechal Floriano	24	Vila Verde	São Mateus/ES	
100	João Francisco de Jesus	Rod. São Mateus x Nova Venécia, Km 23		Carego Cerejeira	São Mateus/ES	
101	João Lourenço	Acampamento Independência		Barço do Rio	Conceição da Barra/ES	
102	Joaquim Alves Bezerra	Rua M	35	Parque Woodington	São Mateus/ES	
103	Joaquim Bernardo dos Santos	Área Rural "Sítio Puxba"		Santana	Conceição da Barra/ES	
104	Joaquim da Silva	Rua Berlin	81	Novo Horizonte	São Mateus/ES	
105	Jolison Ramos do Nascimento	Pq. São Jorge	205	Cº Pedra D'água	São Mateus/ES	
106	Jonas Pinheiros	Av. Alemanha	210	Novo Horizonte	São Mateus/ES	
107	Jorge Luiz Pereira de Andrade	Rua Cristiano Gonçalves Miranda	33	Parque Washington	São Mateus/ES	
108	José Alves de Oliveira	Rua Cuba		Vila Nova	São Mateus/ES	
109	José Carlos Carmelitti	Área Rural "Fazenda São Sebastião"	5	Carego Calcado	Secretaria/ES	
110	José Charli	Rua Marechal Floriano	140	Vila Verde	São Mateus/ES	
111	José de Jesus Santos	Rua Brudília	330	Alvorada	São Mateus/ES	
112	José Feliciano Irmão	Av. José Tózze	1	Bom Vista	São Mateus/ES	
113	José Gonzaga Souza	Avenida Cel. Mateus Cunha		Serrambi	São Mateus/ES	
114	José Inácio Gomes Santos	Área Rural		Comunidade do Laje	São Mateus/ES	
115	José Martins Pereira	Área Rural		Nova Vista I	São Mateus/ES	
116	José Neves de Souza	Rua São João	830	São Pedro	São Mateus/ES	
117	José Viana	Rua Neça Bongosto		Carapina	São Mateus/ES	
118	José Wilson Serafim de Aguiar	Rua Jequitibá	119	Cacique	São Mateus/ES	
119	Joseildo da Silva	Rua 12	190	Bonsucesso I	São Mateus/ES	
120	Josele Silva de Souza Rocha	Rua Rio Grande do Sul - Fundos	102	Ayrton Senna	São Mateus/ES	
121	Josevan Ferreira Barbosa	Av. Dom Jose Davil	1325	Bonsucesso I	São Mateus/ES	
122	Josilene da Silva Calahone	Rua Dom José Davil		Aroeira	São Mateus/ES	
123	Josimar da Silva	Rua 13	58	Bonsucesso II	São Mateus/ES	
124	Josué Souza do Nascimento	Av. Dom Jose Davil	213	Ayrton Senna	São Mateus/ES	
125	Judson Pereira Moraes	Av. Pedro Alvares Cabral	1694	Inteligos	Linhares/ES	
126	Júlia Serra dos Reis	Rua Mantenópolis		Gurin-Sul	São Mateus/ES	
127	Jumar Caetano Clemente	Rua Cacique II	228	Cacique II	São Mateus/ES	
128	Kátia Cilene José dos Anjos	Rua Los Angeles	390	Vila Nova	São Mateus/ES	

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Santo



Transportes

Estado do Espírito
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e

RELAÇÃO DOS BENEFICIADOS PELA BARRACA DE FEIRA - BAIRRO VILA NOVA

Ordem	NOME	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO	MUNICÍPIO
129	Laura Ana Batista dos Santos	Rua Buenos Aires	118	Vila Nova	São Mateus/ES
130	Laurinda Maria Santiago	Rua Groelândia	100	Vila Nova	São Mateus/ES
131	Leila Alves Santos Vieira	Rua João Gilberto	131	Morada do Ribeirão	São Mateus/ES
132	Luciana Santos Ferreira	Av. Brasil	438	Vila Nova	São Mateus/ES
133	Lindaura Maria Alves Silva	Sítio Bamburral		Aroeira	São Mateus/ES
134	Lindaura Oliveira do Nascimento	Travessa Carlos Lindenberg	36	Brasília	Montinaru/ES
135	Lindomar Graunke	Rod. São Mateus x Nova Venécia, Km 23		Corrego Cerejeira	São Mateus/ES
136	Luciana Hortêncio	Rua Diogaberto Fundão	20	Morada do Ribeirão	São Mateus/ES
137	Luciano Lirio	Rua dos Bandeirantes		Jamboiro	São Mateus/ES
138	Luciano Nascimento Neto	Rua Jambreiro		Nova Aymorés	São Mateus/ES
139	Luciano Santana Antero	Rod. Miguel Curry Carneiro - Km 35	10	Acoitã	São Mateus/ES
140	Lucicélia da Rocha Alves	Rua São Geraldo	93	Cacique II	São Mateus/ES
141	Luclene Abrão	Rua Parajú		Juermana "A"	Sooretama/ES
142	Lucinet Gomes de Araújo	Rod. BR 101, Km 107	89	Vila Nova	São Mateus/ES
143	Luzia Coimbra Dias	Av. Bolivia	287	Boa Vista	São Mateus/ES
144	Magnolia Vieira Cruz Silva	Rua Manoel Pessanha	240	Boa Vista	São Mateus/ES
145	Manoel Andrade dos Santos	Avenida Rotary Club	317	Vila Nova	São Mateus/ES
146	Manoel Calatrone	R: Los Angeles	246	Vitória	São Mateus/ES
147	Manoel dos Santos	Rua Cruzeiro do Sul	440	Cacique	São Mateus/ES
148	Manoel Geraldo dos Santos	Av. Cicaré		Comunidade do Laje	São Mateus/ES
149	Manoel Nascimento Soares	Rua Jailson Antonio		Área Rural	São Mateus/ES
150	Manoel Pereira da Silva	Rod. BR 101, Km 82 - Corrego da Areia	1325	Bonsucesso I	São Mateus/ES
151	Manuel Ferreira Barbosa	Av. Dom José Davil	507	Vila Nova	São Mateus/ES
152	Marcia Raimundo Celino	Rua Cuba		Santa Leopoldia	São Mateus/ES
153	Margarida Benta Borges	Rod. São Mateus x Nova Venécia, Km 13	874	Bonsucesso I	São Mateus/ES
154	Maria da Glória Gonçalves de Oliveira	Av. Maria Elisa Rios		Cocaré	São Mateus/ES
155	Maria da Judá Oliveira Coimbra	Av. Cicaré	33	Vila Nova	São Mateus/ES
156	Maria das Graças Vagnaker Oliveira	Rua Cuba	103	Sernambý	São Mateus/ES
157	Maria de Lourdes Andrade Ribeiro	Rua Antônio Pereira Aguiar	442	Vila Nova	São Mateus/ES
158	Maria de Lourdes Ortêncio da Silva	Av. Brasil		Pedra D'água	São Mateus/ES
159	Maria do Carmo Silva Souza	Rod. Olivariano Duarte Santos		Corrego de São	São Mateus/ES
160	Maria Joana Jerônimo	Rod. BR 101, Sítio Paraíso		Passadouro	São Mateus/ES



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Santo

Transportes

Estado do Espírito
Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e

RELAÇÃO DOS BENEFICIADOS PELA BARRACA DE FEIRA - BAIRRO VILA NOVA						
Ordem	NOME	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO	MUNICÍPIO	
161	Maria José Moreira Campos	Sítio Dois Irmãos		Arceira	São Mateus/ES	
162	Maria Nilda Hortêncio OK	Av. Brasil	20	Vila Nova	São Mateus/ES	
163	Maria Santos de Araújo	Av. Cricaré	674	Porto	São Mateus/ES	
164	Maria Senhora Neves	Rua Girasol	74	Alvorada	São Mateus/ES	
165	Maria Vitorino Cardoso	Rua Santiana		Litorâneo	São Mateus/ES	
166	Mariene da Conceição de Almeida	Rua dos Bandeirantes		Arceira	São Mateus/ES	
167	Mariana Barboza Santos	Rua São João	980	São Pedro	São Mateus/ES	
168	Mariana das Neves de Souza	Rua México	652	Vila Nova	São Mateus/ES	
169	Marcelo Marques de Brito	Rua Estrela	164	Victoria	São Mateus/ES	
170	Mateus Gaia Neto	Rua Paramambo	315	Vila Nova	São Mateus/ES	
171	Mateus Jorge	Área Rural		Nova Vista I	São Mateus/ES	
172	Miguel Arcajo Barreto	Av. Jonas dos Santos Neves	232	Sernamby	São Mateus/ES	
173	Mirnan Rodrigues de Almeida	Rua 50, Quadra 36, Lote 16		Cohab	São Mateus/ES	
174	Natalino Pedro	Rua Projetada		Barra Seca	São Mateus/ES	
175	Neide Silva Machado	Rua João Rosa Lima	212	Litorâneo	São Mateus/ES	
176	Neuzineia da Silva Pinino	Rod. São Mateus x Nova Venécia		Km 13	São Mateus/ES	
177	Nilson Gonçalves	Rod. Miguel Curry Carneiro - Km 28	381	Nova Aymorés	São Mateus/ES	
178	Nilton Antonio Magnato	Fazenda Três Irmãos		Japira	Linhares/ES	
179	Noel Araújo da Silva	Área Rural		Comunidade "Corrego do Arceira, 19 de Setembro	São Mateus/ES	
180	Oriás Lima Siqueira	Área Rural		Corrego Cerejeira	São Mateus/ES	
181	Ori da Silva Calatrone	"primeira Rua"		Colina	São Mateus/ES	
182	Osmarina Pereira Fernandes	Rua Costa Rila	684	Vila Nova	São Mateus/ES	
183	Paulo Ferreira da Silva	Rua Osvaldo Cruz	17	Colina	São Mateus/ES	
184	Paulo Henrique Ertmann Moraes Pereira	Rua Antonio Rocha	73	Arnaldo Bastos	São Mateus/ES	
185	Pedro Eraldo Dionísio	Rod. São Mateus x Baa Esperança, km 19		Nova Vista I	São Mateus/ES	
186	Pedro Gonçalves	Rua Canadá	333	Vila Nova	São Mateus/ES	
187	Raimon Rossoni Moraes	Rua Jardim das Orquídeas	271	Morada do Ribeirão	São Mateus/ES	
188	Reinaldo Anchesqui	Rod. São Mateus x Nova Venécia, km 25		Corrego do Bamburral	São Mateus/ES	
189	Renato Malanchini	Rod. BR 101, km 107		Joerana "A"	Socotama/ES	
190	Rogéria Partelli Silva	Rua Ilheus		Pedra D'água	São Mateus/ES	
191	Romão Botazini Anchesqui	Área Rural - Km 25		Nova Aymorés	São Mateus/ES	

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS
Santo



Transportes

Secretaria Municipal de Obras, Infraestrutura e

RELAÇÃO DOS BENEFICIADOS PELA BARRACA DE FEIRA - BAIRRO VILA NOVA

Ordem	NOME	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO	MUNICÍPIO
192	Rosane Ricardo Gomes	Rua Costa Rica	733	Vila Nova	São Mateus/ES
193	Rosimar Pereira	Rua Mexico	529	Vila Nova	São Mateus/ES
194	Sebastiana Soares de Souza OK ¹	Rua São Francisco	21	Aroeira	São Mateus/ES
195	Sebastião Cardoso Siqueira	Rua São João		Aroeira	São Mateus/ES
196	Sebastião Pereira dos Santos	Rua Paraguai	502	Vila Nova	São Mateus/ES
197	Sebastião Ramos do Nascimento	Área Rural "Silho dos Irmãos"		Jurucado	Linhares/ES
198	Selma dos Santos Olegário	Rua Boenos Aires	26	Vila Nova	São Mateus/ES
199	Selma Inácio dos Santos	Rua 17	40	Bonsucesso II	São Mateus/ES
200	Sergio Luis Oliveira Silva	Rua 06	23	Bonsucesso II	São Mateus/ES
201	Silvio Santos de Souza	Rua Jundia		Braço do Rio	Conceição da Barra/ES
202	Sonia Hortêncio OK	Av. Brasil	20	Vila Nova	São Mateus/ES
203	Sônia Lino	Rua dos Bandeirantes		Aroeira	São Mateus/ES
204	Terezinha Fernandes Borges	Rua 08	17	Bonsucesso II	São Mateus/ES
205	Valdeni Vicente	Rod. São Mateus x Nova Venécia, Km 30		Santa Leopádia	São Mateus/ES
206	Valdeir Pereira Lima	Silo Toponantás		Corrego Honorato	São Mateus/ES
207	Valdivino Garcia da Silva	Av. Ernane Rufino da Silva	86	Pedra D'água	São Mateus/ES
208	Vandecia Alves de Santana	Av. Brasil	73	Vila Nova	São Mateus/ES
209	Walker Alves de Santana	Av. Brasil	73	Vila Nova	São Mateus/ES
210	Wellton Elias Souza OK	Travessa Mateus Corbiniano Coelho	26	Sernambé	São Mateus/ES
211	Zerzília Oliveira Silva C.B	Av. Buenos Aires	410	Vila Nova	São Mateus/ES

ANEXO I – Resposta via e-mail da Rede Gazeta à solicitação desta pesquisa

CLAUDIO R. G. DE AMORIM <cgamorim@gmail.com>

Solicitação de Material Impresso - Dissertação

Biblioteca <biblioteca@redegazeta.com.br>26 de novembro de
2014 14:27

Para: CLAUDIO AMORIM <cgamorim@gmail.com>

Boa tarde! Claudio,

O atendimento ao público externo é realizado de acordo com a Política de Comercialização de Conteúdo estabelecida pela Rede Gazeta.

Conforme a política há custo para pesquisa realizada em microfilme ou sistema pela própria pessoa no valor de R\$ 20,00 a hora.

As pesquisas ao acervo do jornal A Gazeta a partir de 1992 é realizada no sistema que possibilita realizar busca por palavras-chaves, imprimir páginas do jornal em formato A4 sendo cobrado o valor de R\$ 1,50 cada impressão preto e branco e R\$ 3,00 cada impressão colorida.

As pesquisas no acervo do jornal A Gazeta para o período de 1928 a 1991 é realizada em microfilme, o ideal é que a pessoa tenha uma referência de data pois no microfilme não é possível realizar buscas por palavras-chaves, o jornal é conferido página a página, o que demanda tempo de pesquisa. É possível imprimir as páginas do jornal no formato A4 (impressão preto e branco) através do leitor de microfilme com o valor para cada impressão de R\$ 3,00 (preto e branco). No momento estamos com problemas técnicos no aparelho de leitura de microfilme, o que nos impossibilita de atender demandas de pesquisas no período de 1928 a 1991.

Para realizar a pesquisa é necessário agendar horário pelo telefone (27) 3321- 8811. Destacamos que essas são informações para pesquisas presenciais, ou seja, o usuário deve vir à biblioteca realizar a pesquisa, o atendimento é realizado de segunda a sexta de 10:00 às 16:00.

Disponho para maiores informações

Atenciosamente,

Anelize
Biblioteca
Rede
(27)
biblioteca@redegazeta.com.br
<http://www.agenciaag.com.br>

Amylton

de

Almeida
Gazeta
3321-8811

ANEXO J – Resposta via e-mail do SEBRAE-ES à solicitação desta pesquisa



CLAUDIO R. G. DE AMORIM <cgamorim@gmail.com>

RES: Material a Fornecer - FEIRAS LIVRES

Priscilla Silva de Bittencourt <Priscilla.Bittencourt@es.sebrae.com.br> 4 de dezembro de 2014 15:47

Para: cgamorim@gmail.com

Cc: Sayonara Avelar Lacerda <Sayonara.Lacerda@es.sebrae.com.br>, Larissa Agnez de Oliveira <Larissa.Oliveira@es.sebrae.com.br>, Andre Rabbi Scandiani <Andre.Scandiani@es.sebrae.com.br>

Boa tarde Claudio! Tudo bem?

Desculpe a demora, mas tentamos verificar todas as possibilidades de reunir dados, indicadores ou informações que você necessita. Como o Sebrae ainda está executando o projeto voltado para as feiras livres, verifiquei com os responsáveis e ainda não há disponível um banco de dados ou relatório que esteja montado e apto a ser divulgado, como você perguntou. Então, neste momento, não teremos como auxiliá-lo com as informações solicitadas.

As informações que conseguimos acesso, creio que sejam as mesmas que você consegue com outras fontes (até mesmo em pesquisas na internet). Mas, de qualquer forma, para tentar ajudar com o projeto, talvez o mais indicado fosse você procurar representantes das feiras, os responsáveis por locais como Ceasa (Assessoria de Comunicação Rainã Jacobsen Maier – 27 3136-2321), Prefeituras da Grande Vitória e outras fontes que possam ajudar de imediato. Em breve, é provável que haja um balanço ou mesmo relatórios de divulgação do projeto, mas no momento, não dispomos do que precisa para a dissertação de mestrado sobre o tema feiras livres.

Espero ter ajudado. Se tiver alguma dúvida ou precisar de algo mais, é só entrar em contato!

Atenciosamente,



Priscilla Silva de Bittencourt

Assessoria de Imprensa
Unidade de Marketing e Comunicação

27 3198.8410
priscilla.bittencourt@es.sebrae.com.br

[f/sebraees](#) | www.es.sebrae.com.br | 0800 570 0800

Rumo à Excelência

ANEXO K – Resposta via e-mail do escritor Sebastião Maciel de Aguiar à solicitação desta pesquisa

16/06/2015

Gmail - Solicitação de Material



CLAUDIO R. G. DE AMORIM <cgamorim@gmail.com>

Solicitação de Material

Zacimba Aguiar <zacimbagabriela@gmail.com>
Para: CLAUDIO AMORIM <cgamorim@gmail.com>

24 de novembro de 2014 11:24

Claudio,
Bom dia!

O autor não possui nenhum livro com este conteúdo.

Abraços.
Att.,

Zacimba Gabriela M. B. de Aguiar

Gerente Administrativa
ÁfricaBrasil Museu Intercontinental
Rua do Comércio 12 - Porto
São Mateus - 29.934-015 - ES
Cel.: (27) 99970-9018
E-mail: zacimbagabriela@gmail.com

<https://www.facebook.com/africabrasilmuseu>
[Texto das mensagens anteriores oculto]

ANEXO L – Resposta do vereador Eneias Zanelato para a Padronização das Barracas da Feira Livre do Vila Nova.

Câmara Municipal de São Mateus
Estado do Espírito Santo

Exmº. Sr.
CARLOS ALBERTO GOMES ALVES
 Presidente da C.M.S.M.
 Nesta

APROVADO

Em 19 / 04 / 11

[Assinatura]
 João Vicente da Silva

Indicação nº 196/2011

O Vereador infrafirmado, no uso de suas atribuições legais, **REQUER QUE**, após audição e aprovação do Plenário, seja encaminhado ao Exmº Sr. Prefeito Municipal de São Mateus, a seguinte providência:

PADRONIZAÇÃO DAS BARRACAS DOS FEIRANTES DO BAIRRO VILA NOVA.

JUSTIFICATIVA:

As feiras livres vêm sendo cada vez mais procuradas e frequentadas pela população, o que reflete uma boa oportunidade de geração de emprego, renda e até mesmo de lazer e entretenimento à comunidade.

Por isso, defendemos a aprovação desta indicação, já que a padronização das barracas que semanalmente são expostas na citada feira, além de proporcionar a melhoria na estética, oferecerá maior segurança, qualidade e conforto aos feirantes, clientes e visitantes.

Nestes termos,
 Pede e espera deferimento.
 São Mateus (ES), 18 de abril de 2011.

[Assinatura]
ENEIAS ZANELATO CARVALHO
 Vereador